

Um
Beijo
de Amor

TANYA ANNE
CROSBY

AUTORA NA LISTA DE MAIS VENDIDOS DO NEW YORK TIMES



UM BEIJO DE AMOR



TANYA ANNE CROSBY

TRADUZIDO POR TÂNIA NEZIO

Um Beijo de Amor

[Direitos Autorais](#)

[Dedicação](#)

[Menções a Tanya Anne Crosby.](#)

[Parte 1](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Parte 2](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Epílogo](#)

[Sobre a Autora](#)



Todos os direitos reservados.

“Um Beijo de Amor: Lord Christian”

Escrito por Tanya Anne Crosby

Copyright © 2015 Tanya Anne Crosby

Todos os direitos reservados

www.babelcube.com

Traduzido por Tânia Nezio

Design da capa © 2015 Ravven

Nenhuma parte desta publicação pode ser usada ou reproduzida ou transmitida de qualquer maneira, por via eletrônica, por via impressa, ou de qualquer outra forma, sem a permissão prévia e por escrito de Oliver-Heber Books e de Tanya Anne Crosby, exceto no caso de breves citações, comentários e críticas.

NOTA DO EDITOR: Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos ou localidades é total e simplesmente uma coincidência.

[Created with Vellum](#)

Para os meus queridos filhos, em cujos olhos eu conheci o que é amor incondicional.

MENÇÕES A TANYA ANNE CROSBY

Elogios para "Lord Christian - Um Beijo de Amor"

RT Book Best - Melhor romance histórico do ano, candidato a 4 ½ ouro e Top Pick!

Um comovente conto com personagens sinceras que saem das páginas e entram no seu coração. "Lord CXhristian - Um Beijo de Amor" é uma história para fazer o seu coração cantar.

- RT Book Reviews

"Um conto incomum com um enredo de reviravoltas engenhosas, tensão sexual e personagens simpáticos.

Os leitores são atraídos por essa estória envolvente e emocional deste poderoso conto de amor."

- Rendezvous

"Somente um escritor com uma habilidade incomparável pode transformar um triunfo brilhante... em um conto soberbamente escrito.

- Genie ROMex Reviews

"Os personagens de Crosby mantêm os leitores envolvidos..."

- Publishers Weekly

"Tanya Anne Crosby nos mostra uma época boa e o faz com humor, uma história com a quantidade perfeita de romance".

- The Oakland Press

"Tanya Anne Crosby escreveu um conto que toca a sua alma e vai viver para sempre em seu coração."

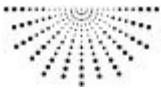
- Sherrilyn Kenyon #1 NYT Bestselling Author

"Ela tem sido minha rainha da ficção, por mais de duas décadas, e ela ainda me deixa sem fôlego e sempre querendo mais!"

- Barb Massabrook, leitora desde 1992

"Há momentos onde seu coração vai doer... e você vai rir muito."

- Leah Weller, leitora desde 1993



PARTE I

Que pensamentos doces, que saudades os levaram a esta passagem lamentável?

— DANTE



CAPÍTULO UM

ENGLAND, ROSE PARK, ABRIL 1763

Que tipo de homem paga para partir o coração da sua irmã?

Lord Christian Haukinge jogou o pergaminho para o lado e se reclinou mais profundamente na cadeira de couro, contemplando o vazio. Ele não se incomodava em considerar a questão levantada:

Que tipo de homem aceita tal proposta? Ele já sabia a resposta para isso.

A carta rabiscada que estava diante dele não tinha nenhuma saudação — uma grosseria deliberada —

uma falta de cortesia — e o comportamento dele, quando ele voltou a segurar o pergaminho, passou de indiferença à irritação. Seu olhar foi mais uma vez para a página, fixando-se sobre os últimos parágrafos.

... como ela parece ter se convencido que nenhum outro namorado vai servir, a não ser você, por mais tolo que pareça, e ela já leu o novo contrato que coloquei diante dela, agarrando-se a esse noivado simplesmente para desafiar meus desejos, e eu sou forçado a oferecer esta proposta. Por favor, considere a remuneração informada acima para o pagamento de seus serviços; a quantia é mais do que adequada para o seu breve período de trabalho e, na verdade, deve ser bastante útil para a remodelação da sua recém-adquirida propriedade.

Quanto a isso, por favor, aceite minhas condolências.

Estou certo de que você deve desejar começar com todo o ímpeto, e aguardo sua resposta

sobre este assunto. Quanto mais cedo ela for devidamente desiludida, quanto mais cedo você

pode ser recompensado. Pelo bem maior, eu espero que possamos ignorar a natureza do nosso

relacionamento passado e possamos nos esforçar para ajudar um ao outro em convencer minha

querida e desorientada irmã, a escolher o mais sensato. O avanço vai assegurar para você ver este assunto da minha maneira. Aceite

de boa fé. Vou esclarecê-lo ainda mais, quando estivermos cara a cara.

Assinado simplesmente, Westmoor.

Pelo bem maior? Maldito bastardo.

O lábio do Christian se curvou com desprezo — e então um pensamento lhe ocorreu: se Westmoor soubesse que ele tinha comprado Rose Park, sem dúvida, seu próprio irmão também saberia. Philip provavelmente ficaria com raiva, por ter descoberto através de uma segunda pessoa - ou mesmo de uma terceira. Droga... Christian podia ser responsável pela expressão colérica no rosto do seu irmão quando ele fosse informado do fato.

Olhando para fora da janela do escritório, para o jardim, um sorriso triste tocou seus lábios. Que família ele tinha; o idoso um ladrão ganancioso, o jovem um contrabandista. Com um suspiro, ele arrancou o laço que estava em seu cabelo e depois passou seus longos dedos ao longo do comprimento, resmungando com azedume. Inferno, pelo menos ele não teve nenhum escrúpulo em admitir o fato.

Embora pudesse parecer adequado suportar alguma culpa... era uma pena ele não ter conseguido exprimir seus sentimentos. Na verdade, ele iria queimar no inferno antes que se arrependesse de alguma coisa. E

ele acreditava que isso deveria tê-lo perturbado. Mas isso não aconteceu. Ele era o que ele era, e ele não sentia absolutamente nenhum remorso pelos seus... negócios. Suprimentos eram necessários nas colônias, e ele simplesmente transportava essas mercadorias. Seus motivos eram simplesmente auto-indulgentes.

Ele queria dinheiro.

E ele queria ser respeitado.

Ele queria terra.

Ele queria tudo para os filhos que ele pretendia ter e queria que todos eles tivessem partes iguais do império que ele ia construir para eles. Que raios o partissem se ele ia deixar um filho se virar sozinho em um mundo como este. E sim, não era tanto a falta de título que ele abominava, pois ele realmente podia ser feliz em qualquer situação — salvo aquela em que ele se encontrava. Filho mais novo, uma pessoa sem importância. E todo esse desprezo sem alguém ter sabido de sua maior falha social, ainda. Seu sorriso irônico se aprofundou. O que fazia a burguesia quando um dia descobrisse que ele era um bastardo.

Todos esses anos ele tinha pensado porque seu pai tinha tão pouco interesse nele. Nem mesmo um lapso momentâneo de um tapinha na cabeça, ou um "bom trabalho, filho." Nada. A única coisa que ele contava, era receber Hakewell, a terra que tinha sido o dote de sua mãe. Era para ser dela, até a sua morte, e então depois iria para Christian. E Deus sabia que ele teria paciência para esperar pelo momento certo, que no entanto deveria ser muito tempo, pois ele desejava que a mãe dele, se possível, vivesse uma eternidade Mas ele contava que essa propriedade seria dele, um dia. E então ele tinha sido oferecido em noivado para a jovem filha de Westmoor, e se encontrou numa grande expectativa, com grandes sonhos. Uma segurança para os seus herdeiros.

Estilhaçado, tudo tinha ficado estilhaçado após a morte de seu pai. O velho não tinha ido embora não mais do que um mês quando Philip entrou com um pedido para deserdar Christian. Tudo feito muito discretamente, claro. Ele tinha pegado a posse de Hakewell através de lacunas jurídicas e de traição.

Certamente Christian sabia que ele podia contestar, porque Hakewell era de sua mãe e ela daria para quem ela quisesse, mas Philip — o filho da puta — tinha recorrido à extorsão, sabendo que Christian nunca iria manchar o bom nome de sua mãe. E então ele se dirigiu a

Westmoor para informá-lo da transferência de propriedade, e de como sua herança tinha ido para seu irmão. Westmoor anulou o noivado na mesma hora; como se a única razão para o contrato fosse Hakewell. Sem a terra, Christian ficou valendo não mais do que um centavo.

Num piscar de olhos, tudo tinha sido arrancado dele, e como um homem apanhado no meio de uma

enchente, ele tinha ficado impotente para fazer qualquer coisa, a não ser deixar a água levá-lo embora.

Não mais.

Ele não estava mais indefeso.

Nunca mais.

Seu olhar voltou-se para a carta que estava em suas mãos, e os dedos se fecharam sobre o pergaminho, amassando-o. Ele bateu com o punho contra a mesa de madeira. Malditos, ele queria vingança. A certeza disso o golpeou com força.

Apesar de ter jurado para si mesmo que não faria isso — mesmo depois do que tinha acontecido —

ele queria vingança, com uma sede de sangue que era quase palpável. Uma fúria fria o agarrou e ele resolveu dar ao arrogante jovem Duque o que lhe era devido. O idiota lhe ofereceu uma quantia ridiculamente baixa por esta insultuosa tarefa, como se ele fosse um menino recém saído de Eton com uma enorme protuberância em suas calças curtas e muito pouco nos seus bolsos. Mas não foi isso, o que mais o irritou. Foi o esnobismo e o desprezo que ele recebeu. O insulto recebido do todo-poderoso Westmoor.

Ele não era bom o suficiente para se casar com a irmã do homem? Mas era bom o suficiente para — o que? Para ir para a cama com

ela?

Então ele queria sua irmã desiludida... por um bem maior? Christian se perguntou o que, precisamente, isso implicava.

Lendo a carta, ele ficou com a impressão de que Lady Jessamine Stone não estava muito receptiva a escolha que seu irmão tinha feito para o homem que deveria ser seu marido. Ele achava que era a intenção do seu irmão que, uma vez que seu pequeno coração fosse devidamente esmagado, ela se curvaria mais facilmente as suas vontades. Mas qual era o fim que Westmoor estava querendo? E por que escolhê-lo, para esfregar sal em suas feridas? Os olhos de Christian se estreitaram. Tendo Deus como verdade, ele não desejava fazer nenhum favor para Westmoor, mas havia algum senso de Justiça em ele ser pago agora para valer-se do que já deveria ter sido dele.

Justiça poética. Sim, ele faria isso, tudo bem, mas se Westmoor queria que ele honrasse o acordo, ele era mais idiota do que Christian poderia supor. Seus olhos azul cobalto brilhavam com uma determinação implacável. A verdade era que Christian já tinha arruinado o pai... Ele agora pretendia terminar o negócio — e ele não dava a mínima para quem sofresse ao longo do caminho, incluindo a irmãzinha virginal.

Ele não se preocupou em rabiscar uma nota de retorno; não valia a pena o esforço em tentar juntar palavras. Ele olhou para cima, para a figura tranquilamente parada na porta, aguardando sua mensagem de retorno e disse com virulência mal reprimida, "diga a ele que a minha resposta é sim."

E depois diga para ir direto para o inferno, ele acrescentou silenciosamente e se levantou da mesa.

Que Deus o ajudasse, porque certo ou errado, ele estava prestes a fazer a corte para Lady Jessamine Stone.

Por um bem maior.



CAPÍTULO DOIS

ENGLAND, WESTMOOR MAIO 1763

Jessie se sentou perto do pequeno dique, seus pensamentos vagando, e sonhando, com um livro

aberto no seu colo, totalmente incapaz de manter sua mente no texto. Ela tinha escolhido um livro que ela gostava muito, para passar o tempo e para ler ao ar livre, mas quem podia se concentrar com tantos pensamentos deliciosos pulando dentro de sua cabeça?

Ele tinha vindo; Lord Christian tinha chegado!

O irmão dela o esperava esta manhã.

Todo esse tempo, e ela nunca ousara sonhar que ele viria resgatá-la. E ainda assim ela tinha desejado que ele o fizesse! Ele era a sua última esperança!

A horrível verdade era que com vinte e dois anos, Jessamine era uma candidata a ficar solteirona, e tinha somente um pequeno dote. Silenciosamente, ela amaldiçoou seu pai por isso. Parecia ridículo que ela estivesse com raiva de um homem por simplesmente ele ter morrido. Mas sua morte prematura, seguido pelos rumores horríveis que surgiram depois, tinha forçado Westmoor a um aperto monetário.

Incrível como rapidamente os conhecidos se afastaram assim que apareceu uma nuance de escândalo.

Ela se emocionou ao pensar que Lord Christian ainda podia desejá-la — se não fosse por ela, então era pelo pouco que restava do seu dote. Embora a preocupasse que ele pudesse desejá-la apenas pelo dinheiro, mas ela sentia que não era por isso. Deus sabia a verdade, que ela faria qualquer coisa —

qualquer coisa mesmo — para escapar do destino que seu irmão queria colocá-la!

Incluindo a jura por um amor que ela não sentia.

Vergonhosamente ela tinha mentido para Amos, e isto a tinha incomodado um pouco, mas ela teria feito qualquer coisa para convencê-lo a concordar com um noivado com Lord Christian — com qualquer pessoa, na verdade, para ficar livre de Lord St John.

Mas Lord Christian não tinha nenhum título de nobreza para ser considerado. Nem tinha dinheiro no nome dele — evidenciado pelo fato de que ele tinha acabado de comprar Rose Park, uma propriedade em ruínas. Na verdade, ele ia se casar para aceitar a oferta insignificante de Amos. E com essa conclusão, seu ânimo se levantou consideravelmente.

E se ele não a quisesse?

Bem, então... ele podia achar uma forma de ajudá-la a encontrar uma maneira segura dela ir para a casa do irmão do seu pai nas colônias. Afinal, ela ainda tinha as jóias da mãe para persuadi-lo. E no passado eles tinham sido prometidos em casamento. Ele devia a ela algo por isso, não devia?

Sim, de fato, ela se recusava a ficar desanimada. De uma maneira ou outra, a melhor chance para ela de escapar de Lord St John era deitar-se com Lord Christian — e ele finalmente tinha vindo.

Com o humor mais leve do que podia se lembrar, ela se colocou ainda mais perto da grama para poder ouvir o riacho abaixo. Uma

velha ponte de pedra atravessava toda sua largura. E estava lá, desde quando Jessie podia se recordar — colocada lá pelos druidas, era o que sua mãe alegava. Banhada em luz solar enevoadada sob os carvalhos e olmos exuberantes, este tinha sido sempre seu lugar favorito para vir, para refletir ou para gritar de alegria.

Neste instante, ela sentiu vontade de dançar descontroladamente.

A água parecia tão gostosa e tentadora...

Certamente ninguém iria espí-la se ela tirasse seus sapatos e meias para banhar seus pés... Quanto tempo tinha passado desde que ela tinha se arriscado a fazer uma coisa dessas? Parecia que numa vida passada ela tinha ousado ser tão despreocupada.

Fechando seus olhos, ela se lembrou de tempos atrás, quando sua mãe a pegou caminhando no riacho somente com sua combinação branca. Se ela bem se lembrava... ela quase podia ver... ela quase podia ouvir a doce voz de sua mãe...

"Jessie querida!" Este não é o lugar certo para uma jovem se divertir sozinha!"

Ela tinha avistado o vestido de Jessie jogado em cima da grama. "Céus!" ela exclamou. "O que seu pai vai dizer!"

Explodindo num ataques de risos, Jessie se jogou no riacho, espirrando água para todo o lado.

"O que eu faço com você?" a mãe dela tinha perguntado, mas Jessie viu o sorriso que ela tentava esconder.

"Vem mamãe!" com a boca cheia de água, Jessie assistiu sua mãe tirar os sapatos de seda e ir para o riacho atrás dela. Finalmente quando sua mãe estava diante dela, Jessie com suas palmas bateu nas bochechas, espirrando água no vestido de sua mãe.

A mãe dela deu um olhar incrédulo para o seu vestido arruinado e vendo a expressão do seu rosto, Jessie temeu que a tivesse irritado, mas de repente sua mãe se atirou atrás dela, e um repique de riso estridente estourou de seus lábios adoráveis.

Olhando para trás, Jessie pensou que podia ter sido a expressão desmotivada de seu rosto, porque ela não conseguia imaginar o que poderia ser tão engraçado sobre uma filha endiabrada e um vestido arruinado. E mesmo assim, como elas tinham rido e brincado naquele dia.

Inclinando a cabeça, ela suspirou, sentindo o calor suave do sol em seu rosto. Agora ela estava seis anos mais velha... um ano antes sua mãe tinha morrido. Mais de uma vida tinha passado desde então.

Seu irmão governava como um monarca triste. Como seu pai, ele ficaria com raiva se a visse fazendo tal farra. E verdade seja dita, ela não poderia fazer nada a não ser rir da expressão que ela imaginou que ele teria. Os pássaros gorjeavam nervosamente no topo das árvores. O que ele poderia dizer, afinal? Ele não poderia ser mais insensível com ela do que ele já era. Que mal poderia acontecer?

Impulsivamente, ela tirou os sapatos e ficou agitando suas saias. Ela enrolou suas meias, as removeu e deu uma risadinha endiabrada. Em seguida levantou suas saias, as prendeu firmemente para que não ficassem molhadas, e ficou mais do que satisfeita com ela mesma por não ter colocado sua anágua esta manhã. Ela teve que sair de casa sorrateiramente, mas a liberdade que ela sentia agora lhe deu a certeza de que ela havia feito o que era certo.

Ela não era tola o suficiente para fazer alguma coisa que fosse errada para uma jovem da sua idade, mas ela não conseguia ver nada de errado em molhar os pés — ao diabo com Amos!

Ela começou a descer em direção ao rio, cantarolando alegremente.

Christian encontrou-se relutante em se intrometer na sua deliciosa diversão e então ele parou, admirando-a, enquanto ela girava e brincava como uma corça nos campos. Levantando a perna, ela jogava a água para o ar, rindo quando a água voltava para baixo em direção ao seu rosto.

Ele sorriu.

Ela fazia tudo de uma maneira encantadora.

Muito charmosa.

Ele franziu a testa.

Ele não queria que ela fosse refrescantemente sincera e ingênua. Ele queria que fosse tímida e artificial... para que ele pudesse detestá-la, como detestava seu pai e seu irmão.

Cristo, por que diabos ele estava fazendo isso?

Porque ele estava se envolvendo numa vingança mesquinha?

E se o noivado não tivesse terminado apenas porque ele tinha sido deserdado?

Por Deus, ela não estava usando anágua.

A revelação o chocou sem aviso prévio. Desejo deslizou por suas veias como conhaque quente.

Provocado pela resposta do seu corpo, ele estimulou seu cavalo para o plano inclinado. Entrou no riacho, sem hesitação, os cascos do seu cavalo salpicando água,afiando as pedras sob a superfície cristalina.

Com um suspiro de surpresa, ela girou para enfrentá-lo. " *My Lord!*"

Ele arqueou uma sobrancelha.

Seus olhos se arregalaram em reconhecimento. E então de repente ela estava olhando para ele, com uma expressão de adoração.

Putá merda.

" *My Lord,* " ela disse de novo, e os olhos dela brilharam. "Não acredito que você veio!"

Christian sabia que ela estava confusa — devia estar. Não havia como ela saber quem ele era, e mesmo assim ela parecia estar muito grata em vê-lo. Mas então, tudo o que ela realmente sabia era que seu irmão tinha supostamente escrito para ele e reiterado a oferta de matrimônio, somente com um dote menor. "É claro que vim," ele disse, "você achou que eu não viria?" Embora ele não sorrisse para tranquilizá-la.

Ela balançou a cabeça, e lágrimas reais saltaram de seus olhos.

Danação.

Não havia necessidade para ela chorar, certo? Surpreso com a reação, ele fez uma careta, mas incapaz de colocar seu olhar longe dos olhos verdes dela; como eles eram lindos. Como eram lindos naquele dia, muito tempo atrás. Eles o atormentavam desde então. Ele ainda se sentia enfeitado.

Ele forçou seu olhar para baixo, até seus lábios carnudos, sensuais e concluiu que o negócio com o irmão dela podia não ser tão desagradável, afinal.

Muito pelo contrário. Ela era, possivelmente, uma das mulheres mais belas que ele alguma vez tinha posto os olhos. Não precisamente linda, embora algo sobre ela o fizesse achar que ela era — aqueles olhos... e aqueles lábios que pareciam ter sido feitos para beijar.

Ela era uma pequena corajosa, ele decidiu. Quanto mais ela olhasse para ele maior seria o perigo dela ser profundamente e

impiedosamente beijada. Ele estava enfeitado.

Por que adiar o inevitável?

" *My Lord,*" ela disse suavemente, "para sempre vou ficar em débito com você!"

"Realmente, senhorita?" Ele não podia continuar provocando-a, sabendo que ela possivelmente não podia reconhecê-lo e olhar para ele grata. "Você pode me dizer quem você acha que eu sou?"

Ela olhou ansiosamente para ele. "Lord... Christian... claro..."

Ela parecia tão ansiosa, tão incerta, que Christian se viu sorrindo para ela. "Eu mesmo", confessou

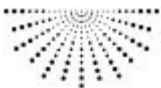
"embora como você me reconheceu rapidamente após todos estes anos, eu nunca vou saber.

Por que será que ele se sentiu de repente tão aliviado?

Satisfeito, mesmo?

"Como poderia esquecer-me de você, *My Lord?*"

Ela sorriu docemente, e o sorriso dela perfurou seu coração.



CAPÍTULO TRÊS

Jessie se encontrou encarando Lord Christian sem pudor, que se encontrava fascinado e escandalizado de horror. A verdade era que ele não era o homem de quem ela se lembrava. Não

existia mais a qualidade gentil que ela se lembrava, além de uma última pretensão de civilidade.

Considerando que os homens decentes usavam perucas dignas, ele estava usando apenas sua juba escura natural, acoplada em sua nuca — e que o céu a ajudasse, mas sua primeira impressão do homem diante dela era que ele não se mantinha responsável perante ninguém.

Por que ele tinha vindo?

Não importava, ela disse para ela mesma.

Os anos o tinham mudado muito, mas tudo o que realmente importava era que ele tinha vindo para resgatá-la, e ela estava vivamente grata apesar de uma nova maré de dúvidas ter despontado. Se ao menos ele parasse de encará-la então...

"Eu-eu estava lendo," ela deixou escapar, perturbada por seu caprichoso olhar.

"Estava"? Um pequeno sorriso apareceu em seus lábios. "Você certamente parecia estar lendo," ele disse sarcasticamente e olhou para baixo, para os seus pés descalços. "Por acaso você tem um livro sob seus lindos dedinhos?"

O olhar de Jessie caiu para seus pés descalços.

Meu Deus, ela era uma simplória tola!

Mortificação apertou o ar de seus pulmões. "Não, *My Lord!*" ela disse, olhando para ele. "É só que, você vê... bem, eu-eu deixei o livro sobre o banco!"

Ela se abanou inconscientemente. "Estava um pouco quente!"

Mas tinha ficado desconfortavelmente quente de repente. Se sentindo mais do que um pouco tola, ela se virou imediatamente e começou a fazer o seu caminho para fora do riacho. "Eu preciso ir!", ela declarou.

"Não por minha causa, eu espero."

Jessie não parou, não conseguiu encontrar coragem para fazê-lo; mortificada continuou em direção ao banco.

"Devo confessar, que eu estava curtindo a visão de sua farra," ele disse por trás dela, e o estômago de Jessie se embrulhou.

Ela parou abruptamente, virando-se para perscrutar-lo, um pouco irritada pela sua confissão. Há quanto tempo que ele a estava assistindo antes de fazer com que sua presença fosse percebida?

Ela se lembrou de que ela precisava dele e não podia se dar ao luxo de ofendê-lo. "Eu devo ter ficado distraída," ela disse incapaz de manter a censura fora do tom dela. "Eu não ouvi você se aproximar, *My Lord*."

Seus olhos azuis brilhavam e o silêncio entre eles se tornou mais longo quando Jessie começou a escrutiná-lo.

Ele usava um casaco azul escuro, de equitação, com calções brancos que pendia de suas coxas tão confortavelmente, que se tornava quase indecente. Seu colete era azul e a camisa completamente branca, com punhos de babados que irrompiam debaixo das mangas de seu casaco. Para seu crédito, suas meias estavam amarradas ordenadamente. E verdade seja dita, salvo o empoeirado nas botas pretas e seu cabelo boêmio, ele parecia muito respeitável, muito nobre, e de maneira alguma parecia um ladino nefasto como Amos o tinha retratado.

E ainda havia algo nele que não era muito civilizado...

Seus olhos se estreitaram quando ela seguiu o olhar dele para a bainha de sua saia — a bainha com nó — ela se esforçou para desatar o nó de sua roupa, deixando o material frágil, que ela teve tanto cuidado momentos antes, para não encharcar com a água do riacho.

Completamente sem palavras, ela baixou o olhar para suas botas. Ela não ousava olhar para outro lugar — certamente não para o seu rosto muito bonito, pois iria parecer que esta manhã ela estava destinada a permanecer com o rosto rosado. "Meu irmão não aprovaria nós dois aqui sozinhos," ela disse. "Eu-eu devo ir!" Ela se virou de uma vez para sair.

"Mas, senhorita," ele protestou. "Foi seu irmão quem sugeriu que talvez eu a encontrasse aqui."

Jessie girou para enfrentá-lo, o olhar dela surpreso. "Amos"?

Seu sorriso era um pouco convencido. "Sim, Amos."

Jessie inclinou a cabeça. "Como..." Estranho, ela pensou. Não era o jeito de seu irmão ser cúmplice do inimigo — e inimigo era certamente o que Lord Christian era. Parecia que o irmão dela estava determinado a fazer o casamento dela com Lord St John. E com Deus por testemunha, ele a condenaria a um destino pior que a morte ao fazê-la casar-se com esse homem! Sua proposta era a de um cafajeste detestável — e mais, o pensamento de suas mãos sobre ela a fazia ficar fisicamente doente.

Ela estava determinada a prevalecer.

Mas Amos também estava determinado.

Ela olhou para Lord Christian, compenetrado.

"E ainda tive a nítida impressão que ele não se importa comigo," ele acrescentou sem constrangimento.

Jessie engasgou com esta afirmação. O olhar dele era de confiança.

Maldito Amos e seus caminhos condescendentes, a última coisa que ela queria fazer era desencorajar Lord Christian. "Talvez seja

verdade, meu senhor," ela confidenciou um pouco ressentida, "Mas estou certa que meu irmão é inofensivo."

Ele fez algum som engasgado. "Inofensivo"?

"Acho que sim, meu senhor." E ela não podia dizer que Amos era de fato um fraco, embora ela não acreditasse que seu irmão fosse chamá-lo para um duelo.

Ele sorriu para ela, os olhos brilhando. "Ele me fez tremer de medo esta manhã, insinuando pistolas ao amanhecer." O brilho dos seus olhos se intensificou, porque era impossível acreditar que o homem que estava na sua frente iria tremer diante de qualquer coisa, ou de qualquer pessoa.

Nunca.

Ele estava brincando com ela, ela pensou... embora ela não tivesse certeza. "Realmente, meu senhor", ela respondeu, "não acredite demais no meu irmão. A verdade é que ele não confia em ninguém." Ela levantou seu queixo, encontrando seu olhar. "Ele deve ter achado que você era inofensivo, ou ele nunca teria mandado você vir até aqui para se encontrar comigo."

A moça era com certeza confiável, Christian determinou.

Será que ela sabia que ele podia ter dito qualquer coisa para ganhar a confiança dela, incluindo a verdade? Então, novamente, não era isso que ele queria? Ganhar sua confiança. Certamente faria sua tarefa aqui bem mais fácil. Por que deveria ele se importar se ela fosse facilmente enganada?

Ele não se importava, ele assegurou a ele mesmo.

Sua mandíbula cerrou quando ela ergueu o olhar dela ao encontro do seu, e ele vislumbrou a incerteza que ela tanto tentava esconder. Deu-lhe uma sensação de peso no peito. "Um irmão deve sempre

estar atento a sua irmã," ele disse para ela. "Nem todos os homens são tão honrados, você percebe?"

Ela olhou para cima, arqueando uma sobrancelha em desafio. "Nem todos são terríveis devassos, como meu irmão quis me fazer acreditar", ela disse fazendo-o ficar surpreendido.

Christian levantou uma sobrancelha.

"Eu não acredito que eles sejam," ela afirmou e corou profusamente.

"Sério?"

Ela assentiu com a cabeça, um pouco menos certa agora. "Verdadeiramente", ela insistiu.

Ele observou a descarga de um arrepio, quando seu olhar parou no decote quadrado do seu vestido cor de rosa. Inconscientemente a mão dela foi até sua garganta — um gesto sedutor — e ele se forçou a não pensar o que ele poderá sentir ao pressionar seus lábios naquela carne quente.

Paraíso; ele sentiria como se estivesse no céu. O único tipo de céu que ele jamais conheceria.

"Bem, eu.... Eu realmente devo ir," ela declarou mais uma vez e novamente foi em direção ao banco, se afastando lentamente, como se ela já não estivesse certa se deveria fugir ou ficar, se deveria confiar nele ou não. Ele não desejava que ela fosse embora, então permitiu que ela mantivesse uma certa distância entre eles. Ele esperou até ela se sentar no banco, sob o velho olmo, e então ele se dirigiu para sua montaria que estava atrás dela.



CAPÍTULO QUATRO

Jessie olhou cautelosamente enquanto ele andava em direção a sua montaria, tentando se convencer de que ela realmente deveria voltar para casa. Em vez disso, ela se sentou no cobertor, repreendendo-se por suas fantasias tolas. Pegou suas meias de seda, sabendo que não haveria tempo para vesti-las e escondeu-as debaixo do seu vestido.

"Não vai se sentar?" perguntou um pouco sem fôlego, quando ele finalmente se virou para encará-la.

Ela precisava de sua ajuda, ela lembrou a ela mesma, e não iria conseguir correndo para casa com o rabo entre as pernas. Ocultas como estavam, ela sentiu suas meias por baixo da roupa como brasas ardentes contra sua carne nua.

Isso não era certo! Ela rezou fervorosamente para que ele recusasse, uma vez que parecia que ela tinha perdido o bom senso para pedir a ele para sair.

"Vai ser um prazer", ele disse e se sentou respeitosamente no cobertor ao lado dela. Jessie ficou aliviada e mortificada ao mesmo tempo.

O que ela diria agora?

Do que eles fariam?

Ele pegou um fio de grama e colocou entre os dentes, e Jessie sorriu, lutando contra o desejo de ficar de pé e se esconder como uma colegial tímida.

Seu rosto estava tão perto — com aqueles olhos azuis profundos. Seu maxilar era grosso, mas magro, suas maçãs do rosto altas contra seu rosto moreno sombreado pelo crescimento de um dia de bigodes. No entanto, era a intensa cor azul cobalto de seus olhos que a fazia tremer e atraía seu olhar com intensidade.

Sustentando-se em um dos joelhos, ele se inclinou para trás em cima de um braço e começou a brincar com a grama. Jessie assistiu-o, sentindo-se excitada pela sua presença, quando ela sabia que deveria ser cautelosa.

Ela queria imaginar que ele viria para ela — seu cavaleiro de armadura brilhante. Ela sempre sonhou que ele viria um dia. E embora ela nunca tenha admitido isso a ninguém, ela realmente tinha ficado angustiada por saber que ele não se importou o suficiente para desafiar a ordem do pai dela há alguns anos atrás.

Não importava; ele estava aqui, e agora havia esperança.

Christian observou enquanto ela levantou um pequeno volume de capa de couro, seus lábios se curvaram no sorriso mais tentador que ele jamais tinha visto.

Ele dificilmente poderia manter seus pensamentos quando ela sorria revelando seus dentes brancos, perfeitos. Como uma porcelana, suas bochechas estavam tingidas de cor de rosa, e os longos e brilhantes fios de seu cabelo se encontravam caídos para os lados, dispostos em arduos cachos. Alguns escapavam do confinamento — prova de sua deliciosa traquinagem no riacho.

Indiretamente o livro lembrou-lhe de sua razão para ter vindo aqui: a proposta condenável do irmão dela. Os termos do negócio tinham sido enunciados por ele na biblioteca esta manhã. Ironicamente, uns cinco anos antes, na mesma sala, o velho duque tinha quebrado outro contrato com ele, e essa lembrança teve um efeito bastante preocupante.

E porque ele se importava com alguma garotinha mimada?

Seus sentimentos não eram sua preocupação.

Ela ergueu o livro até seu peito, abraçou-o timidamente, e a culpa o apunhalou. Ele ignorou, empurrando seus pensamentos para bem

longe, sufocando-os com sua raiva.

Ela sorriu suavemente. "Veja, realmente eu estava lendo, *My Lord*." Apresentou o livro como prova.

"'Adelard of Bath - Perguntas Sobre a Natureza'. Por acaso você conhece o texto?"

Christian levantou as sobrancelhas. "Eu não sabia que esse livro era material de leitura apropriado para uma jovem," ele disse sem rodeios.

Suas sobrancelhas se uniram. "Por que não?" Ela pareceu bastante ofendida.

"Por acaso você já o leu?" Ele estava convencido de que ela não tinha. Se ela tivesse, ela não teria trazido o livro. Mais do que provavelmente ela estaria sentada sobre o livro — como ela fez com as meias dela, escondendo-as do seu escrutínio.

Seus pés estavam descalços.

Seu coração acelerou com este pensamento. Deus, ele se sentia como um jovem imberbe com as palmas das mãos suadas, sentado ao lado de seu primeiro amor. O que diabo o afligia?

"Nem todo," ela disse. "Mas nunca achei ele impróprio para eu ler. Na verdade," ela lhe disse "Eu acho que são especulações bastante inteligentes que valem muito a pena contemplar!"

"Inteligentes"? Christian suprimiu uma risada, sentindo que ela estava séria. Ele viu, naquele momento, que a última coisa que desejava era ofendê-la.

"Sim, claro," ela insistiu. "Bastante. Tais como..."

Ela tentou um tom de descontentamento, mas ele antecipou o próximo

desafio. A moça pouco astuta estava lançando uma isca, ele percebeu.

"Você nunca se pergunta, meu senhor, se os animais têm alma? Ou..." Ela inclinou a cabeça timidamente. "Por que a de memória, razão e imaginação são encontrados no cérebro? Ou por que as águas do mar são salgadas? Ou por que certos rios não são?"

Ela olhou para ele e parecia incentivada por seu interesse.

"Ou," ela continuou com seu tom irreverente, "por que os homens ficam carecas na parte da frente perto da testa?" Incapaz de conter uma risadinha, ela então continuou, "ou, por que..." Os lábios dela contorceram-se. "Simplesmente confunde a mente pensar por que os homens não nasceram com chifres!

Você não concorda *My Lord?*"

Ela jogou-lhe um sorriso de parar o coração.

Cílios escuros, emolduravam seus olhos que brilhavam com alegria, e o efeito era impressionante. E

momentaneamente arrebatou o fôlego de Christian.

Ele riu e limpou a garganta, lutando em vão para ignorar a luxúria que o segurava firmemente agora.

"Tem certeza que nós não temos senhorita?"

Sua sobrancelha levantou suavemente quando ela ponderou sobre sua pergunta.

Deus, mas ela era inocente.

"Claro, mas como você pode saber," ele persistiu, "se, na verdade, eu não tenho chifres? Muito bem podemos ter."

Mais uma vez ela ficou corada.

"Meu palpite", ele se aventurou, e sorriu levemente, "é que você não tem." Ele levantou seu olhar.

"Além disso, minha senhora erudita, nem todas as perguntas em seu pequeno livro é material apropriado para mulheres jovens impressionáveis, sejam elas especulações inteligentes ou não." Pela sua expressão, ele supôs que ela não soubesse verdadeiramente de alguns dos textos mais básicos que estavam no livro.

"Por exemplo," acrescentou, "porque as mulheres, se elas são mais frígidas do que os homens, são mais devassas no desejo."

"Oh!" ela engasgou. "Não tenho nenhuma resposta sobre isso! E você, meu senhor, é verdadeiramente devasso por tê-la trazido à minha atenção!"

Você acha? Eu quis apenas levantar um ponto, *ma belle*."

"Sim! Eu realmente acho!" ela falou, ficando de joelhos, embora ele tenha notado que não se levantara por medo de que ele fosse espionar suas meias. "Você está se degradando, senhor!"

Por que ele de repente se sentiu um desgraçado?

"Por favor, aceite minhas humildes desculpas se eu a ofendi. É um defeito meu infelizmente." Ele achou que tinha parecido apropriadamente arrependido, e ele deve ter parecido, porque ela olhou pra ele e deu um leve sorriso.

"Verdadeiramente, *My Lord*..." Ela levantou o livro, examinando a parte de trás e então novamente encontrou seu olhar, e seus olhos brilharam de curiosidade.

Raposinha Matreira inquisitiva.

Seus lábios se curvaram em puro prazer.

Ela ofegou e descartou o livro ao mesmo tempo, colocando-o entre eles. "Bem! Acho seguro dizer que Adelard e o sobrinho que lhe faz as perguntas, é que são os depravados! E você, meu senhor, em última análise, está absolvido!"

Ela deu-lhe um sorriso tímido, alegremente inconsciente de quão perto ela estava de ser beijada completamente e com luxúria. Deus, como ele estava tentado.

Por mais estranho que parecesse, ele se sentiu excessivamente satisfeito com a defesa cega que ela fez dele. Já fazia muito tempo, desde que alguém o tinha defendido — ele merecesse ou não.

Ele riu. "Esta foi a maneira mais gentil de me absolver," ele disse. E para sua surpresa, ele se viu genuinamente desfrutando sua conversa singularmente peculiar. Ele segurou seu olhar um instante, relutando em liberá-lo, totalmente fascinado pela beleza de seus olhos verdes pálidos.

Ele sabia que ela não era totalmente afetada por ele, A cabeça dela se inclinou ligeiramente, instintivamente, e ela ficou com seu rosto perigosamente perto do seu. Christian teve que se segurar para não colocar seus lábios contra seu rosto suave. Ele se perguntava qual seria seu sabor.

Doce.

Ele sabia que o sabor seria doce. Doce como a grama que estava entre seus dentes.

Ela foi a primeira a desviar o olhar, retornando inevitavelmente para o livro que estava entre eles.

"Na verdade eu estava procurando algo em particular," ela explicou um pouco ofegante. "Você vê, eu me lembro que Adelard escreveu sobre a razão, como um guia e sobre a autoridade, como um cabresto.

Você por acaso conhece essa passagem em particular, meu senhor?"

Tirando a grama de seus lábios com os dedos, Christian levantou o pequeno volume de suas mãos.

Não era uma cópia original, mas antigo, apesar de tudo. "Posso?" ele perguntou e aguardou seu consentimento antes de abrir.

Os olhos dela brilharam numa alegre expectativa. "Claro, *My Lord*."

Ele sorriu satisfeito e calmamente folheou as páginas frágeis, até que localizou o texto em questão. E

então ele leu em voz alta para ela, com sua voz grossa, "do que mais uma autoridade deve ser chamada, a não ser de um cabresto..." Ele limpou a garganta. "De fato, uma besta brutal é liderada por qualquer tipo de cabresto e não sabe onde nem como ela é conduzida, apenas segue a corda pela qual ela é mantida."

Ele fez uma pausa para respirar, e pensou que tinha feito um desafio para ela terminar se pudesse, e ela começou de onde ele tinha parado.

"Então a autoridade conduz ao perigo, não somente para alguns que foram apreendidos e vinculados por credulidade animal. Sim, e ele também afirma que a razão foi dada a todos os indivíduos, para que como juízes eles pudessem distinguir entre o verdadeiro e o falso. Não concorda com ele, meu senhor?"

"Quer dizer a razão ter sido dada a cada um de nós," ela esclareceu. "Não devemos pensar por nós mesmos, homens e mulheres da mesma forma?"

Ele levantou uma sobrancelha, impressionado. " *Tres magnifique, m'mselle*. Gostaria de dizer que eu mesmo conheço o texto tão bem quanto você." Ele fechou o livro e devolveu-lhe, pensando sobre a pergunta que ela tinha lhe feito. "Quanto à sua pergunta, sim. Como sugere Adelard, "a menos que a razão seja o juiz universal, é dada em vão para os indivíduos. E todo aquele que não sabe ou negligencia a razão deve ser considerado cego." Eu acredito totalmente nos homens e nas mulheres. Você é uma dissidente, então?" Ele brincou.

"Oh, não *My Lord!*" ela respondeu de uma só vez. "No entanto, neste momento, acredito que meu irmão ache que sim."

"Entendo. E por quê?"

Os olhos dela, que estavam fixados com reverência nele, agora deslizaram para o livro em cima de seu colo. Ela piscou, perscrutando acima das copas das árvores. "Suponho que..." Ela suspirou. "Acho que ' é porque nós somos mentes diferentes, ele e eu." Ela baixou o olhar para encontrar os olhos dele.

"Você vê, meu irmão ficaria imensamente feliz se eu visse... as coisas... como ele as vê."

Ele deu-lhe um sorriso. "Qualquer coisa em particular?"

"Não especialmente," ela respondeu, então mais firmemente. "Não".

Christian levantou uma sobrancelha. "Entendo. Bem, então, você está certamente bastante habilitada para pensar com a sua própria mente, embora eu duvide que Adelard de Bath, tenha destinado a utilização de seus escritos para provar esse fato. Eu acho que ele iria virar na tumba ao saber que ele inspirou a insurgência de uma jovem donzela. Veja, em seu tempo, as mulheres não eram consideradas como seres humanos. Então ao perguntar se bestas tinham almas, ele também pergunta sobre as mulheres."

"Diz que isto não é verdade, meu senhor!"

"Ah, mas é a verdade," afirmou Christian. E então ele teve que rir porque ela parecia absolutamente horrorizada com esta perspectiva. Ela não parecia perceber que, até hoje, eles não estavam tão longe daqueles tempos.

"Simplesmente imagine!" Os olhos dela estavam arregalados de incredulidade. "Mulheres sem alma!"

Ela balançou a cabeça, sem esperança e tremeu. "O que ele pode ter pensado, meu senhor?"

Christian riu e balançou a cabeça. "Não tenho idéia," ele disse. "Parece uma noção bastante ridícula, não é?"

"Claro!"

Ela disse a palavra com tal imprudência que seus ombros ao mesmo tempo se apertaram com alegria.

Estava na ponta da sua língua dizer-lhe que ela era maravilhosa. Não serviria de nada ele perder sua cabeça pela moçoila insinuante. ... ele estava começando a suspeitar que isso fosse muito fácil de acontecer.

Ela era linda, sim... ela era bem mais do que ele tinha antecipado...



CAPÍTULO CINCO

A Ima gêmea é o que eles eram.

Jessie deitada em sua cama pensava como eles viam tantas coisas da mesma maneira. Estranho e misterioso. Mas confortável,

também. Ela suspirou sonhadora, porque Lord Christian parecia simplesmente maravilhoso demais para ser verdade.

E monstruosamente mau, também.

Sua empregada já tinha se retirado: ansiosa para o dia terminar e para a manhã chegar, Jessie a tinha dispensado. E agora que ela estava deitada na escuridão de seu quarto, o sono teimosamente se recusava a vir. Exausta, mas muito animada para ficar frustrada por isso, ela se resignou ao seu estado de vigília, sentou-se e jogou os cobertores para o lado. Levantou e foi até a janela, abrindo as cortinas apenas o suficiente para admirar o céu noturno, tão cheio de estrelas brilhantes. Talvez ele... fosse bom demais para ser verdade.

Ela olhou para baixo, para o jardim, para o banco que ela tinha ocupado tão regularmente toda a semana passada. Christian tinha ficado com ela todos os dias. Eles tinham feito pouco mais do que sentar-se, acompanhada por Hildie, e conversado.

Para a sua alegria, parecia que ele realmente gostava de sua companhia, bem como de sua conversa.

Ao contrário de Amos, ele parecia encorajá-la a falar o que ela pensava e nunca a ridicularizou por algum pensamento que ele não compartilhasse. Em vez disso, ele fazia questão de perguntar por que ela tinha chegado a tal conclusão, e então ele pesava sua explicação antes de oferecer a sua própria, assim, levando-a a discussões refrescantemente diretas. Ela viu que gostava de sua companhia — o respeitava também, porque ele tinha opiniões nobres.

Agora ela estava quase certa que ele a estava cortejando — porque ela não tinha idéia como era um namoro — um namoro verdadeiro. Não era como com Lord St John. Com ele, tinha sido uma proposta de negócios, sendo ela o artigo do comércio. Ela estava vivamente

grata por Christian ter respondido a missiva de seu irmão, pois ela nunca poderia ter suportado ter Lord St John como marido.

Talvez ela não precisasse.

Ela se encheu de esperança e sorriu. Ela voltou para a cama, escorregando para baixo dos cobertores quentinhos e fechou os olhos, incapaz de pensar em outra coisa a não ser Christian. Ele era tudo o que ela imaginava que ele seria e ainda mais: suave, mas forte, pensativo, mas divertido. Deus certamente a tinha favorecido, ela refletiu alegremente, pois ele era uma alma nobre. Mais do que os heróis das lendas, Christian era de carne e osso, e ele tinha vindo para resgatá-la mesmo depois de ter sido tão injustiçado por seu pai.

Sim, na verdade, ele era seu cavaleiro de armadura brilhante... e ela... ela era a donzela em apuros por quem ele iria lutar contra os amigos e os inimigos em nome do amor.

Amor.

Talvez fosse possível depois de tudo.

Suspirando melancolicamente pela sua fantasia, ela mandou um precipitado 'obrigada Deus' e aconchegou-se nos cobertores.

Se isto é um sonho, não me deixe acordar, ela rezou.

O sono chegou enquanto ela sorria serenamente.

"Por favor! Oh, por favor!"

Um suspiro atormentado era a resposta de Amos, juntamente com uma carranca em desaprovação quando ele vasculhou a correspondência da manhã. Ele escolheu um envelope particularmente grande, colocando o resto para o lado e se jogou

em sua cadeira, escondendo-se atrás do envelope, como se esperasse escapar dela.

Jessie não ia desistir. "Por favor", ela implorou.

Ainda assim ele se sentou, olhando por cima do envelope, seus olhos verdes, assim como os olhos dela, resplandecendo com o aborrecimento. Jessie estremeceu numa sensação de frio que se abateu sobre ela. "Só desta vez", ela jurou. "Eu não vou pedir outra vez!"

Ele abriu o envelope com raiva, suspirando, reproduzindo magistralmente o lamento de desaprovação de seu pai. "Muito bem, Jessamine. Faça como quiser. Estenda o nosso convite para o canalha." Não se incomodou em olhar para ela. "Amanhã à noite, se você quiser."

Jessie se afastou da mesa surpresa, olhando para o irmão com descrença. "Sim?" A voz dela se contraiu. "Você... disse que sim?"

Amos deu-lhe sua confirmação, embora a expressão dele fosse de descontentamento. "Você não ouviu, garota? Sim! Convide o vira-lata para jantar conosco, se esse é o seu desejo, mas me deixe sozinho agora! "Desdobrando a carta que ele tinha tirado do envelope, ele informou para ela, "e de fato, vou acreditar na tua palavra; que você não vai me pedir isto de novo."

Olhos arregalados com descrença, mas muito delirante para parar, Jessie correu em torno da mesa para dar um abraço afetuoso em seu irmão, o primeiro abraço entre eles que acontecia em anos.

Segurando seus braços, Amos se afastou dela. "Jessamine! Por favor! Retire-se de uma vez!"

Jessie começou a sair. "Sim, claro. Eu.... obrigada, Amos. Eu-eu não sei o que me deu," ela disse e então se virou para ir, seus olhos enevoados.

Ela não sabia por que ela sempre se surpreendia cada vez que ele a rejeitava, mas ele nunca deixou de fazê-lo. Mas pelo menos desta vez, ela tinha tido uma concessão dele. Ela se recusou a se sentir desanimada.

Ele nem sempre tinha sido tão cruel, e ela não pode deixar de refletir sobre o que poderia o ter feito mudar — embora ela tivesse uma idéia. *O pai deles*. Tudo sempre voltava ao seu pai. Sua graça o Duque de Westmoor tinha vivido de uma maneira inacessível, e Amos, na tentativa de provar seu mérito, foi rapidamente se tornando uma réplica perfeita dele.

Seu irmão mais velho, Thomas, que tinha dois anos a mais que Amos, tinha sido o favorito do seu pai.

O pobre Amos tinha vivido na sombra deste fato, se esforçando muito para corresponder as expectativas, até o fim. Tudo em vão; depois da morte de Thomas, o pai deles simplesmente perdeu a vontade de viver.

Ela e Amos não tinham sido suficientes para mantê-lo feliz e saudável. Tinha acontecido tão rapidamente que Jessie às vezes se perguntava se a morte do pai, na verdade, tinha sido uma morte natural. Mas então, rapidamente, ela descartava esta idéia. Seu médico havia dito que tinha sido o seu coração, e era isso o que Jessie queria acreditar.

A confundia pensar que seu pai tinha ficado preocupado porque Amos nunca estaria apto para ter o título, Jessie achava Amos mais parecido com seu pai do que qualquer um de seus três filhos — Thomas inclusive. Como seu pai, Amos fazia sempre um grande esforço para garantir sua vitória. Mas no assunto sobre a sua vida, Jessie jurou lutar com ele até o fim. Ele não gostava de perder, ela sabia, mas talvez algum dia ele viesse a perdoá-la.

Se ele visse que ela estava feliz...

Que Deus a perdoasse, mas ela tinha um desejo imenso de jogar seu cálice de Madeira bem no peito de Eliza. Não tinha como negar, a noite tinha sido um desastre. Jessie esperava que seu irmão viesse a admirar Lord Christian como ela, mas infelizmente isso não estava acontecendo.

Eliza, ao contrário, parecia ter se dado muito bem com ele, ela pensou com mau humor, e se ela continuasse a admirá-lo tão abertamente, poderia causar uma antipatia irreversível em Amos!

Amos estava sentado num silêncio resoluto, respeitando — ou melhor, desconsiderando — seus comentários com um ar de distanciamento descontente, enquanto Eliza não evitava os olhos dele, nem por um instante. Compreensivelmente, estava se tornando cada vez mais difícil para Amos manter o seu ar de indiferença. O único conforto de Jessie era o fato de que Christian parecia não notar qualquer tumulto em torno dele.

"Senhor," Eliza ronronou, tomando um gole de vinho na taça de cristal finamente entalhada que ela segurava em suas mãos. Ela levantou a taça sob suas narinas, cheirando profundamente seu doce odor, seus seios subindo com o esforço. "Você não disse o que, precisamente, você pretende fazer com sua recém-adquirida propriedade." Ela inclinou-se ainda mais, balançando seu cálice no ar. "Você vai remodelar, claro, mas já se decidiu sobre um arquiteto em particular?"

"Eu não tenho nenhum em particular, Condessa, mas diga-me..." Christian mudou do olhar colérico no rosto de Amos para o de sua bela esposa. "Você tem interesse nesse tipo de coisa?"

Se ele realmente queria se vingar de Westmoor, a esposa glamorosa de Amos estava lhe dando a oportunidade perfeita. Embora ele achasse sua beleza dourada e sua ensaiada elegância bastante cansativas no momento. Por Deus, ao ver a expressão de dor no

rosto de Jessie, deu vontade de bater nela — ele que nunca tinha colocado um dedo em qualquer mulher.

"Oh, sim!" Eliza assegurou. "Talvez meu senhor, eu possa ser..." — ela sorriu lindamente, franzindo os lábios em flagrante convite — "de alguma ajuda quando chegar a hora?" Ela sugestivamente inclinou a cabeça. "Nós somos vizinhos, afinal?"

"Talvez", Christian se rendeu seus lábios curvando-se com tristeza. "Talvez eu faça isso, senhora."

Seu olhar voltou para Jessie, e ele encontrou sua expressão triste. Ele sorriu, tranquilizando-a. Seu coração estava apertado, porque era inconcebível que ela continuasse a olhar para ele, em adoração.

"O que eu gostaria de saber," Amos o interrompeu seu tom espumando rancor, "é como você pretende financiar tal empreendimento. Corrija-me se eu estiver enganado, senhor, mas você não tem o recurso para iniciar tal tarefa monumental — muito menos para completá-la." Provocado pela desatenção de Christian, ele persistiu, "É de minha compreensão que Rose Park é uma propriedade desolada e miserável, se alguma vez eu vi alguma outra como ela."

Levando seu olhar para longe de Jessie, Christian arqueou uma sobrancelha. Rose Park podia não ser uma propriedade grandiosa, mas era dele agora, independentemente do que alguns diziam que ele havia ganhado por meios desonestos. "Então, você viu a propriedade?" Ele sorriu, sabendo muito bem que Westmoor pessoalmente não tinha colocado os olhos na propriedade — mas o cafajeste do seu agente tinha.

"Bem," Amos desmontou, olhando para a irmã e dando uma mordida na sua torta de limão. "Não precisamente... Deixe-me simplesmente dizer que eu ouvi de uma fonte muito confiável — mas você ainda tem que responder a minha pergunta."

"Amos", Jessie interrompeu. "Talvez isso não seja da nossa conta?"

De volta para o negócio de defendê-lo, era isso o que ela sempre teria que fazer?

Christian assistiu Amos virar-se para olhar para a irmã com um brilho de raiva. Bastardo. Suas entranhas se revoltaram. Talvez dessa vez ela pudesse gostar de reforço. Christian, com certeza, tinha digerido mais do que suficiente para uma noite. Ele esperou até que Amos tivesse acabado de repreender a irmã e então fixou seu olhar nela. Era curioso a semelhança na cor dos olhos dos dois... e quão diferentes eles eram. Os dela brilhavam com vida e calor, enquanto os de Amos eram frios. Totalmente desprovidos de compaixão.

"Eu tenho medo que eu possa decepcioná-lo," ele disse. "Entretanto é verdade que não tenho nenhum ativo no momento —"

"Claro que sim!" Jessie argumentou em defesa dele. Ela olhou para o irmão.

"Você tem Rose Park!" Ela lhe deu um aceno fugaz e então se virou mais uma vez para encarar seu irmão.

Christian quase riu com sua expressão militante — a raposa. Ele se encontrou desejando, não pela primeira vez esta noite, que ela estivesse sentada ao lado dele, não do outro lado da maldita mesa. O que ele não daria para respirar sua essência do lado dele, inalar seu perfume para dentro de sua alma. Só este pensamento o despertou.

"Isso é verdade" eu falou, rindo baixinho. "Embora como seu irmão possa atestar, Jessamine, Rose Park não pode ainda ser considerada um ativo, por si só. É, na verdade, uma responsabilidade no presente. Simplesmente porque eu não tenho nenhuma terra inglesa não quer dizer que eu não tenha ativos.

Rose Park não permanecerá uma responsabilidade por muito tempo."

"Verdadeiramente"? Eliza perguntou intrigada. "Como é excitante!" Ela lançou para Amos um sorriso apertado e então se virou para Christian. "Duvido que meu marido esteja ciente desse fato, meu senhor.

Conte-nos mais. E podemos aproveitar para discutir..." O olhar dela deslizou para o marido com as sobrancelhas levantadas "... seus bens." Inclinando-se sedutoramente para frente, ela conseguiu exibir uma visão maior de seu decote abundante.

Christian se engasgou com seu vinho, quase cuspiu sobre a toalha de mesa de linho branco.

Amos inchado com uma raiva impotente.

Jessie se engasgou com o gole do vinho de Madeira.

Amos tossiu indiscretamente.

Era evidente Eliza tinha forçado o irmão dela, além de seus limites. Ele se levantou abruptamente, jogando sua cadeira para trás, e foi direto na direção de sua esposa. Ele a fez se levantar de sua cadeira sem se incomodar em pedir desculpas; em vez disso, ele simplesmente arrastou Eliza para fora da sala.

Suas vozes rosnando os seguiu até o fundo do corredor e das escadas espiraladas. Jessie ficou aliviada e mortificada.

Arriscando um olhar de relance para Christian, ela o viu sorrindo. "Oh, *My Lord*, eu sinto muito!" ela exclamou. "Verdadeiramente! Nunca pensei que seria tão desastroso." E então o rosto dela se fechou: o que ela pensou? De que outra forma a noite podia ter acabado, considerando a animosidade de Amos em direção a

Christian? "Peço desculpa", ela disse mais uma vez, se sentindo culpada.

Mas o sorriso dele se aprofundou, colocando-a a vontade. "Não precisa." Seus olhos brilharam com bom humor. "Suspeito que a esposa do seu irmão esteja precisando de tudo o que ele está prestes a dar para ela."

Jessie riu silenciosamente. "Eu lhe garanto, Eliza pode ser bastante difícil,

mas Amos nunca a machucaria. Ele não é um homem brutal. Na verdade, às vezes me pergunto se ele tem algum sentimento, se ele sente alguma coisa. Ele é tão —"

"Eu não ficaria muito preocupado," ele a interrompeu. "Na verdade, eu me arrisco a dizer que ele está sentindo uma riqueza de emoções agora."

Levantando sua taça de Madeira, ele rodou o conteúdo, elevando-o casualmente à boca e Jessie encontrou-se o encarando enquanto ele bebia o que restava no copo.

O olhar dela voltou-se para seus olhos; eram de um azul tão escuro e cintilavam com tanta malícia. E

de novo, o olhar dela caiu para seus lábios e seu suspiro ficou estrangulado na garganta. Sua boca curvada em um sorriso devastador, e algo começou a vibrar no fundo de seu peito — uma sensação totalmente desconhecida para ela.

"De qualquer forma, acredito que sua cunhada tem uma pequena surpresa escondida," ele disse baixinho, insinuando algo... alguma coisa, embora ela não tivesse idéia do que. E ainda assim, algo dentro dela estremeceu com suas palavras.

De repente, ela não sabia o que dizer. Depois de conversar sobre tudo, de filosofia a sardas, ela se encontrou estupefata em sua presença.

"Er, acabou, *My Lord*?"

"Se eu acabei?"

"Com a sua refeição?"

"Ah... Sim, obrigado. Eu acredito que eu sim. E você?"

Jessie assentiu com a cabeça, seu coração mais forte. A riqueza e a profundidade da voz dele nunca falharam em afetá-la. Ele se levantou abruptamente e foi para o outro lado da mesa, parando do seu lado para ofertar seu auxílio. "Permita-me ajudá-la", ele se ofereceu galantemente.

O coração dela foi facilmente derrotado.

Ela lhe deu um sorriso tímido e, em seguida, sua mão, o olhar dela sem sair de seu rosto magnífico.

"Obrigada, *My Lord*," ela sussurrou. Ela ficou grata por sua ajuda, pois neste momento ela sentiu uma vertigem — e não foi por causa do vinho Madeira, ela estava certa, até porque o cálice permanecia cheio até a borda.

"Senhora"?

Assustada pela chamada da empregada, Jessie girou em direção à porta. "O que foi Hildie?"

"Bem... está tudo bem, senhora." Os olhos do Hildie se dirigiram para Christian, em seguida, e novamente para Jessie. Parecendo ter reunido coragem, ela declarou, "Sua Senhoria não vai voltar para a mesa; ele me pediu para lhe dizer... bem, ele solicitou que o senhor

Christian..." O olhar dela mudou mais uma vez. "Bem, senhora, que ele vá embora imediatamente. Mas isso não é exatamente como ele disse."

O coração de Jessie apertou. "Tão cedo?"

"Sinto muito, senhora, mas isso foi o que ele disse."

"Eu sei, Hildie, não quis dizer — obrigada." Em vez de deixá-los, Hildie ficou de pé na porta, esperando nervosamente. "Você pode ir agora, Hildie," Jessie falou.

Hildie abanou a cabeça. "Oh, não, senhora, eu não posso! Sua Senhoria também disse que eu deveria ficar com vocês até o — er, ah..." Ela olhou discretamente para Christian, olhando bastante ansiosa. "Até que ele saia e esteja longe."

"Jessamine," Christian interrompeu, "está na hora de partir."

Ele apertou os dedos dela com ternura e só então Jesse percebeu que ele ainda estava segurando a mão dela.

Ela ficou ali, olhando-o estupidamente. O que ele devia pensar dela por ser tão ousada?

Ele se inclinou para sussurrar em seu ouvido. "Não fique triste, amor..."

Garanto que não fico tão facilmente ofendido." E então ele piscou para ela, e o coração de Jessie ficou preso a ele para sempre.

Mais do que tudo, ela queria que ele ficasse, mas não tinha escolha sobre isso. Amos tinha solicitado que ele saísse, e Jessie não mandava absolutamente em nada na casa do irmão dela.

Relutantemente e sem mais nenhuma palavra, ela o escoltou até a porta, abriu-a e inclinou-se para ele quando Christian passou por

ela. Ele saiu pela noite agradável, e lá, no degrau mais alto, ele fez uma pausa e se virou para olhá-la. O olhar intenso de seus profundos olhos azul arrebatou seu fôlego.

E se ela lhe pedisse para ficar? Para encontrá-la no jardim? Ele concordaria? Que Deus a perdoasse, mas ela queria perguntar isso mais do que tudo.

Ela estava com raiva?

Verdadeiramente, ela tinha que considerar a possibilidade, pois ela não tinha certeza de mais nada.

"Meu senhor", ela começou, desmotivada por vê-lo ir tão cedo.

Ele colocou um dedo em seus lábios, fazendo-a ficar calada, como se soubesse o que ela ia perguntar e tentou salvá-la de si mesma. Ela engoliu o resto de suas palavras, enquanto ele se inclinava para frente, e colava sua boca em seus lábios quentes, aveludados. Ele beijou-a, e o mundo deixou de existir pelo espaço de um instante.

Ele a beijou docemente e com carinho.

Fechando seus olhos, Jessie respirou acentuadamente por causa deste contato íntimo, gemendo baixinho.

Doce céu, ele a tinha beijado... e então ele foi embora.

Se ela achava que antes seu coração estava batendo mais forte, agora ele batia ferozmente. Deus, como ela desejava trazê-lo de volta... sentir essa "revitalização" dentro de seu peito... e respirar o perfume inebriante, e masculino dele.

Os olhos dela permaneceram fechados por muito tempo após seus lábios a terem deixado.

"Adeus, Jessamine."

Ela abriu os olhos e piscou para ver que ele estava afastado dela agora, olhando para ela com um sorriso um pouco triste e seus olhos com as pálpebras pesadas.

"... Boa noite," ela sussurrou, a voz dela soando estranhamente. O jeito como ele tinha feito a sua despedida fez parecer tão definitivo, e seu coração se entristeceu um pouco.

Dando-lhe um breve aceno, ele se virou, e ela o viu desaparecer nas sombras.

Não até ele desaparecer completamente, ela fechou a porta para enfrentar a empregada indignada.



CAPÍTULO SEIS

Quando Jessie acordou na manhã seguinte estava chovendo, uma ligeira névoa cobria os campos, mas era o suficiente para fazer o céu ficar nublado o dia inteiro. Não importava. Nada importava.

Ela estava muito feliz para se importar.

Vestiu-se cuidadosamente antecipando a visita diária de Lord Christian. Ela escolheu um vestido verde floresta, adornado com um austero laço branco no decote e mangas. Parecia que ele gostava de verde, porque ele sempre a elogiava grandiosamente cada vez que ela usava esta cor. Ele dizia que fazia seus olhos parecerem mais brilhantes.

Muito ansiosa para comer, seu café da manhã foi chá e um mero pedaço de biscoito, então ela foi para a biblioteca para encontrar um livro para ler enquanto esperava. Porque ainda estava chovendo, ela permaneceu na biblioteca, e também porque era mais perto da porta

da frente. Assim ela teria certeza de ouvir quando Christian chegasse.

Nunca na vida dela ela tinha colocado tanta esperança em cima de uma pessoa.

Estranhamente, nesta manhã Amos parecia resignado que Lord Christian viria a Westmoor... Ela só poderia atribuir isso ao fato de que ele e Eliza pareciam ter se reconciliado depois da noite passada.

Realmente, os dois pareciam um par de pombinhos ridículos. Jessie dificilmente poderia entender a diferença deles nesta manhã. Ela acenou com a cabeça em perplexidade total. Apenas uma semana atrás, nenhum deles teria falado tanto com palavras civilizadas um para o outro, no entanto, os dois estavam trocando olhares amorosos durante todo o café da manhã. Quem teria imaginado? Realmente não importava como eles tinham mudado. Jessie estava encantada por eles — e mais ainda por ela mesma.

No final da tarde, no entanto, sua alegria tinha diminuído um pouco. Ela tinha conseguido ler metade do livro antes de achá-lo cansativo. Quando as letras começaram a se diluir diante de seus olhos, ela achou melhor parar, porque ela era incapaz de se concentrar em cima de uma única letra. Na verdade, ela não ficaria surpresa ao descobrir que tinha lido o volume de cabeça para baixo. Ela olhou de novo para o livro só para ter certeza e ficou aliviada em descobrir que o lado certo estava para cima.

Com indiferença ela correu os olhos pelo livro, mas a verdade era que ela estava ansiosa e um pouco decepcionada que ele ainda não tivesse chegado.

E se ele não voltasse?

E se ele tivesse mudado de idéia sobre cortejá-la?

Depois de ontem, ela não poderia culpá-lo.

Suspirando, melancolicamente, ela mudou seus pensamentos para o beijo que Christian lhe tinha dado na véspera. Como se ainda pudesse saboreá-lo, os dedos dela foram até seus lábios, acariciando-os distraidamente na memória daquele instante mágico. Seu calor de alguma forma, ainda estava lá. Ela fechou os olhos e seu coração bateu descontroladamente.

Ela esperava, ela esperava por ele.

Como ela queria isso.

Se sentindo culpada por seus pensamentos, ela rapidamente tirou seus dedos dos lábios, assim que a porta da biblioteca rangeu ao se abrir.

Eliza entrou, com uma expressão um pouco presunçosa. Fechando a porta atrás dela, ela se inclinou contra ela. "Ainda está esperando?" ela perguntou com a afetação de um suspiro.

O estômago de Jessie revirou, porque ela conhecia o humor de Eliza.

"Realmente" Eliza continuou. "Nem Lord Christian deseja se casar com você, então você deveria desejar o melhor para você mesma, Jessamine. O homem é um canalha, afinal de contas."

Jessie falou enfurecida. "Por quê? Porque ele é o filho mais novo?"

Deus sabia que ela tinha sido sempre solidária com Eliza, mas a esposa de seu irmão tinha se tornado implacável em seu ressentimento. "Que pecado há nisso? Amos, também, era o filho mais novo," Ela lembrou. "Mas como foi conveniente para ele — e para você — que Thomas tenha morrido." Ela sabia que tinha sido rude, mas não pode evitar, a condescendência de Eliza estava dando em seus nervos.

O rosto de Eliza brilhava de raiva. Jessie podia ver nos olhos dela. "Lord Christian não é nada além de um libertino!" E ela continuou.

"Guarde minhas palavras, Jessamine!"

Algo na expressão de Eliza fez com que Jessie parasse. "Talvez você saiba algo que eu não sei?"

O estômago dela se apertou, porque Eliza pareceu pensar sobre a questão por muito tempo. E então ela estreitou os olhos, e sua expressão perdeu todos os vestígios de pretensão. "Eu vim para aconselhar você, Jessie, então escute bem... Você é leal, é verdade, mas Amos não é tolo para lhe dar um dote para se casar com esse homem. Sem dinheiro, você não vai valer nada para Lord Christian. Seu irmão sabe disso. Porque você acha que ele concordaria com esta farsa, se não tivesse esperança de que assim que você descobrisse a verdade, você se casaria com Lord St John sem mais delongas? Eu vim dizer que você está agindo como uma boba!"

Jesse empalideceu. "Não acredito em você. Amos nunca retiraria meu dote!"

"Quem você acha que me mandou aqui?" Eliza perguntou, levantando as sobrancelhas. "Amos quer ver Westmoor prosperar, querida. Se você realmente não acredita em mim, então pergunte a ele."

O silêncio que se seguiu foi insuportável, na verdade chegava a pesar fortemente sobre o coração de Jessie. Amos faria qualquer coisa para ganhar, ela sabia. Mesmo quando era um rapaz, ele lutou batalhas sem piedade. Meu Deus! Ela devia ter percebido quando ela conseguiu convencê-lo a restabelecer o arranjo, e ele só tinha feito isso porque ele nunca teve a intenção de jogar limpo. O irmão dela nunca deu nada de bom grado. Ela deveria ter sabido, e mais ainda, ela tinha ficado cega pela esperança.

Como se ela já não tivesse dito o suficiente, Eliza falou mais uma vez. "Faça o que quiser, diga o que você precisa minha querida. Faça charme com Lord Christian. Embora eu tema, devo lhe advertir..."

Ela olhou incisivamente para Jessie. "Você deve se esforçar para manter intacta a sua virtude."

A respiração de Jessie era audível. "Como se atreve!"

Eliza deu um sorriso satisfeito. "Vejo que você entendeu o que quero dizer. Veja bem, "ela continuou friamente, "Lord Christian não vai querer você sem dote, mas isso não acontece com Lord St John, que chega a ser bobo de tanto desejo que tem por você. Ao contrário dos outros, ele quer você sem um tostão."

Jessie levantou-se da cadeira. Os olhos cheios de lágrimas. "Você mais do que todos devia me entender! Meu Deus! Se fosse um assunto tão simples como uma mera falta de afeto, eu poderia me casar com Lord St John sem pensar duas vezes, mas eu mal posso tolerar aquele homem! Ele tem idade para ser meu pai!", ela acrescentou um pouco histérica.

Eliza simplesmente encolheu os ombros. "Como eu disse antes, o amor tem pouco a ver com qualquer coisa. É uma simples tarefa"— ela ofereceu um sorriso sofrido — "uma diversão agradável. Realmente, não tenho idéia por que você insiste com isso, Jessamine. O casamento é um contrato, nada mais." Ela olhou para Jessie. "Por exemplo, pense em Amos e eu... Não existe nenhum afeto entre nós, e ainda assim nós combinamos perfeitamente bem."

O coração de Jessie ficava cada vez mais apertado. "Você?"

"Agora, querida," Eliza maleficamente colocou sua mão sob seu peito, em súplica, "você pode ir para essa união, voluntariamente, com a bênção de seu irmão, ou com sua fúria acima da sua cabeça. Mas ele prevalecerá. Melhor você entender, que ele não vai ser influenciado neste assunto. Ele precisa desta união com St John. *Nós* precisamos."

"Ele não pode me obrigar a casar se eu não estiver aqui para ele mandar! Concorda?" Jessie rebateu em pânico. Ela não quis dizer

isso, mas tinha saído, e ela achou que tinha sido totalmente sincera.

As sobrancelhas de Eliza se levantaram em diversão. "Não?" Ela riu baixinho. "Onde você estaria se não aqui? Realmente, querida! Acho que você está confusa!"

Jessie sentou-se um pouco mais reta. "Charlestown! Eu devo apelar para tio Robert!" Se ela pudesse enviar uma carta para as colônias, alertando ao tio de sua chegada, ele certamente lhe daria refúgio.

Eliza revirou os olhos. "Realmente e como que você acha que pode realizar tal façanha? Como você iria até Charlestown? Voando com o vento, talvez?"

Era uma boa pergunta, embora Jessie não fosse admitir isso para Eliza. No momento, ela quase se ressentia de Lord Christian deixá-la se preocupar com isso. Deus sabia que ela não poderia fazer nada sem ele. Ela engoliu a bÍlis que subia em sua garganta, e disse com a maior desenvoltura possível, "Eu lamento que você tenha sido forçada a se casar com o meu irmão, Eliza." Seus membros quase se desfaziam quando ela se dirigiu para a porta. "Mas por que você parece me culpar por isso, nunca saberemos."

Eliza piscou para a acusação.

"Você pode informar a meu irmão," Jessie falou assim que chegou à porta, "que se ele persistir com isso — isso — essa ridícula união, ele de fato vai ganhar a minha inimizade! Quanto a Lord Christian, ele vai voltar, eu garanto! Não me casarei com esse vil Lord St John!" Ela abriu a porta e a fechou atrás dela, orando a Deus que ela tivesse falado a verdade.

Jessie foi irrepreensível.

Por duas semanas miseráveis Christian manteve-se ocupado sem tempo para ir até Westmoor. Ele tinha rejeitado todas as tentativas que Amos tinha feito para contatá-lo.

Esta manhã ele tinha selado um dos árabes do seu irmão, dizendo que tudo o que ele queria era montar.

Foi uma bênção ver que Philip e sua mulher não estavam na residência. Ele tinha chegado ao ponto de aprender a programação do irmão para não ter o desprazer de encontrá-lo e sempre doía ver que o lugar que tinha uma vez significado muito para ele era utilizado de uma maneira errada. E servia para provar que Philip tinha tomado seu primeiro e único legado simplesmente porque ele podia.

Deus, o que ele estava fazendo aqui?

Que mil raios o partissem se ele não tinha coisas mais importantes a fazer.

Como garantir um porto seguro para seus navios.

Ele apertou sua boca com o pensamento.

Tinha chegado informações de Le Havre, que um dos seus navios, o Belle Terre, tinha chegado ao porto, e que as autoridades tinham ido a bordo. Apesar de lhe terem assegurado que tudo tinha sido encontrado em ordem, os oficiais do navio estavam sendo interrogados. Um simples procedimento tinham dito para ele. Mas pensar em seus homens nas mãos dos altivos funcionários franceses o perturbava —

apesar de ele confiar em sua tripulação — principalmente porque depois deste incidente, seus navios teriam que ficar longe da França. Pelo menos até que ele descobrisse o motivo por trás desta inspeção surpresa. Sem dúvida alguém tinha apontado o dedo para ele, mas quem poderia ser ele não sabia.

A lista de possibilidades era interminável.

Felizmente a França fornecia muito pouco para o seu comércio ilícito. A maioria do que ele obtinha lá era transportado legitimamente — como era o caso com sua mercadoria inglesa, mas era uma inconveniência.

Na pior das hipóteses, poderia ser traição.

A garoa que o tinha atormentado a maior parte do dia tinha diminuído, e o cheiro de barro molhado se levantava com a calor da neblina persistente no ar. Era um cheiro familiar, embora não fosse reconfortante, porque fazia Christian considerar suas perdas. Calmaria para ele era o cheiro do mar; a névoa de sal que subia do mar tão espessa que podia ser degustada sobre o vento. Sim, ele quase podia sentir o cheiro.

Ele fechou os olhos, desviando seus pensamentos.

Logo, logo, ele teria que voltar para bordo do Mistral. O navio estava sendo preparado para o seu retorno. Seus lábios se curvavam quando ele pensou em sua mais nova aquisição. Ela era, de longe, o maior dos seus navios, um navio lindo, todo em carvalho, e ele se achava afortunado por tê-la. A demanda por embarcações bem trabalhadas era elevada, e a empresa que tinha construído o navio procurava acima de tudo por sua durabilidade excepcional. Sua obra tinha sido insuperável. O Mistral era um prêmio.

Na sua ausência, ela estava sendo revestida com piche e alcatrão; ela seria lavada e pintada em seguida.

Diabos, ele tinha encomendado vitrais para as janelas da cabine — extravagante, sim, mas ele passava muito mais tempo a bordo dos seus navios do que em qualquer outro lugar, e ele teria um lugar para si mesmo que não o deixasse ansioso. Ele inalou profundamente, antecipando o seu retorno para o mar, e o perfume da terra encharcada sacudiu-lhe rudemente de seus prazeres.

Em algum ponto durante o curso de sua primeira visita, ele concluiu que a vingança contra o irmão de Jessie era inútil.

Ela sem dúvida seria a única a sofrer as consequências, e a última coisa que ele desejava era machucá-la. Depois de sua última noite com ela, ele estava mais determinado do que nunca em não ferir seu coração doce.

Ela merecia mais.

Muito mais do que ele poderia oferecer para ela.

Cristo, mas ele ainda tinha que convencer a si mesmo que ele nunca tivera a intenção de aceitar a estúpida proposta do irmão dela, mas devia ter cuspidido na cara do desgraçado em vez disso. E tendo se convencido, ele tinha determinado nunca mais vê-la. Sua curiosidade tinha sido apaziguada, afinal de contas.

Ele não poderia tê-la.

Ele não a queria.

Disso, ele também tinha que se esforçar para se convencer. Mas não estava funcionando. Como um

jovem obcecado, ele tinha ido vê-la novamente — mesmo depois da sábia decisão que ele tinha tomado

— que idiota que ele era! Quem teria adivinhado que ele acharia a moçoila tão envolvente?

Dane-se tudo, e que tudo vá para o inferno.

Fazendo caretas por causa de seus pensamentos, ele tentou se concentrar, mais uma vez, sobre os seus negócios.

Ou melhor... sobre a Inglaterra que nunca seria um porto seguro. Não havia como ele trazer seus navios para o país com uma carga

ilícita a bordo. Mesmo se conseguisse retirar a carga, ele não iria querer nenhum escândalo que marcasse o futuro dele — não por causa dele, mas por causa de seus herdeiros, claro.

Talvez nas Índias — ou mesmo em Charlestown... embora Charlestown nunca realmente tivesse sido

o refúgio ideal de um contrabandista.

A imagem do cabelo de criança morena apareceu para ameaçá-lo... sedoso, macio e brilhante como

asas de um pássaro, uma filha com olhos de um verde tão luminoso, que fariam seu coração derreter com um único olhar e seu coração se apertou em um desejo forte, físico.

Ele rosnou em auto desprezo, e puxou as rédeas.

Na verdade em breve não seria mais necessário para ele manter residência neste lugar esquecido por Deus — certamente não eram boas lembranças que o mantinha aqui. Ele tinha se desligado a muito tempo da propriedade. Juntamente com a sua relação com Philip, ele tinha banido de seu coração até o último vestígio sua antiga vida. Então só restava uma explicação que o perseguia.

Jessie; ele estava relutante em deixá-la.

Agora que a tinha conhecido, ele descobriu que não poderia facilmente tirá-la de seus pensamentos, ou de sua vida.

Ele sentia alguma responsabilidade pela morte do pai dela, e dizia isso para ele mesmo. Ele nunca esperou que o homem fosse um tolo fraco, um débil. E ele não esperava sentir remorsos. Apesar dele gostar de negar, sentia o dever de cuidar do bem-estar de Jessamine. Ele propositadamente queria salvaguardar tanto o nome do pai dela como seus recursos.

E Deus poderia condená-lo para o inferno, se ele não conseguisse.

O que ele não contava era que o homem fosse perder um filho, e então se matasse. Ele só tinha a intenção de dar ao Duque de Westmoor o gosto de como ele próprio tinha sido tratado. O homem tinha se mostrado como um idiota de mente fraca.

Por Deus, por que o diabo devia ele estar se sentindo culpado?

Ele virou a montaria em direção a Westmoor, ignorando os avisos que soavam em sua cabeça. Mas

ele tinha a impressão de que ia se arrepender.

Jessie se admirava em ver que não importava quantas vezes o potro fosse trazido para fora da baía, ele sempre reagia com surpresa e encantamento com o calor do sol sobre sua anca. No instante em que ela largou a rédea, ele se torceu em uma dança de euforia. Então de repente parou, só para dançar novamente sem aviso prévio. Ela riu suavemente com suas travessuras. Não havia nenhuma dúvida de que o animal estava completamente encantado com a vida. Ela apenas desejava estar assim também.

Seu cavaleiro de armadura brilhante estava usando uma armadura um pouco manchada.

Nas proximidades, as águas da represa mordiscavam a grama. Ela olhou para o potro suavemente como se fosse reprová-lo — um gesto inútil, porque ele dispensou sua repreensão suave, e seu relincho só conseguiu atrair a atenção do Sr. Brown.

Sr. Brown, um velho bode, tinha sido um fiel companheiro para muitos potros e éguas e parecia ter crescido particularmente afeiçoado a mais recente adição do estábulo. O animal fiel parecia feliz desde que tivesse grama e folhas. Jessie sorriu. Certa vez ele tinha conseguido engolir uma porção considerável da saia dela antes que ela tivesse percebido que estava atrás dela.

Só agora, a cara do Sr. Brown apareceu entre a ripa da vedação, cabeça inclinada curioso. Enquanto Jessie assistia a cena o bode foi por baixo da cerca para se juntar a seus companheiros. Jessie sentou-se em cima da cerca para assistir o bode e a égua se cheirarem em uma saudação adequada. Depois, como se eles compartilhassem alguns segredos, o potro acenou e o Sr. Brown virou-se para fiscalizar o espirituoso potro com um lamento. Apesar de seu humor melancólico, Jessie encontrou-se sorrindo, porque parecia que eles eram um par de solteironas bisbilhoteiras.

Christian a viu assim que chegou, sentada em cima da cerca, suas costas voltadas para ele.

Ele não se preocupou em desmontar. Ela estava tão encantada com o potro diante dela que parecia não perceber sua presença, mesmo quando ele ficou diretamente atrás dela. Ela riu de repente, um som baixo e musical, propagando calor através de suas veias.

"Bom dia, senhorita"

Ela se voltou, quase caindo da cerca. " *My Lord!* " Ela recuperou sua compostura. "Você me assustou.

Como consegue aparecer assim de repente?"

Christian girou, dando uma piscadela e um sorriso. Se ela lhe pedisse para ir embora, ele não saberia o que fazer. "Minhas desculpas se a incomodei, *cherie*."

"Não se preocupe," ela disse, parecendo quase uma criança. Não havia nenhuma chance, no entanto, que ela pudesse ser confundida com uma criança, porque sua feminilidade estava totalmente visível.

Ela se virou para olhar para o potro, evitando seu olhar. "Eu não lhe esperava", ela disse. "Na verdade, pensei que talvez você tivesse ido embora de Hakewell, uma vez que faz séculos desde a última vez que lhe vi."

Christian estava certo de que ela não sabia o quanto ela o tinha ofendido.

"Eu tinha negócios a tratar," ele mentiu e levou sua montaria para a cerca, e em seguida, foi se sentar ao lado dela, para poder vê-la melhor.

Ela olhou para ele, sobrancelhas arqueadas. Que o Diabo o enforcasse, se ela não possuía os olhos mais bonitos do mundo. Eles eram a sua ruína.

"Você não sentiu a minha falta?" ele sussurrou no ouvido dela.

Por um longo instante ela apenas o olhou e ele viu confusão em seus olhos. Ele tinha feito isso com ela, ele percebeu. Sem nem mesmo tentar, ele já tinha começado a fazer o dano. Quanto mais ele poderia fazer de mal se ficasse?

Ele devia ir embora, ele sabia. Era a coisa certa a fazer, mas ele não podia...

"Eu senti, meu senhor," ela confessou, e ela abaixou os olhos. Ele se amaldiçoou. Ela escondeu a cabeça dela, suas bochechas ruborizadas lindamente, e Christian estendeu a mão para levantar o queixo dela com um dedo.

Seus olhares se encontraram.

Ele acariciou seu queixo com o polegar.

Deus sabia que ele não merecia nenhuma palavra dela, mas ele precisava ouvir, mesmo assim...

"Estou feliz em saber que eu não sou tão facilmente esquecido", ele disse sua voz tão suave quanto uma carícia.

Jessie estremeceu, sua respiração suave como a intensidade do seu olhar. Ela olhou para ele. Os olhos dele pareciam estar olhando para as profundezas da sua alma... Uma sobrancelha subiu ligeiramente, e ele sorriu um sorriso malandro, enquanto levantou a mão dela, colocando-a no peito dele.

"Faça uma gentileza para este meu coração miserável," ele sussurrou. "Diga-me novamente, *cherie*...

que você teve saudades minhas."

O coração de Jessie pulou mais que seu ritmo normal.

Ela rezou para que a sua face ruborizada não a entregasse. Claro, que ela sentiu saudades — tanto que alguma parte dela quase morreu de tristeza com a sua ausência.

Mas ele podia ter mandado alguma palavra — podia ter-lhe dito que ele pretendia retornar, ao invés de deixá-la especular e se preocupar. Ao invés de deixá-la para se defender da presunçosa Eliza e da sua maneira "Eu bem que avisei". O coração dela pareceu tropeçar quando seus lábios sensuais deram um sorriso pouco perverso, e ela sentiu um arrepio da cabeça aos pés. E mesmo assim ela não podia dizer-lhe o que ele queria ouvir.

Ela não o deixaria ver o quanto a sua desatenção a tinha machucado.

O quanto seu retorno significava para ela.

Ela se sentiu tremendamente vulnerável.

Ela forçou um sorriso alegre. "Eu-eu estava vendo o potro."

Ele olhou para o animal por cima do ombro, em seguida, virou-se novamente para olhá-la. Olhando bem em seus olhos ele sussurrou lentamente, "Que criatura perfeita."

"Sim... ele é perfeito," ela concordou.

Sua boca rapidamente mostrou como ele estava divertido com o que ela tinha dito.

"Ele foi um presente do meu pai", explicou.

Seu sorriso ficou gelado. "Isso foi bastante generoso de seu pai, Jessamine, mas eu não estava falando sobre o potro..."

O cabelo dela estava preso na altura da sua nuca num laço amarelo brilhante; alguns dos seus brilhantes cachos tinham encontrado caminho livre e agora caíam em abandono, emoldurando seu rosto adorável. As bochechas macias, pálidas agora estavam coloridas por terem tomado muito sol. Em seu vestido de musselina de açafrão brilhante, ela mesma parecia um raio de sol.

Ele tinha que se lembrar que ela não era mais que uma menina. A cada segundo ele fantasiava sobre revê-la, beijá-la — uma experiência nova para ele, um sonho mesmo estando acordado. Ele pensou que fazia muito tempo que ele tinha se deitado com uma mulher, pois até agora, ele se encontrava impotente para seguir seus instintos mais básicos. Sua doce inocência alimentava sua luxúria; como lenha queimando na lareira, ele se encontrava em chamas, o que o trazia para uma excitação plena e dolorosa.

Ele queria fazê-la sorrir, ele percebeu.

"Jessie", ele disse, "me desculpe se fui negligente nestas últimas semanas... Eu queria vir. Eu juro que eu queria. Eu simplesmente não pude." E era a verdade, nada além da verdade. "Você me perdoa?" Jessie queria acreditar nele, ela realmente queria.

Ele ainda não tinha largado a mão dela, ela percebeu. Ela assentiu com a cabeça. "Sim", ela falou baixinho, e o coração dela se acelerou quando ele baixou o rosto na direção dela. "Sim, eu perdôo..."

Ele sorriu. "Obrigado. Esta é a verdade. Eu pensei em você a cada momento." Ele olhou profundamente nos olhos dela. "Posso te beijar novamente, Jessie?"

O coração dela bateu apressado, e ela gaguejou, "V-você deseja..."

"Te beijar," ele finalizou. "E desejo muito, Jessie."

O som de seu nome em seus lábios deu uma sacudida em seu coração. Se ela tinha algum pensamento de resistência, ele agora tinha sumido. O olhar dele se desviou provocativamente para os lábios dela, e ele veio para frente, sua mão tocou seu rosto enquanto seus lábios iam de encontro aos seus.

"Ansiava por este momento desde que estivemos separados," ele murmurou.

Que Deus a ajudasse...

Por alguns segundos, Jessie deixou de respirar. O choque de seus lábios quando os dele a tocaram a levou deixar seus lábios firmemente fechados. Ele fez um som, parecendo uma risada, parecendo um gemido, como se fosse uma reação absurda de alguma coisa que o estivesse satisfazendo, e então ele embalou seu rosto em suas mãos, bicando primeiro um canto da boca, depois o outro, terminando com um beijo na ponta do nariz dela,

Respire! Jessie ordenou a si mesma. *Respire!*

Mas ela não podia, e depois quando sua boca subiu e desceu mais uma vez, passeando por seu rosto, movendo-se sedutoramente sobre seus lábios trêmulos, se moldando insistentemente com seu próprio lábio, sua incerteza desapareceu. Com uma pressão sutil, mas coerciva, ele persuadiu seus lábios a se separarem, e um fogo líquido se derramou em sua boca. Nunca em sua vida tinha sido beijado tão profundamente. Na verdade, nunca em sua vida tinha sido beijada por alguém... exceto por ele.

"Deus... você é linda", ele sussurrou perto de sua boca.

Jessie estremeceu quando sua língua escorregou corajosamente entre os lábios dela mais uma vez, uma sensação erótica, macia como veludo.

Ela sabia que devia protestar.

Era a coisa certa a fazer.

Ela abriu a boca para falar e ele sussurrou. "Cale-se, Jessie... não me negues isto... somente um beijo e nada mais..."



CAPÍTULO SETE

Que Deus a ajudasse.

Jessie queria isso também.

Um beijo e nada mais.

Jessie estava impotente para fazer qualquer coisa, mas acenou fracamente quando sua língua mergulhou nas profundezas de sua boca. Foi o momento mais doce de sua vida. Ela estava totalmente impotente para tirar o braço dele da sua cintura. Ela podia sentir seu calor mesmo através de seu casaco.

Embaraçada ela percebeu que sua mão estava explorando a amplitude de suas costas... e o pior, é que ela estava tremendo. Envergonhada, ela tentou parar de tremer, pressionando sua mão mais firme contra ele. Ela foi surpreendida por ver que seu coração martelava ferozmente. Era mais do que evidente para ela que Lord Christian tinha beijado muitas mulheres na vida dele, e Jessie tinha medo que ele visse como ela o queria. E ainda... se ela não

estivesse enganada... se ela não estivesse fantasiando... ele estava tremendo, também...

Ou melhor... era o casaco dele que tremia...

Ela tateou para baixo. Para a sua cintura. Seus dedos curiosos se mudaram para baixo e encontraram uma cara morna, uma cara felpuda.

Sr. Brown!

E ela reconheceu o som desleixado do Sr. Brown mastigando o casaco de Lord Christian, e ouviu um puxão repentino. Aconteceu tão rápido. Não querendo derrubar Jessie com ele, ele a largou e caiu voando para trás.

Com olhos incrédulos, Jessie o viu cair a seus pés. Assustado, o bode deu um grito e pulou, um pequeno pedaço do casaco de Lord Christian ainda estava preso na sua boca.

Lord Christian permanecia esparramado diante dela em cima do seu casaco escuro.

Alertado por sua quietude, o Sr. Brown aventurou-se para baixo. Ele recuou quando ela baixou o nariz para olhar indignado para ele.

Jessie não podia ajudá-lo; sua expressão estupefata trouxe um repique de riso para seus lábios. Toda a tensão das últimas semanas foi dissolvida.

" *O que é isso?*"

"Isso!" ela disse sua voz estrangulada com risos. "Isso —" que Deus a ajudasse, mas ela não conseguia parar de rir, sua expressão era tão cômica. "Isso", ela tentou novamente, "é o Sr. Brown!"

"Sr. Brown"? Ele olhou para o malévolos bode, e o Sr. Brown saiu correndo, decididamente inquieto com o olhar que ele deu a ela.

Jessie estava com os olhos marejados de tanto rir, quando em seguida ele falou.

"Um maldito bode!"

"Sim, *My Lord!*"

Jessie conseguiu um aceno sóbrio e estendeu a mão para ele, com solenidade, só para rir mais uma vez.

Para seu crédito, ele conseguiu dar uma risada, "se você não queria me beijar, senhorita, você poderia simplesmente ter dito não." Ele arqueou uma sobrancelha.

"Mas, oh," Jessie riu, reacendendo a alegria dela. "Foi muito mais eficaz desta forma! Você não acha *My Lord?*" Ela começou a rir de novo e Christian arremessou sua mão para pegar o tornozelo dela. Com muito pouco esforço, ele a arrebatou e a abraçou.

Rindo, ela caiu por cima dele. "Meu senhor!" ela gritou escandalizada.

"O quê?" ele perguntou muito inocentemente.

A risada dela terminou abruptamente, quando sua mão deslizou para a cintura dela. Ela não tinha idéia de como ela era tentadora, Christian pensou.

Suportando seu peso com um braço, lentamente ele a trouxe em direção a ele.

Sua respiração era audível, e o peito dela se levantava com o esforço, tentando-o muito além da razão, desconcertando-o para

que ele esquecesse momentaneamente sua determinação em beijá-la.

Muitas vezes ele tinha fantasiado sobre amá-la desta forma...

Ele fechou os olhos, comandando o que restava do seu autocontrole. Tudo o que ele precisava fazer era avançar uma fração. Apenas uma fração...

Mas isso iria assustá-la, ele sabia.

Tanto quanto ele quisesse acreditar que ela sabia de suas necessidades, e que ela as compartilhava —

que ela sabia aonde este carinho e essas carícias o conduziria — ele reconhecia a inocência dela. Ela era ingênua demais até para saber como conter suas paixões recém despertas.

Caramba, mas ele queria isso.

Fechando os olhos na tentativa de se recompor, ele sentiu o cheiro inebriante de lilases — talvez de um sache secreto sob sua roupa de baixo — e ao mesmo tempo ele estava grato por suas calças apertadas esconderem a evidência sobre a qual ela estava tão inocentemente posicionada.

Aparentemente recuperando seus sentidos, ela tentou sair de seu colo, mas sua mão ainda apertava o braço dela. Ele gemeu de prazer e dor e ela congelou, encontrando seu olhar.

Ela tentou novamente se levantar, mas com uma mão firme ele a trouxe de volta, para dar-lhe um beijo em vez disso. Ah, mas Cristo, ele não se continha.

Ele pensou que seria breve, só um beijinho rápido, mas quando seus lábios tocaram os dela, e eles se separaram, ele quase perdeu seu controle. Sua boca era muito quente, e a respiração muito doce. Ele

a beijou avidamente, saboreando o momento como um homem faminto.

Em algum lugar no fundo da sua mente, ele sabia que se ele não a tirasse de perto dele neste instante, que logo ela iria ver que o caroço no qual ela estava empoleirada não era um simples caroço. Pior, ele poderia esquecer completamente seu cavalheirismo e ser tentado a fazer amor com ela aqui, sob o céu.

Ela merecia coisa melhor, ele raciocinou desesperadamente, procurando diligentemente o cavalheiro impostor dentro dele — que parecia tão ansioso para ser tudo o que ela desejava.

Talvez ele tivesse fugido?

Ele esperava, e ainda assim, sentia-se inclinado a procurá-lo mais uma vez.

Eles sem dúvida seriam descobertos antes que os primeiros pingos de chuva caíssem — o que aconteceria a qualquer momento, se o seu olfato estivesse certo. Ele olhou para o céu escuro.

Se não fosse isso, então, o Sr. Brown podia optar por ser uma exceção e prender seu traseiro.

Se não fosse o Sr. Brown... então talvez um dos outros dois ocupantes do recinto. A última coisa que ele desejava eram marcas de dentes em cima do seu rabo... ou pistolas ao amanhecer.

Ou talvez tenha sido precisamente o que ele esperava.

Enfrentar com pistolas... e seu irmão no extremo oposto a ladrar.

Suspirando, ele pegou Jessie pela cintura — e lutou contra a incrível vontade de deslizar as mãos para cima, na carne tentadora, que o tentava.

Que o mundo explodisse, ele iria se arrepender redondamente desta visita hoje à noite, quando ele estivesse deitado sozinho na cama dele.

"Acredito que eu sinto cheiro de chuva", ele disse sua voz soando estrangulada aos seus próprios ouvidos. "Por mais que eu tenha apreciado isso..." Seus olhos brilhavam significativamente. "Temo que eu tenha que ir andando antes que chova senhorita". E então lentamente, apesar de relutante em fazê-lo, ele a levantou, se amaldiçoando pelo o que estava fazendo.

Jessie assentiu com a cabeça, embora ela parecesse não ter ouvido uma palavra do que ele tinha dito.

Christian viu o exato minuto em que ela recuperou seu controle, porque seu rosto ficou cor de rosa. Ele não podia se desculpar, porque ele não estava nem um pouco arrependido do que tinha acontecido entre eles. Ainda assim, ele não queria constrangê-la mais do que ela provavelmente já estava, então ele permaneceu sentado no chão e levantou um joelho para esconder seu estado amoroso de liberdades.

Quando ele não fez nenhum movimento para se levantar, Jessie pareceu esquecer seu desgosto, e olhou para ele. "Oh Deus! O senhor se machucou *My Lord?*"

Balançando a cabeça com sua ingenuidade, ele riu com tristeza.

Cristo, mas ele ia sofrer esta noite.

"Deixe-me ajudá-lo!" ela ofereceu e estendeu a mão em auxílio.

Ele acenou a cabeça, limpou a garganta. "Em um instante, Jessie. Eu só estou um pouquinho... duro no momento." Ele olhou para cima, para ela, olhando para sua expressão e sorriu quando ela claramente não entendeu o significado do que ele tinha dito. "A queda," ele sugeriu.

"Mas você está ferido?" ela perguntou seu tom cheio de preocupação.

Enormemente aliviada que ela não tinha entendido sua brincadeira, ele disse, "Eu garanto, senhorita, que vou viver."

Para sua grande desgraça.

A expressão dela era duvidosa. "Veja". Ele sorriu então, segurando-a pelo queixo e levantando seu rosto para colocar um beijo casto em cima da ponta do seu nariz. Ele se virou para que ela não pudesse ver sua excitação dura como um tijolo.

Ela parecia mais tranquila, mesmo quando se virou para sorrir para ele, e os primeiros pingos de chuva atingiram por completo seu rosto. Ela os enxugou com uma luva e riu suavemente. "Eu acredito que vai chover meu senhor," ela disse com seu humor restaurado. "Eu me curvo a seu nariz infalível." Ela saiu em direção ao portão. "Siga-me!"

Ele não ousaria.

Ele esperou até que ela estivesse fora do portão, correndo em direção ao abrigo de sua casa antes de se preocupar em se mover. Relutantemente, ele escalou a cerca, pegou as rédeas, e montou no seu cavalo.

Ela percebeu que ele não a estava seguindo, e parou abruptamente.

"Não pare!", gritou ele. "Vá para casa, para não pegar chuva!"

Ela ficou, no entanto, com a chuva embebendo-a até os ossos, relutante em deixá-lo, abrigando seu rosto com a mão. Instintivamente ele entendia o porquê, e isso aqueceu o coração dele.

"Vou vir aqui novamente amanhã," ele jurou e então acrescentou "Eu prometo!"

Ela sorriu lindamente.

Virou sua montaria, e lançou um olhar para trás. Ela ainda estava parada olhando, apesar de estar chovendo mais agora. Seu cavalo empinou impacientemente, ansioso para sair da chuva.

Ele avançou sobre ela, de repente e disse impulsivamente, "Encontre-me no riacho... amanhã?"

Sua testa sulcada. "Eu... Eu não sei..."

"Ao meio-dia," ele disse de novo e orou para ela recusá-lo.

Ela assentiu com a cabeça e ele sorriu para ela, dando-lhe uma piscadela.

"Até amanhã, meu amor," ele disse e se virou para sair antes que ela pudesse repensar no que ela tinha concordado.

Antes que sua consciência condenável pudesse interferir novamente. Com todo o seu coração e alma, ele queria Jessie.



CAPÍTULO OITO

Fiel à sua palavra, Christian se materializou perto do riacho precisamente ao meio-dia — com uma cesta de piquenique. Jessie ficou encantada por ele ter tido tempo para se dar ao trabalho de arrumar tudo, e ela se repreendeu por não ter se preocupado com nada.

Mais uma vez eles passaram o tempo conversando, e ela suspirava satisfeita enquanto o ouvia. Ele era tão maravilhoso — e

magnificamente bonito, também.

Esvaindo-se em suor pelo calor do dia, ele tirou seu casaco. Ele agora estava esquecido em cima da grama. Sua camisa branca, com seus perfeitos e imaculados babados e pregas, que ele usava imprudentemente desabotoada no pescoço. Jessie se viu olhando para ele mais do que frequentemente ela o olhava, impotente para afastar sua mente da memória de seu beijo; acendia um calor estranho dentro dela cada vez que ela pensava nisso.

Tirando uma pequena flor amarela, ela o olhou, rezando para que ele não pudesse discernir a maldade de seus pensamentos. Ela enrolava a flor entre a ponta dos dedos, imaginando quanto tempo levaria até ele tentar beijá-la novamente.

Será que ele o faria?

Ela queria que ele a beijasse?

As bochechas dela queimaram quando ela reconheceu a verdade, que era impossível de negar. Ela havia quebrado as regras do decoro, vindo sozinha para este lugar isolado sem uma acompanhante. Por que ela fazia isso, a não ser pela esperança de que ele a beijaria... pelo menos mais uma vez? Ela lançou-lhe outro olhar, e seu coração vibrou descontroladamente.

Que Deus tivesse piedade, mas ela ansiava por isso, como alguém que estivesse com fome ou com

sede ou mesmo com vontade de dormir. Ela estava consumida de desejo por ele. Seu beijo de alguma forma havia despertado algum anseio desconhecido dentro dela, e mesmo quando ela foi dormir na véspera, virando na cama sem conseguir pegar no sono, ele continuava na sua mente. Que Deus a ajudasse, ela havia sonhado com ele a noite toda.

Vendo seu olhar de adoração, Christian sentiu um nó em seu estômago. Ela parecia ver nele apenas o que ela desejava e nada mais.

O que ela pensaria se ela o conhecesse como ele realmente era? Se ela soubesse os pensamentos que queimavam a sua mente, que desejos sórdidos passavam por suas veias?

Cristo, as coisas que ele queria fazer com ela, mesmo agora quando ela olhava para ele, com adoração. Ele não conseguia pensar mais do que pegá-la em seus braços, fazer amor com ela, e iniciar seu belo corpo numa gloriosa feminilidade.

Pela primeira vez em sua vida... havia algo mais do que mera luxúria. E ainda...

Sua mandíbula se virou tensa, pois era apenas uma questão de tempo até que ela descobrisse sua verdadeira natureza.

Ela podia saber sobre ele agora.

Neste momento.

Antes que ele pudesse colocar seu coração à sua mercê. E que Deus o salvasse, se isso nunca viesse a acontecer, porque se ele permitisse... ela poderia esmagá-lo sob seus preciosos pés.

De repente, ele sentiu a necessidade de chocá-la. "O que você acharia Jess, se eu te dissesse que sou bastardo? Você ainda me olharia com tanta reverência?" As palavras tinham saído sem rodeios, seu tom insinuando tudo o que era repugnante sobre sua vida.

Uma visão veio na mente dele e ele se viu como uma camponesa supersticiosa que usaria uma cruz

improvisada para repelir o mal. Se não fosse uma imagem tão patética, ele poderia ter se divertido.

Será que ele estava tão desesperado para salvar a si mesmo da devoção tão evidente em seus belos olhos?

Cristo... mas esses olhos tinham o poder de chegar tão fundo em sua alma... o poder de tocar seu coração. De alguma forma ela o fez querer ser tudo o que ela acreditava que ele era.

Tudo o que ele não era.

E muito mais.

Ele não podia machucá-la, ele percebeu.

Ele não a machucaria.

Ela olhou atingida pela revelação inesperada. "É verdade?" ela perguntou, parecendo horrorizada.

Ele riu ironicamente, e olhou-a de relance. "Sim".

"Como —" ela acenou com a cabeça, recusando-se a acreditar. "Você descobriu uma coisa dessas?"

"E isso importa"?

"Claro que importa!" Suas sobrancelhas se uniram. "Seu irmão pode ter mentido, será que você não vê!"

Christian abanou a cabeça sobriamente, pensando sobre a sabedoria que teve ao contar-lhe. Revelar isto, seu segredo mais sombrio, era como abrir seu coração. Quem além dele mesmo e de sua mãe — ele se recusava a reconhecer o resto de sua família — podia possuir o conhecimento dele ser bastardo, porque isso o deixava vulnerável como ele nunca tinha ficado antes.

"Não, Jess!"

Ela parecia estupefata, e em seguida sem palavras. "O teu pai?"

Ele não sabia o que ela estava pedindo. "Maxwell Haukinge?"

"Não," ela disse suavemente e parecia desconcertada. "Ele sabia?"

Ele assentiu com a cabeça, compreendendo. "Ah, bem, sim... Eu acredito que ele sabia." Algo em sua expressão o levou a continuar. "E meu pai de verdade... Eu acredito que ele deveria ter se enforcado no mastro mais alto, ao invés de difamar o bom nome da minha mãe. Minha querida, você vê, é o homem que me gerou e amava a minha mãe."

Por um longo instante, houve silêncio entre eles. Quando ela falou novamente só havia um tom de preocupação na voz dela, e ele se sentiu aquecido por isso. "Quando você descobriu a verdade?"

Ele respirou profundamente. "Eu era um rapaz. Embora eu não soubesse quem era meu pai até há cerca de um ano." Olhando seu rosto doce, ele se perguntou por que ele tinha se sentido compelido a afastá-la quando ele ansiava mais do que tudo pela doce satisfação que ele suspeitava que ela pudesse lhe dar.

"Por favor", ela suplicou suavemente. "Conte-me sobre isso.

Não havia nenhuma condenação na voz dela, ou ódio em seus olhos. Deus, era tão bom se abrir para ela. Uma estranha calma o abraçou e pela primeira vez em sua vida, ele sentiu que podia confiar, realmente confiar, num ser humano.

Ele pegou uma uva do prato diante deles, e a estendeu para ela. A uva caiu no meio do caminho entre eles, e ele a pegou novamente. "Não havia muito que contar... não havia muito a falar." Ele estava se lembrando. "Eu simplesmente olhei nos olhos dele e soube que era verdade."

Ele balançou a cabeça e estendeu a mão para arrancar outra uva, colocando-a dentro de sua boca.

Arrancou outra, e deu para Jessie. Ela aceitou com um sorriso triste, pedindo-lhe, com seu silêncio e seu olhar verde persuasivo, para continuar. Os olhos dela... Deus... como eles pareciam chegar dentro da alma dele e tirar suas palavras, não importando se elas nunca tinham sido faladas até agora.

Desconfortável com o exame que ela fazia dele, ele se deitou sobre o cobertor, colocando as mãos atrás da cabeça, olhando para as copas das árvores, e continuou, "Foi a coisa mais estranha," ele disse,

"mas pelo espaço de um instante, todos os anos foram revelados... e foi como se eu estivesse olhando para um espelho com o meu próprio reflexo, olhos azuis e tudo. Eu simplesmente sabia."

Olhando para além da vegetação exuberante, Christian esperou que ela falasse — dissesse algo, qualquer coisa — palavras que lhe dariam alguma pequena dica de como ela se sentia sobre sua divulgação chocante. Quando ela não disse nada, ele rolou para enfrentá-la. Sustentando a cabeça na sua mão, ele olhou nos olhos dela, na esperança de ver o que se passava em seu coração. O que ele viu na profundidade de seus olhos cintilantes lhe deu mais razão para se sentir em paz. Mais uma vez ele se sentiu compelido a continuar; parecia que ela sozinha tinha a capacidade de absolvê-lo com seu olhar de amor e adoração.

"Meu irmão tem olhos cinzentos," ele disse suavemente, "assim como nosso pai. Minha mãe tem olhos castanhos lindos, tão profundos e escuros, parecem quase insondáveis. E eu, bem, eu sou o único da ninhada com olhos da cor azul — e Deus... neste momento, Jessie... olhando na cara de Jean Paul... para os olhos dele... então muitas coisas finalmente se tornaram compreensíveis."

"Que tipo de coisas?" Tomando uma uva para si mesma, ela ofereceu outra para Christian. Ele retribuiu o gesto com um sorriso torto.

"Para um..." Ele pegou, mas colocou-a contra os lábios dela e sorriu quando ela aceitou tão rapidamente. Esta facilidade entre eles fazia ele se sentir muito bem — melhor do que há muito tempo ele não se sentia. "Jean Paul se auto intitulava guardião — meu e de minha mãe — quando fomos para a residência dos meus avôs na França — um fato que sempre me confundiu, é que este homem, tão apaixonado por mar, se ligasse a uma mulher e a uma criança que não fosse dele próprio. Não faria nenhum sentido."

"Você acha que, talvez, ele então tenha feito isso para que ele não se sentisse culpado pela situação..."

da sua mãe? Ela deixou a Inglaterra, eu sei. Só nunca soube exatamente por que."

"Na verdade, ela foi banida pelo meu pai — nós dois fomos." Ele olhou desconfortável para as emoções que surgiam neste momento. "Ela estava contente por ir embora, eu acho. Sempre acreditei que ela estava apaixonada por Jean Paul, embora ela mascarasse esse sentimento por minha causa."

Seu olhar voltou-se para ela, tentando entender sua expressão. Nada. Ele não podia discernir nada.

"Para os pais dela, também, é claro; Ela teria poupado-lhes qualquer sofrimento."

Ele pegou outra uva, espremendo-a suavemente, antecipando a reação dela; aversão, repulsa, talvez.

Ele estava despreparado para a sua simpatia. "Como é triste. Eu sinto por você," ela sussurrou.

O estouro da uva, jorrando seu suco em todos os lugares. Ela chorou baixinho, estremecendo seu rosto. Enxugando uma gota do seu lábio com o dedo, ela sorriu para ele. Christian jogou a uva por cima do ombro. Simpatia não era precisamente a emoção que ele tinha procurado dela.

"Não sinta. Eu fiquei sem palavras quando descobri, mas não tenho nenhuma tristeza na minha alma.

Saudei o conhecimento de Jean Paul como meu pai incondicionalmente, na verdade abracei este conhecimento."

"Verdadeiramente"?

Seus olhares se encontraram; o azul do céu com o verde da cura.

O olhar de Jessie estava compassivo, seus olhos tão luminosos com preocupação, que Christian teve uma repentina vontade de beijá-la e afastar sua aflição. Em vez disso, anos de desconfiança o levaram a dizer, "jure-me, Jessamine, que você nunca irá repetir uma palavra do que eu revelei a você. Só quero que você entenda que eu não sou o homem exemplar que você acha." Ele levantou seu queixo delicado com um dedo. "Cada vez que você olha para mim, *belle de ma vie*, vejo... vejo reverência. Confie em mim quando digo que sou a última alma nesta terra que merece."

"Não! Nunca diga isso! Você é —"

Ele levantou um dedo até os lábios dela. "Cala-te, meu amor," ele ordenou.

Ele desconsiderou um cacho rebelde do rosto dela. Seus dedos acariciaram sua bochecha, movendo-

se para a seda que era seu cabelo, deslizando através dele com reverência e liberando-o.

Sem aviso, ele a puxou e a trouxe para perto dele, fixando-a abaixo dele em um movimento fácil. Ela não protestou.

Não havia nenhum medo em seus olhos adoráveis, nenhum, e um alívio subiu através dele. Que Deus o ajudasse, pois ele duvidava que pudesse conter-se muito mais tempo. E neste momento, ele queria mais do que meramente acalmar o seu espírito atribulado. Ele precisava apaziguar a fome bestial do seu corpo. E na presença dela tornava-se insuportável. Que tipo de pressão que ela possuía para fazê-lo se submeter a tal tortura monstruosa? Porque ele se sentia motivado a protegê-la de si mesmo? Ele a queria tanto que chegava a doer, e mesmo assim ele tentava se conter.

Jessie sabia que devia se opor — na verdade, sabia que ela devia se opor! Mas Deus, como ela queria beijá-lo novamente!

A alma dela doía por isso.

Sua boca ansiava para ter a boca dele na sua.

Ela sentiria o mesmo gosto que tinha sentido ontem? Uma mistura inebriante de brandy e almíscar masculino que ela tinha saboreado na véspera e tinha sonhado desde então? Até mesmo o corpo dela parecia gritar que queria ele agora.

Não, ela não iria impedi-lo... ela desejava muito isto — ela precisava disso. Ela engolia suas palavras de protesto, deixando-o mover-se em cima dela e suspirou...

Quão arbitrária que ela era para lhe permitir tais liberdades.

Sem serem convidadas, as palavras de Eliza invadiram seus pensamentos. Faça o que quiser... diga o que você achar que deve. Encante-o e o traga para seu coração. Mas eu te aviso... mantenha intacta a sua virtude.

Quando seus lábios a tocaram, ela começou a tremer. Uma única lágrima escapou despercebida, e ele não viu. Não importava, ela não queria que ele parasse — ela pensou que iria morrer se ele parasse. Ela agarrou-se a ele como se sua vida dependesse disso. E ela achou que dependia.

Sentindo ela estremecer, ele sussurrou suavemente, "não tenha medo, *mon amour*."

Ele parou, observando-a e jurou, "Não pegarei nada que você não queira me dar livremente."

Mas, meu Deus, era exatamente o que ela temia. Neste momento, tudo o que ela possuía era dele e ele podia tomar — tudo! Ela queria dar-lhe tudo o que ela possuía.

"Abra os olhos para mim, *mon amour*."

Ela obedeceu, abrindo seus olhos cintilantes.

A fome evidente no olhar dele fez o coração dela voar para fora de sua garganta.

"Meu Deus. ele sussurrou suavemente, apaixonadamente. "Você é... tão linda... você é muito linda, Jessie."

A mão dele deslizou firmemente até a cintura dela e, em seguida, até a anca, explorando seu corpo...

Lembrando-se de como ela estava no riacho na primeira vez que ele a viu, com os pés descalços e olhos arregalado, Christian endureceu totalmente.

Uma visão de seus tornozelos magros e de suas bem torneadas coxas fez com que um arrepio percorresse o corpo dele, e mais uma vez ele se inclinou para beijar os lábios dela, ao mesmo tempo, reuniu a bainha do seu vestido, até expor suas pernas bonitas para o

quente e abafado sol. Mais uma vez ela estava sem suas anáguas, e ele sussurrou uma prece de agradecimento — ignóbil como poderia ser —

que ela parecia evitar um vestígio do decoro. Ela queria isso também, ele disse para si mesmo — e Cristo! Ele pensou que ia morrer sem ela.

Ele pensou porque ela não tinha parado de beijá-lo. Embora ele raramente orasse, ele estava orando agora, fervorosamente. Se ela dissesse não... se ela dissesse... qualquer parte dele se sentiria honrado em parar — e por Deus, ele não seria capaz de suportar. Seus lábios eram feitos de seda macia, muito macia, maleável, quente... Ele a beijava fervorosamente, gemendo de alívio quando ela esqueceu suas saias elevadas, e suas mãos se mudaram para as costas dele. Ele sorriu com satisfação quando os dedos dela passearam apaixonadamente em sua carne. Ele lutou contra o impulso de despi-la rapidamente e violentá-

la. Deus, ele não podia suportar esta tortura enlouquecedora muito mais tempo. Ele não era nenhum cavaleiro, meu Deus, não era Santo, apenas um homem — e não era um maldito homem honrado!

Deslizando suas saias elevadas, ele foi para cima, gemendo quando pressionou seu corpo para a caverna doce, quente entre as coxas dela. Ela se levantou contra ele, timidamente, insegura de si mesma ou era simplesmente uma reação intuitiva dela ao seu convite, e ele sentiu-se inchar contra ela. Era todo o incentivo que ele precisava.

Ela pode não ter entendido a pergunta provocativa, mas o corpo dela certamente tinha entendido. Ela queria isso tanto quanto ele... e ele não estava brincando? Ele adoraria ajudar. A língua dele se arrastou para a boca dela, movendo-se como ele desejava fazer em outras regiões. Ela tinha o sabor de uvas...

cheirava a flores e a mulher... um perfume tão fresco, tão puro. O corpo dela tremia sob seus pés, e calor subia através de seus

quadris. Empurrando para o lado a voz da razão, ele libertou o demônio dentro dele.

Ela era doce... tão doce... muito doce...

Em algum lugar no fundo de seus pensamentos, Jessie ouviu uma voz que a mandava parar, mas ela

não queria prestar atenção. Ela estava perdida, seu corpo não era mais seu para que ela pudesse comandá-lo. Sua respiração estava estrangulada quando Christian se jogou sedutoramente contra ela.

Instintivamente ela se moveu, sentindo a dureza entre eles, e sem realmente entender o prazer que seu corpo sentia em procurá-lo.

Um calor fluiu para o núcleo mais secreto do seu ser. Cada vez que ela ia para trás, a pressão se aprofundava, até que ela não conseguia pensar em mais nada a não ser apaziguar a fome que o corpo dela sentia. Seus corpos completamente vestidos se contorciam juntos sobre o cobertor, depois para fora do cobertor, e eles rolaram sobre a grama verde perfumada.

Aconteceu tão rápido. De alguma forma, ela estava em cima dele, e ele acariciava a parte de trás de suas coxas por baixo do vestido dela. O coração dela batia mais forte, quando os dedos dele deslizaram para suas costas pressionando-a mais firmemente contra ele. Uma sensação deliciosa, como uma explosão através dela, fez sua respiração parar. Quando ela enterrou seu rosto no pescoço de Christian, seus lábios se moveram por vontade própria. Ele gemeu, como se estivesse com dor, e isso a assustou e ela então congelou.

"Não," ele disse, respirando pesadamente. "Não pare agora..." Ele pressionou o rosto dela contra o seu. Gemendo baixinho, Jessie colocou seus lábios contra sua pele aquecida, provando-o.

"Deus... sim..."

Ela mordiscou-lhe como ele tinha feito, e isso deixou Christian louco de tesão.

Seu corpo tremia, ele pegou a mão dela, segurando-a firmemente. Seus sentidos esmaecidos pelo inferno que era a sua virilha, ele deslizou os dedos entre seus corpos onde ele mais ansiava por seu toque magnífico, pressionando a palma da mão dela, tão delicada, contra sua carne agonizante.

Ele precisava dela agora — Deus, ele tinha de tê-la!

Ele estava além da razão.

Muito tempo ele tinha negado o que ele queria.

Ela era muito doce... muito tentadora...

Choramingando, Jessie engoliu em seco. Ela sabia que tinha um desejo irresistível de conclusão —

mas conclusão de quê? Ela confiava em Christian.

Ele a queria da maneira que um homem quer uma mulher. Ele não faria nada para prejudicá-la; ela sabia no fundo do seu coração. E ele estava dando prazer a ela, como ela nunca tinha imaginado ser possível.

Seus lábios procuravam sua carne, beijando-a. Quando ele se mudou para baixo, mordiscando o peito dela através do corpete, ela sentiu um choque de puro êxtase. Tudo o que ele quisesse fazer com ela, ela alegremente permitiria...

Qualquer coisa.

"Deixe-me amar você, Jessie..."

O apelo ecoou no coração de Jessie. Sim, ela o adorava. Ele era seu Salvador, seu protetor. Qualquer coisa que ele quisesse dela, ela

daria de bom grado — com prazer, loucamente... Ela estava descuidada com a necessidade... para tudo o que o seu toque prometia.

Sua mão encontrou aquele lugar entre as coxas dela, e ele acariciou-a carinhosamente. Jessie não conseguia pensar em nada, a não ser nas sensações que ele colocava dentro dela quando seu dedo escorregou ousadamente dentro dela e, em seguida, parou abruptamente.



CAPÍTULO NOVE

Foi a única coisa que poderia tê-lo impedido.

Christian congelou, amaldiçoando-se redondamente.

Ele sabia que estava lá, mas tinha descaradamente ignorado sua consciência imbecil, que agora gritava dentro dele, como uma besta lutando contra o vento.

Ela abriu os olhos, silenciosamente, questionando sua hesitação, e o barulho

se intensificou quando ela olhou para ele, ansiosamente.

Cristo, ele não podia fazer isso com ela.

Ela confiava nele, o respeitava, via apenas o bom, o que era honrado nele... e ele... ele não podia falhar com ela.

Suor deslizou por sua testa quando ele freou sua cobiça — uma proeza quase impossível, porque ele tinha quase chegado ao limite.

Ainda assim, ele parou, mentalmente se xingando por causa de seus projetos lascivos.

Maldição... ele pediu para ela se encontrar com ele aqui hoje para este propósito... e ela tinha vindo por vontade própria.

E ela era inocente, e ela deveria pagar se ele aceitasse o que ela tinha para lhe dar.

Ela precisava dele — ele podia ver a paixão em seus olhos verdes luminosos.

Ele apertou a mandíbula, resolvido.

Ela precisava do que ele poderia dar a ela. Não, ela precisava entregar-lhe.

Ele acariciou seu corpo, suavemente, mas insistentemente e sentiu-a lhe responder com abandono.

Seu rosto com uma expressão erótica que ele nunca tinha visto antes, seus olhos fechados, sua mandíbula cerrada.

"Eu-eu te amo!" ela engasgou.

A inesperada declaração foi como um golpe físico profundo. Um grande prazer doeu através de seu corpo e ele ainda queria que ela dissesse novamente e novamente... e novamente.

Trabalhando febrilmente para trazer a declaração aos lábios dela mais uma vez, ele continuou lhe dando prazer, jurando para si mesmo se anular, e sofrer ao assistir o rubor rosado de êxtase sexual nas bochechas dela. O lábio inferior firmemente preso entre seus dentes e ela concentrada tão atentamente sobre o prazer que ela estava sentindo. Inclinado para frente, ele lambeu a gotícula salgada que rolava pela sua face.

Ele não se conteve; beijou os olhos dela, em seguida, o nariz, a boca... ele queria se perder nela.

Mais uma vez sua consciência gritou para ele.

Ela confiou nele para mantê-la segura — segura de sua luxúria. Ele iria se odiar se ele roubasse sua virgindade, sua virtude. Ele se desprezaria se além de tudo ele a machucasse. Seu dedo escorregou dentro de seu corpo uma vez mais, como se para ter certeza, mas uma barreira tênue permanecia ameaçando-o.

Ele fez uma careta, tremendo.

Maldição, mas ele não podia fazer isso... Ainda assim, não podia deixá-la querendo mais. Lutando com as necessidades de seu próprio corpo, ele fez de tudo para lhe dar prazer, tendo cuidado para não danificar sua virgindade no processo.

"Oh, meu Deus!" ela chorou, sem saber o que sentia, e então seu corpo estremeceu.

Christian admirou as emoções que apareciam no rosto dela e se sentiu estranhamente triunfante naquele instante.

Jessie ficou imóvel por algum tempo, enquanto seus olhos se fecharam firmemente contra o brilho do dia.

Uma mão saiu de suas saias — era Christian, ela aceitou mortificada.

Ela tentou desesperadamente entender o que tinha acontecido entre eles, mas a vergonha caiu sobre ela, aquecendo cada polegada de seu corpo.

Algo estava errado.

Ela sentia.

Ela mal podia suportar abrir os olhos e enfrentá-lo agora. O que ele estaria pensando dela? Será que ela estava contaminada? Ou seu corpo tinha sido profanado?

Se agora ela estava desonrada, o que ela podia fazer? Ela nunca pensaria em jogar a culpa em cima de Christian, pois ela silenciosamente o tinha convidado — não, tinha suplicado para ele — para ele pegar tudo o que ele quisesse.

Querido Deus, ele iria embora da sua vida agora que ele tinha tomado a única coisa de valor que ela tinha para oferecer?

Eliza tinha dito que ele iria.

Ela se sentiu doente cheia de pavor. Confusão.

"Jess"?

Os olhos dela se abriram para encontrar os dele. Ele a olhava estranhamente. Era pena o que ela via no seu olhar? Nojo?

A voz dela falhou.

Ela engasgou com suas emoções. Será que ela realmente desejava saber o que ele estava pensando?

Sua expressão era tão peculiar. Por que ele tinha entrado em sua vida? Ela se perguntava. Antes que ela conseguisse parar de pensar, ela perguntou-lhe, "por que veio, *My Lord*?"

Por um instante, Christian ficou surpreendido pela pergunta inocente.

O olhar nos olhos dela lhe dizia que ela não tinha nenhuma idéia do que ela estava perguntando.

"Eu quero dizer... Eu sei que meu pai —"

"Eu, não gostaria de falar sobre o seu pai," ele disse. Sua mandíbula tremia e então ele disse, suavizando suas palavras, "se você não se importa... agora não."

"C-claro," ela sussurrou e fechou os olhos.

Vendo sua expressão angustiada, a forma como ela virou seu rosto, Christian sentiu seu estomago se torcer.

Depois de um momento, ela abriu seus olhos, e se virou para ele. Ele queria tanto limpar os cantos dos olhos dela com o polegar — antes que qualquer arrependimento aparecesse. Ele não poderia suportar se ela chorasse. Se era possível, os olhos dela tornavam-se mais verde, mais brilhantes, lavados pelas lágrimas.

Ele engoliu o caroço que tinha se formado na sua garganta. "Vim", ele começou a falar, odiando-se por ser tão insensível com os sentimentos dela.

Ela esperou ansiosamente, o queixo levantado, com esperança nos olhos enquanto aguardava sua resposta.

Ah, Cristo... tudo o que ele queria fazer era beijar seus lindos olhos, mais uma vez, para que ela pudesse entender as emoções que brigavam tão violentamente dentro dele, para sentir a onda de seda de seus cílios contra seus lábios, para conseguir afastar seus problemas de uma vez por todas. Ela não merecia o sofrimento que a esperava... a dor de cabeça que ele tinha a certeza que ele iria lhe dar.

Maldito seja seu irmão por ser um idiota insensível.

Ela precisava de alguém para protegê-la.

A pergunta era... ele poderia ser esse homem, quando ele era a principal pessoa a quem ela deveria temer?

"Eu vim —" ele viu sua expressão assustada. Ela estava tão imóvel que ele suspeitava que ela tivesse deixado de respirar.

Raios do inferno, as palavras tranquilizadoras não vinham, não importava que ele quisesse desesperadamente dizê-las.

Qualquer coisa que ele dissesse agora era desnecessária. Ele estava pronto para levá-la ao longo de seu caminho de vida, quando sua vida era tão incerta?

"Não tenho certeza," ele disse finalmente, balançando a cabeça, rangendo os dentes por causa da mentira. Seus ombros caíram e os olhos dela nadavam em lágrimas, quando ele disse novamente, suavemente, "Não sei Jessamine."

Maldição se ele não sabia.

Bebendo o último gole de seu conhaque, Christian serviu-se de mais uma dose, esvaziando a segunda jarra. Descontente com ele próprio, ele pousou o cálice e levantou o recipiente, olhando para baixo em suas profundezas cristalinas como se de alguma forma ele pudesse encontrar algumas respostas.

O que o diabo ele devia dizer para ela? Eu vim, Jess, meu amor, porque seu irmão filho da puta me ofereceu uma quantia para quebrar seu maldito coração?

Ele não se importava — ele não se importava em contar a verdade — mas a verdade era que ele tinha perdido seu coração. Pelo sangue de Cristo, ele devia se casar com ela e acabar com esta tortura de uma vez por todas.

Casar com ela.

O pensamento não era completamente desinteressante.

Emocionado, ele resistiu ao impulso de olhar por cima do ombro para certificar-se de que não havia um anjo, ou um demônio, empoleirado, sussurrando sugestões nobres em sua orelha. Não

havia nada de nobre sobre ele, e ele estaria fazendo um desfavor, levá-la para sua vida... seu mundo... seus segredos nojentos...

Segredos que poderiam destruí-lo.

Segredos que poderiam dizimá-la.

O fogo enchia o quarto com uma luz sinistra, aquecendo tudo o que tocava em tons de vermelho alaranjado profundo. Franzindo os olhos contra as sombras, ele se recostou na cadeira elaboradamente esculpida. Ele tinha aberto as cortinas para deixar a luz da tarde entrar, mas o sol já tinha se recolhido há algum tempo e a névoa da noite lançava um véu opaco sobre a meia-lua crescente.

Seu olhar se deslocou para as vastas prateleiras de livros que ocupavam a parede perto da janela.

Isto deveria ter sido o seu estúdio. *Dele* e não de Philip. Tudo poderia ter sido diferente, se apenas o irmão dele não tivesse roubado seus direitos de primogenitura. Sim, então ele poderia ter se casado...

ótimo... com a filha do filho da puta, sem a necessidade de ficar atormentado como estava.

Droga.

Recuperando seu cálice, ele rodou o âmbar líquido que estava dentro, pensando em sua vida, como ela poderia ter sido; a raiva que poderia não existir, o ódio que ele poderia não ter sentido...

Ele imaginou vindo para casa para sua doce Jessie, imaginando ela o esperando, lindamente escondida entre os lençóis — seus lençóis. Ele imaginou amando-a uma primeira vez, uma segunda vez, e várias outras vezes. Seu desejo se reacendeu facilmente; um ardente calor se atirou em suas veias.

Cristo, as maneiras que ele a teria...

O que ela iria querer saber sobre o que tinha passado antes? O que poderia ter sido? Ela ainda poderia ser dele... se ele pudesse parar de pensar tempo suficiente para pedir a mão dela em casamento.

E ela precisava dele.

St. John a desejava por uma razão e uma razão apenas... porque Christian tinha sido negado a ela.

Não importava muito que ela fosse linda. E mesmo se Christian não tivesse razão... todos sabiam a forma como St. John tratava suas mulheres. Filho da puta que ele era. Christian sentiu uma incrível violência se agitar dentro dele, imaginando as mãos de St. John em cima dela.

Se ele a machucasse...

Ele não poderia viver com isso.

Mas e se o tolo do irmão de Jessie dissesse não para ele?

Mais uma vez.

Seus olhos, pensativamente, se fecharam porque ele teria que simplesmente fazer com que Westmoor não o recusasse.

E o que você vai fazer se ele disser não? Uma voz dentro dele falou. Apertando sua mandíbula, ele gemeu, como se para negar a presença irritante de sua consciência.

Ele era o que ele era.

E se Jessie não desejasse desposá-lo... bem, então... que assim fosse.

Bebeu a última gota de licor, e balançou cabeça, para afastar os efeitos da bebida.

"Acorda," exigiu uma frenética Hildie. "Acorda!"

Jessie levantou as cobertas sobre a cabeça dela, protegendo-se do escrutínio da empregada, gemendo.

"Vá embora. Estou doente!"

E era verdade, pois ela tinha passado muitas horas se preocupando sobre seu terrível comportamento com Christian. Ela tinha praticamente se atirado em seus braços. Ontem ela tinha assegurado a sua própria ruína, e agora ela estava arruinada.

"Doente?" a empregada disse, soando preocupada.

"Por favor, por favor, vá embora!"

Jessie parecia chorar. Deus sabia que ela nunca mais iria querer mostrar o rosto dela novamente!

A empregada suspirou com pesar. "Gostaria amoreco, se eu pudesse, mas você tem um convidado lá embaixo e precisa estar presente. Amos disse para te buscar, quer você queira ou não."

Não, Jessie pensou.

Não, não, não — que não seja o Christian!

Ela não poderia enfrentá-lo, ainda — não queria enfrentá-lo — especialmente com Amos por perto

para escrutiná-los!

Um turbilhão de emoções varreu todo o seu corpo. Ela se sentou com relutância, segurando o cobertor até os seios. Vergonha desceu sobre ela como uma tempestade e ela preocupada que Hildie

pudesse notar que ela estava diferente. Certamente, estaria estampado em seus olhos. No rosto dela? Ela se sentiu como se sua perda de inocência tivesse de alguma forma a mudado fisicamente.

Ela se sentia diferente.

"Lord Christian?"

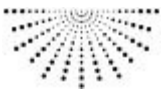
Hildie abanou a cabeça com pesar. "Não, Milady. Não é o senhor Christian. Vamos, agora, vá se vestir."

Suas sobrancelhas se uniram. "Quem, então?"

Desde a morte de seu pai, poucos tinham vindo a Westmoor. Até mesmo seus conhecidos tinham deixado de visitá-los depois de ouvir os rumores feios da morte de seu pai, sem se importar se eles eram ou não infundados.

Hildie murmurou algo sob sua respiração, e apesar de Jessie não ter ouvido nem uma palavra da empregada, sua triste expressão fez Jessie se encher de suspeitas. "Quem veio nos visitar, Hildie?"

A empregada olhou ansiosamente para ela. "Lord St John, Milady... desde Charlestown."



CAPÍTULO DEZ

A boca de Christian estava ressecada. A cabeça doía — efeitos da bebida, sem dúvida, embora talvez em parte fosse também o resultado da decisão que ele tinha chegado ontem à noite.

Por Deus, mas ele estava feliz pela ajuda de Quincy esta manhã, ele pensou, quando observou a luta entre o homem e a sua bota.

Quincy tinha vindo para ele junto com Rose Park — uma propriedade gasta, decadente, dilapidada e um velho decrépito. Um par e tanto. Christian sentiu certo apego ao velho, assim como sentiu com Rose Park. Sabendo que ninguém mais iria contratá-lo por causa de sua idade avançada, Christian o manteve.

Parecia que a velhice tinha feito de Quincy uma relíquia indesejada para ser descartada como inútil, e Christian sentiu certa empatia por sua situação.

Ele estremeceu, quando a bota finalmente saiu do pé dele, com mais força do que era credível para o velho. E então suas sobrancelhas se colidiram quando Quincy de repente deu uma cheirada ofensiva. Ele assistiu incrédulo como o velho levantou o lábio superior, pulverizando saliva com todos os dentes. A aspersão repulsiva caiu em cima da bota direita de Christian.

Christian reconsiderou sobre o emprego imediatamente. "Por Deus, homem! Que diabo você está fazendo!"

"Lustrando os sapatos, meu senhor."

Usando sua luva desbotada, Quincy colocou a saliva na ponta da bota de Christian.

Christian gemeu.

"Não tem nada melhor do que saliva para limpar o couro de um homem."

Christian grunhiu em resposta, demasiado distraído por outros assuntos para protestar. "Se no futuro, você fizer isso," acrescentou, "faça-o quando eu não estiver prestes a testemunhar isso."

Quincy deu uma gargalhada, e Christian fez uma careta, pressionando a mão na testa que continuava a martelar. E passou os

dedos pelo cabelo, como se quisesse tirar todos os malditos demônios — talvez ele pudesse ficar um pouco menos atormentado!

"Nós vamos para Westmoor esta manhã, meu senhor?"

Christian olhou para o velho com uma sobrancelha arqueada. "Sim", ele disse.

"Para ver a senhorita?"

Pelo sangue de Deus, mas o velho era audacioso. Ele franziu a testa quando Quincy grunhiu conscientemente.

"Isso é bastante polimento para uma bota," anunciou Christian.

Quincy olhou acima de sua obra, acenando com prazer. "Com certeza, senhor," ele disse, após deliberar por um momento e então parou com o polimento para recuperar a bota que ainda estava deitada sobre o chão de madeira. Ele ficou de joelhos, estendendo-a para Christian, para que ele a calçasse.

Christian grunhiu, empurrou o velho, mas a bota provou ser mais teimosa do que ele, e Quincy fez mais força desta vez. Pego inesperadamente, Christian foi empurrado para trás sobre a cama. Num piscar de olhos, Quincy pulou em cima do colchão e ficou acima dele. Por um longo instante, Christian pode apenas olhar, sua expressão em descrença. E depois voltou a seus sentidos. "Já chega. Sai de cima de mim!"

Então, foi mais vigoroso quando Quincy não fez nenhum movimento para obedecer, "que diabo, sai da minha cama! Eu vou colocar a maldita bota em mim mesmo," Ele reclamou.

Quincy ainda o ignorando, empurrou com mais força, e a bota o recompensou ficando no lugar que deveria. Com isto feito, ele levantou uma manga e cuspiu em cima dela.

Christian rolou da cama, ficando de pé. "Caramba!". "Afastem de mim o canalha viciado em saliva!"

"Mas, meu senhor!" Quincy se opôs. "O senhor não pode ir com uma bota brilhante como um policial e a outra cheia de pó do sótão da vovó — especialmente não hoje." objetou. "O que a menina vai dizer?"

Christian olhou para ele. E, em seguida, abanou a cabeça com incredulidade, e deslizou na cadeira mais próxima. Na verdade, o que ela diria? Se, Jessie não concordasse...

Cristo, ele odiava a idéia de se fazer de tolo de si mesmo sobre a decisão de uma menina.

Quincy olhou ansiosamente, e ele suspirou cansado. "Limpe a bota", ele disse. "Mas faça-o rapidamente."

Sorrindo, Quincy imediatamente caiu de joelhos, cheirou e cuspiu e voltou a tarefa de polir com determinação a bota. "Você não vai se arrepender, meu senhor!"

Lord St John era um careca, chato, cheio de amor próprio, com mais cabelo do que sagacidade —

embora ele não tivesse muito de ambas as coisas!

Jessie pensou que se ela ouvisse mais uma vez sobre como influente ele era, ela ia arrancar seus cabelos restantes.

Que aborrecimento!

E este era o homem que seu irmão queria que ela passasse toda a sua vida? Ela estremeceu com esse pensamento.

"Realmente," ele estava dizendo. "Você vai adorar Charlestown, minha querida — parece Londres."

Ela lhe deu um sorriso significativo e passou suas mãos sobre sua saia.

Jessie começou a fazer galhofa. "Verdadeiramente, meu senhor?" Ela se engasgou com o desprezo de sua voz. Ela odiava Londres! E ela detestava o homem sentado ao lado dela, muito mais do que Londres!

O som de sua voz a fez tremer. Ela abraçou-se protetoramente, esperando que ele não notasse seu desgosto.

"Oh sim, realmente," ele falou, sorrindo com prazer sobre seu interesse fingido. "Alguns gostam de se referir a ela como Londontown. A cidade foi nomeada em homenagem ao velho rei Charles!"

Jessie se virou ligeiramente, revirando os olhos. "Sim, meu senhor, assim eu ouvi. Na verdade, creio que ouvi de você, recentemente," acrescentou, dando-lhe um belo sorriso. Ela resistiu à tentação de perguntar-lhe se ele andava meio confuso. Ele deveria estar, pois tinha passado apenas um quarto de hora desde que ele tinha falado a mesma coisa para ela. Ela olhou ansiosamente para a porta. O que seu irmão estava fazendo? Por que ele não tinha voltado ainda? Ele os tinha abandonado há muito tempo. E onde estava Eliza? Certamente ela se fez visível suficiente para Christian.

Lord St John deu-lhe um olhar interrogativo, como se para ver se ela estava zombando dele ou não.

Ele aparentemente resolveu que não, e continuou a falar e a divagar incessantemente.

Uma tosse discreta fez com que Jessie olhasse para a porta. "Griffin"! Ela se levantou do sofá, grata pela interrupção do mordomo e foi até onde ele estava inclinando-se para frente para falar no ouvido dele. "Onde está meu irmão?"

"Er, senhora," ele disse, não verdadeiramente respondendo sua pergunta.

"Ele me pediu para lhe dizer para ficar no salão, e para lhe assegurar que ele vai voltar sem demora."

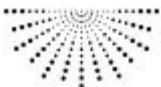
Virando-se para St. John, ele anunciou, "sua senhoria espera pelo senhor na biblioteca, se você for tão amável de me seguir, meu senhor." Gesticulou com uma mão, esperando que St John o seguisse.

"Sim, claro," St John respondeu. Virou-se para Jessie com um sorriso assustador. "Vou voltar em um instante, minha querida. Não te aflijas por isso."

Jessie se encolheu enquanto assistia ele sair da sala e sentiu de repente um terrível pressentimento.

O que tinha feito Amos ficar tanto tempo na biblioteca quando ele sabia muito bem que não era adequado para ela ficar no salão com um homem que ela mal conhecia? O que a reputação dela poderia sofrer por causa disso? Verdade, ela conseguiu ficar sozinha com Christian, mas nunca com a aprovação de Amos. Amos tinha tido conhecimento da presença de Christian e tinha mandado Hildie ficar por perto para manter um olhar atento sobre eles.

Algo estava errado... e que tudo se danasse se ela não tinha a intenção de descobrir exatamente o que era. Ela esperou até ter certeza de que o caminho estava livre e depois seguiu para a biblioteca atrás deles.



CAPÍTULO ONZE

"Inferno!"

Pela última hora, Christian tentou em vão convencer a Westmoor da sua intenção de se casar com sua irmã, mas o filho da puta parecia não querer ouvir suas palavras.

"Dane-se! Não quero seu dinheiro de sangue, nem agora, nem nunca!"

"Fiquei com a impressão, que chegaríamos a um acordo sobre a minha querida irmã."

"Acordo, mas que inferno! Você falou, eu ouvi, e você achou que meu silêncio fosse uma aliança!"

"Eu entendo," Amos disse rigidamente. "Bem, então o que é que você precisa de mim, senhor?"

A mandíbula de Christian assinalava raiva. "Jessamine," ele disse com uma ameaça tranquila. "Eu gostaria de receber a mão da sua irmã em matrimônio e nada mais — como deveria ter acontecido há anos!"

"Impossível, ela já está prometida —"

Amos interrompeu sua explicação quando a porta de biblioteca rangeu se abrindo e revelando Lord St John.

"Bem, aqui está ele!" Amos sorriu largamente. "Jessamine está destinada a ele!" Com grande satisfação, ele decretou, "Tenha o prazer de conhecer Lord St John, de Charlestown. Foi para ele que eu concedi a mão da minha querida irmã em matrimônio. Então," ele concluiu, "como agora você sabe, seu pedido está longe de ser razoável."

Um aceno de cabeça foi como Christian saudou seu adversário de longa data. Seu olhar varreu St John, e seus lábios rosnaram quando ele se virou novamente para Westmoor. "O prazer é meu. Voltando-se para St John, ele acenou com a cabeça.

"Lord Christian," ele respondeu ingenuamente, "é tão bom lhe ver de novo."

"Estou certo que sim," Christian falou.

Astutamente, avaliando a situação, St John disse, "Amos está dizendo a verdade. A querida e linda Jessamine aceitou ser minha noiva."

Quando Christian olhou descrente, ele anunciou, "devemos partir daqui a duas semanas para as colônias e devemos nos casar lá. Infelizmente as circunstâncias não me permitem permanecer mais tempo aqui."

Se virando para Amos Christian lhe deu um olhar significativo, e disse, "Eu não acredito. Ela teria me contado.

"Agora, Christian," St John interrompeu, sua voz com um tom de desprezo. Ele veio para frente para ficar ao lado de Amos. "Por que Westmoor mentiria para você? Por que eu? Eu estou completamente ciente que você com frequência vai" — apalavra era outra insinuação — "ao porto de Charlestown. Não seria uma questão bastante simples para você investigar meus assuntos pessoais, se você quisesse?"

O estômago de Christian se revirou. .

Ele tinha quase a certeza de que St John estava lhe dizendo a verdade. Mas por que teria Jessie mentido para ele? Porque ela teria sussurrado palavras de amor para ele quando ela sabia muito bem que pertencia a outro homem? Por que ela tinha tão ansiosamente incentivado seu jogo? Do que ele sabia dela, não fazia nenhum sentido. Então, novamente, quando alguma coisa entre eles já tinha feito o mínimo sentido? Ele conseguiu um lento aceno. "Presumo que Jessie saiba?"

Amos sorriu vitoriosamente. "Bem, obviamente que ela sabe. Como ela poderia não saber?"

Mais uma vez, a porta rangeu se abrindo e Jessie olhava com cautela para a biblioteca.

"Eu bati", ela disse se desculpando, olhando primeiro para St. John, depois para Amos. "Jessie sabe o quê?" ela perguntou rapidamente, e então de repente ela se virou e engasgou em estado de choque quando viu Christian. "Não sabia que você estava aqui, *My Lord!*"

Christian a olhou fixamente, não confiando em si mesmo para falar.

"Há algo de errado?"

Um arrepio correu pela coluna de Jessie enquanto ela examinava os ocupantes da sala. A expressão de Christian lhe dizia, sem dúvida, que algo realmente estava muito errado. O olhar em seus olhos e sua postura rígida dizia tudo o que ela precisava saber; ele estava furioso de raiva.

Aborrecimento!

Ela não tinha idéia o que Amos poderia ter dito para deixá-lo com tanta raiva, mas ele parecia positivamente uma fera, pronta para atacar. Ela deu uma olhada pela sala e perguntou mais uma vez, "o que é que a Jessie sabe?" Quando ainda não houve resposta à sua pergunta, ela exigiu, "alguém, por favor, me responda!"

"O fato de que você vai se casar com Lord St John, claro."

Jessie girou sobre seu irmão. "Mas você disse —"

"Eu me lembro bem o que eu disse," ele voltou rapidamente, olhando para Christian. "Mas a charada agora deve chegar ao fim. Nunca imaginei que Lord St John viesse buscá-la tão cedo."

O estômago de Jessie estava torcido. "Charada"? Ela engoliu a saliva com raiva. "Que charada, Amos?"

"Bastante simples, irmã querida. Christian veio cortejá-la, somente porque eu paguei para ele fazê-lo, e agora eu acredito que ele veio para coletar o dinheiro que ele merece."

O coração dela estava apertado. Jessie virou-se para Christian; seus olhares se colidiram como fogo e aço. "Ele te pagou?" Ele não respondeu e ela soube. "Meu Deus"! Seus dedos voaram até os lábios.

"Ele pagou você!"

Olhando para ela friamente, Christian respondeu sua pergunta com outra. "Você concordou em se casar com este homem ou não?"

Seus olhares permaneceram fixos por um longo e doloroso instante, e então Christian abanou a cabeça quando Jessie não pode negar. Passando uma mão pelo cabelo, ele jogou a cabeça para trás, fechando os olhos e congelou nessa posição, quando ele ouviu as palavras de Amos.

"Sinto muito, Lord Christian, mas você realmente não podia esperar que Jessamine se casasse com um bastardo. Mesmo que ela quisesse, seria hediondo eu permitir que essa *aliança infeliz* acontecesse."

A cabeça de Christian caiu, seus olhos brilhavam friamente. Ele jogou seu olhar para Jessie, embora sua pergunta tenha sido dirigida para Amos. "O que você disse?"

Se ele precisasse de provas contra ela, ele certamente tinha agora.

Os olhos de St John se esbugalharam com a declaração. Seu olhar buscou o de Christian para verificar se este escândalo era verdade.

"Eu disse" Amos repetiu, "que seria hediondo eu permitir —"

"Filho de uma —" Christian desejou que seu temperamento se acalmasse. "Ela disse isso para você?"

Ele se virou para Jessie, "Você contou?"

Jessie abriu a boca para negá-lo, mas ela ainda estava sentida pela revelação de Amos. Não, ela não dissera nada! Mas como ele ousava estar zangado com ela quando era ele quem tinha cometido a desonra aqui!

"Jesus Cristo! Não responda," ele rosnou. "Já tive mais do que o suficiente de suas mentiras! Que grande atriz você é!"

Jessie se sentiu como se tivesse sido golpeada.

Os olhos dela se abriram, e seu coração sentiu como se ele fosse se quebrar em pequenos milhões de pedaços. Ela tentou desesperadamente não chorar diante dele. O choro não ia ajudar em nada. "Como você pôde?" ela deixou escapar, "eu.... Eu nunca — "

"Cale-se, Jessamine!" Amos explodiu. Ele a pegou com força pelo braço, agarrando-lhe duramente.

"Você não tem absolutamente nada para explicar para — este Chacal!"

Todos os olhos se viraram para Jessie, esperando.

Ela não podia falar. O aperto de Amos a avisou para não ela não falar nada — nem ela conseguia formar palavras.

Christian foi o primeiro a se virar.

Balançando a cabeça, com nojo, ele apertou a mandíbula.

Aqueles olhos verdes pálidos dela tinham um jeito de perfurar seu coração. Impossível não sentir nada quando eles estavam fixados nele, e ele não queria sentir nada agora. Exteriormente, sua expressão permaneceu cuidadosamente branda, até que ele passou a ver a expressão ferida que ela usava.

Como ele poderia ter pensado que ela fosse pura?

Doce? Que ela se importava? Como ela ousava se fazer de ferida diante dele? Ele não se importava em quem estivesse presente, ele não ia deixar este lugar sem dar-lhe um pedaço de seus pensamentos. E

pensar que ele tinha quase lhe dado... tudo — Cristo, como ele tinha sido tolo! Seus olhos se estreitaram.

"Diga-me, meu amor, foi difícil mentir para mim quando você estava embaixo de mim e sussurrava palavras de amor, ao mesmo tempo sabendo que pertencia a outro homem?" Sua mandíbula se apertou.

O rosto dela ficou sem cor, mas ele não sentiu nenhuma satisfação, só uma dor mais intensa.

"Tudo por amor?"

O rosto de St John estava roxo de raiva.

"Não faça sugestões que podem facilmente ser refutadas, Christian." Amos atirou um olhar de aviso para Jessie, pressionando-a sem palavras para permanecer em silêncio.

Ardendo de raiva, Christian se sentiu insultado, uma sobrancelha levantada por desacato, "você pode fazer isso agora?" Ele virou-se para Jessie. "eu me pergunto meu amor?"

Ele a estava desafiando a negá-lo.

A cara da Jessie inflamou com sua divulgação mortificante. Parecia que todos os olhos estavam em cima dela novamente, sondando, questionando. Deus a ajudasse, mas ela não podia negar a insinuação de Christian, pois era verdade, e ela não era mais inocente. Só que isso não parecia importar agora; ela só sentia a dor da sua traição. Ela engasgou com um soluço. "Eu..."

"Você o que? Você me ama? Diga agora, para que todos possam ouvir suas declarações."

Jessie ficou em silêncio, o coração dela batendo forte, seu mundo desmoronando ao redor dela. Ela pensou que podia desmaiar. Ela molhou os lábios nervosamente, olhando para o irmão dela, em seguida, para St. John, então, novamente para Christian, não sabendo a quem recorrer. Jorrava lágrimas de seus olhos, cegando-a de tudo ao redor, menos do brilho maldoso do olhar de Christian. Sua expressão furiosa a cortava como uma faca. Suas mãos começaram a tremer, mas ela não podia falar. Ela não sabia o que falar em resposta a todas as coisas dolorosas que ele estava dizendo dela. Ah, Deus! Ela sufocou um soluço. Amos tinha pagado! E Christian, ele tinha aceitado sem escrúpulos.

Ela sentiu seu coração se esmagar.

Ela não aguentava. Seu coração parecia que ia se rasgar em dois. E que Deus a ajudasse, pois ela o amava mesmo assim. Ele ficou olhando, esperando, convidando-a a se humilhar por professar um amor não correspondido, pois ele não podia possivelmente amá-la em troca.

Bem, ela não ia satisfazê-lo.

"Você não pode dizer, não é? Agora, quando é mais importante! Cristo! Como fui insensato, eu nunca devia ter acreditado em você!" Os olhos dele exprimiam repugnância, quando ele se virou para St John.

"Parabéns para você, St John, por seu iminente casamento. Vocês se merecem!" Ele andou na direção dela e do irmão. "Guarda seu dinheiro fedorento, Westmoor, sua irmã já me pagou integralmente." O olhar dele se fixou no dela e ele sussurrou no ouvido dela, "Não foi, amor?" Em seguida, deixou seus passos ecoando atrás dele. Ele abriu e fechou a porta da frente, levando com ele a promessa do futuro da Jessie.

Se fosse possível, o rosto de St John estava ainda mais avermelhado quando ele se virou para enfrentá-la. "É verdade?"

Mesmo sem a presença de Christian, ela não podia responder.

"Não serei o alvo de piada de todos os homens!"

O que ela poderia dizer? Nada. Não havia nada que ela pudesse dizer em sua própria defesa.

O silêncio permeou a sala.

"Por Deus!" St John trovejou. "Não quero as sobras do Chacal! Nem de qualquer outro! Bom dia para vocês!"

"Espere!" Amos pediu para St John. "Eu posso explicar!"

St John balançou a cabeça, não se preocupando em olhar para Amos. "Não, senhor, você não pode!"

Devo sair de Westmoor de uma vez. Uma vida boa para os dois!" E com isso, ele, também, saiu, batendo a porta.

Jessie estava certa de que a porta da frente se dividiria em duas, se ela fosse batida tão violentamente mais uma vez.

"Droga, maldição!" Amos explodiu. Ele olhou para Jessie.

O quarto estava num silêncio mortal. Amos sacudiu a cabeça, o ódio e o nojo saltavam dos olhos dele.

"Ele estava falando a verdade, Jessamine? Diga-me, agora!"

Por um longo instante, ela não conseguiu dizer uma palavra, e então ela assentiu com a cabeça, seus lábios trêmulos. Com as mãos tremendo, ela enxugou as lágrimas de seus olhos.

Amos deu-lhe um ronco desdenhoso e balançou a cabeça. "Você percebe o que você fez?" ele perguntou gravemente. "Não acredito que você faria isso comigo — Westmoor!"

Sua expressão era assustadora, o tom frio e brutal na sua voz. Ela recuou quando ele veio em sua direção, levantando a mão com raiva. Ele parou abruptamente, segurou-a no ar. Silenciosamente, lágrimas corriam pelas bochechas dela, indo até seus lábios. Ela deixou as lágrimas rolarem, sem se preocupar em limpá-las. Olhando diretamente nos olhos do irmão, ela percebeu então que nada havia sobrado. Eles não revelavam nem um rastro de amor.

"Eu pensei que ele me amava," ela chorou. "Eu-eu pensei que você —"

Sua mão bateu em cima da mesa e ele olhou para ela como se para culpá-la pela reação violenta.

"Você pensou demais!"

"Por que, Amos? Por que você faria uma coisa dessas? Eu-eu não entendo. Porque o senhor Christian

—" ela engasgou com a pergunta, incapaz de terminar.

"Isto não é tão difícil de compreender," ele respondeu suas palavras recortadas de dor. "Para o bem de Westmoor, Jessamine, eu venderia a minha alma para o diabo em pessoa. E o senhor Christian? Isso é simples dedução. Ele é o mais baixo dos baixos, o flagelo da sociedade. É de se esperar isso de gente como ele."

Mais uma vez o silêncio caiu. Só os soluços de Jessie quebravam o silêncio. Ela chorava baixinho.

"O que você vai fazer?"

Amos deu de ombros, seu olhar frio, inacessível. "Precisamente o que eu deveria ter feito desde o início. Vou te enviar para Charlestown."

Ela ficou pálida. "Mas Lord St John disse —"

Amos olhou para ela friamente. "Você não tem ouvidos? Você não ouviu? Não, você não vai para se encontrar com St John, mas você vai para ficar com Robert, em vez disso!" Ele balançou a cabeça. "Não posso fazer nada mais para você aqui — você viu muito bem! Robert pode fazer melhor do que eu."

Ele observou as lágrimas silenciosas enquanto elas caíam pelo seu rosto.

"Você nos desgraçou. Você desonrou o meu nome. Eliza te avisou que Lord Christian era um libertino

— um mestre desta arte!" ele zombou. "Mas você não quis ouvir. Você também sabia que ele não ia querer você sem um dote. Só posso dizer que te avisei!"

Jessie susteve a respiração momentaneamente.

"Ele perguntou sobre o meu dote?" Se Christian a tivesse pedido em casamento após saber que ela não tinha dote, ele devia estar interessado nela. E então lhe ocorreu o que Amos tinha lhe dito e ela teve esperança. Você realmente não pode ter esperado que Jessamine se casasse com um bastardo. "Amos, ele pediu para se casar comigo?"

"Não chegou a isso. Com nenhum dote, você não é nada para ele, e eu deixei bem claro desde o início

— que você não teria nenhum dote. Ele nunca se preocupou em me perguntar."

Jessie escondeu o rosto com as mãos como uma explosão de soluço angustiado.

Amos assistiu mais um momento e depois abandonou-a, também. E assim tão facilmente, tudo se foi.

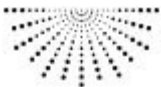
Tudo.



PARTE II

Não há maior tristeza do que estar consciente do momento feliz na miséria.

— DANTE



CAPÍTULO DOZE

CHARLESTOWN, 1763

"*S acre bleu!* Eu cresci duas cabeças, *mon ami?*"

Christian agarrou o pé de cabra, e ergueu a tampa da caixa maior. "Você ainda tem o jeito, meu velho, com certeza." Ele olhou com censura para Jean Paul. "Mesmo assim, eu sugiro que você se abstenha de me chamar por esse nome."

As sobrancelhas de Jean Paul se arquearam. "Desde quando você se ofende tão facilmente, *mon ami*?"

Christian olhou para ele. "Você sabe muito bem a que estou me referindo.

Limpando o suor da sua testa, ele olhou para a caixa recém aberta. "Porra! Não esta nessa também."

Ele olhou para Jean Paul pensativo. "Você tem certeza de que foi colocado no Anastasie?"

"Tenho quase certeza," Jean Paul respondeu. "De qualquer forma, se tivessem encontrado o caminho para a França, ficaríamos sabendo. Eles devem estar aqui em algum lugar, Falcão."

"Christian."

Jean Paul fez uma careta. "Isso me lembra," ele disse, ignorando a reprovação de Christian. "Que o velho rabugento e idiota que você trouxe com você da Inglaterra parece ter ficado ofendido por eu ter dormido no seu quarto. Eu lhe disse que era só até você voltar, mas não! Novamente ele tirou as minhas coisas e levou para os quartos inacabados — e choveu ontem à noite!"

"Só uma chuvinha fina," Christian disse, sorrindo, embora ele tenha jurado que falaria com Quincy na primeira oportunidade.

"*Mon cul!* Havia duas pologadas de água no chão do quarto onde dormi — eu nadei! E esta manhã, a minha peruca ficou arruinada!"

Christian riu. "Maldito seja você por precisar esse aplique cheio de piolhos."

Jean Paul fez uma careta para ele. "Você deveria usar a sua mais vezes! Para alguém que não deseja chamar atenção, você tem uma forma curiosa de mostrar essa vontade."

Jessie tinha evitado colocar anáguas, Christian lembrou-se e isso lhe ocorreu no momento que ele não tinha pensado em questioná-la. Pelo contrário, ele tinha entendido completamente. Era uma pequena rebelião dela contra a autoridade.

"Tudo bem", ele cedeu, amaldiçoando-se por ter sido um tolo. Por que ele não podia esquecer? "Eu vou trazer Quincy de volta para a cidade comigo." Ele massageou a têmpora para aliviar a tensão no pescoço, e em seguida com uma careta de nojo, voltou sua atenção para o caixote diante dele. "Aqui, meu velho, me dê uma mão com este caixote."

"Que velho"! Jean Paul lhe deu um olhar de censura, mas imediatamente o ajudou. "Você está desrespeitando os mais velhos, *mon fils*." Juntos eles empurraram o caixote pesado para fora do caminho.

"Eu poderia ser seu —"

"Pai"? Christian o interrompeu. Ele virou o rosto para Jean Paul, uma sobrancelha arqueada em desafio, mas Jean Paul não disse nada. Os dois simplesmente se encararam, olhares fixos e, em seguida Jean Paul olhou para fora. Christian se virou para pegar o pé de cabra.

"Eu poderia ser" Jean Paul disse de repente, com uma declaração sussurrada. Christian olhou pára cima, vendo o pai dele com brilhantes olhos azuis. Sim, ele sabia... mas será que Jean Paul sabia?

Poderia sua mãe lhe ter contado? Ou ele simplesmente tinha vindo para resgatá-la, pronto a aceitar um filho que não era dele próprio?

A expressão de Jean Paul se fechou de repente. "O que aconteceu com você na Inglaterra?" ele perguntou. "Isso é o que desejo saber!"

Christian virou-se, sua mandíbula fechada enquanto ele andava em direção a próxima caixa. "Nada que eu queira discutir."

"Eu te conheço muito bem, Christian. Algo aconteceu para fazer você ficar tão mal humorado. *Quelle barbe!* Eu não te vejo há meses — e agora, quando eu deveria estar feliz por encontrar você, mal posso suportar olhar para essa sua carranca hedionda!"

Christian resmungou enquanto removia a tampa. "Então não olhe."

"Nunca vi você ficar insultado por algo leve! Não, o Falcão que eu conheço! Jesus Cristo! Eu vi você se aproveitar até do que não era seu! Se eles levaram algo de você, porque você não pega de volta e para de ficar emburrado?"

A cabeça de Christian virou rapidamente. "Eu não estou emburrado, que o diabo te enforque! Os olhos dele se estreitaram avisando-o do perigo. Ele ficaria arrasado se ele tivesse seus assuntos pessoais, questionados por alguém — até mesmo por Jean Paul! "O suficiente para dizer que a gente não combinava — somos feitos de tecidos diferentes, ela e eu. Agora... desiste Jean Paul."

"Humph!"

Colocando a tampa no lugar, Christian murmurou um xingamento. "Droga, não está aqui também!"

Passando os dedos pelo seu cabelo, ele 'pensou' em voz alta, "eles devem, de alguma forma, ter sido descarregado no cais de Adger."

As sobrancelhas grossas de Jean Paul se levantaram.

Christian imediatamente soube o que deveria ser feito. "Nós teremos que ir para o armazém hoje, recuperá-los antes alguém da alfândega descubra algo bem debaixo dos seus narizes."

"Apenas isso?"

"Que escolha nós temos?"

"Suponho que não temos muita escolha" Jean Paul disse. "Mas você tem a obrigação de assistir à festa de hoje à noite — o imbecil sabe que você está aqui. Se você não comparecer, provavelmente St John vai suspeitar e te procurar. Tem havido rumores, Christian."

"Que tudo se dane, eu sei!" Christian considerou suas opções. "Suponho que terei que fazer uma visita ao Clube Wilkes para ver se Ben pode reunir alguns dos seus rapazes. Vou para a taverna assim que terminarmos aqui." Seu olhar voltou-se para Jean Paul. "Você pode lidar com isso, não pode?"

Jean Paul pensou um momento, seus olhos se estreitando. " *Oui...* mas não há nenhuma necessidade de você sair procurando." Ele moveu a cabeça na direção do Oyster Point. "O Stone está lá. Seus homens também. Eu posso vê-los daqui."

Christian virou-se e foi para o parapeito do navio para olhar para a extensão da água cinza azulada que separava o Anastasie de Charlestown. "O que diabos eles estariam fazendo?"

Jean Paul veio por trás, sua mão batendo levemente sobre os ombros de Christian. "Daniel Moore, o novo coletor de impostos prendeu dois dos navios de Laurens. Então tenha cuidado... a situação está ficando grave."

De onde ela estava Jessie podia ver com clareza até Oyster Point... no porto centenas de navios estavam fundeados — para espanto dela a vista de tirar o fôlego nunca cessava. As pessoas corriam para lá e para cá. As crianças brincavam. Os comerciantes vendiam seus produtos, enquanto mulheres elegantemente vestidas passeavam somente para serem vistas — talvez tagarelando sobre a festa desta noite?

Olhando para baixo para o envelope que ela segurava em sua mão, ela sorriu. Kathryn Sinclair estava ansiosa para Jessie convidar seu

primo para participar do baile de máscaras, e Jessie tinha prometido que iria tentar persuadi-lo. Ela tinha ido até o cais para inquirir sobre o paradeiro de seu primo Ben e tinha sido informada para procurá-lo no Oyster Point, mas o que ele estaria fazendo longe do cais tão cedo, ela não conseguia entender. Mordiscando o lábio ela pensou nos rumores... mas ela se recusava a acreditar. Ben nunca se colocaria em risco.

Trêmula, ela olhou com aflição para o céu. Mesmo através de nuvens de tempestade, o sol brilhava intensamente, aquecendo-a. Ela esperava que não chovesse novamente hoje à noite — mais do que isso, ela desejava que ela não deixasse de respirar toda vez que ela passasse nesta bendita rua!

Como tantas outras vezes, sempre que ela passava pela casa de tijolo que ela descobriu que pertencia a *e/e*, ela não resistia e dava uma olhadela. Hoje ela estava assustada por ver que as persianas protetoras pretas estavam abertas para entrar ar fresco.

Ele estava aqui? Em Charlestown? Depois de todos esses meses? O coração dela bateu mais forte com essa possibilidade.

Deus amaldiçoasse a canalha porque ele ainda podia fazer isso com ela! O que estava errado com ela? Ela se interrogou com raiva.

Bem, ela sabia o que estava errado com ela, é claro! Agora, finalmente, quando ela era capaz de andar pelas ruas pavimentadas de conchas sem procurar seu rosto na multidão, ele veio para atormentá-la mais uma vez!

Sim, ela sabia que Christian tinha negócios em Charlestown. Ela temia se encontrar com ele — mas ele podia ter dado a ela mais tempo! Não que ele fosse se preocupar com suas preferências. Enganador miserável!

Talvez não fosse ele, ela raciocinou. Ele podia ter emprestado a casa, afinal de contas.

Ela certamente não queria que fosse ele...

Ou será que ela queria?

Gaivotas pontilhavam o céu azul claro, se lamentando enquanto iam em direção das ruas em busca de restos de comida. Pombos vacilavam descuidadamente, esquivando-se das carruagens e dos seus pés, alheios ao seu humor. Ela começou a andar mais rápido. Ela pretendia entregar o envelope para Bem e então ir para casa e se trancar no quarto para o resto da sua vida!

Ou então talvez não...

Por que ela deveria se trancar? Ela pensou zangada, resistindo ao impulso infantil de bater o pé e gritar. Por que ela devia permitir que ele a aterrorizasse?

Ela não ficaria com medo!

Ben provavelmente iria ralhar com ela por ter vindo entregar o convite em suas mãos quando ela poderia ter facilmente enviado um mensageiro, mas ela precisava de ar fresco e de caminhar — se é que poderia se chamar o ar de fresco. Suas narinas se alargaram ligeiramente por causa do odor que subia.

Muitas das ruas de Charlestown tinham sido pavimentadas com conchas de ostra triturada, o que ocasionava um odor bastante distinto que era salvo de ser fétido apenas pela doce brisa do mar. Ela olhou por cima do ombro, para a direção da cidade, para a casa de fachada em tijolo.

Eram criados se preparando para sua chegada?

Para sua paz de espírito, ela orou que não fosse isso. Ela forçou seus pensamentos para longe da casa de tijolos e para longe do senhor Christian Haukinge.

Uma carruagem passou lentamente, fazendo ruído sobre as conchas delicadas. Uma mão com luvas brancas, seguida por uma voz feminina estridente, chamou a atenção de Jessie.

Acenando em saudação Jessie continuou seu caminho.

Charlestown, na verdade, provava ser precisamente o paraíso que ela tinha procurado. Ela tinha ficado preocupada achando que talvez Lord St John fosse manchar o nome dela aqui, e que ela seria tratada como uma pária ao chegar à cidade, mas por algum motivo, ele não contou uma palavra sobre o incidente para nenhuma alma. Houve alguns, na verdade, que ainda acreditavam que ela era sua prometida... o que a levou a pensar que talvez Lord St John tivesse ficado humilhado como ela.

Ela sorriu suavemente, em seguida, com uma sinistra satisfação, pois Amos provavelmente iria se amaldiçoar por saber que a penitência dela na verdade não era uma penitência. O irmão do pai dela tinha sido muito bom para ela. Pela primeira vez desde a morte da mãe, Jessie se sentiu parte de uma família de verdade. Seu primo Ben era um irmão para ela como Amos jamais tinha sido.

Ben, apenas dois anos mais velho que Jessie, era o único filho de seu tio Robert. Ben, sua tia Claire e seu tio Robert tinham lhe proporcionado uma recepção tão calorosa que ela não podia fazer nada a não ser amá-los.

Amor.

Ela não podia parar de pensar, se ele iria aparecer no baile de máscaras hoje à noite, e então se amaldiçoou por sua fraqueza.

"Jessamine!"

Ouvindo seu nome, Jessie virou-se para ver a carruagem que tinha acabado de passar e que voltava.

Kathryn Sinclair estava quase caindo dela e Jessie sorriu enquanto a cumprimentava. "Pensei que estaria em casa, se preparando para a festa."

O sorriso de Kathryn era brilhante. "Vou buscar o meu vestido na Madame Legare," ela anunciou, arrebatando uma das suas luvas e brincando com ela nervosamente, traindo sua ansiedade. "E... fiquei olhando," ela confessou.

Procurando Ben.

O sorriso de Jessie ficou maior. "Quem me dera que eu soubesse. Podia ter pedido para você se juntar a mim." Ela levantou o envelope pequeno e o exibiu aos olhos curiosos de Kathryn.

Kathryn mordiscou o lábio inferior, suprimindo sua alegria. "Você acha que

ele virá? Ah, como eu espero que sim! Meu coração positivamente sofre por isso!"

Jessie riu suavemente, encolheu os ombros. "Você conhece meu primo", ela advertiu. "Nunca se pode dizer qual vai ser a escolha dele, mas eu me esforçarei para convencê-lo."

"E eu sei que você terá sucesso!"

De repente inspirada, Jessie olhou por cima do ombro, em direção ao Oyster Point. "Diga-me, Kathryn, você está sendo esperada em casa cedo?" Ela sorriu maliciosamente.

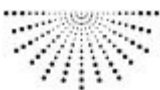
O olhar de Kathryn seguiu o dela, e ela admitiu, "Eu o vi pela janela da carruagem! E não! Na verdade me pediram para não voltar diretamente, pois parece que eu desgastei os nervos de todos." Ela sorriu. "E pobre Tom", acrescentou com um suspiro Ela acenou sua mão na direção do cocheiro de sua carruagem. "Eu arrastei esta alma miserável até a última boutique desta cidade e agora fiquei

sem nenhuma escolha a não ser retornar e receber uma praga da minha mãe". Ela suspirou. "A não ser, é claro... que alguém tenha pena de mim e me leve com ela para o Oyster Point..." Ela sorriu timidamente, e Jessie riu.

"Bem, então..." Jessie deu a amiga de um sorriso astuto. "Por que você não me acompanha enquanto eu entrego esta carta urgente para Ben?"

Os olhos de Kathryn se iluminaram com alegria. "Verdade? Você não se importaria se eu a acompanhasse?"

"Claro que não", insistiu Jessie. "Na verdade, eu ficaria muito feliz em ter a sua companhia."



CAPÍTULO TREZE

A

"

mbos, você diz?"

Ben Stone concordou com a cabeça. "Foram apreendidos".

"Para o diabo com esse homem!"

Christian balançou a cabeça em perplexidade. "O que fez com que Moore fosse atrás deles, afinal?"

Charlestown nunca foi refúgio de contrabandistas; porque ele suspeitou?"

Os navios em questão tinham feito a viagem habitual entre Charlestown e as propriedades de Lauren na Geórgia, e embora ele

não pretendesse pagar as taxas entre os territórios, não havia nenhuma alfândega perto da plantação de Lauren e então ele não tinha sido capaz de cumprir a exigência.

Habitualmente, tais casos eram negligenciados, mas Moore, por alguma razão se recusou a fazê-lo, e Christian estava perplexo quanto ao por que.

"Talvez ele simplesmente pretendesse dar exemplo?" Ben sugeriu.

"Ou talvez seja um aviso"? Jean Paul interrompeu.

"Talvez", admitiu Christian. "Então, novamente, eu suspeito que St John possa ter uma mão neste assunto. Ele e Moore têm sido unha e carne, e St. John e Lauren têm pouca consideração um pelo o outro."

"St John também não se importa com você, Falcão," acrescentou um dos comparsas de Ben. "Ele está determinado a acabar com você."

"Sim," Ben concordou, rindo, "Eu gostaria que ele tentasse."

"Nunca o subestime —" Christian parou subitamente e congelou.

Voltando-se para ver o que havia capturado a atenção dele, Ben riu e disse "minha prima... ela parece ter esse efeito regularmente, eu diria."

Todos os seus comparsas murmuraram em acordo.

Christian olhou para o resto dos homens. "Sua prima?"

Christian viu o instante que Ben detectou seu interesse por ela, pois suas sobrancelhas se fecharam com uma carranca. Sua postura ficou tão rígida quanto a dele. "Falcão", ele disse, sua voz baixa como um aviso.

Que o diabo o enforque!

Mesmo agora, a visão dela roubava sua respiração. Ele se odiava por sua fraqueza. Sua mandíbula se apertou. Mesmo agora, era impossível não querê-la. Seu estômago se embrulhou com a lembrança.

"Ela é minha prima, Falcão," Bem disse novamente, respondendo a algo que ele tinha visto no olhar de Christian.

Levantando a saia, Jessie correu do outro lado da rua, sorrindo com prazer com Kathryn a seu lado. E

então, ao mesmo tempo seu coração bateu mais forte. Ela congelou com seu hálito estrangulando sua garganta quando o homem mais alto se virou para enfrentá-la.

Seus olhares se conheceram e se fixaram um no outro.

Os joelhos de Jessie cederam um pouco no brilho funesto que ele deu para ela. Inconscientemente ela esmagou o envelope que estava em suas mãos. Se ela não fosse tão covarde, ela disse para si mesma, ela iria diretamente a ele e daria um tapa em seu rosto para tirar a expressão hipócrita que estava na cara dele!

Mas ela era uma covarde, e a verdade era que se ela não voltasse agora, e fosse embora neste instante, ela certamente se envergonharia dela mesma.

Ela sentiu a mão de Kathryn em cima do braço dela e estava grata por sua presença. "O que foi Jessamine? O que há de errado?"

Ele continuava olhando para ela fixamente, seus olhos frios mostrando que a condenava, mas ele não disse nem uma palavra, nem se moveu para cumprimentá-la. O que ela esperava? Uma saudação? *Eu sinto muito? Como você tem passado meu amor?* Ela não esperava nada! — e recebeu menos do que esperava. O que seria melhor para ela era simplesmente fugir agora. Ela girou sobre seus calcanhares sem resposta para a pergunta ansiosa de Kathryn.

Kathryn correu atrás dela. "Jessamine! Espere! O que está acontecendo?"

Ben a alcançou quando ela atravessava a rua, sua expressão séria quando ele perguntou, "É ele?"

Jessie não podia encontrar sua voz para falar.

"Que confusão"! Ben explodiu.

"Quem?" Kathryn perguntou tentando em vão acompanhar seus passos apressados e a conversa fragmentada. Havia apenas uma preocupação evidente no tom dela quando ela exigiu, "Oh, por favor, me diga, Jessamine! O que aconteceu para te perturbar assim?"

Ainda incapaz de falar, ela começou a chorar, e abanou a cabeça. Ben era a única pessoa em Charlestown, além de Lord Christian e de Lord St John, que sabia a verdade sobre o que tinha acontecido na Inglaterra. Se Ben não soubesse — ele não teria conhecido o responsável por seu sofrimento. Até os pais de Ben tinham sido poupados da terrível verdade. Era a única coisa a qual ela tinha que agradecer a Amos, dele a ter poupado — mais por causa dele próprio do que dela, ela estava certa. Ela tinha ficado tão perto de Ben nestes últimos meses que confiar nele parecia uma coisa natural, mas ela nunca poderia suportar que Kathryn soubesse sobre a sua vergonha. Com as bochechas coradas quando ela se lembrou daquela fatídica tarde sob a árvore de olmo com seus olhos nublados, ela se recusou a chorar. Já tinha perdido muitas lágrimas.

Ben a segurou pelos ombros e a girou para enfrentá-lo, agarrando-lhe mais fortemente do que ela pensou que ele faria. "Foi ele"?

Levantando seu rosto para ele, Jessie forçou um aceno e inclinou-se em seu abraço, querendo que ele a protegesse de tantos olhares indiscretos. Ela sabia que as pessoas estavam olhando, mas ela não podia vê-las através de suas lágrimas.

"Ah, Jessie..." Ele a abraçou, e por um longo instante houve apenas o conforto de seu silêncio. "Você está bem o suficiente para voltar para casa?" Lançou um olhar dúbio para Kathryn.

"Eu estou com a minha carruagem," Kathryn ofereceu.

"Por favor... Eu... Eu estou bem..." Jessie forçou um sorriso por causa de Ben, por causa de Kathryn.

"Eu-eu não tenho idéia do que me deu," ela jurou consciente da presença de Kathryn, "eu-eu... Estou bem agora."

"Você tem certeza, Jessie?" Voltando-se para Kathryn, Ben falou, "será que você pode nos desculpar?"

Gostaria de falar com minha prima em particular."

Kathryn assentiu com a cabeça. "Certamente", ela disse, soando ferida, embora ela tentasse não mostrar. "Então já vou." Ela se virou para Jessie. "Tem certeza que você vai ficar bem?"

"Sim, obrigado, Kathryn. Realmente estou bem."

Kathryn conseguiu dar um aceno. "Muito bem, então... se você tem certeza..."

"Talvez eu a veja na festa, Kathryn," Ben sugeriu para que ela fosse embora de uma vez por todas.

A expressão de Kathryn amoleceu e ela sorriu. "Sim, sim, claro! Isto vai ser simplesmente maravilhoso!" O rosto dela brilhou mais uma vez, ela se virou para Jessie. "Adeus, Jessamine. Espero que você se sinta melhor. "Inclinando-se mais perto, ela sussurrou um fervoroso, "Por favor"!

Jessie sorriu fracamente e disse "eu vou tentar," assegurou, tentando parecer alegre, apesar de seu coração estar partido em

milhões de pedaços bem pequenos. Com um aceno de despedida para a amiga, ela se virou para Ben, seus olhos cheios de lágrimas. "Eu não tinha idéia que você e o senhor Christian

— aquele homem — se conheciam tão bem!"

Ele franziu a testa para ela. "Mais importante ainda, eu não sabia que você o conhecia, Jessie." Sua voz não tinha nenhuma condenação, só tristeza por ela. "Ele não é um homem para se brincar."

Vergonha a impregnava, e ela evitou os olhos dele. "Quem me dera eu não o conhecesse!"

"Você deveria ter me dito," ele falou. Olhando para ele, ela podia ver a fúria em seus olhos. "Haw

—" ele disse olhando em direção onde Christian estava. "Christian não vai incomodá-la. Eu juro."

Jessie deu-lhe um olhar duvidoso. Se Ben soubesse a miséria que esse homem podia invocar com apenas um olhar... se ao menos ele soubesse... mas ele não podia.

Ele sorriu para ela, dando-lhe um brincalhão tapinha abaixo de seu queixo. "Doce, doce, Jess... como te magoaram — Cristo, se ao menos você não fosse minha prima," ele disse e sorriu para ela. "Eu acredito que me casaria com você e colocaria você em segurança longe de todo o mundo." Com uma expressão sóbria ele acrescentou. "Se você não fosse minha prima."

Algo em sua expressão deixou Jessie desconfortável de repente. Ela soltou-se para longe dele. "Mas você é", lembrou-lhe firmemente. Ela não queria ferir os sentimentos de Ben, mas parecia que era o que mais ela fazia ultimamente. Será que ele não entendia? Prima ou não, ela nunca poderia amar outro homem, enquanto ela vivesse!

"Venha," ela disse para ele, tirando a mão dele e levando-o embora. "Sua mãe vai ficar preocupada."

O barulho era insuportável.

E o fedor.

Mais uma vez, St John olhou por cima do ombro, para reajustar seu chapéu. Ele não usava sua peruca para este encontro na esperança de se misturar mais facilmente com a ralé da taverna, mas estava se sentindo nu sem ela. O chapéu dele era muito grande para sua cabeça nua, uma vez que ele tinha sido feito para ser usado com uma peruca, um item do vestuário que ele raramente deixava de usar. Ele só esperava não estar muito evidente...

Uma garçonete veio até ele e ele balançou a cabeça, mandando-a embora, sem dizer uma palavra.

Pareceu-lhe que todo mundo estava olhando na direção dele, e ele estava inquieto sob o escrutínio, e tentava ignorá-los da melhor maneira possível. Agradecendo a luz ofuscante da taberna, ele agarrou sua caneca cheia, levantando-o até seus lábios, sorvendo apressadamente antes de olhar mais uma vez para a porta, por cima do ombro.

Imundo, o lugar era imundo!

Ele odiava a idéia de beber, perto destas bocas fedorentas — não ficaria surpreso de saber que eles não tinham lavado suas canecas. Ele olhou de novo com nojo para a caneca.

Novamente ele olhou por cima do ombro.

Um homem de cabelos escuros entrou e perscrutou o caminho, e acenou educadamente antes de virar-se, mas não era o homem que ele aguardava, e ele se amaldiçoou suavemente quando um espasmo nervoso atingiu seu pescoço. Ele estremeceu, apertou os

olhos fechando-os por causa da dor e colocou sua caneca na mesa, resistindo à vontade de bater com a caneca na mesa, por medo de chamar atenção indesejada.

Onde o diabo estava McCarney?

Christian — droga porque ele não se escondia no inferno — ele e Falcão eram a mesma pessoa, e St John queria prová-lo, de uma vez por todas. Por Deus! O patife tinha conseguido fazê-lo parecer um tolo muitas vezes, mas ele pretendia fazê-lo pagar, finalmente. Ele cerrou os dentes em frustração.

O problema era que Christian era demasiado astuto... seus homens muito leais — ou tinham medo.

Ainda assim, era apenas uma questão de tempo antes que ele fosse exposto. Meramente uma questão de tempo... e St John pretendia estar presente quando isso acontecesse.

Droga, onde estava McCarney?

"Você parece um grande tolo!" comentou uma voz às suas costas.

St John deu um pulo de sua cadeira. Ele balançou, e deslocou o chapéu no processo. Uma mão voou para pegá-lo.

"Já era hora! Esperei por mais de uma hora! O que você tem para mim, McCarney?" ele perguntou.

"Espero que você tenha me chamado por uma razão melhor do que simplesmente admirar minha indumentária!"

McCarney ajustou seu chapéu sob olhar atento de St. John e, em seguida, ergueu a caneca de St John, bebendo o último gole de sua cerveja sem se preocupar em pedir.

"Por Deus, homem! O que você me trouxe? Não suporto este lugar amaldiçoado!" Ele olhou em volta.

"Vamos para fora antes que eu sufoque nesta pocilga imunda!"

Com um breve olhar e um encolher de ombros, McCarney seguiu St John para fora da taverna.

Quando chegaram do lado de fora, St John se virou para McCarney com expectativa.

"Você quer o Falcão?"

Removendo o chapéu, St John o esmagou no peito, batendo um dedo ansioso contra a borda do mesmo. Seus lábios lentamente se curvavam em um sorriso triunfante. "Você sabe que eu quero."

McCarney fez uma pausa longa o suficiente para criar um momento de antecipação e em seguida, revelou, "ele vai assaltar o armazém no cais de Adger esta noite... Parece que alguns homens erroneamente descarregaram algumas mercadorias esta tarde... algo que deve ser removido na primeira luz... Você entende o que eu estou dizendo?"

"Sim", disse St. John. "Como você descobriu isso?"

Os olhos do McCarney brilharam na luz da lua. "Stone. Ele está arrumando os homens para o trabalho neste momento."

St John olhou para o homem desconfiado. "Por que você está me dizendo isso, McCarney? Sei que você faz parte da gang deles."

McCarney zombou. "Você não é o único que tem rancor contra o homem. "Seja como for," acrescentou ele, "ouvi que você está oferecendo dinheiro. "

A curiosidade de St John tinha sido provocada. "Sim estou? Mas o que ele fez para você, McCarney?"

McCarney olhou para ele. "Isto não lhe diz respeito, mas o chagal matou meu irmão — não posso me esquecer de uma coisa assim!"

St John sorriu, satisfeito. "Tocante... devoção fraternal... mas diga-me, como eu sei que você não está inventando? Não posso dizer que confio em você."

"Eu não quero um centavo seu se você não confiar em mim", disse McCarney. "Vou pegá-lo sozinho um dia — eu não tenho dúvida disso." Ele bufou e cuspiu no chão, aos pés de St John.

"Você vai ter que ficar na fila," St John disse.

McCarney balançou a cabeça. "Isso não é suficiente," ele anunciou, olhando para a moeda.

"Mas ele vai errar um dia," St John disse-lhe friamente. "' É uma coisa boa para a coroa contar com homens como você, McCarney, com sentimentos nobres." Ele jogou a moeda para o ar e a pegou, equilibrando a peça de prata sobre a ponta de seu dedo polegar enquanto estudava a expressão de McCarney.

St John riu e virou a peça de prata, e em seguida, virou-se e foi embora.

Jessie estava grata pela companhia de Ben, porque o beco parecia estranho. As lanternas, que geralmente estavam bem iluminadas a essa hora, por algum motivo estranho estavam apagadas. Só a lua cheia, iluminava seu caminho e mesmo que a luz fosse mínima, os edifícios ao longo da estreita faixa faziam sombras intocadas pelo brilho da lua. Ela se lembrou das histórias que tia Claire tinha contado na véspera, e um calafrio correu pela sua espinha, fazendo-a estremecer. Sentindo seu mal-estar e o motivo para isso, Ben falou para consolá-la. "A mãe se preocupa em vão."

"Eu não acredito em nada, afinal," Jessie rebateu. "Se o que ela disse é verdade, temos muito a temer."

Eu me pergunto por que as luzes estão apagadas," ela acrescentou inquieta.

Ben segurou sua mão bem apertada. "Talvez sejam os dissidentes, ou os vira-casaca. Jessie,"

Jessie torceu os dedos dela flexionando-os. Ela esfregou a mão, olhando para ele. "Dissidentes? Eu duvido que eles fossem fazer algo tão suavemente," ela disse. "Sua mãe me disse que eles ameaçaram enforcar os funcionários britânicos! É traição, pura e simples!"

"Minha mãe enfeita os fatos. Eles não vão enforcar ninguém. Eles simplesmente pretendem expor seus pensamentos — isso e nada mais."

"Enforcar os coletores de impostos? Isto, Ben Stone, é uma ameaça. De qualquer forma, porque você os defende?" Ela olhou com cautela para o primo. Seus cabelos de ouro se refletiam sob o luar e pareciam brilhar. Em contraste, o rosto queimado de sol era quase invisível para ela, e estava profundamente envolto na sombra. "Você não está na liga com eles, ou está?"

"Eu?" Ele riu. "Cara prima, eu pareço um vira-casaca para você?" Ela lhe examinou por um longo momento enquanto caminhavam. Ele e Christian tinham tanto em comum, ambos gostavam de seguir a moda. Sorrindo entre as sombras, ela lembrou que Christian também brincava com ela tão facilmente como Ben fazia agora, e a memória voltou a picar os olhos dela.

"Acho que não," ela se rendeu, finalmente, "embora se Gadsden e Pinkney estiverem em conluio com os anarquistas, como alguém pode dizer como um vira-casaca se parece? Certamente eu não."

Por um longo instante, havia apenas o silêncio entre eles; apenas o som oco de seus passos ecoando.

"É verdade," Ben concordou depois de um momento, arrebatando sua mão mais uma vez. "Embora eu me pergunte como é que eles sabem tanto."

"Sua mãe, é claro," Jessie respondeu rindo. "Ela parece conhecer até o último pedaço de fofoca nesta província. Você devia ter ouvido o que ela aprendeu hoje." Com um traço de riso ainda evidente na voz dela, ela revelou em um sussurro simulado, "parece que o notório Falcão está navegando pela Carolina.

Imagine isso! Você sabe Ben, eu ouvi dizer que ele é conhecido como o Príncipe dos Contrabandistas? Eu não consigo imaginar alguém que tenha tal título ignóbil possa se sentir tão orgulhoso!"

A mão de Ben apertou a dela. "Absurdo, o Falcão não tem negócios aqui — Charlestown não é como Boston, onde os contrabandistas são recebidos com boas-vindas e elogiados por sua ousadia. Gostaria de saber onde minha mãe ouviu uma coisa dessas." Tendo chegado ao seu destino, Ben a levou sem demora para a varanda dos Sinclair. A porta estava aberta para a noite. Os sons da festividade, as risadas e a música, os abraçou. Dois homens de libré, cada um em um lado da porta, suas expressões como se fossem feitos de pedra. Jessie foi momentaneamente surpreendida pela agitação no tom de Ben. Ela estudou a expressão de seu rosto, querendo saber por que ele parecia tão tenso hoje à noite. "Realmente, Ben... Não tenho idéia onde ela pode ter ouvido — mas chega desse assunto; como, vamos entrar!" Ela se virou, puxando sua mão e começou a entrar na casa, mas Ben chamou-a de volta.

"A noite está muito linda para ir lá para dentro agora. Fique na minha companhia um instante mais."

Ela olhou para ele através das sombras, não gostando do que ouviu. "Você não vai entrar?"

"Não", ele suspirou e olhou para outro lugar — "Não posso".

"Oh, bem! Kathryn ficará tão desapontada! Como você pode quebrar o coração dela?"

Ele se virou, olhando na direção do porto. "Dê-lhe meus melhores cumprimentos," ele disse um tanto distraidamente.

Se Jessie também não tivesse seu olhar vidrado no porto, ela poderia ter perdido o súbito clarão de luz que perfurou a escuridão. Mesmo enquanto ela olhava, havia outro. E depois outro.

"Gostaria de saber o que foi isso."

"Hmmm"? Seguindo a direção do olhar dela, Ben assegurou-lhe, "nada, tenho certeza, não foi nada, minha doce prima." Ele deslizou e passou a mão suavemente sobre seu pescoço. "É melhor eu ir, de qualquer forma. Vá para dentro e divirta-se. Kathryn estará esperando, e vou voltar para buscá-la em breve." Com um piscar de olhos, ele acrescentou, "Você vai guardar uma dança para mim, não vai?"

Jessie assentiu com a cabeça, e ele se dobrou para beijar sua testa.

Deixando-a com outra piscadela, ele foi para a rua; as conchas crepitavam ruidosamente com suas botas. Jessie ficou, assistindo enquanto ele entrava nas sombras. Suas vestes se misturaram com a noite.

Um sentimento de mal-estar correu através do seu corpo, enquanto assistia ele ir, mas ela ignorou, dizendo que não havia nada para se preocupar — talvez ele estivesse indo ao encontro de uma mulher...

Removendo sua echarpe de seus ombros, ela ficou por alguns momentos pensativa, a enfiou dentro de sua bolsinha e entrou passando pelos criados, em direção ao salão festivamente decorado.



CAPÍTULO CATORZE

O luar se derramava sobre a varanda aberta, iluminando a maior parte do seu comprimento, mas dentro do jardim, debaixo dos carvalhos, havia apenas escuridão. Era precisamente o paraíso que Jessie procurava, e ela rapidamente foi para as sombras, grata por ter escapado do burburinho do salão sem que as pessoas notassem.

Confusa pela paz de onde ela estava Jessie ficou olhando melancolicamente para os jardins iluminados. Por um instante, ela se perdeu no devaneio.

Se apenas as coisas tivessem sido diferentes.

Talvez ela, também, estaria dentro da casa... dançando alegremente sob os lustres deslumbrantes... em seus braços... olhando com amor para seus olhos.

Mas não era para ser.

E ela não era nenhuma criança para divagar sobre sua vida através de sonhos despedaçados.

Suspirando melancolicamente, ela tirou a máscara e olhou para ela. A maioria dos convidados usava um traje completo, de tecido fino que não era tão facilmente adquirido na cidade. Seu próprio traje de ouro e prata para combinar com o vestido dela, apesar de ser verdadeiramente uma obra de arte, parecia bastante triste apesar de sua boca carnuda e seus olhos exóticos. Não importava, porque o traje combinava com o seu estado de espírito.

Lord Christian Haukinge era um vilão desprezível, um porco, um devasso. Ele era o pesadelo de toda mulher.

O problema era que ela ainda o amava.

A música desvaneceu-se e ela ouviu outro som à distância — a pressa suave da água de uma fonte do jardim. Era um som tão tranquilo, que quando a música de um minueto começou aparentemente mais alta do que antes, ela seguiu o caminho para o jardim, deixando para trás os sons do baile de máscaras e entrando para a serenidade do jardim central. A fonte encontrava-se no coração do recinto coberto, a água jorrando de seu núcleo ao luar, em cascata, e numa piscina iluminada. O cheiro de madressilva selvagem e de rosas flutuava docemente sobre o ar, enchendo seus sentidos — fazendo-a se esquecer, pelo menos naquele instante.

Escondido na sombra, Christian a viu passar por ele. Na fonte, ela tirou a luva dela e sedutoramente deslizou seus dedos nus pela água. Ela suspirou suavemente como se ela trouxesse umidade para a sua pele, refrigerando sua carne maravilhosamente suave.

Porra, ele não conseguia esquecer a sensação dela.

Seu desempenho foi de tal forma sedutora que ele se encontrou mais uma vez desesperado. E então, novamente, ele pensou com tristeza, parecia que não era preciso muito. Ele só precisava se lembrar do dia em que eles tinham deitado juntos sob a árvore de olmo... a maneira que ela tinha tremido com o seu toque... a expressão em seu rosto.

Ele ficou mais atormentado.

Ele apertou a mandíbula e tentou tirar a imagem de sua mente.

Não tinha nenhum propósito ele se lembrar agora.

Ele olhou para o outro lado, incapaz de suportar a visão dela. A imagem de Ben Stone, a maneira que ele tinha se portado esta tarde, torceu seu estômago. Ele não se importava — não queria se importar —

mas que o diabo o enforcasse se ele não se importasse. Como o metal de um veio de ouro, seu olhar voltou-se para a fonte, para vê-la, apesar de sua determinação contra ela. Ele a observava balançar sedutoramente, virada para cima para o céu como tinta quando ela acariciou o pescoço com as pontas umedecidos dos dedos. Uma inexplicável raiva subiu dentro dele. Ela sabia que ele estava olhando?

Ele pensou que provavelmente sim — sem dúvida era outra forma diabólica de tortura que ela tinha inventado. Durante toda noite ela tinha dançado com um ânimo leve, sorrindo brilhantemente para os seus acompanhantes — como se nada no mundo lhe incomodasse.

E sim, ela tinha conseguido fazer seu coração sangrar de novo.

Antes que ele pudesse tentar ir até ela, ele se sentou no banco e ficou admirando à noite. Que Deus, o ajudasse ele se sentia atraído por ela como um bêbado fica atraído por um copo de vinho, sabendo que ela não era boa para ele, e ainda assim... desejando-lhe de uma maneira que era dolorosa demais para negar.

Desta vez ele iria resistir.

Fechando os olhos, Jessie desejou estar longe dos rostos sorridentes e felizes dos casais que ela invejava tanto.

Embora ela se sentisse feliz por eles, era muito difícil assistir sua alegria quando todas as promessas de felicidade tinham desaparecido da sua vida. Senhor, como ela desejava nunca ter colocado os olhos *nele* outra vez — mais do que isso, ela desejava nunca tê-lo conhecido.

Se ao menos ela soubesse o que ela sabia agora — que ele era um canalha desprezível que se importava apenas com seus próprios prazeres. Ele a tinha usado cruelmente, sem nem mesmo pensar em seus sentimentos.

Do fundo da sua alma ela desejou voltar no tempo... para que ela pudesse desfazer seus erros — ou, pelo menos, que ela pudesse abrir os olhos e achar que tudo tinha sido um pesadelo horrível, que ela iria acordar e encontrar-se capaz de ter sentimentos de novo. Voltando seu rosto para as estrelas, ela apertou os olhos, os fechou e sussurrou um fervoroso "eu desejo..."

"Qual é o seu desejo, senhorita?" uma voz dolorosamente familiar inquiriu.

O coração dela bateu contra suas costelas, e por um momento ela ficou paralisada de medo. Em pânico pensando que ela teria de enfrentá-lo novamente, ela se virou.

Ela teve que esperar um momento para olhar para ele.

Ele estava sentado sobre o braço de um banco elaboradamente esculpido, seus braços cruzados. Ele se levantou lentamente, arremessando um charuto aceso no chão, esmagando-o sob sua bota antes de vir para frente, para fora das sombras, olhando para ela com uma expressão de tédio supremo.

Por favor, Deus, ela implorou, não deixe ele perceber que sou eu.

O coração dela batia dolorosamente. Ela olhou com ansiedade, esperando por uma retirada rápida.

Deus o amaldiçoe, os pés dela recusavam-se a se mover. E então já era tarde, porque ele já estava de pé diante dela.

Seus cílios escuros emolduravam seu rosto, mascarando seus olhos, e então ele olhou para cima, encontrando seu olhar. "O que você estava desejando?"

Os nervos dela estavam perto do ponto de ruptura, e seu controle conseguia fragmentar sua compostura completamente.

Será que ela deveria mentir? Será que ela deveria correr? "Eu-eu estava apenas entregando-me a um capricho, meu senhor. Uma sonhadora pode-se dizer." Ela franziu a testa por trás de sua máscara, esperando que ele não visse a verdade por trás de suas palavras.

Ele olhou para o céu enquanto considerava a resposta dela, e nesse breve instante Jessie foi capaz de observá-lo livremente.

Ele estava bonito como sempre — que Deus o amaldiçoasse por isso. Vestido de preto, ele podia se misturar com a noite. *Como Ben*. Ao contrário dos outros convidados, ele não usava máscara ou fantasia.

Ela rezou para que ele não soubesse que era ela.

Mas quando ele olhou para ela novamente foi com os olhos apertados, e seu olhar frio, impiedoso tirou seu fôlego. Neste instante desconfortável, ela soube... esconder seu rosto era inútil. Seu olhar se dirigiu para a luva que ela tinha retirado, e então foi para a fonte, por um excruciante momento antes de retornar para ela.

Seu sorriso era arrepiante. "Você é uma imagem sedutora, meu amor," ele disse finalmente. "Diga-me... foi este desempenho feito em meu benefício... ou você por acaso vai se encontrar com um amante?"

Sua pergunta foi como um tapa na cara.

"Eu-eu estava apenas buscando algum ar," ela disse, evitando a vontade de bater em seu rosto bonito.

Ela queria bater nele, injuriá-lo e poderia ter realizado esses delírios infantis se o vestido dela não a restringisse tanto. Ela odiava essas armadilhas, detestava a ordem social que a proibia a um show aberto de raiva.

Que Deus a ajudasse, mas ela queria machucá-lo, como ele a tinha machucado!

"Se você me desculpar, meu senhor," ela disse, em vez disso, com as mãos tremendo. "Eu-eu acredito que vou deixá-lo sozinho — eu peço desculpas se fui intrometida!" Com a respiração interrompida, ela se levantou, mas ele pegou no braço dela e a trouxe para perto dele.

Jessie deu um grito de desespero, quando ele tirou o capuz da cabeça dela. Ela deu um passo para trás, seus dedos apertando o pano de ouro e prata, quando um sorriso cruel tocou os lábios dele. Ele apertou seu braço.

"Solte-me!" Ela empurrou seu braço livre e levantou a saia para passar por ele, mas sua mão mais uma vez apertou o pulso dela.

"Por favor", ela sussurrou desesperada para ficar longe dele. "Deixe-me ir..."

"Não, Dane-se!"

Que Deus o ajudasse, ele não conseguia deixá-la ir.

E que ele também se danasse, porque ele não queria pensar nela todos os momentos — porque ele não deveria querer tocá-la agora mesmo — porque ele não deveria ter o desejo de segurá-la em seus braços e beijá-la.

Ele veio para o jardim para ficar sozinho, longe de seus olhos verdes, de seus sorriso ingênuo, só para ter sua paz intrometida por ninguém menos do que ela.

Ela realmente tinha pensado em se esconder atrás de uma máscara boba? Tolice — bastava um vislumbre naqueles olhos de bruxa para reconhecê-la.

Só um cego não veria.

"Dane-se, Jessamine!" ele jurou novamente, trazendo-a para perto dele, e a esmagando-a contra ele.

Ela gritou, mas ao mesmo tempo não resistiu.

"Maldita, maldita, maldita," ele sussurrou, abaixando seu rosto para perto do dela.

"Não!" ela gritou e tentou se libertar. "Não!" Ele rapidamente parou para

olhar nos olhos dela, e então seu olhar caiu em sua boca.

"Jess," ele disse, levantando um cacho de cabelo que tinha caído da sua touca e acariciando-o com seus dedos.

Ele colocou seu dedo em sua boca, acariciando seus lábios, indo até sua bochecha, acariciando-a suavemente.

Tremores corriam por todo o corpo dela.

Jessie não sabia que ela a tinha largado até que suas duas mãos estavam enroladas no cabelo dela. Os dedos dele acariciavam seu pescoço, segurando-a firmemente para um beijo.

"Não," Ela suplicou-lhe, tentando em vão evitar que ele a beijasse. Ele a segurou com firmeza.

"Não... não... por favor..." Ela choramingou.

"Jessie", ele disse com um gemido, fazendo-a olhar para ele,

O som da sua voz era baixo e atormentado, e a boca dele encontrou-se com a dela com determinação selvagem, persuadindo os lábios trêmulos. Como fogo líquido, sua língua escorregou dentro de sua boca escovando-a calorosamente contra a sua própria, e uma

descarga de prazer quase doloroso subiu através dela. A outra mão dele escorregou até seu pescoço... pressionando-o firmemente, forçando-o a reconhecer o resto dele também.

Que Deus a ajudasse, porque ela respondeu desenfreadamente a tudo o que ela sentia, deixando-o levar tudo o que ele queria. Seu gosto era de brandy, sua boca estava tão quente e doce com o sabor que ela quase podia sentir o deslizar do licor ardente em sua própria garganta. Ele sentia o cheiro dele, também... o cheiro inebriante de seus sentidos. As mãos dela caíram impotentes ao lado, e a máscara e a luva escorregaram esquecidas pelos seus dedos.

"Jessie", ele murmurou. "Jessie, Jessie, Jessie..."

Ela balançou a cabeça, num último vestígio de seu orgulho, agarrando-se à realidade. O que se passava com ela para que ela se enfraquecesse assim? Mesmo depois de tudo o que ele tinha feito com ela? Um soluço saiu de sua garganta assim que ela reconheceu a verdade. Ela estava apaixonada por ele

— sempre estaria apaixonada por ele — independentemente de como ele era, independentemente do que ele tinha feito com ela.

E ela odiava-o por isso — ela se odiava ainda mais!

Com uma força que ela não sabia que possuía, ela se libertou. "Fique longe de mim!"

Com os dedos tremendo, ela tirou seus lábios dos lábios dele. Ela encarou-o, se dobrando para pegar a máscara e a luva de cetim descartadas a seus pés. Ela levantou o rosto para olhar nos olhos dele.

"Fique longe de mim!" Ele chegou perto dela e ela se afastou. "Eu detesto quando você me toca!"

Era uma mentira deslavada, e ambos sabiam.

Ele arqueou uma sobrancelha. "Sério?"

Seu coração batia mais forte.

"Pareceu-me que você queria tanto aquele beijo quanto eu," ele disse. Estendeu a mão para colocar um dedo sob o queixo dela, elevando-a ligeiramente. "Não ouse negar, amor."

Ela tirou a mão dele do seu rosto. "Eu não sou seu amor!" ela sibilou. "Você não sabe o significado desta palavra!"

Ele falou em tom de brincadeira. "E você por acaso sabe?"

Um músculo contorceu-se em sua mandíbula, e ela foi para trás, pronta para fugir se ele avançasse novamente, mas ele simplesmente ficou parado, olhando para ela com aquele olhar que ela tanto amava.

Seis meses atrás, esse mesmo fogo nos olhos dele tinha quebrado o coração dela. Agora ele só a enfurecia. E a fúria lhe deu a coragem de perguntar o que ela precisava saber dele. "Que tipo de homem é você, que aceita pagamento para quebrar o coração de uma mulher?"

Por um longo instante ele apenas olhou para ela, e então ele respondeu, "que tipo de homem é seu irmão que me convidou a fazê-lo?"

"Eu não estou pedindo para o senhor defender a honra do meu irmão!" ela rebateu. "Apenas a sua própria! E pergunto mais uma vez — que tipo de homem você é que aceita pagamento para um ato tão ignóbil? Certamente você não é um cavalheiro!"

Novamente ele se enrijeceu. "Se você acha que eu não sou um cavalheiro, senhorita... é porque você não é uma dama."

Ele riu e em seguida se inclinou para recuperar a luva do chão. Sua acusação caiu direto em sua alma.

Ele trouxe a luva até seus lábios para um beijo e jogou-a com raiva no peito dela. Então ele se virou e foi embora, deixando-a sozinha com uma raiva muda. Com as mãos tremendo, ela pegou a capa e a máscara e voltou para a casa, esperando que ele tivesse ido embora, porque ela, por enquanto, não podia ir. Ela amaldiçoou a Ben por deixá-la aqui à sua mercê. O coração dela continuou a bater com raiva. Ela encontrou Kathryn ainda na pista de dança, rindo alegremente, e então ficou de lado, assistindo os cintilantes vestido de seda e cetim passarem por ela. Depois de um momento — ou pode ter sido uma vida — Lord St John apareceu ao lado dela. Silenciosamente, ela desejou que ele fosse para o inferno, mas conseguiu dar-lhe um sorriso agradável.

"Jessamine querida," ele sussurrou. "Você está absolutamente deslumbrante esta noite."

Ela resistiu ao impulso de chutá-lo diretamente na canela. "Obrigada, *My Lord*," ela disse docemente.

"Você sabia que era eu?" Ela estendeu a mão em saudação, e ele a trouxe para seus lábios. Atrás de sua máscara, ela recuou ao seu toque. Somente depois que todas as outras pessoas em Charlestown lhe tinham dado uma recepção calorosa foi que Lord St John não se preocupou em falar mal dela, — não que ela se importasse com ele, mas ele parecia fluir com a maré da opinião pública, querendo-a num momento, e desprezando-a no próximo.

Muito parecido com alguém que ela conhecia.

Seu olhar buscou-o no salão.

"Você", ele murmurou, beijando a mão dela, "é simplesmente inconfundível, minha querida."

Ela suspirou. "E por que, *My Lord?*" perguntou através dos dentes cerrados, grata pela máscara que escondia sua expressão de nojo.

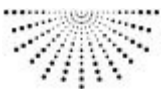
"Por causa dos seus olhos, claro," ele declarou. "Eles são as mais raras jóias daqui de Charlestown..."

Com esta declaração, Jessie lutou para segurar as lágrimas. Christian uma vez tinha dito a mesma coisa, e ela se perguntava quantas mulheres tinham ouvido tais asneiras. Para quantas outras tinha Christian murmurado tais palavras carinhosas?

Mais uma vez seu olhar varreu a sala, desta vez viu que ele estava reunido com outros homens tomando um conhaque. Ele levantou o copo em uma saudação silenciosa. Ela mal podia ver seu rosto à distância, mas ela suspeitava que ele a estava felicitando-a por Lord St John ter renovado o pedido por sua mão. O homem estava se tornando um cafajeste na sua perseguição. Nada parecia dissuadi-lo.

Ela evitou o seu olhar, fingindo interesse na discussão unilateral de Lord St John. Era insuportável ver que os dois homens que tinham lhe causado tanta angústia todos aqueles meses na Inglaterra estivessem aqui agora, muitas milhas de distância, fazendo-a infeliz mais uma vez. Deus certamente estava castigando-a!

"E onde estaria Ben esta noite?" St John perguntou seu olhar girando com indisfarçável asco em direção a Christian. "Jessamine? Está ouvindo, minha querida?"



CAPÍTULO QUINZE

P

"

erdão, meu senhor," ela respondeu docemente. "O que você disse?"

"Estava perguntando sobre seu primo", disse St John. Não lhe escapou a maneira como seus olhos continuavam a olhar para o outro lado do salão — não importava que suas expressões estivessem cheias de desprezo. A mulher mal podia escutá-lo. Quantas vezes ele devia perder para Christian?

"Não sei, meu senhor," ela respondeu, soando entediada.

St John cerrou os dentes, querendo bater nela. Ele se obrigou a manter a calma e balançou a cabeça gravemente. "Bem... Eu ousou dizer... Eu espero que ele não esteja perto das docas..."

"Oh? Por que, My Lord?"

Se ela apenas cooperasse.

Porque, ele ponderou Christian não tinha ido com seus homens hoje?

Seus olhos se arregalaram com descrença fingida quando ele se dobrou para sussurrar, "Você quer dizer que não ouviu?" Ele olhou para Christian. O homem era violento, ele podia ver. St John podia sentir sua tensão, mesmo com a distância entre eles. Seu olhar voltou para Jessamine. Talvez ele não fosse perder essa rodada, afinal...

Talvez ele pudesse usar sua atração em sua vantagem...

"Bem, minha querida, já tomaram duas das embarcações de Lauren! Parece que Daniel Moore — que é um grande amigo meu — tem motivos para suspeitar que ele seja contrabandista. E isso não é tudo!

Moore também ficou sabendo que o infame Falcão vai tentar contrabandear armas esta noite — talvez enquanto falamos — para

esses traidores rebeldes. Imagine isso!"

Vendo a expressão dela, ele continuou: "Eu ousou dizer que tem uma força esperando por cada um deles esta noite!" Olhando fixamente para Jessie ele acrescentou em seguida, "Espero que seu primo seja sábio o suficiente para manter distância daqueles agitadores... e, claro, longe das docas... ao menos por esta noite..."

O coração de Jessie começou a bater descontroladamente.

"Sim, claro, meu senhor! Ben nunca faria isso!" Ela tentou disfarçar sua preocupação, sorrindo e dizendo: "Na verdade, eu espero por ele a qualquer instante."

"Você espera"? Ele sorriu suavemente, sua expressão estranhamente triunfante.

Jessie sorriu de volta, embora seu corpo estivesse gelado. Se Lord St John tivesse falado a verdade...

então Ben poderia muito bem estar com eles agora — ela não suportava pensar o preço que ele poderia pagar. Recordando as luzes piscando na doca, ela se lembrou da atenção de Ben sobre elas... como se ele estivesse vendo... um sinal? Ela estremeceu.

"Muito bem", St John disse, "porque o cais de Adger não é o lugar para se estar esta noite."

Jessie seguiu a direção do seu olhar para onde Christian estava e se perguntou por que St John fez questão de saudá-lo, quando ela sabia que eles se desprezavam. Quando o olhar de St John se voltou para ela, ele estava sorrindo vitoriosamente, e outro estremecimento se apoderou dela.

"Dance comigo, minha querida," Ele suplicou, não lhe dando nenhuma oportunidade de negar, ele pegou na sua mão e levou-a sem demora para o meio dos dançarinos.

Disposta a não criar uma cena, Jessie foi dançar apesar de seu olhar continuar perdido do outro lado da sala.

Christian assistiu aos dois dançando juntos, mal contendo sua fúria.

Era óbvio pela expressão no rosto de St John, que ele tinha enchido os ouvidos de Jessie com informações destinadas a ele. *Verme*. Ele sorriu com desgosto. Mal sabia ele que estava investindo no stratagema errado; Jessie nunca por vontade própria chegaria perto dele — particularmente, após o que tinha acontecido entre eles no jardim. Ela evitou cuidadosamente seu olhar desde então.

Maldito St John.

Maldita Jessamine.

Bem, que droga, se St John transmitiu informações através de seus lábios traiçoeiros, ele certamente estava disposto a ouvi-las. Ele atravessou propositadamente os dançarinos e se inclinou para sussurrar em seu ouvido.

"Posso ter o prazer desta dança, senhorita?"

Assustada, Jessie se virou e descobriu Christian atrás dela, que sorria friamente, porém não para ela, mas para Lord St John. O olhar de St John, também continha algumas mensagens indecifráveis, e ela estremeceu com a sensação de que ele tinha vindo de repente — como se de alguma forma ela tivesse sido apanhada no meio de alguma guerra entre eles.

St John a soltou, depois sorriu e se afastou. "É claro", ele disse, cedendo muito facilmente.

Jessie começou a protestar, mas ele não lhe deu nenhuma oportunidade. Sem aguardar seu parecer favorável, Christian a levou pelos braços, para longe de St John.

"Eu não me lembro de ter concordado em dançar com você, meu senhor," ela disse. "O mínimo que posso dizer é que você é rude!"

Ele sorriu sem alegria. "Você me lisonjeia, *minha bela*. Agora, diga-me o que você estava conversando tão privadamente com St John?"

"De todos os arrogantes, vaidosos —" ela rangia os dentes. "Não é da sua conta!"

"Senhorita," ele disse, sorrindo para ela com todo seu charme devastador. "Eu preciso saber neste momento o que ele falou," ele estava exigindo, "ou eu prometo que você vai desejar ter ficado em casa esta noite em vez de ter saído para desfilarmos" — seu olhar varreu seu corpo — "atrativos", finalizou.

"Eu não sabia que você tinha tanto para mostrar. Acho que você faria Eliza ficar orgulhosa."

"Como se atreve! Seu arrogante!" Jessie cerrou os dentes e olhou para ele. "Porque você acha que nossa conversa é da sua conta, meu senhor?"

"Deixe-me simplesmente chamar de sagacidade, meu amor."

Os olhos de Jessie estavam queimando com desprezo. "Pedi para não me chamar assim!"

Christian sorriu, sem se arrepender. *Pardonnez-moi, ma petite.*"

"Não!" ela disse. "Não vou lhe perdoar!"

Ele lhe deu um sorrisinho, mas não disse nada.

Um pensamento ocorreu-lhe de repente; apesar dela ter desprezado o fato, ela sabia que Christian e Ben se conheciam...

Se Ben, na verdade, estava em perigo, ela precisaria de ajuda de alguém. Não havia nada que ela pudesse fazer sozinha,

especialmente esta hora tardia da noite. A triste verdade era que não havia mais ninguém que ela pudesse pedir ajuda a não ser Christian. Ainda assim, ela não queria pedir nada para ele.

"Muito bem!", ela cedeu. "Ele disse que vai haver problemas nas docas esta noite... e que Ben deveria ficar afastado."

"Foi isso o que ele disse?" Seu olhar era frio e inflexível como o aço. "E?"

"Que o príncipe dos contrabandistas iria invadir o armazém no cais de Adger! Ele —"

Sem aviso, Christian a segurou firmemente pelo braço. Ela deu um pequeno grito de dor e ele a largou na mesma hora. Com uma mão em suas costas, ele forçou-a para fora da pista de dança, caminhando tão perto dela que ela podia sentir o calor do seu corpo. "Faça o que eu digo," ele sussurrou nos ouvidos dela, "ou que Deus me ajude, você não viverá para se arrepender."

Ele levou-a diretamente em direção a sua anfitriã, fez um pedido de desculpas apressado para a sua partida precoce, e num momento, eles estavam na porta da frente.

"Como ousa dizer que estou doente!" Ela girou para enfrentá-lo. "Meu Deus, você é um mentiroso desprezível, também!"

Christian a sacudiu duro para avisá-la. "Cale-se! Cale-se e me ouça, antes que eu perca a pouca paciência que me restou! Você vai pegar a minha carruagem e vai diretamente para casa, *tu me comprends?* Vá diretamente!" Seu tom não tolerava nenhum argumento. Ele acenou, chamando seu motorista.

"Eu não posso ir agora!"

Ele empurrou o braço dela, avisando-a pelo olhar para ficar em silêncio.

Ela tropeçou ligeiramente em suas saias. "Oh! Você! Dê-me somente uma razão pela qual eu deva fazer como você diz — apenas uma!"

Seus lábios se curvavam desdenhosamente quando ele olhou para seu rosto. "Porque meu amor," ele disse, "você se importa demais com seu primo para vê-lo enforcado, só por isso!" Colocou-a em sua carruagem, saudou o motorista e então desapareceu na escuridão, em direção às docas.

Jessie viu-o partir, o medo se apossando de seu coração.

"Jean Paul!" Christian estava zangado quando chegou à escuridão do armazém.

"Achamos Falcão. Aqui!" Ben passou a lanterna rapidamente sobre os caixotes de madeira.

Com a pistola na mão, Christian foi para onde eles estavam.

"O resto já foi transportado para bordo do navio".

"Bom — arrumem as coisas e saiam daqui! St John sabe."

Christian colocou a pistola no cinto e foi ajudar com as caixas, mas assim que ele começou houve um ruído abafado do outro lado da sala. Em segundos, um estrondo rasgou o ar. Jean Paul deixou a caixa cair no chão, deu um único passo, e então caiu em cima do caixote.

"Alto em nome da coroa!"

Mais dois tiros e a lanterna que Ben estava carregando balançou na escuridão, caindo no chão. Ela bateu contra a madeira lascada, explodindo em chamas.



CAPÍTULO DEZESSEIS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Em seu quarto Jessie estava dividida entre fúria e medo — e então, ela ouviu um choro e o medo

ganhou.

"Fogo!"

Um calafrio varreu sua coluna.

Ela correu para a janela, olhou para baixo apenas a tempo de ouvir o homem gritar. "Fogo! Fogo no armazém!" Ele corria pela rua, gritando; uma a uma, as luzes das casas se acendiam. Do outro lado da rua, um homem vinha tropeçando com sua roupa de dormir. Correndo no meio da rua, ele jogou fora sua bebida enquanto corria, acenando, descontroladamente. As portas se abriam. Em momentos, a estreita faixa tornou-se congestionada com curiosos.

"Miss Jessie! Miss Jessie!"

Jessie correu para a porta, empurrando-a para revelar uma mulher doce e gorducha. "Miss Jessie!" a empregada continuava a gritar. "Tem um homem lá embaixo, esperando por você — ele disse que o Sr Ben está em apuros! Ele me disse para buscar você e só você, para não buscar o Sr Robert! Ele disse que você é a única que pode ajudá-lo! Devo acordar o Sr Robert?"

Medo apertou o coração de Jessie. Ela balançou a cabeça. Podia ser Christian! "Ainda não; deixe-me ver o que o homem quer."

Deixando a porta aberta para a empregada entrar, Jessie virou-se para pegar sua capa pendurada no cabide de madeira preso na parede. Perturbada demais para se preocupar com sua aparência, ela jogou a capa sobre os ombros e colocou os chinelos de couro azul.

Immogene aparentava estar escandalizada. "Miss Jessie! Não vai se vestir?"

"Depois que eu descobrir o que o homem tem a me dizer."

Jessie se apressou passando a empregada preocupada, indo para o corredor e pela escada elegantemente acarpetada.

"Bem, então eu vou com você!" Immogene apressou-se para baixo atrás dela, acrescentando, "não é adequado uma dama correr pela noite vestindo somente a sua camisola!"

"Eu vou ficar bem," jurou Jessie. "Basta contar para a tia Claire e o tio Robert sobre o incêndio."

"Fogo"? Immogene parou atrás dela. "Miss Jessie, que fogo?"

"No armazém — embora ainda não soubesse qual deles! Por favor, vá dizer-lhes!"

Immogene virou-se, correu de volta para o andar de cima, e Jessie correu pelo corredor, em direção a cozinha escura. Abriu a porta de trás, e encontrou um homem em pé nos degraus.

Não era Christian.

O olhar que ele deu para ela a fez embrulhar seu capote em volta dela mais firmemente.

"Senhora. Meu nome é McCarney" ele disse com um sotaque grosso e mais proeminente por causa da bebida. Ela sentiu seu hálito fétido de onde ela estava. "Eu vim te buscar para o Ben, moça. Ele está ferido."

"O que você quer dizer ferido? Como"?

O olhar do homem se moveu nervosamente.

"Tem algo a ver com o incêndio?"

Ele pareceu hesitar um momento, então assentiu com a cabeça. "Sim", ele disse. "O fogo".

"Meu Deus!" Jessie exclamou, virando e indo para dentro de casa. "Por favor, senhor?"

"McCarney me espere enquanto eu vou buscar meu tio."

"Não, garota!" Sem aviso, ele a agarrou pela capa. Jessie engasgou e abriu a boca para gritar, mas ele empurrou os dedos na garganta dela, tentando puxá-la para a sombra.

Ela lutou para ficar livre dele. Ela correu de volta para a segurança de casa, abriu a boca para gritar por socorro, mas de repente ouviu o som de vidro quebrando. Sacudida por um golpe, ela caiu para trás em seus braços. A última coisa que ela ouviu foi uma maldição irlandesa indecifrável.

"McCarney, seu filho da puta! O que diabos você fez com ela?"

"Ela não queria vir," ele disse sem remorso. "Ela ia chamar seu tio — eu não podia deixá-la fazer isso, não é?"

"Você não tinha que bater nela maldito!" Tendo Jessie em seus braços, Christian empurrou McCarney afastando-o.

"Eu não tirei sangue!"

"Deus!" Christian rosou. "Ela está morta para o mundo. Com o que você bateu nela?" Christian perguntou. "É melhor você rezar para ela acordar!"

"Ela está respirando, não está?"

Christian olhou para ele, colocou Jessie suavemente deitada. Sua capa estava toda torcida no corpo dela — maldição ela parecia um

cadáver indiano sendo preparado para ser cremado. Ele tirou cuidadosamente o manto dela.

"Cristo!" ele murmurou, deixando sua capa cair sobre ela para protegê-la dos olhos ávidos de McCarney. "O que diabos você fez, McCarney, tirou-a de sua cama?"

McCarney balançou a cabeça, seus olhos piscando insolente. "Não! Ela veio

para a porta assim!"

Droga, Christian amaldiçoou silenciosamente. "Vamos sair daqui." Tinha sido um milagre eles terem escapado. Ele balançou a cabeça em desgosto. Alguém tinha recebido muito dinheiro esta noite — e ele ia descobrir exatamente quem. Primeiro Jean Paul — Cristo, se o pai dele morresse...

Ele forçou seus pensamentos para longe dessa possibilidade.

E então, Ben.

Agora, Jessie?

Ele não aguentaria.

Em segundos o barco foi lançado ao mar e deslizou silenciosamente pelo Rio Cooper, em direção ao porto. Jessie gemeu, colocando uma mão na cabeça, e um alívio subiu através dele enquanto ele a observava. E então ela levantou aquele olhar lindo, verde, e ele teve uma súbita vontade de atirá-la ao mar, porque sua repulsa era evidente.

"Você!" ela falou baixinho, lançando-se para longe dele como se ele fosse uma lesma na cama dela.

Ela o encarou ferozmente. "Eu deveria saber! Deus, eu deveria saber! Você é um mentiroso desprezível, senhor Haukinge!"

Agora eu sou senhor?

Novamente ela deu um passo para trás e ficou balançando o barco com sua histeria. Sua capa caiu, revelando as pontas escuras dos seus seios através da camisola imaculada que ela usava. Seu maxilar tremeu. Ele olhou por cima do ombro. "Vire-se, McCarney!" Voltando de novo para Jessie, ele falou para ela, "sente-se ou você vai virar o barco."

"Você é um mentiroso!" ela gritou. "Onde está o Ben? Ele não está ferido, está? Uma idiota é o que eu sou! Deus — Ah, Deus, onde você está me levando?"

Christian franziu a testa. Por que não tinha renda ou pregas — ou alguma outra coisa maldita no corpete de sua camisola para esconder o corpo dela?

"Cubra-se, Jess".

Ela não parecia tê-lo ouvido. "Onde você está me levando!"

"Raios a partam, Jess!"

"Onde você está me levando?"

Ele chegou para o manto que estava caído em seus pés. "Cubra-se —"

Pensando que ele queria agarrá-la, ela recuou suas mãos quando ela perdeu o equilíbrio. O barco quase virou. Christian chegou perto dela, segurando-a antes que ela caísse no mar. Trouxe-a com segurança para seus joelhos. Ela lutou com ele descontroladamente e quando isso não funcionou, bateu no ombro com a sua mão.

"Fique quieta, droga — você vai virar o maldito barco!"

Os olhos dela queimavam com ira verde. "Eu posso nadar, Mister Haukinge — você pode?"

Um sorriso fraco apareceu nos lábios de Christian. Que moça impertinente! Ela parou de lutar e olhou para ele como se ela pudesse desejar que ele se incendiasse — a ironia de tudo era que ela podia. Ele queimava por ela agora. "Sim," ele disse, "Eu posso, mas eu preferiria não ter que nadar."

"Eu não me importo muito para o que você prefere! Exijo que você me leve de volta para a minha casa neste instante!"

Christian abanou a cabeça com pesar. "Eu não posso, estou com medo. "Ele sorriu ligeiramente,

"embora você sempre possa pegar uma carona com os jacarés, se quiser."

"Jacarés!"

Como Christian pensava, ela ficava perfeita dentro do seu abraço. Ele assentiu. "Lá fora". Ele assentiu com a cabeça em direção a escuridão.

"Você mentiu! Eu não vejo jacarés!"

"Ah," ele disse, "mas você está disposta a arriscar?"

Ele soltou-a então, para provar seu ponto.

Por um momento ela olhou para a escuridão, para o reflexo da lua sobre a água, como se fosse descobrir se ele tinha falado a verdade. Havia um barulho sinistro à distância, como se fosse um bicho na água, mas nada era discernível através da escuridão. Supondo que Jessie tinha ouvido também, ele estava despreparado para o que ela

fez em seguida. Ele apanhou-a mais uma vez quando ela tentou se atirar à água,

Com a raiva enevoando seu julgamento, Jessie lutou com ele, batendo-lhe com seus punhos e o empurrando com todas as suas forças. Ele parecia tão pesado quanto uma montanha — indestrutível como uma também — e a única coisa que ela parecia capaz de fazer era balançar o barco. Se sentindo absolutamente desamparada, ela puxava sua orelha esquerda com a mão aberta.

"Ayyee! Que o diabo te enforque, mulher!"

Christian pegou os pulsos dela, fixando-os impiedosamente nas pranchas.

"Dane-se! Não me ouviu? Existem jacarés nestas águas! Você realmente me detesta tanto que prefere a companhia deles que a minha?"

"Sim!", ela cuspiu. "Pelo menos com eles, eu sei o que esperar! Você, senhor Haukinge, é um impostor da pior espécie!"



CAPÍTULO DEZESSETE

Ela não sabia nem a metade do ocorrido.

Ele sentiu impulso para atacá-la, para fazer seu coração doer tanto quanto o dele, mas ele achou que não conseguiria fazer isso. Já tinha acontecido demasiada tristeza esta noite. Ele não tinha idéia se Jean Paul ainda estava vivo, ele apenas sabia que agora ele e Jessie deviam ir para o Mistral. Ele precisava desesperadamente que ela o ajudasse. "Jess..." Deus, ele odiava a idéia de ter que lhe dizer. "Acho que Bem pode estar morto."

A expressão dela se transformou diante de seus olhos, de ardente repúdio para medo. "Morto?"

"Sim... e Jean Paul, também."

"O mesmo Jean Paul?"

Christian acenou com a cabeça lentamente, sua mandíbula tensionada. "Sim".

"É —" a voz dela tremeu. Ela balançou a cabeça, se engasgando com as palavras. "Ben..."

Christian sabia instintivamente o que ela estava perguntando. "Ele estava vivo a última vez que eu o vi," ele disse para ela, tentando ser misericordioso. "Não tenho idéia como ele está agora."

Os olhos de Jessie brilhavam cheios de lágrimas quando ela o encarou. Sua angústia se aprofundou quando ele reconheceu sua expressão atormentada. "Se eu te soltar," ele perguntou baixinho, desviando seu olhar momentaneamente, "promete ficar calma?"

Ela assentiu com a cabeça, e Christian a soltou de uma vez. Ele podia confortá-la, estava ao seu alcance — dentro de seus braços — mas eles não estavam sozinhos, nem ele sentiu que ela gostaria de receber seu abraço. Ela se sentou lentamente, abraçando os joelhos, apaticamente olhando para a escuridão. Inseguro sobre o que dizer para ela para confortá-la, Christian colocou a capa sobre os ombros dela.

"O que aconteceu?"

Ela parecia não suportar olhar para ele.

"Você terá que perguntar para Ben," ele disse suavemente. "Se ele desejar que você saiba, ele mesmo vai te contar."

Jessie assentiu com a cabeça, e Christian se perguntou se ele estava cometendo um erro em envolvê-

la.

Ela podia ser confiável?

Embora ela o tivesse traído uma vez, a verdade era que ele tinha pouca escolha neste assunto: Jean Paul precisava de alguém para servir de enfermeira para ele assim como Ben, e Jessie, inexperiente como ela deveria ser, era tudo o que estava disponível para ele. Ele não podia confiar em ninguém mais

— neste triste assunto, mas estes eram tempos traiçoeiros.

Ele disse a ele mesmo que ela tinha todas as razões para manter silêncio... por causa do Ben. E a julgar pelo olhar triste no seu rosto, ele não tinha nada a temer; ela gostava do seu primo.

A pergunta era... quanto?

Seu estomago torceu ao pensar nos dois juntos.

Sons da noite enchiam o ar. Sapos e grilos que momentos antes tinham

estado silenciosos resmungavam tão alto que seus barulhos oprimiam todos os outros sons.

Abraçando-se contra o ar fresco da noite, Jessie virou-se para encontrar o olhar de Christian. Ele estava olhando para ela com uma intensidade ímpar, seu cabelo escuro brilhando ao luar. O maxilar tenso e sua boca faziam um conjunto feroz. No entanto apesar dela odiá-lo, agora não era o momento para isso, ela decidiu.

Ben precisava dela.

"Como está o Jean Paul?"

"Acho que vivo", ele revelou com um encolher de ombros. "Eu realmente não sei". Com um olhar em direção a McCarney, ele balançou a cabeça e repetiu baixinho: "eu realmente não sei".

O Mistral estava ancorado ao largo, longe o suficiente para que não houvesse nenhuma luz para guiá-

los, mas perto o suficiente para que eles não precisassem usar uma lanterna por medo de serem descobertos.

O brilho fraco de uma única lanterna entre as vigias do Mistral, e por essa luz, Jessie podia subir a escada de corda que havia sido deixada para ser utilizada.

McCarney manobrou o esquife ao lado do Mistral, e com um aceno de mão, Christian pediu para ela escalá-la. Ela hesitou e perguntou-lhe, "Talvez você queira permanecer com McCarney?"

Logo após o velado aviso Jessie subiu a escada. E Deus sabia que, ela não desejava ficar sozinha com aquele homem nunca mais! Certamente ele não precisava empregar violência para ganhar sua complacência. Ele poderia simplesmente ter tentado explicar a situação de Ben. Ela teria voado em seu auxílio.

Ela chegou ao topo, e sentiu a mão de Christian sobre ela, equilibrando-lhe até que ela estivesse em segurança. Ela não tinha percebido que ele a estava seguindo tão de perto. Ele não disse nem uma palavra, em vez disso, e a guiou em direção de uma débil luz abaixo do deck. Ele levou-a para dentro de uma cabine que ficava ao longo de uma passagem escura.

Apesar de estar abraçando sua capa, ela congelou ao entrar na sala, medo fazendo seu coração bater mais rápido. Dois catres ocupavam a pequena cabine. Jean Paul estava deitado num deles e Ben no outro.

Christian foi imediatamente para o lado do seu pai, seu perfil rígido como aço quando ele se inclinou sobre seu corpo. Sua mandíbula contorcida apenas ligeiramente, mas o suficiente para revelar sua dor. O

coração de Jessie doeu por ele.

Ela respirou profundamente, e o seguiu. Ben se virou para encará-la.

"Jessie"! Ben exclamou. "Que diabo você está fazendo aqui, minha doce prima?"

Os olhos de Jessie se encheram de lágrimas quando ela caiu de joelhos ao lado de Ben. "Onde... onde você estava quando levou o tiro?" Sua voz mostrava alegria e alívio. Seus dedos tremiam quando ela pegou sua mão.

Ben olhou para longe. Ele fechou os olhos por um breve instante. "Quem... quem te contou?"

O olhar de Jessie virou-se para onde Christian estava ajoelhado, examinando Jean Paul e em seguida retornou rapidamente para Ben.

Ben suspirou compreendendo a mensagem silenciosa. "A bala apenas passou de raspão," e voltou-se para mostrar-lhe um pequeno corte na sua têmpora.

"Balderdash!"

Assustado pela exclamação, Jessie imediatamente procurou quem havia dito isso. Um homem de cabelos brancos se levantou ao lado de Christian e andou em direção a eles, balançando a cabeça. Sem a menor cerimônia e curvando-se propositadamente sobre Ben, ele puxou a colcha. Apontando para o ferimento na perna de Ben, ele perguntou, "Isto parece um arranhão para você, senhora?"

Jessie engasgou, Ben estava nu sob o cobertor. Ela forçou seu olhar a permanecer na perna dele, pois a ferida parecia horrível e ela queria desesperadamente ajudar. Era evidente que ele tinha sangrado muito, pois havia sangue cobrindo sua perna e uma quantidade razoável abaixo dela. Não sangrava mais, e por isso ela estava profundamente grata.

Lançando para o velho um olhar irritado, Ben arrebatou o cobertor antes que Jessie pudesse ver mais.

Ele viu sua expressão horrorizada, e se virou para o velho. "O que o diabo você sabe!" ele surtou. "O que você está fazendo? Assustando-a até vê-la morta?"

Surpreendentemente, o velho homem olhou furiosamente para ele. Ele bufou. "Estou tentando te salvar seu ingrato, e é tudo," ele resmungou. "Porque você acha que ela está aqui?"

"Voltando seu olhar para Jessie, Ben lhe assegurou, "realmente, prima, não é tão ruim quanto parece."

Ele deu um aceno ressentido em direção ao velho. A lesma já foi levada — e não de uma maneira delicada, eu posso acrescentar. Por isso é que parece tão ruim e porque sangrou muito."

"Eu entendo", respondeu Jessie. "Quem removeu?"

Voltando-se para o velho carrancudo de cabelos brancos e com um brilho indignado, ele disse, "Dê um palpite."

"Eu estou certa Ben, que ele só estava tentando ajudar." Ela balançou a cabeça, tentando manter-se afastada das suas emoções. "De qualquer forma," ela disse para ele, "não foi culpa dele você ter sido ferido hoje à noite, foi?"

"Esse velho excêntrico!" Ben resmungou, mas seu olhar mostrava desconfiança.

"Por favor..." Ela olhou para o velho. "Traga-me água e panos e aceite minhas desculpas pelo comportamento descortês do meu primo. Deve ser a dor que escurece o seu senso de gratidão."

O velho olhou para ela por um longo momento, claramente não acostumado a tais desculpas e evidentemente enfeitiçado pela defesa que ela fez dele. Ele assentiu com a cabeça... e saiu com pressa para fazer o que ela havia pedido.

"Você não sabe o que você está fazendo, ficando cúmplice deste homem," disse Ben, ainda incapaz de olhar para ela.

"Cala-te," ela disse.

Ela voltou sua atenção para Jean Paul. Na verdade, ela não sabia mais o que dizer para o primo dela, pois ela estava vendo um lado dele que ela nunca tinha conhecido. Nem ela estava totalmente certa de que ela queria saber o que tinha ocorrido hoje.

Christian se afastou quando Jessie se aproximou, mas ela notou a maneira que ele a observava tão atentamente. Ele não confiava nela, ela sabia. Ela não se importava. Ela ignorou-o da melhor maneira que podia, voltando-se para perscrutar o rosto de Jean Paul. Seus olhos se arregalaram e seu olhar imediatamente retornou para Christian. A semelhança entre eles era estranha. Como - ela se perguntava -

Jean Paul não sabia que Christian era sua carne e sangue? Ela decidiu que eles eram um par de velhos tolos e teimosos — e que se mereciam — ela se virou novamente para Jean Paul.

Colocando a palma da mão perto do nariz dele, ela sentiu sua respiração quente e suspirou de alívio.

Hesitante, com medo do que ela pudesse descobrir, ela baixou o cobertor até seu peito para examinar o ferimento no ombro dele.

Não parecia tão ruim como ela esperava — Ben estava pior, na verdade. Vendo a mancha na camisa

dele, ele também tinha sangrado bastante. Levando em conta a ampla expansão do peito dele, ela olhou para Christian, sem querer comparar os dois. Ela se afastou rapidamente, e que Deus a ajudasse, ela mal podia manter seus pensamentos para longe de onde ela estava agora.

Ela se sentia sufocada tendo ele tão perto dela.

Ela examinou a ferida de Jean Paul, sem saber o que fazer em seguida. Parecia que Quincy também tinha tomado conta dele, e ela silenciosamente olhou para o velho, porque ela verdadeiramente duvidava que pudesse ter feito melhor do que ele. A terrível verdade era que Jessie não teria sabido como remover a bala — nem tinha força no estômago para fazer isso. A simples visão de tanto sangue a fazia ficar tonta e doente. Ela não era precisamente experiente neste tipo de coisa. Ela olhou para Christian, silenciosamente perguntando-lhe o que ele desejava dela, porque ela não sabia o que fazer.

"Ele recuperou a consciência há pouco tempo," Ben revelou, "por um instante."

Espreitando seu primo por cima do ombro, Jessie assentiu e virou-se para colocar a mão na testa de Jean Paul. "Ele está muito quente", ela acrescentou suavemente. "Eu-eu não estou certa sobre o que fazer... quando eu estava doente, minha empregada Hildie colocava uma esponja com água fria na minha testa. Parecia me ajudar — pelo menos acho que sim."

"Faça o que puder por ele." O tom da voz de Christian, a gravidade com a qual ele falou, deu a Jessie a impressão de que ele estava quase a implorando para cuidar bem dele.

Ela olhou para ele.

"Isso é tudo o que peço a você."

Seus olhares se encontraram, e Jessie lutou contra o desejo de jogar seus braços sobre ele, e confortá-lo. Havia tanta dor evidente em seus profundos olhos azuis. "Christian... eu" na verdade, ela queria ajudar — apesar de tudo — mas ela só não sabia como. Ela balançou a cabeça, arrependida. E

então raiva a inundou uma vez mais, por ele colocá-la em tal situação. Ela evitou seu olhar. "Você devia ter seqüestrado um médico no meu lugar! Deus sabe que eu não sei nada sobre a arte de curar!"

"Você não entende," Christian murmurou baixo no seu ouvido e apesar da gravidade da situação, um calafrio varreu sua coluna quando sua respiração quente agitou o cabelo dela. "Eu —" ele falou. "Não tive escolha, Jess."

Jessie estremeceu. "Por que não?", ela perguntou. Ela olhou para ele. "Seu pai — Jean Paul," Ela alterou apressadamente, furiosamente, olhando brevemente antes de falar novamente. "Ele pode morrer sem os cuidados de um médico — não entendo por que você arriscaria! Por quê?"

Seus olhos azuis brilharam estranhamente.

"Porque," ele surtou. Sua mandíbula se trancou, e então de repente a expressão dele endureceu.

"Droga, eu simplesmente não posso! Faça o que puder, ou saia do caminho!"

Jessie se dividiu entre o desejo de virar as costas e ir embora e a necessidade de ajudar Ben e Jean Paul. Ela fingiu interesse no punho da manga com babados de Jean Paul, esfregando-o distraidamente entre a ponta dos dedos. Que Deus a ajudasse, mas a indignação quase venceu. Ela não ousou encontrar seu olhar, para

que ele visse a dor horrível, que mais uma vez ele tinha conseguido infligir sobre ela. Ela segurou a língua dela, resolvida a fazer tudo o que ela pudesse, embora parecesse louco ele não procurar ajuda de um médico experiente. Havia muito a perder.

"Estou certo que você vai pelo menos fazer o que puder para Ben," ele disse, e o tom dele era quase uma acusação.

Jessie encontrou os olhos castanhos de Ben olhando por cima de seu ombro. O primo dela parecia irritado por Christian desconsiderá-la, mas ele não disse nada. Lealdade?

Erguendo-se abruptamente, Christian olhou para ela, seus punhos cerrados ao lado do seu corpo. Ele fechou os olhos, e quando os reabriu, sua expressão estava fechada; apenas seus olhos revelavam sua dor.

"Por favor, Jess..."

Ele não podia saber o que ele estava pedindo a ela — e se ela falhasse? Ela assentiu com a cabeça, colocando uma mão no peito de Jean Paul, vendo que sua respiração estava tranqüila.

Silêncio parecia permear a pequena cabine, e então de repente Christian se virou e foi embora, seus passos ecoando sobre as tábuas do chão.

Como ele podia colocá-la numa posição tão terrível? Como ele podia colocar Ben em seus assuntos sórdidos — e sim, ela tinha certeza de que a culpa por tudo, *tudo* o que tinha acontecido nesta noite, era de ninguém menos que Christian. Rangendo os dentes, ela resolveu remover a camisa ensangüentada de Jean Paul.

"Você o ama, não é prima?"

Jessie atirou para Ben um olhar colérico. Ele olhava para ela atentamente, seu olhar tão penetrante como o de Christian.

Quincy entrou no quarto, carregando uma chaleira preta pequena cheia de água e um punhado de panos. A chaleira, ele colocou diante dela, deixando cair um pouco de água no assoalho; os panos, ele deixou ao lado dela. "É isso, senhora."

"Obrigada," ela disse.

O velho suspirou cansadamente e inclinou-se falando suavemente com ela. "Já vi pior, senhora.

Vamos esperar e ver se ele acorda."

"Agora... sua Senhoria, por outro lado..." O olhar dele se fixou nela. "Ele precisa de você, Miss Jessie."

Jessie evitou o olhar dele. "Obrigada," ela murmurou, aturdida. Pela primeira vez, ela pensou como o velho sabia o nome dela.

Como ele podia pensar que Christian precisava dela?

Ela escutava o protesto dos ossos dele quando ele se levantou com um gemido, ela esperou ele se afastar, então ela se propôs a fazer o melhor que pudesse, usando a água fervente para limpar os ferimentos de Ben e de Jean Paul. Ela rasgou os panos em pequenas tiras, enfaixou suas feridas, e viu que Bem, mais uma vez, tinha cochilado e que a água tinha esfriado quando ela usou a esponja em Jean Paul.

Somente quando os olhos dela começaram a ficar pesados, ela foi para o lado de Bem e se deitou com a cabeça aconchegada em seu peito, ouvindo o ritmo da sua respiração e acabou dormindo.



CAPÍTULO DEZOITO

Christian não esperava ver a pessoa que o saudou quando ele entrou na cabine. No entanto, não ficou surpreso também. A visão fez seu estômago se virar quando ele viu Jessie enrolada ao lado de seu primo sobre o chão.

Por Deus, pelo menos ela ainda usava sua capa, ele pensou, embora estivesse enrolada em sua perna junto com seu vestido. Ele propositadamente caminhou na direção deles, murmurando maldições quando se inclinou para cobri-la com seu manto.

Incapaz de dormir, ele passou pela cabine várias vezes durante a noite; cada vez que ele a encontrava acordada, ela estava segurando a mão do primo, ou limpando suavemente a testa de Jean Paul. E ele tinha ficado escondido nas sombras, observando, não confiando em si mesmo para se manter no mesmo quarto com ela. Depois de um tempo, ele não era capaz de suportar até isso, e tinha se retirado para a solidão de sua cabine.

Era óbvio que ela era uma tola por mentir estando tão perto de um homem meio-nú, meio consciente

— primo ou não! O que o diabo estava errado com ela? Ela não sabia o que poderia fazer a um homem apenas com a sua presença?

Por Deus, ela tinha tratado do primo com tanta ternura que ele se viu desejando que fosse ele que estivesse deitado ferido... sua mão macia acariciando a dele tão carinhosamente. O que o afligia para que ele desejasse tanto o seu toque?

Por que ele tinha se sentido obrigado a procurá-la na noite passada, quando em algum lugar dentro dele, ele sabia que ela não podia ajudá-lo.

Porque ele precisava dela.

E admitir isso o atormentava.

Finalmente se mexendo, Jean Paul gemeu, e Christian virou quando seu pai abriu os olhos azuis cansados.

Atrás dele, ao mesmo tempo Jessie despertou; ele estava dolorosamente ciente de cada movimento dela, cada gesto e som. Ela correu para o lado de Jean Paul, o ignorando — ou talvez ela não o tenha visto — lançando seu olhar esmeralda deslumbrante sobre seu pai.

" *Mon Dieu... un ange,*" Jean Paul murmurou. Ele piscou para Jessie, seus olhos vidrados com febre.

"Eu estou indo para o céu, *ma petite chérie, oui?*"

"Você esteve doente", sussurrou Jessie, sorrindo docemente para ele. Ela tocou a testa dele e Christian estremeceu. Ele estava invejando seu pai, também.

"Eu pensei que você estava em seu leito de morte, meu velho."

Jean Paul virou-se para enfrentá-lo. "Eu sou muito teimoso demais para morrer, você sabe."

Christian piscou-lhe e sorriu.

"Quem é esta divina *ange*, Hawk?"

Jean Paul tomou a mão da Jessie, apertando-a. Ela a tirou, pois ficou assustada com o nome que ele tinha falado.

Quando ela se virou lentamente em direção a ele, ele viu que a expressão dela era de choque e horror.

"Não!" ela sussurrou, torcendo o rosto dela. "Não pode ser!"

O olhar dela se dirigiu para Jean Paul. Jean Paul usou uma expressão bem firme, seus olhos se mudando inquieto para Christian e em seguida para Ben, que agora estava acordado. Jessie

encontrou o olhar de Ben, então, os olhos dela procuraram seu rosto para confirmação. E então seus olhos se estreitaram quando seu olhar voltou para Christian. Ela olhou para ele.

"Do que você o chamou?" ela perguntou para Jean Paul, apesar de seu olhar nunca ter saído da figura de Christian.

"Nada de importante me parece!" Christian falou. Ele olhou para Jean Paul irado.

Jessie falou. "Não há necessidade de repetir, senhor," ela disse com um olhar furioso para Jean Paul.

"Acredito que já ouvi bastante bem na primeira vez!" O olhar dela encontrou o de Christian. "Falcão!"

ela cuspiu, como se a palavra fosse um juramento. "Não acredito que eu tenha sido tão obtusa!" Ela se virou indo à janela. "Meu Deus, eu devia saber!", ela sussurrou furiosamente, lançando um olhar ferido para eles.

Por um longo instante ela ficou em silêncio, e Christian ficou de olhos fechados.

Diante dela, o oceano era um manto prata fundido sob o céu nublado; Charlestown, não era mais do que um borrão no horizonte enevoado — como eram suas emoções, porque parecia que ela não conseguia senti-las. "E você Ben?" Jessie perguntou. "Quanto tempo você o conhece?"

"Desde o primeiro momento. Não me arrependo por isso, prima."

Por um longo instante, Jessie não conseguiu enfrentá-los, muito menos responder a confissão de Ben.

Ela entendia muito bem, pois ela mesma tinha tentado em vão sentir arrependimento por tudo o que tinha acontecido entre ela e

Christian.

Falcão.

A denominação repugnante torceu seu coração, e encheu-a de confusão e raiva.

Medo.

Outra mentira.

Ela balançou a cabeça, a dor no seu coração agora crescia tangível. Como ela tinha sido muito, muito idiota. Ela deu uma risadinha e se virou para enfrentá-los.

"Claro que não, Ben," ela falou amargamente. "Ele tem lábia, não é?" Ela olhou para Christian friamente "a capacidade de distorcer a mente de uma pessoa até que esta pessoa o veja como nobre e bom!"

Ela riu ironicamente — por sua estupidez e sua devoção cega. Ela deu um pequeno grito de desespero e disse, "que farsa de homem que você é, Falcão! Eu" a voz dela tremeu. "Deus me ajude — eu o desprezo!" A ela mesma, também! Que tola ela era, porque mesmo agora ela queria se atirar nos braços dele, implorar-lhe para amá-la. Deus sabia que se ele apenas negasse tudo, ela acreditaria nele... porque boba como ela era, ela ainda queria confiar nele... ainda queria amá-lo.

Ela não podia evitar.

Os olhos de Christian brilhavam cruelmente, perfurando o coração dela.

A dor em seu coração quase a estrangulava. "Amos estava certo", ela disse, querendo machucá-lo, como ele a tinha machucado, "você é o mais baixo dos baixos! Um canalha imundo, podre!" Cega pelas

lágrimas indesejadas, Jessie passou por ele, colocando sua capa de uma forma mais segura sobre ela, quando fugiu da cabine.

Ele a pegou no corredor, prendendo-a pelo braço e arrastou na direção oposta da qual ela tinha intenção de ir. "Solte-me!", ela exigiu, lutando contra ele.

"Acho que não, meu amor; Você não está em condições de ir a lugar nenhum."

"Solte-me!" ela insistiu, lutando em vão contra seu aperto impiedoso.

Chutando a porta para abri-la, ele a arrastou para dentro de sua cabine.

Para o choque de Jessie, o quarto era imenso, desorientando-a momentaneamente. Lindamente decorado e com pinturas requintadas. As cortinas estavam fechadas sobre o que parecia ser uma enorme janela, mantendo todos os traços de luz solar do quarto banhados em sombras. A cama era uma plataforma com um dossel enorme, ricamente esculpida com flores e pássaros. Sedas azuis escuras, quase pretas, em cascata, se agitaram descontroladamente quando ele bateu a porta atrás deles.

Seu rosto era uma máscara de fúria, e ele jogou-a sobre a cama; o colchão era macio, e amorteceu sua queda. Ele colocou sua mão na boca dela silenciando-a, e ela pensou que ele queria bater nela. Ele não o fez; ele simplesmente ficou parado em vez disso.

"Maldita", ele falou, "Não quero ouvir outra maldita palavra sua!" Elevando-se sobre ela, de repente ele pareceu como o homem que ela havia conhecido e amado na Inglaterra. Ela o viu naquele instante como ele era: um bandido cruel que lutava contra a coroa. Como ela não tinha visto isto antes? Todos os sinais... só que ela tinha sido muito cega e burra demais para reconhecer todos eles. Seu cabelo, sua roupa, suas maneiras — tudo sobre ele!

Com os olhos arregalados, Jessie foi para o outro lado da cama, encarando-o com raiva, apesar de sentir medo. "Claro que não," ela provocava "Hawk! Deus sabe que eu deveria ter ouvido meu irmão!

Deus sabe que até mesmo Lord St John teria sido um homem melhor para amar do que você! Meu Deus, eu te odeio!"

"Você me odeia"? A expressão dele ficou de repente mais fria. Com os olhos brilhantes, ele se inclinou sobre a cama e disse, "você realmente me odeia, *ma pauvre petite*?"

Ele estendeu a mão, tirando o manto de seu corpo. Jessie ofegou quando ele o atirou pela sala. Sem aviso, ele a apanhou pela perna, colocando-a deitada na cama, e então ele se inclinou sobre ela, prendendo-a entre os braços dele. Sua respiração estava irregular com raiva e seu corpo tenso. Em pânico pelo olhar selvagem de seus olhos, ela tentou se esquivar; ele desceu sobre ela, de uma só vez, fixando-lhe sob seu peso.

Ele abraçou seu pescoço, seus dedos se emaranhando em seu cabelo, seus olhos brilhando friamente quando ele inclinou o rosto dela de encontro ao seu.

"Você verdadeiramente me despreza?" ele perguntou suavemente. Ele não esperou ela responder; seus lábios desceram rapidamente por seu rosto — quente, macio, sufocando-a com sua intensidade. Que Deus a ajudasse, mas ela não conseguia respirar — ela pensou que fosse sufocar porque o beijo dele era implacável.

Os dedos dela se agarraram descontroladamente em suas costas. Ela tentou afastá-lo, para ficar livre de seu beijo, para tentar respirar, mas a mão dele na sua nuca não deixava ela se esquivar. Ela estava devidamente presa, ela reconheceu o fato, e de repente ficou desesperada para segurá-lo perto dela.

Era algo que Jessie nunca tinha experimentado antes. Não era a gentil coerção que Christian tinha exercido antes. Seus lábios

estavam duros, inebriantes e a punindo enquanto se moviam ao longo dela.

Ela choramingou quando sua língua magistralmente chegou a sua boca. Ela lutou para livrar-se da intrusão sedosa, quente, mas seu beijo apenas se aprofundou em resposta.

Ela gemeu de repente se tornando mais meiga em sua resposta e ele com sua outra mão buscou o peito dela. Ela estava assustada pela gentileza de seus dedos, como eles lhe acariciavam. O coração dela pulava, e ela lutava com seu corpo traiçoeiro da forma como ela reagia ao seu toque. Ofegante por causa das incríveis sensações que ela sentia, ela tentou voltar a respirar normalmente. Mas seu batimento cardíaco se tornou acelerado e sua respiração tornou-se mais difícil ainda.

Ela estava envergonhada de ver como ele podia afetá-la, mesmo brava como ela estava, mas ela não podia fazer nada, ela afundou no colchão, retornando suas carícias; os dedos dela acariciando suas costas.

Deus do céu... ela não podia evitar...

Ele se afastou dela de repente, seu olhar satisfeito, ainda furioso... muito furioso. Jessie respirava com dificuldade, quando apaticamente olhou para ele.

"Agora," ele disse com os dentes cerrados, "Diga-me o quanto você me despreza, Jess."

Jessie se sentia incapaz de pensar claramente, e não conseguia abrir a boca para falar. A mão dela foi para a garganta quando ela engasgou com sua respiração.

"Acho que não," ele disse presunçosamente, e girou sobre os calcanhares, deixando-a tão confusa que ela teve que pensar o que ele tinha dito. Ele sempre tinha que ter a última palavra! Quando

finalmente ela entendeu o que ele disse para ela, suas bochechas se inflamaram de raiva.

"Canalha!" ela gritou. Ela pegou a primeira coisa que encontrou — um travesseiro — e arremessou em suas costas.

Com suas mãos na cintura, ele dirigiu-lhe uma palavra controlada. "Eu sugiro você descanse, para que você possa desejar mais do que eu tenho para lhe oferecer." Virou-se para enfrentá-la, seus olhos azuis brilhando perigosamente, deixando-a ver a evidência de sua excitação.

Os olhos dela se arregalaram.

"Vejo que nos entendemos um ao outro," ele disse bruscamente. "Eu vou enviar McCarney para Charlestown." Ele abriu a porta e saiu.

"Espere, por favor!" Ele hesitou em fechar a porta, e Jessie saiu da cama. "Ben..."

Ele se virou para enfrentá-la, e sua raiva parecia aumentar ao ouvi-la mencionar seu primo.

"B-Ben e eu irei com ele," ela sugeriu seus olhos suplicando. "Por favor... ele precisa de um médico."

"Você é uma tola, Jess!" ele falou suavemente. "Ele não pode voltar!"

"Não, mas ouça-me! Vou simplesmente explicar —"

"Cristo!" ele explodiu. "Você ainda não entendeu, não é?" Ele lhe deu um olhar incrédulo. "O que você vai explicar Jessamine?"

Seu coração pulou. "Eu vou pensar em algo... com certeza... algo..." Sua voz parecia fraca e derrotada, mesmo para os próprios ouvidos.

Ele balançou a cabeça. "Tenho notícias para você, amor... Depois da noite passada, eles logo enforcariam Ben sem ouvir explicações." Seus olhos se estreitaram. "É isso que você quer para seu amado primo? Vê-lo enforcado?"

Jessie sacudiu a cabeça, com raiva, com lágrimas de frustração nos olhos.

"Acho que não," ele rosnou. "Agora, vá dormir um pouco! Você vai mesmo precisar!"

Jessie assentiu com a cabeça e sentou na cama. Que Deus a ajudasse, ela não queria chorar diante dele. Novamente, ele se virou para sair. "Espere", ela falou, "O que você vai falar para o pai de Ben?"

"O que você quer que eu diga?"

"A verdade", ela falou com aqueles olhos verdes cheios de lágrimas. "Talvez ele possa ajudar?"

Ele balançou a cabeça, sua expressão amaciou um pouco. "Duvido", ele disse para ela. "Mas se este é seu desejo, então sim, eu posso dizer."

"Você não acha meu tio merece saber da condição do seu filho?" ela falou com indignação "E se Ben morrer?"

"Eu já vi ferimentos piores," Christian informou-a de um modo quase malcriado. "Eu duvido que ele vá morrer — mas sim, você tem um ponto, e como eu disse, eu posso falar com ele. Agora vá dormir;

"esta foi uma noite longa." Ele a deixou em seguida, fechando a porta atrás dele.

Quando Jessie acordou, ela ficou assustada por encontrar seus baús no assoalho da cabine. Deus, ela deve ter dormido como os mortos, para que ela não tivesse ouvido alguém entrar. Na segunda olhada, verificou que Christian tinha trazido até o último artigo que ela precisava e ela se perguntava por que ele teria feito isso.

Certamente ela não ficaria afastada tanto tempo — não conseguiria suportar!

Em um canto da cabine, havia um grande vidro de perfume que não tinha estado lá anteriormente. Em circunstâncias normais ela podia ter visto o gesto como uma gentileza, mas ela se recusava a ser grata aos gostos do Falcão — Príncipe dos Contrabandistas! Traidor da Coroa! O rosto dela se fechou, pois ela amava um homem que ela não devia amar. Novamente ela se perguntou como ela podia ter sido tão idiota, de não ter visto quem ele era. Ela passou uma mão pelos cabelos despenteados.

Seu vestido de seda verde estava esparramado sobre um dos seus baús. Era mais do que óbvio que

Christian tinha tomado a liberdade de vasculhar seus pertences — bem, ela não ia se vestir para agradar o miserável, e então ela ignorou o vestido. Garimpando o maior dos seus baús, notou com algum alívio que ele não tinha trazido suas anáguas, e encontrou o vestido mais impróprio que ela possuía, azul, quase da cor dos olhos dele. Ela franziu a testa com a comparação e, em seguida, jogou com raiva o vestido para o lado. Ela procurou novamente, sorrindo com satisfação quando avistou outro mais adequado.

Jessie levou pouco tempo para se vestir. Ela fez uma trança grossa e decidiu que estava bom o suficiente. Deus sabia que ela não podia mais suportar seus olhares — nem seus beijos. A última vez tinha quase quebrado ela.

Abrindo a porta, ela deu um suspiro e saiu da cabine, indo para a sala onde Ben e Jean Paul dormiam.

A porta estava fechada, mas Ben e Jean Paul estavam acordados, brigando incessantemente um com o outro, como dois velhos rabugentos.

"Maldição, Jean Paul," ela ouviu Ben resmungar, "ele não precisava ter trazido ela."

" *Não*," veio à resposta lacônica de Jean Paul, "mas ele fez o que achava que era melhor. Você não pode culpá-lo por tentar nos ajudar."

"Ele não sabia a quem mais recorrer — e não sabia que nós ficaríamos bem."

"Deus, homem! Você pode ter se saído bem, mas e eu? Eu nem consigo me levantar sobre estes membros inúteis!"

O coração de Jessie se torceu dolorosamente com esta divulgação, e ela fechou os olhos.

" *Oui, mon fils*, mas dê tempo ao tempo."

Houve um silêncio tenso entre eles e ela pensou em usá-lo para seu proveito, para fazer com que sua presença fosse notada, mas mesmo antes que ela abrisse a porta Jean Paul falou novamente. "Você acha que eu não sei o que te faz tão zangado, mas eu sei. Você a ama, não é?"

Jessie susteve a respiração para ouvir a resposta, mas não houve nenhuma.

"Eu sei que sim," Jean Paul respondeu com a voz baixa. "Nesse caso, permita-me chamar a atenção para o fato de que você está ciente de que ela é sua parenta."

"Nós somos primos."

Outro longo intervalo de silêncio antes de Ben dar sua resposta relutante. "Droga, Jean Paul, você está me dando nos nervos — cala-te já!"

Tendo ouvido o suficiente, Jessie bateu levemente na porta, um pouco abalada. "Sou eu," ela gritou, tentando parecer indiferente.

Houve um silêncio longo e impenetrável, então ela ouviu a voz de Jean Paul claramente. "Entra, entra, *ma petite*. Pode entrar!"

Ela abriu a porta para encontrar Jean Paul na janela.

Ben, por outro lado, estava sentado apoiado na parede, sua expressão sombria. A colcha tinha sido atirada às pressas sobre seus membros, e a camisa dele estava entreaberta. Na mão ele segurava um pedaço de carvalho, e fingia estudar o comprimento do mesmo, ignorando-a.

O primeiro pensamento de Jessie foi que Jean Paul não devia ter ficado de pé tão cedo. Mas então, incapaz de ajudar a si mesma, ela rapidamente voltou seu olhar para Ben. Ela nunca tinha visto um homem nu antes e não podia fazer mais nada a não ser olhar. Ela ficou se perguntando se era assim que Christian pareceria sem camisa. Eles eram semelhantes em compleição, afinal. Como se de repente percebendo a direção do olhar dela, Ben apertou a camisa junto ao seu corpo. Jessie deu um pedido de desculpas apressada, e antes que qualquer um deles pudesse protestar, ela se virou e saiu, fechando a porta rapidamente atrás dela.

Foi em busca de Christian, porque ela queria exigir que ele a levasse de volta para casa, ela foi para proa, e viu que o navio estava fervilhando de atividade. Um detalhe em especial lhe chamou atenção, ela viu que a vela estava sendo içada. Levou meros segundos para sua raiva ressurgir.

O vira-lata do Christian estava parado imponente, latindo ordens para seus homens. Enfurecida, ela marchou em direção a ele, os

punhos cerrados. "O que acha que está fazendo? E por que você trouxe tantos dos meus pertences para bordo? Eu não pretendo ficar aqui!"

Seus olhos brilharam divertidos. Por um longo instante pareceu que ele não ia responder nada, e então, quando ele o fez, seu tom era de zombaria. "Parece ser óbvio, senhorita, eu estou preparando o barco para navegar." Ele olhou seu vestido. "Quanto aos seus pertences," ele disse para ela de uma maneira diabólica, "Eu acredito que você vai encontrar o que você realmente precisa" — sua sobrancelha se arqueou — "a menos que você prefira usar sua roupa de dormir, em vez disso."

"Oh sim! Claro," ela respondeu com um tom ácido. "Eu amo desfilar com a minha camisola! Mais do que isso, gosto de ser sequestrada no meio da noite e ser trazida contra a minha vontade para um covil de ladrões!" Deus a ajudasse, ela queria bater no rosto dele para tirar aquele sorriso satisfeito.

Ele lhe deu um olhar de sufocar e, em seguida, olhou para fora para lembrar-lhe que seus homens, também estavam ouvindo o que eles falavam. "Cuidado com a lingual," advertiu. "Eu iria detestar ter que —"

"Pare com isso?" Ela exigiu indignada. "Contrabandista, traidor, açougueiro, violador de inocentes!

Você faria, não é?"

"Beijar você?" ele murmurou baixo. Seus lábios se curvavam ligeiramente, zombando dela. "O que você acha *meu amor*?" Seus lábios sorriam embora o sorriso não atingisse seus olhos. "Eu adoraria, na verdade?"

Jessie estremeceu com sua advertência. "Não!" ela disse rapidamente, "Eu-eu quis dizer você cortar a minha língua!"

"Não me tente," ele disse, levantando uma sobrancelha e inclinando sua cabeça.

"Você! Insisto que me leve de volta para Charlestown agora mesmo! Agora! Você não precisa de mim aqui! Nem eu desejo permanecer."

"Não".

"Não?" Ela repetiu incrédula.

Ele assentiu. "Acredito que foi isso que eu disse."

"Mas você não pode me manter aqui!"

"Eu não posso?" Mais uma vez ele engatilhou a cabeça dele e levantou uma sobrancelha em desafio.

"Não, você não pode!", ela rebateu. "Eu não posso fazer mais nada para Ben — ou para Jean Paul —

ou para alguém a bordo deste navio amaldiçoado — e não vou permanecer aqui e ser insultada por você!"

"Senhorita, eu nunca levantei um dedo contra você, mas eu te aviso, estou tentado neste momento a colocá-la sobre o meu joelho e bater no seu *derrière*, na frente das pessoas." Ele levantou seu queixo, indicando seus homens. Todos tinham suspenso suas tarefas a fim de observá-los com indisfarçável interesse.

Jessie seguiu o olhar dele, envergonhada de ter sido ameaçada de maneira tão íntima diante de tantos olhos vigilantes — e ouvidos!

"Oh!" ela engasgou. "Você que tente!"

Ele cruzou os braços sobre o peito. "Ameaças, senhorita?" Na verdade, ele riu em seguida.

Jessie estreitou os olhos para ele. "Não estou completamente à sua mercê, você percebe," lembrou-lhe, desafiando sua arrogância. "Ben

continua na cabine. Num sussurro com raiva, ela disse, "eu poderia dizer a ele o que você fez para mim na sua cabine, e ele certamente acharia motivo suficiente para ter uma conversinha com você!" Na verdade, era a última coisa que Jessie queria que o primo dela fizesse

— particularmente no seu estado atual — mas parecia ser a única coisa com a qual ela podia ameaçar a besta incorrigível.

Christian não piscou um olho com a sua afirmação, mas disse muito amigavelmente, "Seria um erro bastante infeliz da parte dele." Embora o tom dele fosse casual, seus olhos pareciam olhar através dela com uma intensidade brilhante. E então ele disse, "se você liga para sua vida... você não vai fazer nada.

Ben é um bom homem — e eu gostaria de vê-lo viver o suficiente para superar o amor que ele sente por você. Veja meu amor, ele não percebeu isso ainda, mas você é, inequivocamente, a pior coisa que poderia ter acontecido para ele."

Os olhos de Jessie se arregalaram com suas palavras cruéis.

"Sim", ele disse baixo. "Não me diga que você não sabia." Com os braços cruzados, as pernas arrogantemente separadas, ele a desafia a negá-lo.

Ela não podia — não com o que ela tinha ouvido — e seu rosto ficou vermelho.

Ele se voltou e deu ordem para que seus homens voltassem ao trabalho, e ele se revelou para ela totalmente naquele momento, porque ele estava dentro de seu elemento, finalmente, selvagem e magnífico.

A visão dele roubou sua respiração, afinal ele era o Falcão. Com sua calça preta confortável e camisa branca solta, ondulando na brisa, ele nunca tinha parecido mais ameaçador do que neste momento.

Evidentemente seus homens pensavam assim também, pois sem ele ter dito uma palavra, todos voltaram ao trabalho.

Satisfeito porque a conversa não mais seria ouvida, ele voltou seu olhar para ela. "No futuro," ele disse, "Eu sugiro que você se abstenha de atormentar Ben — confie em mim, amor, um homem não pode sofrer tanto."

Agora não havia nada do homem que ela achou que conhecia. *Nada*. Será que alguma vez ela o tinha conhecido? Ela se perguntava. "Como ousa falar comigo tão rudemente?"

"Se ele fosse ele mesmo ontem à noite," Christian continuou friamente, ignorando seu protesto irritado, "e não estivesse com febre e dor, você já não seria virgem — eu asseguro a você, prima ou não.

Ou," ele sugeriu, com um tom feroz, "Talvez isso não seja mais uma preocupação." Ele estreitou os olhos e perguntou baixinho, "É uma preocupação, Jessamine?"

A cara da Jessie liberou um brilho carmesim. "Oh! Isso não é da sua conta — embora eu possa garantir que meu primo é um cavalheiro — ao contrário de você!"

"Você acha," ele respondeu, dando-lhe um sorriso cruel,

Ele tinha conseguido descobrir o que ele precisava saber, e a verdade era que ele estava satisfeito com a resposta. Ben não a tinha tocado, ele tinha a certeza disso e também nenhuma outra pessoa; por que em seu rosto apareceu à vergonha de uma virgem.

"Eu insisto que você me leve de volta para Charlestown!"

Christian abanou a cabeça, suspirando. "Não, Jess. O fato é que seu tio acha que você e Ben já estão navegando para a Inglaterra." Ele sorriu para ela, incapaz de suprimir sua alegria. "Parece que você

desenvolveu um caso desagradável de saudade. Como você vê... Não posso permitir que volte, pois ao fazê-lo você levantaria suspeitas, e não permitirei que faça isso, meu amor. Afinal de contas, você colocaria a vida do meu pai em risco, também."

Christian podia ver sua feroz determinação a abandonar, embora imediatamente tivesse sido substituída por ressentimento. Sua companhia era tão desagradável para ela?

Ela verdadeiramente detestava-o tanto?

Ele não podia acreditar, porque se ele acreditasse, uma parte dele iria murchar e morrer. Ele pensou em deixar clara a questão dela ir embora, e ele disse, "nós ficaremos fora apenas o tempo necessário, e se você se esforçar para ficar fora do caminho, tudo ficará mais fácil para você. Fique tranqüila, Jessie.

Eu não estou mais feliz com a sua presença do que você com a minha."

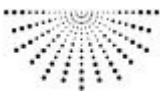
A expressão dela tornou-se aborrecida de repente, seus olhos verdes, refletiram as profundezas de sua animosidade, como se ela estivesse dando uma bofetada em seu rosto com a palma da mão. "Eu —

bem — eu — realmente — desprezo — você!"

Sua mandíbula ficou tensa e o peito apertado, mas ele conseguiu falar. "Despreze-me o quanto você quiser," ele disse, "apenas fique fora da minha vista."

Ele sentiu pouca satisfação quando ela se endureceu como se tivesse sido algemada, e menos ainda quando ela se virou e saiu. Ele se forçou a deixá-la ir, dizendo-se que a raiva dela era uma barreira bem-vinda entre eles.

Sem esta barreira, ele estava perdido



CAPÍTULO DEZENOVE

T ranspirando por causa do trabalho, Christian voltou para sua cabine. Ele não tinha pretendido fazer o Mistral zarpar tão cedo, e assim teve uma série de coisas que ele teve que ver e fazer antes de deixar o porto de Charlestown. Tinha sido uma façanha quase milagrosa reabastecer o navio em apenas um dia, sem levantar suspeitas, e ele não seria capaz de realizar a tarefa sem a ajuda generosa que ele recebeu dos homens do Clube Wilkes. Ben devia ser uma pessoa querida entre eles, pois eles tinham se reunido sem pensar em sua própria segurança, fazendo a aquisição dos suprimentos e transportando-os para bordo.

Sua intenção agora era simplesmente navegar ao longo da costa em direção às Índias, recolher uma carga, e em seguida retornar a Charlestown, chegando na calada da noite. Infelizmente, a temporada de furacões estava apenas começando, mas não havia nada que ele pudesse fazer. Ele teria que tentar.

E depois havia a questão do retorno deles...

Eles voltariam antes que o porto se tornasse congestionado, e porque Jessie e Ben deveriam ir para a Inglaterra, ele deveria fazê-lo o mais silenciosamente e secretamente possível.

Ele riu de repente, pois provavelmente significaria amordaçar Jessie até que eles chegassem à sua casa da plantação — que rapariga insolente que ela era.

Ele virou a maçaneta para a porta da cabine, deu um empurrãozinho para ter certeza antes de bater com o punho na porta. *Fechado!*

Dane-se tudo! "Jess! Abra a maldita porta!"

O barulho ensurdecedor fez Jessie ficar assustada e ela se sentiu desorientada, por ter sido despertada pelo barulho. Ela levou um momento para se recuperar. A sala balançava suavemente e ela podia ouvir as ondas do mar batendo ao lado do navio. Agora, sem dúvida, eles estavam no mar.

"Jessie"!

Reconhecendo a voz de Christian, Jessie sorriu triunfante e se espreguiçou calmamente, recusando-se a ser intimidada apenas pelo som de sua voz. Juntando o cabelo que caía em seu rosto com os dedos, ela se levantou e foi para a porta silenciosamente. Ela estava usando os próprios baús de Christian contra ele, empilhando-os contra a porta além de apoiar também seus próprios baús. Tinha levado muito tempo para realizar este trabalho de mestre, mas agora ela tinha certeza de que a porta da cabine era realmente impenetrável. Para ela, tinha sido um bom trabalho... e isto foi precisamente o que ela esperava. E ela queria saborear totalmente este momento.

Usando o baú mais baixo como um degrau, ela cuidadosamente subiu na pilha e colocou a orelha contra a porta de madeira. Christian bateu na porta, e Jessie deu um pulo, quase caindo da sua pequena montanha cuidadosamente colocada no chão.

"Raios te partam, Jess! Eu exijo que você abra essa porta! Não estou com disposição para jogos," ele avisou.

Ela não lhe deu nenhuma resposta.

"Jessamine? Você me ouve? Eu quero a minha cama!"

"Sugiro que procure outro lugar, então," ela disse levianamente, "porque não vou lhe dar essa cama!"

Nem vou compartilhar!" E isso era tudo, ela jurou para si mesma, sorrindo com auto-satisfação.

"Que diabo você está falando, mulher! Essa é a *minha* cabine, quer que eu desista dela, e eu não vou fazer isso," ele lhe informou.

"Ah, mas você vai," ela disse docemente, "porque duvido que eu vá permitir a sua entrada. Eu não pedi para ser trazida para bordo deste covil de ladrões, e parece que você tem pouca consideração pelos meus desejos, e eu dos seus, meu Príncipe dos Contrabandistas — Lord Christian, hah! Que farsa!"

As palavras dela trouxeram um sorriso para os lábios de Christian.

Foi a palavra *meu* que o deixou feliz.

Seu sorriso era presunçoso, quando ele revelou, "Talvez você não perceba ainda, mas você vai precisar sair da cabine, mais cedo ou mais tarde, amor. Você vai precisar comer um dia desses, e quando você o fizer —"

"Melhor você acampar perto da porta," ela sugeriu. "Embora eu tema que você tenha uma longa espera. Seu ajudante — acho que o nome dele é Peter — é muito agradável."

Christian abanou a cabeça, descrente do que tinha ouvido.

"Eu simplesmente disse ao rapaz que estava me sentindo indisposta", Jessie falou, "e que preferia tomar minhas refeições na cabine. Ele entendeu perfeitamente e me deu bastante provisões que vão durar, bem... alguns dias pelo menos." Ela riu e acrescentou, "como você vai ficar cansado de esperar!"

Christian não estava mais se divertindo; o pensamento de esperar dias por sua cama era totalmente intragável. "Dane-se!" ele rugiu. "Sua garota safada!"

Perdendo a paciência dele novamente, ele bateu sua bota contra a porta. Ela estava trancada por dentro, mas parecia que tinha uma sólida barreira na porta. Era como se ela tivesse colocado algo... Sua

sobancelha arqueou. O que o diabo ela poderia ter colocado para barrá-lo, ele se perguntava? Quase tudo era pregado firmemente no chão para proteção contra o movimento do mar. E que ela se danasse, porque ela parecia muito satisfeita.

Liberando todo o seu temperamento, ele agitou a maçaneta da porta, quase a quebrando e sacudiu a porta da cabine tão violentamente que Jessie teve que se perguntar se sua barricada ainda era segura contra ele.

Outra seqüência de maldições voou pelo o ar, e então veio um silêncio absoluto.

Finalmente ele tinha desistido?

Jessie duvidava; de alguma forma ela tinha a distinta impressão que o Falcão, o odioso Príncipe dos Contrabandistas, simplesmente nunca desistia de nada.

Mas então... onde ele tinha ido?

Estava totalmente silencioso do outro lado da porta.

O mais importante... o que ele estava planejando?

Quando não havia mais som por trás da porta, Jessie teve que assumir a vitória. Apesar de ela ter vindo muito facilmente...

Sua testa franziu. Sem ter certeza do que fazer em seguida, ela começou a andar pela cabine, apertando as mãos nas costas para impedi-las de tremer. Após algum tempo, quando ainda não havia sinal dele, ela decidiu se oferecer um cálice de vinho Madeira para se acalmar. Deus sabia que seus nervos nunca tinham ficado mais a flor da pele do que agora e a sensação aumentava a cada segundo.

Terminando de beber rapidamente, ela deu uma tosse sufocada. Deus sabia de que tudo que ela precisava agora era afogar-se no

bom vinho de Christian — provavelmente roubado ou contrabandeado!

Ela refletiu ressentida. Com um suspiro, ela serviu-se de outro cálice e foi se olhar no espelho. A mulher que ela olhava tinha um olhar abatido e sombras escurecidas debaixo de seus olhos. E o pescoço de seu vestido a sufocava, estrangulava a sua respiração. Ela olhou para o decote irritada e deu uma risadinha irônica, pois o vestido certamente teve o efeito desejado quando ela estava acima na proa; Christian não tinha nem mesmo olhado para ela. Ele obviamente não tinha ficado afetado por ela.

Ele não se importava.

Ele nunca tinha se importado.

Sim, suas ameaças tinham sido lascivas, mas não havia nenhum calor entre eles, nenhum sentimento.

Deus, o que estava errado com ela? Certamente ela não estava pensando... que ela queria...

Ela balançou a cabeça com veemência e tomou outro gole, recusando-se a continuar a ter esses pensamentos.

Fique fora do caminho dele.

Ela tinha ganhado este round. Contra quem? Uma voz a perturbava. Ela levantou seu cálice num brinde silencioso — brindando com ela mesma, porque se ela fosse honesta... não era a Christian que ela temia... mas a seus próprios anseios perversos.

De pé diante dele lá em cima na proa, ela se encontrou desejando que ele a silenciasse com seus beijos — que ele a levasse em seus braços, dizendo que a amava, implorando seu perdão. Que Deus a ajudasse, ela queria apenas que ele a levantasse em seus braços e a levasse de volta para sua cabine —

ela estremeceu — na verdade, ela queria voltar àquele dia sob a árvore de olmo...

Quanto tempo poderia ele ser mantido longe?

Ela olhou para a porta...

Não era feita de ferro. Se ele realmente pretendia vir atrás dela... Ela balançou a cabeça, para em seguida, novamente... ele obviamente não estava tentando com vontade. Talvez ele fosse deixá-la sozinha, afinal de contas.

Ela levantou sua taça e bebeu sofregamente o resto do vinho, em seguida, colocou a taça de cristal suavemente em cima de uma pequena mesa ao lado do espelho. Com um suspiro, ela desabotoou o botão superior de seu vestido, então o próximo e o próximo.

Ela olhou para sua imagem, tentando se ver como ele deveria vê-la e em seguida, virou de costas para o espelho. Ela andou para a janela com a intenção de ver a luz do dia se desvanecendo, e então ocorreu-lhe de repente que ela tinha esquecido de pegar pederneira para o lampião. Ela esperava poder encontrar alguns dentro da cabine, pois ela não tinha nenhum desejo de permanecer na escuridão total.

Estremecendo com o pensamento, ela puxou as cortinas da janela.

O mais belo vitral que ela jamais tinha visto apareceu em toda sua grandeza diante dela — três painéis completos! À esquerda e a direita eram totalmente pintados com cenas bíblicas, mas foi o painel central que chamou sua atenção.

No meio do painel havia uma macieira, seus galhos estendidos, formando um belo abrigo verde.

Abaixo estava à figura de Eva, seu cabelo escuro desvinculado gloriosamente caindo como um tapete de seda preta. Na mão ela

segurava uma maçã rubi brilhante, oferecendo-a para... Adão?

A semelhança entre o Adão da representação e Christian era impressionante — e bom Deus, ele estava nu como no dia em que tinha nascido! E Eva também estava nua, acenando para Adão com a maçã.

Seus olhos verdes eram brilhantes e intensos.

Seu olhar foi atraído para cima. O céu da representação era de vidro, uma obra-prima, utilizando o azul do céu como sua cor — se estivesse escuro do lado de fora, a pintura seria tão sombria como a meia-noite; de dia seria brilhante e ensolarada, o mundo de Adão e Eva seria como o céu. Neste momento, ele estava de um cinza-azulado, com tons de laranja e rosa. O sol no horizonte estava afundando rapidamente no mar, caindo na escuridão do mar tenebroso.

O olhar da Jessie se virou para a forma nua de Adão, e ela engoliu em seco quando seus olhos se fixaram sobre a parte masculina de sua anatomia. Era tão estranho, um membro estranho... e tão, tão...

ereto! E então de repente, seus olhos se arregalaram quando ela se lembrou de uma coisa que ela tinha dito para Christian.

Confundia a mente pensar por que os homens não nasceram com chifres ou outra arma em sua pessoa. Você não concorda My Lord?

Você tem certeza desse fato? Ele tinha perguntado a ela.

Ela não podia saber. Os olhos dela se fecharam em indignação e os lábios tremeram. Ele tinha zombado dela... Como ele deve ter rido da sua ingenuidade — como ele deve ter se alegrado da estupidez dela!

Ela era uma idiota.

Ela ainda era uma tola.

Incapaz de manter-se longe, ela estendeu a mão para o vitral, respirando com dificuldade e o corpo dela aquecido com o vinho Madeira... quando ela passou os dedos sobre o corpo completo de Adão, ela parou abruptamente na virilha — ela não podia evitar, sentindo com admiração a quase imperceptível linha onde uma cor se encontrava com outra. Ela estava impressionada com a manipulação do vidro, pela beleza do homem retratado. Estremecendo com o desejo que estourava dentro dela, ela acariciou o vidro frio antes de... seu coração bater muito forte...

Seus olhos se fecharam, e sua cabeça caiu para trás, lembrando...

O coração de Christian começou a martelar.

Cristo, como ele a queria, chegava a doer. Seu corpo estremeceu com a visão dela, cabeça para trás, o rosto cheio de desejo, o corpete desfeito expondo sua garganta.

Quantas vezes ele sonhara com sua carícia? Tão suave e inocente e ainda assim tão sensual também.

Ela era uma mulher apaixonante — que tinha muito para lhe dar. O melancólico olhar em seu rosto o fez ficar ainda com mais desejo. Ele tentou ignorá-la. Enquanto ela estava ocupada com o Adão, usou isso como vantagem, espiando para a porta através do vidro distorcido.

Ele murmurou um juramento quando seus olhos finalmente se focaram sobre os objetos diante da porta. Havia o que parecia ser cinco baús empilhados, não um, não dois, mas cinco. Seus dois baús, que eram de longe os maiores, na parte inferior e três dela, diretamente acima dos dele, apoiados contra a porta. Como o diabo ela tinha conseguido isso?

De repente ela pulou para longe do vidro, gritando. Ela caiu para trás sobre o chão. Ele olhava através do vidro para a cabine, bateu na janela e sorriu.

Jessie pareceu se recuperar rapidamente, lutando para ficar de pé. Ela ficou olhando, naquele vestido horrível, e ele teve a súbita vontade de quebrar seu precioso vitral — para o inferno com o custo disso

— jogá-la em cima da cama e subir em cima dela, levantar sua saia e amá-la como um touro enlouquecido. Ele estava mal de verdade! Ele a deixaria abrir a porta, para que McCarney e Tibbs o arrastasse — para poder vê-la e saciar sua insana necessidade dela e só dela. Em todos os muitos meses que ele tinha ficado longe dela, ele não tinha tocado em nenhuma mulher. Nenhuma delas era Jessie.

"Jessie... Abra a porta..."

Jessie de repente fechou as cortinas. "Sério!" ela gritou. "Vá dormir na sua corda, eu não me importo!"

Ou passe ela pelo seu pescoço," acrescentou. "Eu não me importo!"

"Jessie! Abra a maldita porta!" Agora que ele sabia o que estava diante dele, ele podia abri-la ele mesmo, uma vez que ele tinha visto que alguns baús já estavam inclinando precariamente, mas Jessie os tinha colocado lá e Jessie iria removê-los, ele jurou.

Tendo bloqueado seu rosto presunçoso, Jessie foi se deitar, tentando desesperadamente ignorá-lo —

meu Deus, ele tinha pegado ela acariciando a janela! O rosto dela ficou aquecido com mortificação.

Um silêncio profundo prevaleceu além das cortinas e ela se encontrou inquieta enquanto pesquisava o quarto em sua escuridão profana. Porque tudo era tão... tão negro? Ela pensava. A cama

dele, mais adequada para um sultão, tinha cortinas em seda azul escura. Um armário lindamente esculpido em madeira escura enfeitava a parede e uma mesa com garras como perna se debruçava no meio da cabine, suas garras temíveis segurando o assoalho de madeira nua. Havia pinturas de indescritível valor e beleza, estantes embutidas na parede com dezenas de volumes encadernados em couro. E depois, claro, havia os vitrais...

"Você achou que o homem era um príncipe!", ela murmurou. Mas ele era, não era? Ele era o Príncipe dos Contrabandistas. Ela riu sem alegria, se amaldiçoando por ser uma boba. O olhar dela se virou para a cortina, ela decidiu que era para sua paz de espírito dar uma espiada para... ter a certeza de que ele tinha ido embora.

Ele ainda estava lá, sorrindo, zombando dela, os olhos dele piscando em zombaria. Sua sobrancelha levantada diabolicamente.

"Oh! Espero que a corda arrebente e você mergulhe de cabeça no oceano e que você se afogue!" Ela puxou a cortina, fechando-a novamente. Mas a voz dele parecia perturbada e ela experimentou uma pontada de culpa por suas palavras de ódio.

"Droga, Jess!" Em seguida, mais freneticamente, "Jessie! Estou escorregando... droga... Jess!"

Com os braços cruzados teimosamente Jessie recusou-se a reabrir as cortinas, e se recusou a acreditar nele. Era um artifício, ela estava certa. Ele era um cafajeste! Um devasso!

Mesmo que ela se esforçasse para se convencer que tinha ouvido um barulho, seguido por um som horrível, interminável, que tinha terminado com um splash sinistro ao longe... O coração de Jessie balançou, e ela abriu as cortinas com as mãos tremendo.

Senhor, e se ele tivesse caído?

A corda pendia catastroficamente diante de seus olhos, balançando levemente provando que ele tinha estado lá — mas não estava mais. Ele não estava à vista.

Ah, Deus — querido Deus. Ele tinha caído. Será que ninguém tinha visto? Ela olhou, pressionando o nariz no vidro, espiando — não que ela pudesse ver alguma coisa através do vidro colorido!

Freneticamente o olhar dela deslizou para baixo novamente, para o oceano insondável. Ela podia ver muito pouco com os verdes e azuis e vermelhos do vidro... e ainda... ela podia jurar que a água ondulava ao longe do centro de uma formação de espuma.

Era tudo culpa dela! Não ousava perder sequer um único precioso segundo, ela foi até a porta e começou a tirar os obstáculos de uma só vez.

"Alguém! Alguém!" ela gritou histericamente. "Por favor, Christian — Hawk!" ela gritou. Senhor, como ela deveria chamar o homem amaldiçoado? "O Capitão..." ela decidiu finalmente. "Ele caiu ao mar! Alguém, por favor — ajude!"

Graças a Deus que seus próprios baús eram bastante fáceis de remover, mas os outros dois, os dois que eram dele, eram outra questão inteiramente diferente. Eles eram tão pesados como o pecado! De cócoras sobre o chão, ela tentou empurrar com os seus pés. Eles se mexeram um pouco, embora neste ritmo, ela pensou que quando ela removesse o último dos baús, Christian estaria — morto — e por suas mãos!

Senhor, ela era uma assassina! Lágrimas enchiam seus olhos. O próprio pensamento de nunca mais vê-lo novamente fez o coração dela doer de repente.

Desesperada ela tirou mais um baú para fora do caminho, e com um gemido, ela foi para cima do maior de todos eles, aquele que ainda sustentava firmemente a porta.

"Meu Deus," Jessie rezava em voz alta, "por favor, não o deixe morrer — não o deixe morrer — por favor!" Seu rosto ficou escarlate com o esforço e o baú não se movia.

"Alguém, por favor — oh, por favor, por favor, ajude!" ela gritou em desespero para ver a porta da cabine livre. Ela estava desesperada para ajudar Christian. Ela continuou a fazer força e a usar o armário que ela tinha admirado anteriormente como uma alavanca para seu corpo. Pregado como estava o armário deu-lhe o merecido reforço e lentamente ela conseguiu deslizar o baú para fora do caminho, e então ela levantou-se apressadamente, abrindo a porta.

O queixo dela caiu quando ela abriu a porta.

"Porque você demorou tanto?"

Com um movimento rápido e ágil, Christian empurrou-a para longe, sorrindo diabolicamente.

Muito tardiamente, ela tentou bater a porta na cara dele. A mão dele segurou a porta deixando-a entreaberta.

"Você parece angustiada," ele disse muito calmamente. "Me diz... aonde você vai nessa corrida frenética, meu amor?" O brilho dos seus olhos de cobalto disseram para Jessie que ele não desejava ou precisava de uma resposta, e ela ficou calada.

Seu rosto aparentava raiva, e ele de repente empurrou a porta, fazendo-a perder equilíbrio. Ele entrou no quarto, perseguindo-a como um leão persegue sua presa. Jessie lentamente afastou-o, com medo.

"V-você me enganou!"

"Você me pôs para fora da minha cabine," ele disse.

"M-mas você me disse para..." Ele balançou a cabeça lentamente em negação, e de repente a voz dela falhou.

"Eu disse para você ficar longe de mim, não para me colocar longe da minha cama." Ele então sorriu, mas não era um sorriso sinistro, ao menos era um pouco tranquilizador.

"O que você estava fazendo lá fora?" perguntou defensivamente.

"Por que, eu estava olhando para ver o que você tinha colocado na porta como barreira," ele disse.

"Mas diga-me o que você estava fazendo na janela?"

Jessie ignorou a pergunta impertinente, embora seu rosto tenha ficado vermelho. "Como você subiu de volta?" Seus joelhos traiçoeiros começaram a cambalear. Ele nem estava molhado, ela notou, franzindo a testa.

Lentamente, impiedosamente, ele se apoiou na cama. "De que outra forma você acha, Jessamine? Ao meu sinal, meus homens me ajudaram."

"M- mas eu ouvi você cair," ela gaguejou, as pernas cambaleantes quando de repente a cama ficou por trás dela inesperadamente.

Ele assistiu com uma diversão mal escondida quando ela caiu para trás em cima dele.

"Eu juro — que eu vou gritar!"

"E quem você acha que vem te ajudar?", ele escarneceu sua voz mais do que um sussurro. "Seu primo? Duvido muito, Jess. De qualquer forma, você merece uma boa chicotada, e foi ele quem primeiro sugeriu, *ma belle*."

"Mas você não se atreveria!"

Os olhos de Christian brilharam como a luz do próprio diabo. "Não?" ele disse, apertando sua mandíbula.

"N-não! V-você não ousaria!" ela gaguejou e realmente esperava que ele não ousasse. Seu olhar, no entanto, confirmava o contrário. Ele na verdade ousaria e aproveitaria também!

"Queria que você tivesse caído!" Onde ela encontrou a força e a coragem para falar, ela nunca saberia, mas ela voou para ele naquele instante, as mãos dela esmurrando o peito dele. "Eu ouvi você cair!" ela gritou. "Eu sei que eu ouvi! Por que você não caiu? Por que não?"

Christian pegou as mãos dela, colocando-as sobre o seu peito. Ela sentiu seu coração bater ferozmente sob a ponta dos dedos.

"Ah, *ma pauvre petite*," ele disse, "que terrível vergonha para você... Ai de mim, mas era só minha bota que você ouviu cair no mar." Ele assentiu com a cabeça, seus olhos brilhando com arrogância. "Sim, meu amor, você notou que está faltando uma, não é?" Ela olhou para ele com um desprezo frio e ele acrescentou: "Sim, vejo que você notou. Diga-me, senhorita... devo descontar o preço dela no seu lindo *derriere*?"

Jessie gritou indignada e começou a lutar novamente, se contorcendo para ficar livre da prisão de seus braços. Com um movimento rápido, ele a levantou e a colocou na cama. Ele montou nela, a fim de provar como ela estava indefesa, e que ela iria se dobrar para ele mesmo contra a sua própria vontade.

Ele se inclinou para ela, para olhar bem dentro dos olhos dela, seus olhos brilhando, impiedosamente, e ela engoliu em seco, nunca se sentindo mais vulnerável do que estava no momento. E

então seus lábios vieram mais perto ainda, até que ela pode sentir o calor que irradiava a partir deles... e que Deus a ajudasse, ela queria que ele pressionasse os lábios em sua boca. Mesmo estando brava

como ela estava com ele, ela se encontrou lembrando melancolicamente como sua língua aveludada fazia sentido dentro de sua boca, tão quente, tão insistente, e sua respiração se acelerou.

Ela queria provar sua fome feroz... novamente... e novamente... e novamente... não queria parar nunca mais.

A dor mais doce começou novamente a desfraldar dentro da profundidade de seu corpo, atingindo profundamente sua alma, Tateando os picos dos seios dela e fazendo-a sofrer com o seu toque.

Se apenas ele tocasse seus lábios mais uma vez, desta vez com ternura. Se apenas...

Então, neste momento agridoce, ele mudou e se aproximou, colocando seus lábios contra os dela, suavemente, muito suavemente, quase como se esse breve contacto fizesse parte de sua vida.

"Eu poderia jurar," ele sussurrou, "que eu já tinha dito para você uma vez... que tudo ficaria mais fácil para você se simplesmente você ficasse fora do meu caminho. Faça isso... e você vai fazer com que nós dois tenhamos menos problemas... Não faça... e você pagará muito caro... Eu juro. Minha paciência chegou ao fim — não duvide."

Sua mente atordoada com sua proximidade e com suas ameaças, a fez dizer, "Realmente, *My Lord*..."

Ela levantou uma sobrancelha, zombando de seu gesto imperioso. "O que mais você pode tirar de mim que você já não o fez?"

Ele riu com um som cruel, o hálito dele queimando a carne tenra de seus lábios. "Mais," ele jurou, a ameaça não mais do que um

sussurro, "mais, minha ingênua princesinha... muito, muito mais." E com isso, ele a soltou abruptamente.

Ele sentou-se na borda da cama, ignorando-a, levantando o pé para remover a bota, e Jessie não ousou se mover. A bota dele escorregou, e ele a atirou sem a menor cerimônia para o meio da sala, onde caiu com um baque colérico.

Ele levantou-se abruptamente da cama e foi se servir de conhaque. Olhando para a garrafa de Madeira que estava ao lado dele, ele avaliou o conteúdo e viu como tinha diminuído. Ele levantou uma taça limpa e derramou um pouco de Madeira em outro copo.

Então, com seu próprio copo na mão, ele se jogou em sua cadeira-trono de Damasco azul. Ele ficou lá, ignorando-a por muito tempo, enquanto ele terminava seu brandy. Ela tomou um gole do vinho Madeira, vigiando-o o tempo todo, enquanto o sol continuava a se esconder, deixando-os finalmente banhados em sombras.

"Você acende as lanternas?" ela perguntou depois de um longo e tenso

silêncio.

"Não". Seu olhar encontrou o dela através das sombras. Ele balançou a cabeça. "Eu vim aqui para dormir... mas aqui estou eu sentado em vez disso, me perguntando o que é que eu devo fazer com você."

Jessie sentou-se apaticamente, sem saber o que dizer e incapaz de se mover, incapaz de olhar para longe do seu rosto. Na escuridão crescente, suas feições assumiram um aspecto sinistro; seus olhos pareciam brilhar sob a luz da lua, e um calafrio passou por todo o seu corpo. O que ele faria? Ela ficou pensando — mas, para sua vergonha, não sem sentir um arrepio de expectativa.

Com a voz rouca ele perguntou "Você planeja compartilhar minha cama comigo?"

"C-claro que não!" ela gritou indignada, mas ela estava mortificada por sentir a emoção que correu pelo corpo como um incêndio.

"Então saia", ele aconselhou para ela. " *Agora.*"

A última palavra foi dita tão baixinho que ela mal ouviu.

"Eu juro que você é não é um cavalheiro!" Tendo dito isso, ela bocejou, fascinada por sua graça elegante quando ele começou a desabotoar sua camisa.

Apesar de seu semblante agora estar escondido na sombra, ela podia jurar que ele sorriu para esse insulto. Tomou um gole nervoso de seu vinho, engoliu com um suspiro estrangulado, e continuou sentada, irremediavelmente em transe, observando descaradamente quando ele começou a abrir os botões da gola.

Ela estava absolutamente desamparada e não conseguia olhar para longe da sua performance.

Tardamente, recordando o próprio vestido aberto, ela se aconchegou nele, segurando-o rápido, cortando a respiração enquanto sua carne queimava sob seu controle. Que Deus a ajudasse, ela não se importava de não conseguir respirar agora, ela só podia ser grata pela escuridão da cabine, por esconder sua ousadia.

E o seu desejo.

"Acredito que eu te dei um aviso justo," ele disse baixo, desabotoando sua calça. Seu coração pulou quando ele a deslizou para o chão, magnificamente nu.

Como Adão,

Ela congelou, novamente paralisada, o olhar dela deixando-o apenas para olhar para a janela, para a silhueta de Adão brilhando fracamente a luz da lua, antes de se voltar para Christian, mas Christian estava na sombra e ela não podia ver nada dele.



CAPÍTULO VINTE

N

"

ão vou perguntar de novo," ele jurou, e então sua sombra desceu sobre ela. Jessie pulou da cama.

Ela escutava atentamente o farfalhar dos lençóis enquanto ele se aconchegava entre eles, nu, ela sabia, e o pensamento a fez tremer, embora ela não pudesse ver absolutamente nada. Ela sabia que seu corpo era quente — como era o dela também. Ela queimava como estivesse com febre.

Uma vez que acomodado, ele jogou-lhe um cobertor. Caiu perto dos seus pés descalços. Ela se inclinou para apanhá-lo, segurando-o perto dela enquanto olhava em direção da escuridão da cama.

"Onde vou dormir?" A voz dela tremia um pouco. Deus, ela se odiava por sua fraqueza.

Ele resmungou, como se estivesse irritado com a pergunta e disse, "onde quiser... na cama, se você quiser." E então ele acrescentou: "Se você tiver coragem..."

Era um desafio, mas Jessie não tinha a intenção de aceitá-lo. Ela não ousaria, porque ela estaria perdida se o aceitasse.

"Eu-eu vou dormir no chão, então."

"Como quiser."

"Oh! É isso que eu desejo!" ela assegurou-lhe, sua voz com amargura. Que tipo de homem ele era para permitir que ela, uma mulher bem-nascida, dormisse no chão — no convés de um navio, para rolar com as ondas do oceano! Deus, como poderia ela alguma vez ter pensado que ele era um cavalheiro? E

novamente, ela teve o pensamento desesperado de que ela era o pior tipo de tola, porque ela era uma tola apaixonada.

E ele era um demônio, um patife, o mais baixo dos baixos!

Se preparando para uma noite de desconforto, ela se deitou no chão, e puxou o cobertor até o queixo para afastar o frio da noite. Para seu desgosto, ela viu que apenas um cobertor não era bastante contra o frio. Mas talvez o frio viesse de dentro? E ela podia ouvi-lo respirar suavemente, com uniformidade, pacificamente.

E então mais lento ainda — o gigolô! Como ele se atrevia a dormir!

Naquele momento infeliz, Jessie o desprezava imensamente. Amaldiçoando-o, ela se virou, tentando em vão encontrar conforto no chão duro e frio.

Ele roncava.

Ele fez um som curioso, e então pareceu que o seu corpo sacudiu como se o estivesse levando para um sono feliz.

Jessie não estava agüentando — que ele pudesse dormir tão pacificamente enquanto ela se sentia muito infeliz.

"Christian?" ela sussurrou. Não houve resposta. Mais alto desta vez, ela falou, "Hawk"?

Ainda não teve resposta.

Ela esperou um momento e então gritou: "Você está dormindo?"

Ele grunhiu e respondeu, "não estou mais. Que diabo que você quer agora, Jessie?"

"Eu preciso de um travesseiro," ela disse petulante.

"Eu tenho apenas um."

"Posso usá-lo, então?"

"Por Deus, mulher! Eu estou usando ele!"

Jessie cerrou os dentes.

"Mas podemos compartilhá-lo," ele admitiu irritado.

"Compartilhá-lo? Com você? Obrigada, mas não. Existe outra cabine que eu possa usar?"

"Não".

"Outra cama?"

"Jess."

"Um berço? Outro mundo?", ela murmurou.

Um som sufocado escapou dele, era um riso, mas ele se recusava a se permitir esta concessão.

Quando ele falou novamente, soou como um comando irado.

"Vá dormir Jessamine. Amanhã será um longo dia."

Na verdade, Christian sabia que a viagem era muito longa, e que seria totalmente impossível para ele compartilhar a mesma cabine com ela e manter sua sanidade. Era impossível dormir com o cheiro dela nas suas narinas, despertando seus sentidos. Mas não havia realmente nenhum outro lugar que ele pudesse ir.

"Eu detesto você!" ela lhe informou com grande sentimento.

"E o sentimento é mútuo," ele falou sem paixão. "Agora, seja uma mulher sábia e vá dormir. Ou eu juro você vai se arrepender."

"Você não entende," ela chorou baixinho. ' Não consigo dormir no mesmo quarto com você! É

impróprio... e... e — "

"Para o inferno com o que é apropriado, Jess! Este é um navio de homens," ele falou com uma voz tensa. "Não há nenhum outro lugar para você dormir, a não ser aqui... na minha cabine — onde estará a salvo," ele acrescentou quase relutantemente, porque ele não estava certo de que ela estaria segura com ele também.

"Por que não você não pensou nisso *antes* de me seqüestrar?"

Ele suspirou. "Como já te disse, não houve tempo para pensar. Veja pelo meu ponto de vista.

Acreditei que dois homens estavam prestes a morrer, e eu não sabia para quem pedir ajuda... Sendo que um deles era seu amado primo... Eu esperava que você pudesse se sentir um pouco inclinada a ajudá-los.

Talvez eu tenha pensado errado?"

Houve um longo momento de silêncio, e então, finalmente, ela admitiu com sua voz trêmula e fraca,

"Você não estava errado."

O som patético de sua voz não lhe escapou, e Christian deu um suspiro. "Se é a sua virtude que você teme," ele falou, "Então você pode parar de se preocupar, *mon amour*. Eu não tenho absolutamente nenhum desejo de tocar em você," ele mentiu com auto desprezo em flagrante falsidade. Apesar de tudo, ele teve uma atitude nobre para ela, o cavalheiro justo. Ele a amaldiçoou ferozmente por baixo de sua respiração, por fazê-lo querer ser algo que ele não era.

"Mesmo assim," ele interrompeu, "Eu juro que se você não me deixa ser eu mesmo, Jessie, vou achar que você deseja me desviar, e na verdade eu posso pensar que eu desejo uma certa distração, afinal — se você me entende?"

Ele ouviu a respiração dela acentuada e a choradeira indefesa que lhe escapou, e ele sentiu a dor dela e desprezou-se por sua fraqueza por ela.

Nenhum deles falava.

Depois de um longo momento, Christian jogou a contragosto seu travesseiro.

Ele pousou suavemente no topo da sua cabeça. Jessie arrebatou-o rapidamente, enterrando o rosto nele, cheio de lágrimas.

"Obrigada!" ela soluçava, jurando a si mesma que ela ainda o detestava e se desprezando pela mentira. Depois de um tempo, seu ronco encheu a cabine. Horas mais tarde, ainda incapaz de dormir, Jessie continuava desconfortavelmente deitada na escuridão.

Ela agarrou o travesseiro de Christian contra seu peito e se aproximou da cama. Ela olhou para seu rosto iluminado pelo luar por um longo momento. Deus, ele estava carrancudo mesmo durante o

sono. Ele era um demônio — então por que ela o amava então? Por quê?

Ela estava desesperadamente infeliz.

E ele tinha a cama.

Deus, mas ele foi rude e mal educado por não ter lhe oferecido a cama!

Reunindo coragem de uma vez por todas, ela levantou a colcha com cuidado e escorregou para dentro, certificando-se de ficar longe dele o máximo possível.

A besta não se mexia.

Ele estava dormindo, ela reconheceu ressentida. E ele tinha conseguido dormir tão facilmente. Como, quando seu próprio corpo queimava tão ferozmente, meramente por ele estar presente? Era como se o ar estivesse preenchido por ele, fazendo-a desejá-lo... Ela não deveria ansiar tanto por seus beijos... e qualquer outra coisa.

"Eu nunca traí você," ela sussurrou suavemente no travesseiro ao lado dele. Como ele podia ter acreditado que ela o tinha traído?

Ah, Deus, como ele podia dormir?

Ele realmente não a queria.

Ele não se importava. Uma lágrima deslizou através de seus cílios.

O brilho da lua iluminava o vidro com uma luz estranha. Os olhos de Eva pareciam lúcidos, quase melancólicos, e arrasados, porque os olhos eram o espelho de sua própria alma.

Ela estava perdida com ele e ele não confiava nela e ele não a amava e

parecia que ele não a queria.

"Eu não traí você," ela novamente jurou com suavidade e cheia de dor. "Foi você, Christian, que me traiu!" Ela olhou ansiosamente a figura retratada de Adão, seu rosto ilegível, seus olhos azuis e insondáveis como o mar.

"Eu não disse nada para o meu irmão — ele já sabia." Sabendo que ele dormia, ela se sentiu compelida a ir até perto dele, "foi seu irmão, Philip, que contou para o meu pai. Eu não disse nada," ela jurou suavemente. "Amos me disse mais tarde." Ela continuou a falar chorando baixinho.

"Mas *você*..."

A palavra foi dita com esmagadora aflição.

"Você veio para me seduzir — e você deixou —" ela sufocou um soluço. "Ah, Deus! Você deixou meu irmão te pagar para destruir meu coração e minha vida! Como você pôde? Sim, você veio para fazer eu te amar... e para rasgar minha alma em pedaços minúsculos — e Deus me amaldiçoou, porque eu deixei!"

Ela se afastou dele incapaz de aceitar sua presença ao lado dela, porque ela não queria nada mais do que se jogar nos seus braços e ser confortada por ele.

Ela era fraca... Ah, tão fraca.

"Mas a culpa foi minha... Eu deixei você me magoar," ela sussurrou. Seus soluços ficaram mais fortes e ela abafou-os com o travesseiro de penas que recendia ao seu odor masculino, permitindo que a raiva dela se tornasse um bálsamo para a dor dela.

Como se ele a tivesse ouvido em algum lugar profundo de seu sono e quisesse dizer algo para confortá-la, o corpo de Christian mudou

de posição. Seu braço se esticou e sua mão se enrolou na cintura dela.

Jessie pensou que ela tivesse inadvertidamente o acordado, mas ele fez um som sonolento antes de se aconchegar mais próximo dela. O hálito dele era tão suave, e ela viu que ele ainda dormia, que ele não tinha despertado. Em seus sonhos, ele provavelmente pensou que ela alguma rapariga da taverna aquecendo sua cama!

Ainda, na escuridão, só desta vez... Jessie se atreveu a ser consolada pelo seu abraço — não se importando que ele pensasse que ela era outra.

Só desta vez, ela jurou para si mesma.

Ninguém precisava saber.

Amanhã ela estaria bem.

Ela tinha certeza disso, pois ela nunca poderia revelar para ele o quanto ele a tinha magoado com suas mentiras e seus enganos.

Nem ela poderia suportar que ele soubesse o quanto ela o amava...

Ainda não.

O sol nascia transformando o mundo de Adão e Eva numa brilhante exibição pitoresca.

O olhar de Jessie seguiu o caminho do raio de sol da manhã onde ele apresentava um caleidoscópico sobre o chão de madeira.

Para começar, ela se lembrou onde ela tinha adormecido — mais importante, com quem — e virou

seu olhar para o espaço vazio ao lado dela.

Ele tinha saído.

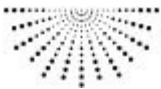
Ela se mudou para lado dele na cama, fechando os olhos, saboreando o odor persistente dele.

Ela tinha sonhado com ele... seu calor, sua mão sobre o peito dela... puxando para baixo o decote do vestido dela. Seu beijo queimando a carne dela, indo para baixo, para baixo... deixando um fogo queimando pelo caminho...

Ela queimava ainda.

Ela abriu os olhos com desgosto. Bom Deus, ela devia ter vergonha por ter pensamentos tão devassos. Odiando-se por eles, ela se levantou e se vestiu.

Deus o tinha amaldiçoado, e ela pretendia ficar fora do caminho dele.



CAPÍTULO VINTE E UM

Era evidente ver que Christian não tinha nenhuma vontade de vê-la. Verdade fosse dita, era incrível como o navio de repente pareceu maior, apesar de eles compartilharem a cabine cada noite. Ele chegava apenas quando tinha a certeza de que ela já estava dormindo... e então, na terceira noite, ele não veio. Ela ouviu de Ben na manhã seguinte que o Falcão estava dividindo a cabine com eles.

"Ele está de mau humor," Ben disse a ela. Ele estava sentado esculpindo um pedaço bruto de carvalho que Jessie tinha encontrado. Ele tentava fazer uma bengala, apesar do seu amorismo.

"Quem?" ela perguntou muito inocentemente.

Ben olhou para ela, seus olhos castanhos mostrando tristeza. "Você sabe muito bem a quem me refiro." Ele assentiu com a cabeça na direção de Christian.

Jessie não se preocupou em se virar. Ela sabia que ele estava lá. Ela não precisa se virar para saber que ele olhava para eles.

"Diga-me," ela disse, mudando o tema, "como está sua perna? Ainda dói?"

"Um pouco", ele confessou. Suas feições se suavizaram quando ele olhou para ela. "Mas está curando, embora se eu fosse você não me preocuparia, doce prima."

Jessie evitou seu olhar, incapaz de suportar ver a sua dor.

Ele usava uma calça que se abria na lateral para que ela não visse sua nudez enquanto fazia seus curativos. Jean Paul, também, estava se curando bem. E embora ele tivesse sofrido uma febre persistente, tinha sido suave o suficiente para que ele não precisasse ficar de cama. Só a palidez de sua pele dava provas de sua doença, porque o homem continuava a trabalhar com o resto da tripulação, teimoso demais, para ser mimado. Ben, por outro lado, parecia sempre querer a pouca ajuda que Jessie podia dar.

"Você precisa mudar suas ataduras. Eu trouxe estas." Tirando os panos de Ben, ela se ajoelhou para melhor inspecionar sua coxa. Os curativos estavam livres de fluidos, pela primeira vez — um bom sinal, ela pensou, embora ela realmente não tivesse certeza. Com um suspiro sincero, ela começou a retirar as ataduras sujas.

"Você desfiou um de seus vestidos para estas?"

Jessie olhou para ele e viu que ele estava brincando com ela por causa de um pequeno pedaço de renda que ainda estava presa, obviamente negligenciada por causa da pressa. Ele removeu atento

para não rasgá-la no processo, enquanto Jessie se ocupava com a perna. "Era velho", ela garantiu para ele.

"Não foi nada."

"Eu nunca o tinha visto com esse mau humor antes Jessie e eu o conheço há muito tempo."

Jessie puxou uma parte do curativo rapidamente e lhe deu um olhar irado.

"Ayeeee! Jess seja gentil comigo!" Resistindo ao impulso de se proteger, ele cerrou os dentes, permitindo-lhe continuar. Mas ele disse com os dentes cerrados, "Diga-me, o que é que você disse a ele para deixá-lo de tão mau humor?"

"E o que faz você pensar que fui eu?" Jessie olhou para ele com os olhos apertados.

Ben deu de ombros.

"Nada que ele não merecesse," ela assegurou.

Com as ataduras de Ben finalmente trocadas, Jessie olhou para cima, para o rosto bonito de seu primo. Ele sorriu para ela, embora com um sorriso triste, e isso fez o coração dela doer terrivelmente.

Ele pegou a mão dela. Jessie podia apenas ver como ele a acariciou, sentindo-se desconfortável com isso, completamente incapaz de retirar sua dela.

Com a expressão angustiada, ela levantou o rosto para ele, e seus olhares se cruzaram.

"Doce Jess," murmurou Ben. "Como eu poderia te amar... se ao menos..." Ela desviou o olhar dela, e ele disse, "como devo parecer

depravado para você, por te querer como eu quero — mas não consigo evitar! Eu juro que eu tentei, e não consegui parar!"

"Ben..."

"Cale-se," ele exigiu. "Ouça-me, querida prima. Eu sei que você nunca vai ser minha..." Ele colocou a mão no seu coração. "Só espero que um dia... um dia," ele repetiu solenemente, "embora eu duvide muito, eu encontre outra tão gentil e bonita como você. Até lá, sei que meu coração vai pertencer a você e só a você."

Jessie sacudiu a cabeça. "Ben... por favor..."

Ele colocou os dedos nos lábios, pedindo para ela se calar. "Me escute, por favor, porque tenho que te dizer isto. Eu juro que eu não vou falar sobre isso novamente, para ninguém. Saiba que eu amo você, Jess e que eu sempre estarei por perto caso você precise, não importa as circunstâncias. Prometo-lhe isso aqui e agora." Ele gemeu de repente, um som atormentado. "Por Deus! Eu tenho uma lealdade feroz para o Falcão, porque ele salvou o meu rabo da forca. Você vê... Eu arrisquei o barco do meu pai em um empreendimento — um risco digno, embora agora não seja mais importante, porque o resultado permanece o mesmo." Ele balançou a cabeça com pesar. "O Falcão veio em meu socorro. Ele não precisava, mas veio." Ele encolheu os ombros. "Se ele não tivesse, meu pai teria perdido seu navio nas Índias e eu..." ele riu sem alegria. "Atrevo-me a dizer, eu seria tão sem vida como este bastão de madeira na minha mão."

"Me ouça... se o Falcão te tocar de maneira errada... ele vai responder a mim. E ainda... Eu sei em meu coração que você não vai precisar de mim, porque o Falcão é um homem bom. Eu sei muito bem o que ele é. e então... você na verdade não vai precisar de mim para nada."

Um olhar angustiado cruzou seu rosto. E então, como se ele não pudesse evitar, ele a trouxe para mais perto, os lábios não muito longe de seu próprio enquanto falava com ela.

"Meu Deus... Jessie..." ele gemeu. "Eu quero te pedir só uma coisa... Eu sonho com você doce prima

— frequentemente! Eu preciso acabar com esses sonhos. Eu não posso... Talvez se você me beijar, apenas uma vez... seus doces lábios nos meus... só uma vez. Não pedirei a você novamente — juro pela minha honra!"

"Ben!", ela engasgou, em pânico e tentou retirar-se do abraço dele. Ele segurou-a rápido e chegou mais perto ainda, pressionando-a com seu olhar atraente.

"Por favor, Jess..." Ele parecia um homem torturado.

Os olhos de Jessie se fecharam e ela engoliu em seco, sabendo em seu coração que ela não poderia lhe negar isto. Ela assentiu com a cabeça e ouviu seu gemido de alívio quando ele a puxou para seus braços, tocando seus lábios com ternura no começo, timidamente, como se ele tivesse medo dela fugir.

Seu beijo era dolorosamente doce... e ela devia ter sentido algo... qualquer coisa, uma vez que ele era quase tão magistral com seus lábios, como Christian, no entanto, ela não sentiu nada. Ela estava dormente. Seu coração estava aborrecido e pesado porque ela estava amaldiçoada amando outro.

Depois de um momento, ele falou. "Cristo, Eu acredito que pode ter sido um erro." Ele piscou para ela. "Diga-me, Jess, será que você pode..." Ele fez uma pausa, parecendo repensar suas palavras e disse sacudindo sua cabeça, "não importa. Você o ama e não há nada a ser feito. Você não pode me dar o que eu quero... e eu não quero levar menos do que mereço... Só saiba que eu sempre irei —"

"Muito comovente."

Jessie virou e viu Christian em cima da plataforma superior olhando para baixo, sua expressão escura e tempestuosa, sua postura

ameaçadora e seu cabelo escuro, chicoteando a brisa. Seus olhos azuis olhavam para ela com desprezo.

"Não é o que aparece, Falcão," Ben jurou num tom arrependido, apenas um pouco irritado. "Ela estava..." Seu olhar foi em direção a Jessie, mas ele não pode esconder o olhar de desejo intenso dele, então de repente ele olhou novamente para Christian, um pouco mais composto. "Eu roubei um beijo dela," ele se rendeu, "e ela não tinha como recusar."

"Muito caridoso da parte dela." Christian deu um brilho feroz na direção dela antes de se virar e se afastar.

"Desculpe-me."

Jessie abanou a cabeça. "Não importa... Ele não pode me detestar mais do que ele já me detesta."

Christian nunca tinha sentido tanta raiva, mas ele não iria culpar Ben pelo beijo. Ele culpou Jessie.

Maldita!

Ele tinha escutado como a respiração dela se comoveu pela confissão feita algumas noites passadas e sentiu a dor dela.

A maior parte dele tinha ficado muito feliz com a possibilidade de sua inocência; ainda assim, ele não tinha sido capaz de acreditar nela. Por tudo o que ele sabia, ela tinha atuado dramaticamente para o seu próprio benefício, sabendo que ele estava acordado e a escutava. E embora ele não ousasse acreditar nela, a necessidade de segurá-la tinha sido irreprimível, e ele tinha estendido a mão para confortá-la mesmo contra a sua vontade.

Como ele pode ter pensado em acreditar nela?

Os últimos dias e noites, quando ele tinha deitado ao lado dela, ele respeitosa­mente não a tinha tocado, chegando tão perto de confiar nela...

Tão perto.

Ele não tinha ido para a cabine ontem, porque ele não confiava nele mesmo.

E agora...

Se ele remotamente estivesse perto deles, ele poderia ter esquartejado Ben membro a membro. Com um aceno lacônico, ele fez seu primeiro ajudante sair do timão, assumindo ele mesmo o navio, sua expressão furiosa. Tibbs deu seu posto imediatamente, olhou para ele com cautela e saiu correndo.

Droga. Ele não queria acreditar nela, não agora — especialmente não agora. Mas suas lamentáveis paredes ressoavam com a verdade, rasgando seu coração em pedaços. Mas ela estava perdida para ele, pois era evidente que ela amava outro... que ela o desprezava, como ela dizia.

Lembrou da expressão feliz de Ben quando seus lábios tinham tocado os de Jessie, e seu peito começou a doer. Cristo, ele tinha tido conclusões tão tolas todos aqueles meses atrás na Inglaterra, e agora ele ia pagar por isso. Ele não podia suportar o pensamento das mãos de Ben sobre ela, seus lábios adorando o corpo dela. Ele fechou os olhos por um instante, meio tonto, com raiva e arrependimento. Ele nunca tinha se odiado tanto quanto agora, porque ele a teve uma vez e agora a tinha perdido.

Como ele poderia ter sido tão idiota?

Como ela podia ter agido de tão má fé?

Tão inconstante?

Ela era uma vadia traiçoeira — mesmo que ela não tivesse traído suas confidências. Ela tinha jogado com as emoções dele, sendo inconsistente — uma maldita vira-casaca!

Mas ela nunca foi seu amor em primeiro lugar, ele lembrou-se amargamente.

Ela nunca foi sua para começar.. .

Nem ela jamais poderia amar o homem que tinha causado a morte de seu

pai...

E ele era esse homem.

O restante da viagem passou sem intercorrências.

Demorou pouco mais de duas semanas para chegarem ao destino, uma pequena e pitoresca ilha, brilhante e vibrante, como o fundo exuberante do vitral. Jessie manteve-se dentro da cabine o dia inteiro que eles ficaram no porto.

Eles partiram cedo na manhã seguinte, parando em outro porto dois dias depois. Neste eles ficaram apenas algumas horas e foram embora ao meio-dia.

Se ela achava que Christian a tinha evitado antes, certamente era o que ele fazia agora. Ela o viu apenas fugazmente, quando o procurou. Só Deus sabia por que ela fez uma coisa dessas, mas às vezes antes que ela pudesse parar ela mesma, ela se encontrava buscando apenas um vislumbre dele.

Tantas vezes ela se sentiu tentada a ir vê-lo, a falar com ele, mas Christian sempre a encarava com o fogo do diabo nos olhos dele e a coragem dela imediatamente vacilava. E então ela voltava para sua cabine.

Deus sabia que se não fosse a companhia de Ben e de Jean Paul, ela teria morrido com o coração partido.

Eles estavam a meio dia de Charlestown, quando uma batida soou na porta da cabine — da cabine de Christian, embora ele generosamente a tivesse abandonado para ela. Muito gracioso da parte dele ela pensou amargamente.

"Entrem," ela disse, sabendo instintivamente que não era Christian, pois ele nunca teria se incomodado em bater na sua própria porta.

A porta da cabine se abriu e Jean Paul entrou com uma expressão sombria. Ele se sentou a mesa sem esperar convite. Em muitas maneiras ele era igual ao filho, Jessie ponderou, mas ela gostava dele assim mesmo. Na verdade ela sentia pena dele, que apesar de estar tão próximo de seu único filho não tinha conhecimento da relação entre eles. Uma vez ele disse para ela que nunca tinha se casado e nunca tinha tido filhos.

Como ele poderia não saber?

Após se sentar, Jean Paul a olhou pensativo. Ele olhou para ela como se ele quisesse lhe falar, mas não tinha certeza de como proceder.

"O que é? Ben?"

" *Non, non, mon ange*, não é Ben. Não temas, porque ele está bem. "A perna dele parece estar curada e ele está andando bem, embora — com a bengala." Ele pareceu se render a agitação arrependida da sua cabeça, "Receio que ele vá ficar coxo para se lembrar dessa época. E ele teve muita sorte por não ter quebrado o osso da perna."

Jessie estremeceu esse pensamento medonho.

" *Oui, demoiselle*, eu já vi isso antes." Ele levantou uma sobrancelha. "Mas chega de falar sobre Ben

— é sobre o meu filho que eu quero falar com você agora."

Os olhos de Jessie se arregalaram e seu queixo caiu. Ela fechou sua boca abruptamente, pois ela não sabia o que dizer em resposta. "Você sabe?"

Seu rosto se contorceu. "Presumo que Falcão confiou em você, então, você sabe exatamente de quem é que eu estou falando." Ele assentiu, parecendo satisfeito com a descoberta. "Mas, claro que ele teria,"

falou para ele mesmo. "Tanta coisa faz sentido para mim agora." Ele riu suavemente, o som tão estranhamente familiar, que enviou um frio na espinha de Jessie. "Você achou que eu não sabia?" Ele estalou sua língua, mandando um olhar de reprovação para Jessie. "Mas peço-lhe, *ma petite*, será que eu poderia não saber? Um homem teria de ser cego — ou melhor, não pode haver nenhuma dúvida; o Falcão é meu filho."

O choque de Jessie estava evidente na expressão dela. "Eu" — Ela acenou com a cabeça em uma descrença atordoada. "Ele não tem idéia que você sabe," ela disse depois de um momento.

"Eu sei," Jean Paul confirmou, "e isso é culpa minha. Fiz sua doce *maman* jurar para mim que ela nunca lhe diria... e então, quando eu pensei que ele soubesse, fingi ignorância. Só não consigo olhar para os olhos dele quando ele fala dela, porque então ele saberia *cherie*, que eu ainda a amo."

"Mas... Eu não entendo..."

"Eu não tinha certeza até agora que ele sabia. Mas se meu filho confiou para você, então ele sabe. E

ainda assim... Devo permitir ao Falcão que ele decida me aceitar de sua própria vontade. Não trairia sua mãe falando sobre isso. Até o dia que ele reconheça, fico contente simplesmente por ter o Falcão

como meu amigo. Diga-me, quão abençoado por uma esperança um homem pode ser? Não posso lhe dar meu

nome, mas meu filho tem a minha amizade, e isso é muito mais. Quantos pais podem dizer isso? Medo *não, não, mon ange*, estou perfeitamente satisfeito com a minha sorte — mas chega de falar sobre mim!

Eu vim aqui porque quero saber de verdade... se você o ama... você ama meu filho?"

Jessie franziu a testa. "Ele é um cafajeste rude, desprezível!" ela disse com convicção, sentando-se na frente dele.

Jean Paul a sondou com seus olhos azuis, como se quisesse ver através de suas palavras. Ele riu suavemente. "Sim, eu sei... mas você o ama, *cherie*? Essa foi a pergunta."

"Não!" Jessie disse muito rápida demais. Ela balançou a cabeça enfaticamente. Talvez com muita ênfase, porque algo na expressão de Jean Paul lhe disse que ele não acreditava nela.

De repente Jean Paul bateu a mão na mesa e disse sorrindo maliciosamente: "Eu entendo."

Ele mordiscou sua boca por um momento e olhou para ela. "Muito bem, então." Ele assentiu com a cabeça, se levantando da cadeira. "Sim, eu acho que sei o que deve ser feito em seguida, *demoiselle*. E você está certa de que você não o ama?"

Parecendo não entender sua pergunta, Jessie abanou a cabeça, e então percebeu o que ela estava dizendo, e assentiu com a cabeça de uma vez com certeza que não se sentia bem mentindo.

Jean Paul riu, dando-lhe uma piscadela conspiratória e Jessie teve uma premonição terrível quando ele se virou para sair, antes que ela

pudesse questioná-lo sobre isso, ele tinha ido embora. Ela passou o resto da tarde se preocupando sobre a estranha visita de Jean Paul, pensando em suas observações enigmáticas.

Naquela noite, no entanto, sua curiosidade chegou ao fim, quando a porta da cabine se escancarou e Christian entrou.

O quarto estava muito escuro, as lanternas, tinham sido apagadas durante a noite, mas Jessie sabia que era ele. A pele dela se arrepiou e entrou em erupção.

"Por que a porta não está trancada?"

Jessie não teve tempo para responder à sua pergunta antes dele falar

novamente, desta vez com um tom de voz um pouco menos bravo, apesar de ameaçador.

"O filho da puta do teu primo!" ele murmurou com raiva, suas palavras um pouco arrastadas. "E

aquele maldito Jean Paul! Esses dois são suficientes para taxar a alma de um homem morto! Eu juro por Deus, mulher, se eu permanecer um instante mais naquela maldita cabine com aqueles dois idiotas como companhia, eu sou capaz de matar os dois!"

Ele virou-se para ela, buscando a escuridão como se quisesse ter a certeza de que ele não estava falando sozinho, e para Jessie dar indicação que estava acordada. Ela soube o momento que seus olhos se ajustaram à escuridão e ele a viu, pois sua expressão imediatamente desapareceu.

Suas feições suavizadas, iluminadas pela luz da janela, e a estranha ternura evidente no olhar dele mostrou a mentira na brutalidade de suas palavras.

"Diga uma palavra contra a minha presença, e você vai se ver no mar em um instante!" Tendo dito isso, ele caiu em um silêncio tenso quando ele começou a tirar fora as botas. Elas caíram no chão, cada uma com um baque. Sem preâmbulo, ele começou a tirar sua calça, então pensou e decidiu ficar com ela, mas aberta. A camisa, que já estava aberta, ele removeu rapidamente. Jessie agradeceu a Deus pelas sombras — que escondiam não a ele, mas o rubor que agora estava queimando através de seu corpo.

E então ele perguntou mais devagar desta vez, enquanto jogava sua camisa no chão, "Por que diabos a porta não estava trancada, Jessie?"

Jessie tentou, mas não conseguiu encontrar sua voz para falar.

"Talvez você esperasse alguém?" Ele ficou parado, aguardando sua resposta, e quando não ela não o respondeu ele exigiu, "Chega para lá".

Aparentemente Jessie não se moveu rápido o suficiente, pois ele quase deitou em cima dela quando se jogou ao lado dela na cama. Ela se afastou em seguida — ao mesmo tempo — para longe, para a lateral da cama.

Christian deu uma risadinha cínica. "Não pode suportar tocar-me, amor? Droga, mas você é uma puritana enganadora. *Pardonnez-moi*," ele disse com desprezo, "mas eu não vou dormir no chão por você, então você também pode suportar minha presença da melhor maneira possível e simplesmente vá dormir."

Com isso, ele prontamente arrebatou a almofada debaixo da cabeça dela. A bochecha de Jessie bateu na cama com um baque suave quando ele começou a bater no travesseiro com seu punho fechado, como se para remover todos os vestígios da sua presença. Ela não se incomodou em protestar. Não teria tido nenhum efeito. O homem era um tolo insensível!

" *Bon nuit,*" ele sussurrou "Sonhos agradáveis, *mon amour!*"

Cheia de lágrimas em seus olhos, ela amaldiçoou a si mesma, pois parecia para ele, que ela sempre estava chorando por algo. Ela tentou abafar seus soluços, mas eles pareciam encontrar uma força própria, forçando-se através de sua garganta.

Christian a ouviu e uma fúria se apoderou dele.

"Jesus Cristo! Porque você está chorando agora, mulher!"

Com um rosnado de nojo, ele estendeu a mão para ela, arrebatando-a em seus braços, odiando a reação do seu corpo. Ela gritou e tentou desesperadamente se afastar dele, mas ele era muito forte. De costas para ele, ele envolveu seus braços sobre ela, segurando-a perto, aprisionando-a dentro deles. E

ela ficou dentro de seu abraço, e ele se sentiu inchar contra seu bumbum delicioso. Ele fechou os olhos, tentando ignorar a realidade dela dentro de seus braços... depois de tanto tempo... tentando ignorar seu indomável desejo por ela.

Tinha sido uma espera tão longa.

Ele a segurou mais apertado, mais perto, mas seus lamentos só aumentaram, e também a sua necessidade, pois ela estava se contorcendo sem piedade contra ele. Ele respirou profundamente, enchendo seus pulmões, comandando a contenção de si mesmo, mas seu cabelo cheirava tão doce... como lilases e ar fresco do mar combinados; os dois não deviam se misturar tão bem, mas eles misturaram.

Incapaz de parar, ele pressionou seus lábios na parte de trás da cabeça dela. Ele estava perdendo sua força de vontade. Mudou-se para o pescoço dela, sentindo seu cabelo sedoso entre seus lábios aquecidos, e ele respirou fundo, pois ele podia jurar que ela tremeu dentro de seus braços. Demorou muito pouco, mas esse simples

gesto fez ele se lembrar da paixão que uma vez ela havia lhe mostrado.

Seus soluços cessaram de uma vez e ela congelou, trazendo sanidade para seus sentidos enevoados.

Talvez ela o temesse?

Ele finalmente respirou profundamente o perfume dela. Cristo, seu cheiro era diabolicamente bom.

Ele consumiu uma garrafa inteira de uísque à noite, direto da garrafa como um bêbado estúpido, antes de vir para ela na esperança de que ele ficaria anestesiado na presença dela. Qual era o poder que ela tinha para fazê-lo ter tais fraquezas? Maxwell Haukinge tinha sido um beberrão safado — bem como seu irmão Philip — e ele odiava-os por sua arrogância e suas falhas, no entanto, aqui estava ele, agindo como eles.

A respiração dele acelerou e ele gemeu, segurando-a para mais perto ainda quando ele tentou recuperar sua razão. Ela não era boa para ele, ele pensou. Ele não era bom para ela. Mas não adiantava, o nobre cavalheiro tinha fugido, estava provavelmente em algum canto escuro, com medo da besta dentro de sua alma.

Já estava na hora, ele pensou.

Era muito bom ele estar de volta.

As mãos dele percorriam o corpo dela à vontade, seios, barriga, coxas e então deslizaram entre elas.

Ele não seria recusado, não desta vez, ele jurou... não desta vez...

Christian a virou para que ela o enfrentasse na escuridão. Ele colocou sua mão no rosto dela e acariciou seus lábios, sua bochecha macia, movendo-se para baixo do queixo dela, lentamente. Ela deixou. Ele segurou seu queixo delicado entre o polegar e o indicador, acariciou-o com o polegar quando ele levantou seu rosto para um beijo.

Ela não mostrou nenhuma resistência, e uma vitória doce e potente, varreu suas veias naquele instante

— uma fome mais convincente do que a física, um anseio tão profundo e feroz que sua mente ficou momentaneamente vazia de qualquer pensamento a não ser a mulher em seus braços. Quando finalmente os lábios dele encontraram os dela, eles estavam tremendo docemente para ele e ele não se conteve, sua língua febril se jogou para dentro da boca dela, degustando-a e levando-o a um delírio que ele nunca tinha experimentado antes.

Nesse momento, quando suas línguas se encontraram, ele sentiu o mais doce sabor do paraíso, descobriu um vislumbre do céu e mais além... viu que era um lugar onde ele nunca tinha estado... a não ser com ela.

Deus, ele queria tanto ela... queria mais do que tudo...

E desta vez, ele não ia parar.

O próprio Deus não poderia contê-lo desta vez.

Ele já tinha esperado muito tempo — que a honra se danasse! Que a consciência se danasse! Se ele tivesse que queimar no inferno o resto da eternidade por causa desta noite, então era uma penitência que ele pagaria ansiosamente.

E que ela fosse amaldiçoada também, pois ela também respondia a cada impulso, a cada toque, gemendo para ele tão descontroladamente, em tão doce abandono. Sim... ela estava ardente em seus braços, e ele se deliciava com a realidade de saber que ela o desejava também. Christian sentiu seu corpo tremer ao seu toque, ouviu um apaixonado sussurro que ela emitiu e se viu de repente, rasgando o corpete do seu vestido com ferocidade para provocá-la.

Neste instante, ele se sentiu selvagem e cruel como ele tinha a reputação de ser. Jessie choramingou, não de dor ou medo, mas de um desejo tão grande, que ela mal podia compreender muito menos negar.

Sua sanidade tinha sumido, e ela só podia sentir — não conseguia pensar, só sentir...

"Christian... por favor..." Ela queria pedir para ele nunca mais parar, mas a voz dela falhou, e ela fechou os olhos para saborear seu toque em vez disso. "Por favor..."

"Não," ele rosnou, "Eu não posso — Deus pode me amaldiçoar, mas não posso! Eu quero você, Jessamine... você toda... quero beijar todo o seu corpo. Ah, Cristo," ele murmurou. "Eu esperei tanto tempo, Jess..."

Jessie arqueando para seus lábios gemia. Era tão bom ser beijada e amada por ele... mas ele não a amava, e ela tinha que se lembrar. E ainda... se ela fosse condenada por esta fraqueza o resto de sua vida, então que assim fosse, porque ela não poderia negar-lhe — ou melhor, ela não poderia se negar! Quando seus lábios quentes

mordiscaram o peito dela, ela pensou que iria morrer de prazer intenso. "Por favor..."

"Por favor, o quê?" O hálito dele era quente contra sua carne quando ele se mudou para mais baixo ainda, degustando-a, quando rasgou seu vestido, reduzindo-o a pouco mais do que trapos esfarrapados...

"Assim, Jessie?" ele perguntou baixinho, colocando seus lábios no lugar mais privado de seu corpo.

"Sim", ela sussurrou se torcendo de puro prazer. "Sim..." Ela gemeu os olhos se fechando firmemente enquanto ela adorava o seu amor por ela. Ela queria se lembrar para sempre de cada detalhe desta noite, todas as sensações que ele despertava nela. A paixão em suas mãos; a maneira como ele tocou nela, como se ele a adorasse. "Sim", ela murmurou, respondendo enquanto seu corpo tremia de prazer.

"Jessamine," ele sussurrou com a voz rouca, deslizando para cima e enterrando seu rosto dentro de seu cabelo. "Eu não vou parar desta vez..."

O hálito dele estava macio, ardente e quente contra sua orelha. Christian levantou-se acima dela, esperando para ela reabrir os olhos antes de continuar, querendo saber se ela o tinha entendido, querendo que ela percebesse que era para ele que ela estava se entregando... e não para Ben.

Os olhos verdes dela pareciam brilhar na escuridão, acenando para ele...

Ela viu sem se mover quando ele puxou para baixo suas calças, tirando-as.

O olhar dela encontrou os lábios dele e ela se virou suavemente e seus olhos baixaram para aquela parte masculina dele, ereta. O olhar dela voou mais uma vez para os olhos dele. Ele fez um som,

parecia uma risada, parecia um gemido, sobre a reação dela, pois após vários anos que Christian tinha deitado com muitas mulheres, com diversas personalidades, cada uma com diferentes graus de experiência, nunca nenhuma tinha tido a expressão facial de Jesse. Era óbvio para ele que ela nunca tinha visto um homem nu antes, e ver isto lhe deu um enorme prazer que ele nunca tinha sentido antes.

"O-o que você está fazendo?"

"Fazendo amor com você", ele respondeu, deixando de lado qualquer dúvida quanto a sua intenção, e então as mãos dele estavam se movendo através dela mais uma vez com uma urgência que ele já não podia conter. Suavemente ele tirou o que restava de sua vestimenta, revelando-lhe o seu completo controle.

Meu Deus..." Ele engoliu com dificuldade. "Você é... mais do que eu tinha imaginado..."

O coração de Jessie se apertou com essas palavras.

De repente ela não podia mais respirar, não conseguia mais pensar, só sentir... As mãos dele se moviam sobre ela, queimando sua carne, e então ele acariciou seus seios com as palmas das mãos, amassando-os suavemente sob seus dedos, enquanto ele se inclinou para beijá-la mais uma vez, a língua dele mergulhando profundamente, possessivamente. No instante seguinte sua boca deixou seus lábios para ir direto para o peito dela, para mamar como um bebê no seio da sua mãe, e Jessie descobriu a ligação até então desconhecida entre todas as partes do seu corpo. E então ele ajoelhou-se acima dela mais uma vez.

Um calor inflamou-se na parte mais interna de seu corpo enquanto ela sentia sua mão se tornar fogo entre as pernas dela. Ela gemeu quando sentiu um dedo grande dentro de seu corpo, explorando suas profundezas, e em resposta suas pernas se levantaram por vontade própria. Seu corpo estremeceu violentamente em resposta

ao seu convite instintivo. Ele parecia ter encontrado o que procurava, olhando para ela através da escuridão como se ele estivesse impressionado com a sua descoberta. Jessie não podia ver sua expressão na sombra, mas sua mão estava presa nas profundezas dela. Então, de repente, ela sentiu seu dedo acariciando profundamente dentro dela enquanto seu corpo tremia mais uma vez.

Num instante, ele a cobriu seu peso a pressionando e ao mesmo tempo continuando a adorar a carne dela, com as mãos e os lábios e a língua dele. Os braços dele deslizaram por trás de seus joelhos, e então ele separou suas pernas, levantando-as. Ela obrigada, envolveu as pernas dela sobre seu quadril. E então de repente ela sentiu a pressão deliciosa quando ele colocou a parte dele dentro dela. Gemendo, Jessie instintivamente se levantou contra ele, aceitando-o, mesmo que o corpo dela recusasse a entrada.

Xingando, Christian retirou-se apenas um pouco, mas a tensão incrível foi sua ruína. Parecia que ele tinha esperado por este momento a vida inteira.

Uma vida muito longa.

Gritando com a voz rouca, ele perdeu o controle, se colocando contra ela, rasgando a carne da donzela de uma só vez. Sua ferocidade deu um enorme prazer para Jessie com uma dor inacreditável que ela recuou instintivamente com o choque. "Christian!" ela chorou quando ele começou a se mexer descontroladamente. "Christian! Oh Deus!" Mas ele não parava. Seus movimentos eram rápidos e duros e seu lindo rosto estava contorcido como se estivesse com dor.

De repente Jessie sentiu calor novamente e compreendeu completamente essa profunda união da carne, pois tinha de alguma forma a tinha tocado até seu ventre... e pareceu aliviar a dor agriçoce dentro dela. Ele a encheu completamente, seu corpo, seu

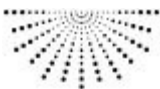
coração, sua alma. As mãos dele se mudaram para suas nádegas, levantando-a ligeiramente, como se quisesse separá-las mais uniformemente para seus impulsos, enquanto ele se jogava selvagememente, furiosamente, dentro dela. Jessie tentou lhe devolver os movimentos na mesma medida, mas ele era muito forte e muito rápido, mas a sua pressão era insuportavelmente doce demais e então ele parou. Ele segurou-a tão firmemente que ela pensou que ele iria esmagá-la quando seu corpo tremeu em espasmos violentos. Depois de uma eternidade, ele caiu por cima dela, e apoiou seu peso em cima de seus braços. Seu rosto estava em seu peito, à respiração irregular.

Ela queria exigir que ele continuasse, ela tinha estado à beira de algo maravilhoso, algo requintado, mas os músculos de sua mandíbula jaziam contra o peito dela, e ele sussurrou ferozmente, gravemente,

" *Pardonnez-moi... pardonnez-moi. .. perdoe-me, Jessie.*"

E então o calor e a necessidade desapareceram, e foram substituídos por uma angústia e uma desilusão tão grande que Jessie mal podia suportar. Seu coração martelava sem misericórdia e raiva surgiu através de suas veias. Ele saiu de cima dela por vontade própria, dando um rosnado baixo.

Frustrada e muito furiosa ao saber que ele estava com raiva, mais uma vez, Jessie virou as costas para ele. Quando ela olhou o céu negro como tinta e a pálida lua acima do carvalho, ignorando as figuras abaixo, ela se sentiu mais desolada do que nunca.



CAPÍTULO VINTE E DOIS

A batida na porta a acordou — ou então ela pensou que a tinha acordado, pois quando Jessie abriu os olhos viu através das sombras

que Christian já estava se aprontado. Ela se perguntou se ele tinha dormido.

Freneticamente, ela procurou pelo lençol para cobrir sua nudez. Mal tinha encontrado e se protegido quando a porta se abriu. A luz de uma lanterna se derramou dentro da cabine. Era McCarney. Um frisson passou pela espinha de Jessie quando o homem falou.

"Falcão, me pediram para te dizer que chegamos em Ashley. Nós chegamos tão silenciosamente como a névoa, como você disse que deveríamos — ninguém nos viu, tenho certeza."

Christian acenou com a cabeça. "Abaxe o barco... estaremos lá em dez minutos."

"Sim, senhor, vou fazer isso."

Quando McCarney ia olhar em volta na cabine, Christian bateu a porta na cara dele. Voltando-se para a cama, ele viu que Jessie estava sentada, de frente para ele, os lençóis pressionando os seios. Incapaz de encará-la, ele se afastou dela, procurando suas calças na escuridão, não se preocupando em acender uma lanterna.

"Levante-se e se vista."

"Eu não entendo... Estamos no meio da noite," ela protestou.

"Faça o que eu estou mandando," ele falou. "Ou devo fazê-lo para você."

Ela saiu hesitante da cama, puxando o cobertor e voltou com um pedaço rasgado de seu vestido na mão. Seu rosto e seu coração contorcidos. "Por que temos que ir na calada da noite, quando apenas ladrões e bandidos fazem isso? Não suporto fazer parte de tal depravação!"

Christian não tinha necessidade de luz para saber que ela estava chorando. Ele podia ouvir claramente a tristeza na voz dela, e ele teve uma súbita vontade de ir até ela, mas então ela falou novamente e a raiva o manteve longe dela.

"Como você consegue trair a coroa, Christian? E meu primo — meu Deus! Eu não consigo entender o que fez Ben seguir —"

"Os meus pensamentos?" A implicação era clara. "Você não consegue?" Ouvir apenas sua dor por causa de Ben, o fez ironizar, "pobre, pobre Ben. E então você acredita que ele foi corrompido?"

Jessie se afastou incapaz de enfrentá-lo, mas foi um gesto desnecessário, pois o quarto estava escuro demais para ver mais do que sombras. "Não sei mais no que acreditar."

"Bem, então, me permita esclarecer, *mon amour*."

Fechando sua calça, ele se aproximou, até que ele pode ver seu rosto mais claramente — pálido na luz da lua. "Assim como eu, Ben está horrorizado com a falta de justiça nas colônias. Mas eu não posso começar — nem tenho tempo ou vontade — a lhe dar todos os argumentos. Não peço desculpas pelo que sou Jessamine."

Ele se sentou ao lado dela na cama. Ergueu o vestido esfarrapado que ela segurava na mão, e o segurou entre os próprios dedos, olhando-o com um arrependimento genuíno. "Desculpe Jessie... isto nunca deveria ter acontecido entre nós."

Ele olhou para ela, soltando o farrapo de roupa em favor de um fio de cabelo dela, esfregando-o melancolicamente entre as pontas dos dedos. Seus olhos eram de um verde brilhante, luminoso com as lágrimas. Por um longo instante seus olhares se encontraram, e ele se sentiu transportado no tempo, para um momento mais doce, sob uma velha árvore de olmo. Ele a tinha amado naquele dia, pois ele percebeu que ela o tinha feito ansiar a ser o homem que ela viu

nele. Só que esse homem não existia. Então ele quase desviou o olhar, tanta tristeza e pesar que ele sentiu... mesmo assim...

Ah, mas Cristo... até agora, ele sentia a necessidade de se explicar para ela quando nunca antes ele sequer pensou em duvidar de seus motivos. Ele tentou conceber uma maneira de se explicar... alguma maneira de se fazer compreender.

Recordando uma certa conversa que eles tiveram uma vez, há muito tempo atrás, ele disse, "você se lembra, Jessie... uma vez, há algum tempo, quando discutimos longamente sobre 'Adelard de Bath -

Perguntas Sobre a Natureza'?"

Ela assentiu com a cabeça e Christian levantou seu queixo suavemente com um dedo, procurando seus olhos através das sombras. "O que ele falou? Sendo guiado pela razão? A autoridade, como um cabresto?" Enquanto ele falava, ele não tirou seu olhar do dela. "Do que mais deve a autoridade ser chamada, do que um cabresto?" Ele disse, num tom suave, mas apaixonado. Ela fechou os olhos, recusando-se a vê-lo, mas ele continuou, "de fato, bestas são lideradas por qualquer tipo de cabresto e sabem como são conduzidas e apenas seguem a corda pela qual elas são mantidas, e então a autoridade as conduz ao perigo, mas não apenas alguns que foram apreendidos e vinculados por credulidade. Porque eles não sabem que a razão foi dada para cada pessoa, para que possa distinguir entre o verdadeiro e o falso. E todo aquele que souber ou não ignorar o motivo," ele terminou, "deve merecidamente ser considerado cego. Não foi o que ele escreveu Jess?"

Ela olhou para ele.

"Bem, não sou cego!" ele disse, segurando seu queixo um pouco mais para ganhar sua atenção. "Nem sou um animal para ser conduzido cegamente até meu túmulo! Eu sou um homem, Jessie e apenas um homem, mas com um coração e uma mente que dizem que as coisas não são como deveriam ser. Eu apenas faço a minha

parte para mudar o que eu não suporto — e não estou sozinho! Nosso número é grande. Seu primo é apenas um de muitos, então não o culpe — ou a mim — até que você saiba e entenda nossas queixas."

Ela agarrou firme seu pulso. "Então me diga," Ela implorou. "Explica para mim.... Me faz entender, porque eu não entendo!"

Ele deixou sua mão cair do seu rosto, mas ela não largou seu pulso. "Eu não tenho tempo agora, mas sim, eu vou... e logo... mas não agora."

Libertando-se, Christian levantou-se para ficar diante dela. Jessie evitou seu olhar, olhando para suas mãos. Ela as apertou e colocou-as rapidamente no colo dela.

Christian abanou a cabeça. Ele não podia ser fraco, sabia que ele não podia ser fraco, mas ele era.

"Vista-se. Eles nos aguardam... e está ficando tarde. A manhã vem rapidamente, e quero te ver segura em Shadow Moss antes do amanhecer."

Ela virou o rosto, suas sobrancelhas se arquearam suavemente. "Shadow Moss?" Ela balançou a cabeça sem entender.

"Minha casa, Jessamine; é onde você vai ficar até que Ben fique curado... e então você vai voltar para a casa do seu tio."

"Oh". O olhar dela congelou.

Ele estudou os contornos sombreados de seu rosto por um longo momento, mas não havia nenhuma emoção aparente, e ele saiu de perto dela, indo até a porta, e abrindo-a. Com a mão na maçaneta, e de costas para ela, ele disse, "Aguardarei você lá em cima."

Só o silêncio respondeu-lhe, mas ele sabia que ela viria, e ele saiu, fechando a porta suavemente atrás dele.

A casa de dois andares da plantação era claramente visível a partir da estrada. Sua fachada de tijolos caiados de branco refletia a luz da lua — um farol silencioso para aqueles que navegavam o rio nebuloso. Enormes colunas brancas apoiavam o imponente pórtico. Era uma casa magnífica, Jessie admitiu para ela mesma quando ela ficou diante da porta da frente de carvalho maciça, tão incrível, mas que parecia estranhamente desequilibrada. Na escuridão ela não podia discernir bem por que.

Christian tinha aberto a porta da frente quando a agarrou novamente e segurou o braço dela, guiando-a para dentro. Ela teria protestado, mas ela ficou sem palavras ao entrar na casa. Nada poderia tê-la preparado para o interior da casa. Certamente não a perfeita arquitetura clássica do seu exterior.

O hall de entrada estava em um estado lamentável na melhor das hipóteses. Pelo menos cinco andaimes construídos às pressas ocupavam o local. Os tetos e pisos careciam de moldes decorativos, e as paredes estavam descascadas, nuas exceto pelas lanternas de gás acesas que davam luz ao aposento.

Não havia uma única mobília dentro da sala.

Jessie mal podia esconder seu assombro. Ela olhou para Christian e viu que ele a estava vigiando atentamente, como se antecipasse a reação dela e estava se preparando para o pior.

"Está em obras", Ben lhe disse quando viu o olhar entre eles.

Ela levantou uma sobrancelha. "Eu imaginei." Ela lançou um olhar divertido para o primo. Será que ele achou que ela não saberia? Manchas de tinta branca guarneciam a parede, e pedaços de madeira de todos os tamanhos e formas jaziam no assoalho de madeira. Aqui, ela pensou, foi provavelmente onde Christian tinha

adquirido o carvalho para Ben fazer sua bengala, e pareceu-lhe então que ele tinha sido atencioso por este pequeno detalhe. Ela engoliu em seco, secretamente tocada por ele ter sido tão atencioso para Ben. E ela não podia ajudar, mas lembrou-se do vidro de perfume que ele tinha trazido para bordo do Mistral; ela nunca tinha lhe agradecido, nem ele tinha mencionado.

O olhar dela se voltou para Ben, pois parecia que ele, com efeito, andava com um ligeiro coxear, embora sua perna estivesse muito melhor. Ela viu seu primo mancando diante deles, e tentando limpar a desordem de seu caminho, e seu coração sentiu pesar por ele.

Christian saiu do lado dela para ajudar Ben e ninguém falou mais nada, na tentativa de atravessar o caos da casa. Para sua surpresa, Jessie foi levada para uma escada em espiral. para uma câmara totalmente mobiliada e decorada da mesma maneira que a cabine que ela tinha ocupado no Mistral. Aqui, no entanto, não havia nenhum vitral. Em vez disso, havia seis painéis completos, e uma porta dupla que levava para o que ela achou ser uma varanda.

Ela abriu as portas. Deixando a lanterna para trás, em cima de uma mesa, ela saiu para a noite preta, acalmando sua respiração, porque não tinha escapado dela para onde Christian a tinha trazido.

Por um longo instante ela simplesmente ficou parada, olhando para a escuridão, sem ter certeza do que dizer ou sentir. Ele veio por trás dela, seus passos suaves e quase inaudíveis; ela o sentiu mais do que o ouviu.

"Presumo que este é o quarto principal?" ela disse depois de um momento.

"É".

"E onde vou dormir?" ela ousou perguntar, destemida, mas ela ainda não era corajosa o suficiente para olhar para ele.

"Aqui, é claro," ele disse firmemente. "Como foi no navio, não há nenhum outro lugar. Como Ben disse a casa ainda está em construção — somente a cozinha, a sala de jantar, o escritório e o hall de entrada estão reformados. Na parte de cima, tem esta sala e mais uma que Jean Paul e Ben vão usar. Você dormirá aqui."

"E onde você vai dormir?" Ela se preparava para sua resposta. "Aqui?" ela insistiu, voltando-se para enfrentá-lo. Ela balançou a cabeça. "Se for assim, Christian, eu não ficarei com você! Caso você tenha esquecido, você já arruinou a minha vida uma vez — eu não vou deixar você fazer isso outra vez!"

Christian suspirou com pesar. "É tarde demais para isso, não acha?"

Sua visão ficou turva com sua insinuação. "Você não tem coração!" ela engasgou, recusando-se a chorar.

"A verdade Jessie é que você não tem escolha." Ele suspirou profundamente, balançando a cabeça.

"Você não pode sair de Shadow Moss. Todos acreditam que você já foi para a Inglaterra com Ben. Se você voltar agora, você vai levantar suspeita — para não mencionar o fato de que sua reputação ficaria em frangalhos. Afinal, não havia nenhuma outra mulher a bordo do Mistral."

"Sim!" ela sussurrou seus lábios tremendo em fúria. "Mas que diferença faz se eu for agora, ou se eu aguardar que Ben se cure? De qualquer forma, minha reputação vai estar destruída — e é tudo culpa sua!"

Seu rosto se torceu com tristeza. "Por que você não me deixou ir embora? Por quê? Você não precisava de mim."

Christian evitou seu olhar. "Parecia ser o certo a fazer. Eu pensei que Ben e Jean Paul estavam mais feridos do que parecia." Ele encontrou seus olhos mais uma vez, o seu próprio com alguma

emoção, que Jessie não conseguiu decifrar. Ele se fechou rapidamente, se mascarando com sarcasmo. "Você não está satisfeita, porque eu estava errado?"

Jessie abanou a cabeça, incapaz de falar, e jogou sua cabeça para trás para olhar para o céu.

"Peço desculpa", ele disse sem abrir os olhos. Seu rosto estava tenso, ele parecia esculpido em pedra. "Quem me dera..." Ele estremeceu e disse lentamente, "quem me dera eu a tivesse deixado em paz, mas não o fiz. O que fizemos não pode ser desfeito, por mais que eu deseje." Os olhos dele se abriram, perfurando-lhe com sua intensidade de azul. "E agora... por mais que eu odeie... Devo insistir que fique."

"E você construirá uma prisão para mim?"

O tom dele era inflexível. "Não, Jessamine, mas você certamente, permanecerá aqui." "A única maneira para ir para Charlestown é por barco — meu barco," ressaltou friamente, "e todo mundo já sabe que você vai ficar aqui como minha convidada, querendo ou não. Após a última noite," acrescentou cruelmente, "o que você tem a perder?"

Jessie ofegou em choque e indignação. A palma de sua mão voou contra a mandíbula sombreada.

"Como ousa dizer tal coisa para mim?"

Ele pegou seu pulso enquanto ela recuava. O maxilar tenso, os dentes cerrados, esfregando seu rosto com a mão livre. Seus olhos brilharam com raiva. "Porque," ele disse, "esta é a maldita verdade!"

Jessie tentou novamente bater nele com a mão livre, mas ele pegou aquele pulso também, com seus dedos de aço. "Uma vez", eu deixei, "mas nunca mais, *mon amour*." Seu sussurro foi assustador numa

intensidade violenta. Se ele tivesse gritado, Jessie duvidava de que suas palavras teriam sido mais ameaçadoras. "Nunca pense em me atacar de novo."

Seus olhares se enfrentaram, em guerra — Jessie recusou-se a abaixar a cabeça para ele desta vez —

e então ele de repente a soltou, se virou e a deixou sozinha na varanda.



CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Somente quando ela ouviu a porta bater Jessie voltou para a sala.

Ele tinha deixado a lanterna ao lado da cama. Ela tirou seu manto e sapatos. Ela estava tão cansada que quando apagou o candeeiro e subiu na cama sua pálpebra parecia pesada como chumbo.

Ela tinha dormido tão pouco durante a noite, que pareceu que assim que ela conseguiu fechar os olhos, tinha sido acordada por uma batida na porta. Era o McCarney. Ela não gostava do homem — quase não podia suportar a presença dele. Havia algo nele... uma coisa que ela não conseguia suportar — além do fato de que ele era violento quando não tinha motivos para ser. Antes que ela pudesse contemplá-lo ainda mais, ela se virou e voltou a dormir.

Quando acordou horas mais tarde, ela estava sozinha, os raios de sol filtravam através das janelas e poeira dançava em seu brilho. Ela se virou para perscrutar o outro lado da cama e estendeu a mão para tocar os lençóis frios. Tanto quanto ela poderia dizer, ele não tinha dormido lá. Nem ele tinha vindo. E

então ela espiou seus baús contra a parede. Ele os havia trazido? Ou, em vez disso, ele os mandou incapaz de suportar a visão dela?

Deus sabia que ela não queria pensar nele. Levantando-se de uma só vez, lavou o rosto na bacia de água, então, vestiu-se, espiando o vestido de seda verde que mais uma vez estava espalhado em cima de uma cadeira. Então... ele veio afinal.

E a deixou em paz.

Como se ela tivesse pedido para ele.

Era evidente que ele preferia esse vestido em particular, mas Jessie não queria usá-lo para ele. Em vez disso, ela escolheu outro com corpete de renda branca. Sem suas anáguas, este vestido em particular ficava muito grande, mas ela não podia evitar. Ela tirou o cabelo para longe de seu rosto, prendendo-o em cima de sua nuca com uma fita. E então, sentindo um desejo irresistível por ar fresco, ela saiu.

Na luz do dia, era perfeitamente perceptível porque a casa parecia desequilibrada, a parte direita, por algum motivo estranho, ainda estava em construção. As paredes de tijolo estavam completas, mas no lugar do telhado, tinha apenas um esqueleto de madeira contra a vegetação.

O extenso gramado ostentava apenas ervas daninhas, mato e árvores derrubadas e mais perto da margem do rio, a grama do pântano dançava seduzida pela brisa. A grama parecia crescer tanto quanto o olho podia ver. Deus, de repente ela sentiu saudade da Inglaterra. Não do seu irmão ou da esposa, que tinham feito sua vida intolerável antes de a banirem para este lugar esquecido por Deus, mas ela sentia falta do conforto da casa ancestral de sua família, com os jardins bem cuidados em que ela tantas vezes se refugiou. Não havia nenhuma ordem neste lugar, nenhuma ordem em nada, e isso a fazia se sentir estranhamente sem sorte.

Finalmente, ela se sentou e, pela primeira vez desde sua expulsão, ela se lamentou por tudo o que tinha perdido em sua vida. E ela tinha perdido tudo, e tudo era culpa dele — Christian, ou Falcão, ou

que diabo era o nome dele! Neste instante, ela o odiou, desprezando cada fragmento de sua dignidade perdida. Ele tinha tomado posse dela sem uma única palavra de amor, ou até mesmo de conforto. Os olhos dela se encheram de lágrimas, mas ela se recusava a chorar. Como ela podia ter permitido isso acontecer?

Um bando de gaivotas silenciosamente voou em direção à água, à distância, todas voando em formação. Ela assistiu hipnotizada pela dança graciosa. Uma navegou apenas acima da superfície da água, tão perto que parecia bater suas asas na beira da água. Um pássaro levou o bando acima das árvores, e eles subiram como se fosse uma dança que tinha sido coreografada e ensaiada. Um pequeno peixe saltou no ar. E o fez tão rapidamente que quando ela virou em sua direção, tudo o que viu foi um pequeno círculo de ondulações no pântano que finalmente se desvaneceu no nada.

Por um longo tempo, Jessie sentou-se pensando no nada, ouvindo nada, vendo nada. Quando de repente ela ouviu Christian chamando-a, tão perto, ela entrou em pânico. Deus sabia que ela não desejava ver o cão mentiroso agora! Procurando desesperadamente, ela avistou um tronco atrás dela e foi rapidamente em direção a ele. O tronco em si devia medir pelo menos vinte pés de circunferência, e tinha chorosos membros esticados, como se seu peso gemesse de alguma forma demais para o pobre carvalho suportar. Sua estatura majestosa lembrou-lhe de um velho avô protetor, com braços estendidos e dobrando-se na terra para arrancar até o mais ínfimo dos insetos dos perigos da floresta tropical. Agora, ela precisava ficar blindada.

Começando no ponto mais baixo, empurrando a bainha do seu vestido entre os dentes, ela foi para cima do grosso tronco até que ela ficou empoleirada em segurança fora de vista. Ela sabia que provavelmente estava se comportando tolamente, mas ela não podia suportar ver a cara de Christian neste momento. Abrigada, aqui, ela não tinha com o que se preocupar. Ela quase deu uma risadinha do absurdo da situação. Ela simplesmente ia esperar até que ele se

fosse e então se apressaria de volta para casa; certamente havia um lugar naquele amaldiçoado mausoléu onde ela poderia encontrar abrigo? Passou só mais um momento antes de Christian encontrar seu caminho para o tronco, que ela tinha-se sentado apenas alguns instantes atrás. Como por instinto, ele parou, olhando para a extensão do rio, protegendo os olhos com a mão. Então, como se sentisse sua presença, ele se virou, e Jessie susteve a respiração quando ele sondou a área. Amaldiçoando-o sob sua respiração, ela assistiu seus movimentos.

Bom Deus, ele era muito bonito demais para sua paz de espírito. O cabelo apanhando o brilho do sol da tarde, fazendo-o parecer mais leve do que era na verdade. Ele ficou parado um instante e o perfil dele a hipnotizou.

"Jessie"!

Ela mordeu o lábio, recusando-se a responder.

"Jessamine!"

Jessie permaneceu quieta, não querendo ser descoberta agora em um lugar tão absurdo... não querendo ser pega espionando. Ela sentou lá sem se mover, vigiando a área de pesquisa, quando ele gritou a plenos pulmões, o nome dela. Meu Deus, com o que ela estava preocupada? Christian nunca pensaria em uma árvore para buscar por ela, e aqui ela estava pendurada como um chimpanzé diretamente sobre sua cabeça!

"Droga!" ele murmurou para si mesmo, se aproximando. "Onde diabos ela foi?"

Ele nem sequer se preocupou em olhar para cima, e em seguida sentou-se, braços cruzados pensando, e ela se viu de repente numa vertiginosa alegria. Eles estavam sentados em cima do mesmo galho de árvore, no entanto, ele poderia ter permanecido lá uma eternidade e nunca pensar em procurar aqui em cima por ela. Ela

não podia evitar. Pela primeira vez em dias, ela sentiu vontade de rir histericamente.

Senhor, e se ela começasse a gargalhar e caísse? Ela não poderia suportar isso! De repente ela teve uma visão dele quando o Sr Brown tinha derrubado ele da cerca. Ela tentou desesperadamente não rir, mas não conseguiu se segurar.

Christian lentamente virou a cabeça dele, e o olhar surpreso no rosto dele fez Jessie rir ainda mais.

"Que diabos você está fazendo aí?"

"Desce aqui!"

Com alegria, Jessie abanou a cabeça, recusando-se, e tendo outro ataque de riso.

"O que deu em você para subir aí?" Suas sobrancelhas se arquearam. "Desce daí, Jess, antes que você caia."

Mordendo o lábio para não gritar mais uma vez, Jessie abanou a cabeça outra vez. "Não," ela se recusou engasgada com seus risos.

"Pelo amor de Deus, se você não descer," ele a aconselhou, "Eu serei forçado a ir atrás de você."

Mesmo tendo dado este aviso, ele começou a ir até o ramo de carvalho. Quando ele alcançou o ponto onde ela estava sentada, ele se sentou ao lado dela, em vez de arrastá-la como ela esperava que ele fizesse.

"Você deixou todo mundo preocupado."

"Eu não quis deixar ninguém preocupado," ela admitiu, ainda sorrindo, embora seus olhos permanecessem melancólicos. "Eu simplesmente precisava ficar sozinha."

"Você não podia fazer isso com segurança dentro de casa?"

Jessie se engasgou com sua resposta. "Segura lá dentro...?"

Ele a entendeu mal.

"Desculpe o transtorno."

Não era o que ela tinha se referido, mas ela perguntou "Como pode viver assim?"

"Na verdade, não vivo." Ele deu um sorriso preguiçoso que a deixou feliz. Esse sorriso, uma vez, tinha sido sua queda. Mas não desta vez, ela jurou — dessa vez ela não ia cair. Ela não permitiria se derreter como uma colegial caindo sob o seu feitiço.

"Foi a minha intenção permanecer em Charlestown, durante a construção", ele explicou olhando para ela. "As circunstâncias, claro, não me permitiram."

Ela assentiu com a cabeça conscientemente. "Se você está incomodado," ela lhe informou, "a culpa é sua."

Christian não disse nada em resposta a sua acusação.

O silêncio entre eles ficou estranho, mas ele não se encontrou disposto a abandonar seu refúgio improvável tão cedo.

Havia vestígios de lágrimas nos olhos dela, mas ele atribuiu ao seu riso e ignorou a culpa que o esfaqueava.

Nem ele poderia negar o medo que tinha se apoderado dele quando ele achou que ela estava desaparecida. "Jessie", ele começou, suas palavras cuidadosamente pensadas para não assustá-la. "Faça o favor de não sair de casa novamente — não sem informar a alguém do seu paradeiro, ou para Jean Paul... ou para Ben," ele sugeriu relutantemente. Ele olhou para ela com os olhos apertados como se

quisesse ver seus pensamentos e, em seguida, suspirou pesadamente. "Então eu vou saber... onde te encontrar se... se eu precisar de você."

Ela evitou o seu olhar. "E se eu não tiver nenhum desejo de ser encontrada?"

"Me dê a sua palavra," ele exigiu. "Nós temos motivo para nos preocupar sobre jacarés aqui," ele mentiu. "É para o seu próprio bem-estar por isso eu peço para você." Ele se virou novamente para enfrentá-la. "É verdade," ele insistiu, vendo sua expressão de olhos arregalados. "Temos alguns animais desaparecidos sem nenhum sinal de uma carcaça para ser encontrado. Eu iria detestar esse destino para você."

Um arrepio passou pela espinha de Jessie. "E o que faz você pensar que é um jacaré?" Os olhos dela, grandes e arregalados. "Para um... este é o caminho para transportar suas presas de volta ao seu ninho e uma vez lá, a carcaça não seria encontrada."

Jessie fez uma careta de nojo. "Horrível!" ela declarou. "Eles são o mais vil das criaturas".

Ele sorriu com tristeza. "Pensei que você acreditava que eu era a mais vil das criaturas?"

"Sim, bem... parece que você tem um rival, afinal, *My Lord*." Ela olhou para ele, incapaz de tranquilizá-lo, embora ela estivesse tentada. "Diga-me," ela disse com um suspiro, de alguma forma mais composta, "eles são sempre tão cruéis?"

Ele balançou a cabeça, os olhos dele sem qualquer emoção. O coração de Christian começou a bater mais forte, porque ela o tinha chamado de "My Lord."

"Sempre," ele disse, limpando a garganta dele, "eles mantêm muito para eles mesmos."

"É mesmo?"

"Talvez porque o seu terreno de caça foi invadido — ou porque há muitos, possivelmente. Eu não sei.

Na verdade eles são criaturas dóceis." Ele sorriu, completamente divertido sobre a forma como sua testa estava rosada. "É verdade," ele afirmou sorrindo. "Na verdade, uma vez fiquei tão perto de um crocodilo que quase coloquei meu pé sobre o seu focinho." Ele riu suavemente com a memória, balançando a cabeça em admiração. "Ele não fez nada... absolutamente nada. Na verdade, a besta preguiçosa não se mexeu do lugar onde estava tomando sol." "No entanto," ele continuou com uma voz grave, "os que se encontram aqui parecem mais viciosos do que aqueles encontrados no interior. Eles parecem preferir a água fresca, e eu acho que se eles são encontrados nestes rios de sal, aqui em Ashley ou em Cooper, porque eles estão com fome."

Tremendo, ela lhe disse, "Eu acredito que já ouvi bastante, meu senhor. Vou ter pesadelos." Ela virou o olhar dela, parecendo de repente entediada com a sua presença.

"Talvez este não seja um assunto agradável, mas é por essa mesma razão que você não deve andar só sem escolta." Ele não poderia suportar se algo acontecesse a ela.

Jessie se virou. "Se é um lugar tão horrível, então por que você escolheu vir para cá, meu senhor? Eu pensei que você era apaixonado por Rose Park."

Olhando nos olhos dela, ele novamente se maravilhou ao pensar que eles nunca perdiam o poder para cativá-lo, para chegar a sua alma. Ele nunca poderia admitir para ela como ele se sentira naquele dia, depois de deixá-la em Westmoor — que ele sentia nada além de repulsa por qualquer coisa que o fizesse se lembrar dela. E Rose Park fazia ele se lembrar dela mais do que seria possível. Ele tinha planejado criar seus filhos lá... no quarto de dormir que ele

ansiosamente compartilharia com ela. Ele quase podia imaginá-la na casa, como ele tantas vezes tinha imaginado... na cama que eles dividiriam — sua cama —

seus cachos escuros suavemente emoldurando seu rosto... uma voz de criança chamando por eles no corredor... pezinhos correndo para recebê-los... e Jessie... lutando para se preparar para receber seu filho?... sua filha?...

O tom dele cuidadosamente desprovido de emoção, Christian disse, "eu gostaria de não falar sobre Rose Park. O suficiente para dizer que vendi a propriedade há meses. Shadow Moss é minha casa agora."

Será que ela poderia amá-lo?

Sim, ela tinha se dado a ele na noite passada, mas luxúria era uma coisa e amor outra.

Quando Christian olhou para ela mais uma vez, sua expressão era solene, e Jessie queria perguntar-lhe o que ele estava pensando. Mas ela tinha ido nesse caminho antes, e tinha sido seu primeiro erro. Ele tinha feito ela se importar, e então ele tinha despedaçado seu coração. Ela não queria saber mais nada sobre ele. Não queria se importar.

Provavelmente eram mentiras de qualquer maneira.

Ela se encontrou olhando para seus lábios, lembrando como eles se sentiam passando por seu corpo, e isto balançou o coração dela.

"Jessamine," ele sussurrou. "Se você não parar de olhar para minha boca..."

como se você fosse devorar meus lábios... vou ter que te dar um beijo, amor." Assustada por suas palavras, Jessie arrastou seu olhar de sua boca para seus olhos risonhos. "Eu — eu não estava olhando

para seus lábios!" Era tão óbvio que ela ansiava por seus beijos? Ele podia ler nos olhos dela que ela queria tocá-lo de novo? Para se sentir viva, mais uma vez?

Seu sorriso a enfureceu. "Entendo... e você não estava desejando que eu pudesse me inclinar assim,"

ele perguntou. A mão dele deslizou por trás do pescoço dela, trazendo-a em direção a ele. Ela não resistiu, não podia, estava tão atordoada por sua ousadia e sua proximidade. "E você não estava desejando que eu quisesse tocá-los tão suavemente..." Seus lábios se colocaram calorosamente contra os dela. Jessie fechou os olhos, incapaz de responder. "Assim?"

Jessie estava tonta de tanto querê-lo, mas abriu a boca para negar. A negação dela saiu num suspiro melancólico que a fez gemer em resposta. Seu corpo tornou-se subitamente pesado e letárgico. Ela sentiu como se ela fosse morrer de puro prazer com o que ele estava oferecendo a ela. A barriga dela nervosamente vibrou quando o hálito dele se misturou com o dela e ela sentiu o cheiro doce de brandy.

Seus lábios se separaram brevemente, e então sua boca desceu sobre a dela mais uma vez, timidamente no início, depois em movimento urgente quando ele mordiscou seu lábio inferior antes de chover mais beijos em cima do queixo delicado, descendo cada vez mais lentamente para a carne aquecida da garganta.

Deus, Jessie pensou, seu beijo era abrasador, conseguia limpar a alma dela!

Ela não tinha nenhum orgulho?

Ela não tinha nenhuma vontade?

"Jessie..." Ele gemeu. "Seu gosto é muito doce, meu amor." Suas palavras eram como carícias deliciosas para seus ouvidos, enviando

arrepios de antecipação pela sua coluna. O desejo que varreu através dela, fez com que cada polegada de seu corpo ficasse sensível à sua proximidade. Que o céu a ajudasse, mas ela esperava que ele nunca parasse. Mesmo contra sua vontade, ela tinha sonhado com isso, tinha sofrido por isso, desejado isso — mesmo com o custo elevado da sua dignidade. Que Deus a salvasse, ele tinha lhe dado o gosto mais doce do céu, e não era uma coisa tão fácil de esquecer.

Colocando seu rosto em suas mãos, ele beijou-a avidamente e mordiscou seu rosto e sussurrou suavemente, "volte para casa comigo, Jess... Deixe-me te amar. Um arrepio correu através dela. Foi um longo momento antes que sua mente registrasse suas palavras. Mas quando finalmente aconteceu, ela sentiu como se ela tivesse levado um tapa e tivesse sido chamada de prostituta. Ele não a amava, ela já sabia. Ele pensou que ela iria deitar com qualquer homem que pedisse isso para ela? Com certeza ele achava, se ele pensasse por um momento que ela o deixaria tocá-la novamente, depois de tudo o que tinha passado entre eles!

Cheia de raiva, ela o empurrou. De alguma forma, ele conseguiu permanecer enraizado no galho da árvore, e ela ficou mais irritada. Maldito homem! "Você quer me perguntar se eu quero deitar com você, não é? A menos que você diga amor, então não fale disso, meu senhor! O que quer dizer em vez disso!"

Como se ele pudesse ler seus pensamentos e agora zombasse dela, Christian de repente sorriu, um sorriso lento, preguiçoso.

Olhando para ele, Jessie em sua pressa de se afastar quase caiu no chão. Quando ela estava longe o suficiente para que ele não fosse mais uma ameaça, ela se virou e gritou, "Não gosto de você Falcão!"

Mas sua expressão se mantinha presunçosa e isso reacendeu seu temperamento. "Na verdade, eu te odeio!" ela gritou e desejava

ardentemente que ela estivesse perto o suficiente para arrancar seus olhos amaldiçoados.

Sorrindo ainda, Christian não saiu do seu lugar rindo baixinho. "Eu aposto que sim," ele respondeu, esfregando o queixo enquanto observava o atrevido balanço de seus quadris.

Sua curiosidade foi mais do que apaziguada.



CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Poderia ser a última coisa que Jessie faria, mas ela ia encontrar seu caminho de volta para Charlestown!

Ela não estava — não mesmo — disposta a permanecer neste lugar nem mais um instante! No pouco

tempo que ficou fora da sala, ela viu que alguém tinha conseguido desfazer seus baús.

Com raiva ela procurou seus pertences pessoais, e quando ela os encontrou colocados ordenadamente no guarda-roupa de Christian, ela os pegou de uma só vez, e os enfiou de volta em seus baús. Ela não ficaria perto daquele homem nem por mais nenhum momento!

Ela não se preocupou em virar quando a porta se abriu, sabendo muito bem que Christian seria a única pessoa que se atreveria a entrar sem bater enquanto ela estivesse dentro do quarto. Ela estava pronta para ele agora. Se ele chegasse perto dela, se ele se atrevesse a tocá-la, se ele até mesmo ousasse proferir uma palavra, ela sabia o que dizer, além, é claro, de 'eu te odeio'. Meu Deus! O que se passava com ela que fazia com que ela perdesse a capacidade de falar coerentemente quando estava na presença dele?

Ela ficou assustada quando viu que era Quincy que estava atrás dela, em vez disso.

"Algo mais que eu possa fazer para você, senhora?"

Ela se virou surpresa, embora tenha se recuperado rápida o suficiente para lançar para o velho um olhar colérico. Se os olhos dela fossem pistolas, Quincy teria caído sem vida no piso de carvalho. "Você

— você — fez — isso?" ela falou ferozmente. Ela acenou uma mão cheia de roupa para ele, e o velho assentiu com cautela, se afastando.

"Bem! Eu nunca lhe dei permissão para mexer nos meus pertences, dei? E isto é porque eu não — eu repito, não — pretendo ficar!"

Olhando para o vestido de seda verde que Christian tinha escolhido para ela mais cedo e um par de sapatos, ela fechou o baú grande e o trancou.

"Agora, Jessamine," Christian falou quando finalmente entrou no quarto. "Não há absolutamente nenhum motivo para você jogar suas frustrações em cima do pobre Quincy. Ele fez apenas fez o que eu pedi para ele fazer." Ela se virou para enfrentá-lo, pronta para a batalha.

Acenando discretamente para Quincy, Christian mandou o velho ir embora.

"Agora", ele falou, "desfaça seus baús. Você não vai para qualquer lugar."

"Você não pode me manter aqui!" ela gritou loucamente. "E eu não vou ficar!"

"E você me detesta. Já ouvi." Ele riu, e o som a irritou. "Desfaça seus baús, Jessamine," ele disse, ainda rindo.

"Não!" Ela bateu a tampa. Sua respiração estava descontrolada, seu coração martelava, e ela ficou um instante pensando nas opções enquanto encarava seus baús. Realmente não havia opções disponíveis, como ela ia voltar? Deus o amaldiçoasse, mas ela não ia compartilhar a cama com ele. Não! Segurando a alça do baú ela começou a empurrá-lo. Com algum esforço levou-o em direção à porta.

Christian se inclinou contra o batente, observando-a com indisfarçável interesse, olhando para ela com alguma curiosidade.

"Gostaria de me dizer o que você está fazendo?"

"Colhendo frutas, será que você não vê!" Ele riu e ela disse, "Não vou dividir sua cama imunda!"

Com as sobrancelhas levantadas, Christian olhou para a cama recém arrumada, e voltou a olhar para ela. "Na verdade", ele respondeu sorrindo, "É uma cama perfeitamente limpa."

Jessie tinha feito pouco progresso desde que tinha mudado o baú para a parede, e ele achou que poderia ser porque ela tinha prendido a saia na bagagem. Com alguma dificuldade, ele resistiu à vontade de ajudá-la além da vontade de rir.

Mas ele riu quando Jessie finalmente descobriu que sua saia estava presa e proferiu um gemido quase inaudível de mortificação. Ele deveria ter perguntado se ela precisava de sua ajuda, mas ele duvidava que ela aceitasse. Além disso, ele estava se divertindo ao assistir sua luta contra a saia presa.

"Você poderia pelo menos me dizer onde você pretende ir," ele disse jovialmente.

Ela lhe deu um olhar mortal e se virou novamente para o baú que estava em cima da cama, empurrando-o com toda sua força. Ela não disse nada até que ela passou por ele.

"Não é da sua conta onde tenciono dormir!"

Christian deu um sorriso desbotado, quando ela parou ao lado da porta no corredor. O tom da sua voz a avisou, "certamente não com Ben, meu amor."

O olhar dela voou para seus olhos azuis com raiva. "Oh! Como você pode pensar em uma coisa tão desprezível? Não!" ela gritou. "Não com Ben! E não com você, com certeza!"

Ela tinha o maldito baú no meio da escada agora, e balançava a cabeça, Christian queria saber apenas como ela esperava transportar a coisa para baixo. "Você se lembra," ele disse, "que não tem quartos disponíveis nesta ala, a não ser, claro, o hall de entrada."

"Certamente eu prefiro dormir lá fora — na chuva," acrescentou com um sorriso, "do que ter a sua companhia agradável!"

"Faça como quiser, então."

Ele murmurou uma maldição inaudível e depois virou as costas, voltando para o quarto, batendo a porta tão forte que abalou as paredes.

Mais tarde, Jessie foi forçada a admitir a verdade: Christian tinha razão, e tinha avisado a ela, então ela não podia nem mesmo ter o consolo de culpá-lo pela sua miséria.

Não, na verdade, não tinha nenhum outro quarto disponível para seu uso. Apenas uma ala estava completa. No andar de baixo havia o salão de jantar e o estúdio de Christian, ambos sem portas ou mesmo sem cortinas nas janelas. Qualquer um poderia olhar para dentro.

A outra ala, a que ela agora ocupava, permanecia apenas parcialmente construída, mas ao menos este quarto tinha janelas com cortinas. Aqui, pelo menos, ninguém poderia espiá-la — a menos, claro, que a pessoa de alguma forma subisse no topo da parede de tijolos. Ela estremeceu com o pensamento.

Uma porta forte e resistente, com fechadura separava esta ala do resto da casa. Ela tinha conseguido apenas arrastar uma mala para fora do quarto, que agora se encontrava encostada contra a porta, barrando qualquer um que quisesse entrar.

Esforçando-se para encontrar uma posição confortável, ela se deitou no corredor sobre o estrado que ela tinha feito de pedaços de madeira e se abraçou a um cobertor solitário que ela tinha pegado emprestado, mas por mais que ela tentasse, ela não conseguia encontrar alívio para a cama dura que ela tinha feito — muito menos sono!

Ela olhou despontada para o telhado, espiando a lua que despontava na noite, que parecia olhar para ela sonolenta. Ela suspirou e estremeceu. O ar da noite estava muito frio para que ela se sentisse confortável. Que Deus a ajudasse, ela queria desesperadamente fechar os olhos e esquecer onde ela estava deitada, mas ela não podia. Oh, aquele homem era insuportável!

Grilos soavam suavemente. Uma coruja cantava à distância. Jessie ouviu atentamente os sons da noite tranquila, a música da natureza, e apesar do ar frio de novembro, ela finalmente sentiu o sono se aproximando. Exausta pelos acontecimentos do dia, ela fechou os olhos, mas assim que ela o fez, um rugido ameaçador soou ao longe. Os olhos dela voaram para ver o céu de repente se rebentar numa luz.

"Oh, querido Deus... não deixe chover! Agora não! Hoje não! por favor..." Mas ele não a ouviu; um instante mais tarde, ela sentiu as

primeiras gotas direto no seu estrado. Olhando incrédula para as gotas de chuva, ela se viu de repente chorando.

Ela ficou lá por muito tempo, desejando que a chuva parasse, dizendo para si mesma que era um sonho e que ela iria despertar confortável, seca e segura na casa do primo dela. "Oh, Deus," ela chorou.

"Este um maldito pesadelo!"

Assim que a chuva encharcou seu cobertor, ela se mudou para o chão de madeira inacabado, mas o

lugar não era melhor que o primeiro, e ela voltou para o estrado. Os olhos dela se fecharam firmemente quando ela se lembrou da sua promessa para Christian, que ela preferia a chuva fria a sua companhia.

Deus estava certamente castigando-a por suas palavras cruéis. E ela amaldiçoava Christian, pois ele tinha apenas sorrido para ela antes de virar as costas e deixá-la no corredor para se defender com seus baús sozinha. Por Deus, ela não iria rastejando para ele agora, mesmo que chovesse a noite toda, mesmo que ela ficasse doente, mesmo que ela morresse de exposição ao frio e a chuva. Mas ela não morreria!

Ela disse para ela mesma com firmeza. Ela não faria isso!

Ela viveria para se arrepender disso.



CAPÍTULO VINTE E CINCO

No seu quarto Christian se deitou, ouvindo a chuva cair no telhado. Na mão ele segurava um copo de uísque quase vazio. Trazendo-o

para seus lábios, ele engoliu o último gole. Contra a sua vontade, ele se viu pensando onde Jessie teria acampado durante a noite. Ele tinha a intenção de lhe dar sua cama, e ele iria dormir no quarto no fundo do corredor, como ele tinha feito na noite anterior, mas suas palavras o tinham irritado, e ele ia deixá-la dormir onde ela quisesse.

Maldita seja! Mil vezes, maldita! Como ela podia irritá-lo tão facilmente? Jogando longe o copo, ele fechou os olhos, gemendo. Por Deus, ela podia fazer um homem querer beber!

Ignorando sua consciência, junto com o crescente tamborilar da chuva, ele se esforçou para dormir.

Por Deus, ele devia deixá-la sofrer. Seria bom para ela. Talvez amanhã ela estivesse disposta a dormir na sua cama sem uma sangrenta batalha de vontades. Ele sorriu com tristeza, pois ele tinha que lhe dar o devido valor: ela tinha coragem suficiente para um exército de patriotas.

Um relâmpago iluminou sua janela com uma luz brilhante, fantasmagórica, e segundos depois veio um estrondo sinistro.

Raios.

E se ela tivesse estupidamente escondida dentro da ala inacabada? Mulher teimosa — era provavelmente onde ela estava, tentando provar algo, sem dúvida. Ele a amaldiçoou sob sua respiração, Christian levantou-se da cama, pegou sua calça e a vestiu. Com passos largos de raiva, ele chegou à porta e a abriu.

O corredor estava escuro. Mais um trovão rachou o céu, as vigas tremeram e ele acelerou o passo.

Mas um relâmpago brilhou, iluminando o hall de entrada, por um breve segundo. Ele congelou, ao ver a silhueta de um homem que estava ao lado da porta da ala inacabada. Mais um relâmpago veio na esteira do primeiro, e a figura sumiu de repente.

Ele havia imaginado? Ele amaldiçoou o uísque e, em seguida, amaldiçoou-se por beber para entorpecer seus sentidos. Pesquisando as sombras com olhos ansiosos, ele escutou tentando ouvir qualquer som que o alertasse do perigo. Ele não podia ouvir nada, no entanto, o cabelo na parte de trás do pescoço continuava arrepiado. Depois de um longo momento, ele desceu com cautela pela escada em caracol. Alcançando o corredor sem incidentes, ele atravessou o quarto e soltou um suspiro de alívio quando viu Quincy esparramado pelo chão na frente da porta. Inclinando-se, ele checou a respiração do velho; o peito batia num ritmo suave de sono. Poderia ter sido Quincy que tinha espiado? Ele balançou a cabeça. Provavelmente, não havia mais ninguém... tinha sido simplesmente sua imaginação exagerada.

Ele apertou os ombros do velho.

Quincy acordou. "Quem? O quê?" Ele piscou através da escuridão. "Meu senhor!"

"Sim, Quincy, sou eu. Mova-se agora para que eu possa abrir a porta."

"Sim, meu senhor, mas ela está impedindo isso."

"Impedindo?"

"Com o baú dela, eu acho."

Christian suspirou, abanou a cabeça em desespero. "Ela é uma mulher muito teimosa".

"Ela vai pegar o diabo de um frio," Quincy acrescentou melancolicamente. "Pensei em subir no telhado e consertá-lo para ela não pegar chuva, mas estes velhos ossos frágeis não me permitiram meu senhor."

"Eu entendo, Quincy. Não se preocupe, ela vai ficar bem, uma vez que ela saia desta maldita ala.

Agora volte para a cama antes de você pegue uma febre."

Quincy se levantou do chão, gemendo do seu desconforto.

"Oh... e Quincy," Christian gritou, "meus agradecimentos por vigiá-la."

"Não foi nada, meu senhor. Dormi tão bem aqui no chão como se eu estivesse na melhor das camas."

Christian riu. Ele ouviu a voz de Quincy que vinha da escada. Os passos dele pararam abruptamente.

"o senhor está certo de que não precisa da minha ajuda, meu senhor? Eu já lhe disse que a porta está impedida?"

"Você me disse" Christian assegurou-lhe. "Boa noite, Quincy."

"Boa noite, meu senhor."

Os ombros da Jessie tremiam de frio enquanto a chuva tocava a parte de trás da sua cabeça e do corpo, seus dedos estavam gelados. Ela ouviu um murmúrio fraco que vinha da porta e sentiu apenas uma estranha sensação de alívio ao ouvir a voz de Christian. Quando a maçaneta sacudiu suavemente, ela tinha ficado totalmente aterrorizada. Supondo que era Christian, ela chamou o nome dele, mas quando ele não respondeu, ela ficou alarmada. Ouvindo a voz dele agora, ela decidiu que ele não era apenas um patife, mas ele era um grosseiro, também!

As vozes finalmente se aquietaram. Ela não se importou em se levantar quando a porta se abriu e seu baú saiu escorregando pelo chão. Ela se protegeu, indo para longe da porta. Seus passos soaram através da madeira molhada parando ao lado dela. Parando

perto dela Christian disse com palavras um pouco arrastadas, "você é muito habilidosa, meu amor, mas isso vai fazer você ficar doente apenas para me provocar."

Jessie permaneceu em silêncio, mas esta simples verdade fez seus olhos arderem. Ele se ajoelhou ao lado dela, virando-a suavemente em direção a ele, e ela fechou os olhos. Contra a vontade dela, lágrimas caíam descaradamente sobre seu rosto frio, eram quentes em comparação com a chuva fria que agora marcava todo o seu rosto. Fechando os olhos apenas por um breve momento, Christian ignorou a agitação de seu coração. Ela parecia muito frágil diante dele, seus pálidos olhos verdes agora abertos e brilhantes com suas lágrimas. O luar se derramava através das vigas, iluminando os fios dos seus cabelos.

Maldição, ela estava encharcada até os ossos. Ele se sentiu aprisionado pelo seu olhar, incapaz de desviar o olhar. Também não conseguia encontrar sua voz. Eram seus olhos que ele reconhecia. Eles pareciam um farol na penumbra da sala, seu olhar sendo atraído para a chama como uma mariposa. A luz era irresistível, e ele se sentiu em chamas neste momento. Isso não era de todo uma sensação desagradável, nem era desconhecida para ele, e ele achou que esta noite não iria terminar tão desagradavelmente. As gotas de chuva brilhavam sobre a carne dela, e ele teve uma súbita vontade de beijar cada uma delas. Ele não ia discutir com ela, se ela quisesse permanecer aqui e ficar doente, simplesmente porque lhe faltava o bom senso de sair da chuva.

Sem dizer uma palavra, ele a levantou em seus braços. Ela não protestou, nem ele se incomodou em explicar suas intenções. Embalando seu corpo gelado perto do seu coração, ele a levou pelo hall de entrada, sua respiração difícil enquanto ele subia as escadas em direção ao quarto — não por causa do peso dela, porque ela era leve como o hálito da primavera... e o cheiro dela mais intoxicante do que qualquer bebida. Ele a colocou de pé em frente à cama. Ele se viu querendo se fazer de cavalheiro para ela. No entanto... ele era

tudo menos uma alma nobre, e ambos sabiam desse fato, então não havia nenhuma razão para ele fingir. Ele era o que ele era... e ela não era mais virgem.

O estrago tinha sido feito.

Ele acendeu uma vela para vê-la melhor, e colocou-a em cima do criado-mudo. Ela estava tremendo.

O vestido branco imaculado, que ela usava escorria com chuva, grudado na carne dela, revelando mamilos escuros para seus olhos gananciosos. "Você está encharcada," ele sussurrou.

Jessie assentiu com a cabeça, e as lágrimas dela começaram de novo.

Christian passou um dedo em seu rosto para limpar suas lágrimas, e Jessie não conseguiu encontrar palavras para protestar. Ela se sentiu sufocada pela incerteza. Ela não o detestava, mas o que fazer para não amá-lo?

Ou era muito tarde demais para isso?

Ousadamente ele escorregou o vestido para fora do seu ombro, e tudo o que ela pode fazer era ficar olhando para ele, seu coração batendo loucamente. Christian não usava camisa, e a luz que iluminava o cabelo de seu peito levemente descia desaparecendo dentro de sua calça. O olhar dela deslizou até ver seus penetrantes olhos azuis, mais uma vez. E nenhum dos dois se moveu.

Nenhum deles sequer piscou.

"Você esteve bebendo," ela disse, quando um flash de luz branca acendeu a sala e cintilou sobre sua carne morena. O hálito dela pegou a beleza dele, e uma explosão de antecipação serpenteou por sua espinha, fazendo-a ficar em choque.

"Sim," ele murmurou, "qual é o problema?"

Um trovão bateu em algum lugar perto, ressoando por todo o quarto.

Ela sussurrou, "se você fosse um cavalheiro... você deixaria o quarto... neste momento..."

Christian estendeu a mão para agarrar o braço dela, para trazê-la em direção a ele, e Jessie se sentiu atordoada por este contato. Ela choramingava, e seus lábios se separaram inconscientemente para ser beijada.

"Eu acho que nós dois sabemos muito bem que não sou nenhum cavalheiro," ele disse baixo. Sua mão então deslizou para o seu ombro e ele a puxou lentamente para ele, gemendo quando o choque de seu vestido molhado tocou seu peito nu.

O coração de Jessie batia contra seu peito. Christian parecia deleitar-se com a sensação dela, imediatamente a pressionou para mais perto a apertando mais firmemente contra ele. Sua mão caiu corajosamente para a parte inferior do copo dela, trazendo-a para mais perto, amassando a carne dela febrilmente, fazendo-a tremer de desejo. Ela se sentiu totalmente impotente e tonta de desejo, sem fôlego, com antecipação.

E meu Deus, com muito, muito medo.

Christian estava em chamas, e o material molhado do vestido de Jessie penetrou através de suas calças. Ele queria despi-la, queria ela nua, queria pressioná-la na sua cama macia, cair avidamente sobre ela, montando-a como um rufião impiedoso, que todos alegavam que ele era. Mas ele não fez isso. Ele colocou uma mão na cintura dela, puxando suavemente seu vestido molhado. Ele caiu longe o suficiente para expor a carne cremosa de seus seios. Ele ficou fascinado com a visão dela, e então seus lábios desceram para sua boca.

Seu beijo foi suave, apenas uma pequena provocação, e depois outro beijo, e outro, seus lábios tremendo, esperando ansiosamente por mais, suplicando-lhe, mesmo. Ela não precisava pedir, ele beijou-a explorando as profundezas de sua boca com a língua.

Christian segurou-a com firmeza enquanto seus lábios se arrastavam ao longo de sua garganta... e depois para os seios dela. Ele sugou cada um deles, amando aquela carne macia, mas firme.

Caindo de joelhos, Christian beijou suas coxas através de seu vestido molhado. As mãos dele fazendo carinho pelo corpo dela para saciar seus lábios ardentes.

"Não..." O protesto dela foi um suspiro. Ela tentou em vão afastar-se, mas ele a segurou rapidamente.

Jessie estava perdida mais uma vez, mas ela não se importava, não conseguia pensar. Ela estremeceu com prazer quando os lábios dele a adoraram em lugares que ela nunca tinha sonhado que um homem iria querer provar.

"Você é tão abençoadamente doce..." Ele enterrou sua boca contra ela e sussurrou novamente, "tão doce..." Ele deslizou acima de seu corpo, subindo, acariciando ela provocativamente. Ele levou-a para a cama e colocou-a suavemente e então simplesmente ficou ali, elevando-se sobre ela, olhando para baixo por cima dela, com aqueles olhos azuis insondáveis, e Jessie se sentiu paralisada. Ela engoliu convulsivamente, mas foi incapaz de se conter quando as mãos dele em seguida deslizaram para cima, do outro lado da protuberância em suas calças, para o botão de cima rapidamente, com impaciência.

O hálito dela abraçou o dele.

Sorrindo, ele colocou um joelho ao lado dela, e a cama afundou sob seu peso; depois colocou o outro até que ele estava delicadamente

montado sobre ela, tomando cuidado para não esmagá-la. E ela continuou a olhar com medo e incrédula, para o peculiar apêndice masculino que a confrontava mais uma vez, quando ela vividamente recordou a dor que ele lhe tinha dado na primeira vez.

Jessie engoliu em seco enquanto seu olhar se dirigia a ele num apelo silencioso. A vela posicionada ao lado deles deixava um lado do rosto na sombra e banhava a outro numa luz dourada, fazendo-o parecer quase sinistro. Um relâmpago cintilou por um breve instante, iluminando suas características totalmente. Uma última reverência uniu Jessie a Christian, seus olhos azuis dançando com fogo hipnótico.

Muito lentamente, ele tirou do seu corpo, o vestuário canalha viciado em chuva, em seguida, jogou-o para longe. Caiu com um baque molhado sobre o chão de madeira.

A determinação feroz em seus olhos azuis enviou um calafrio para a espinha dela. Seus lábios se curvaram com uma promessa sensual, ele se abaixou para seu corpo e novamente sua boca foi para o peito dela, sugando primeiro um mamilo, depois o outro, e ao mesmo tempo ele olhava para cima sedutoramente, silenciosamente, comprometendo-se a coisas que, estranhamente, o corpo dela parecia compreender — e ainda mais, parecia se deleitar.

Movendo-se com uma sutileza lenta através de sua carne, suas mãos a afetavam em maneiras que ela nunca tinha pensado ser possível. Seus dedos a acariciavam como se ele fosse reter cada polegada em sua memória e, em seguida, ele deslizou por baixo dela, para descansar entre seus omoplatas, levantando seu corpo para melhor saboreá-la. Ela estremeceu quando sua língua lambeu um mamilo e, em seguida, rastreou círculos em torno dele, antes de procurar o outro.

Ela gemeu profundamente, e Christian se aproximou ainda mais dela, mordiscando sua garganta languidamente. Algum som

torturado escapou-lhe, então, percorrendo toda a pele da Jessie.

Lágrimas apareceram em seus olhos. Como ela podia querer isso tão desesperadamente se ela detestava tanto dele? "Ah, Deus... Eu—eu n-não entendo o que v-você faz comigo!"

Entre ardentes beijos e carícias chocantes, ele sussurrou, "Isto não é... tão difícil... para compreender... meu amor..."

Seu coração clamou em sua ternura. Mas eu não sou seu amor. "Você... você não me ama," ela sussurrou. "Eu também não," ela mentiu.

A honestidade dela o deixou chocado.

"Sim, mas eu quero que você me ame," ele disse, "e no momento, querer é o bastante, eu garanto."

Mas isso era verdade? Ele queria mesmo saber enquanto suas mãos procuravam a doce, tentadora umidade entre as coxas dela. Ele esticou o dedo dentro de seu corpo, para prepará-la.

"Christian," ela chorou.

"Não fale mais, Jessamine! Não diga mais uma maldita palavra!"

Que Deus a ajudasse, apesar de suas palavras terem perfurado o coração dela como uma lâmina, ela era impotente para resistir-lhe. Ela queria isso. Ela queria isso muito...

Pegando na mão dele, ela guiou-o corajosamente contra seu peito e depois ela estendeu sua mão e colocou seus dedos ansiosos no cabelo de seu peito. Escorregando um joelho quente entre as pernas trêmulas, ele as separou e depois caiu por cima dela, pressionando-se lentamente para as profundezas dela. Ela imediatamente foi arrastada para um turbilhão de sentimento e emoção.

O lugar aquecido onde seus corpos se tinham fundido agora era o único lugar que ela estava plenamente consciente de que... lá era seu templo. Sua respiração era irregular, e Deus, a junção explosiva de seus corpos a deixava louca. Encontrando seus impulsos com seus próprios anseios, ela permitiu que seu instinto agora a guiasse. Seus corpos se encontraram com um ritmo quase tão violento como os trovões e relâmpagos em seus ouvidos. Gemendo com prazer, Christian acariciou seu corpo com o seu próprio corpo, dando seu êxtase em troca. E quando o ponto culminante da Jessie veio de repente, em toda a sua intensidade, e ela gritou a sua libertação, ele ficou chocado por suas palavras.

"Oh, Deus — eu te amo!" ela chorou, e lhe sussurrou a declaração seguida com um gemido atormentado de prazer. Então, novamente, como se ela não pudesse parar, ela murmurou, "Eu te amo..."

Christian com o corpo violentamente convulsionado pelas palavras congelou por cima dela. Ela inclinou seus quadris e se pressionou contra ele, o corpo dela parecendo clamar por mais, e novamente seu coração pulando.

"Quem sou eu?" Ele levantou um pouco e depois foi para frente. Os braços que suportavam o peso dele tremiam. Suor irrompia sobre sua frente. Sua voz estava tensa. "Fala o nome — quem você ama?"

Os olhos dela estavam fechados.

"Você", ela gritou, ainda, ondulando suavemente abaixo dele. Lágrimas escorregavam através de seus cílios.

O som de um trovão abafou a voz dela, mas ele a segurou enquanto ela chorava. Ele precisava ouvir seu nome nos lábios dela, e ele não ousou se mexer, não querendo perder sua declaração. Apesar dele ainda estar dentro dela, ele viu quando ela chegou à conclusão de uma alma se consumindo. O olhar de paixão desnortado em seu rosto foi sua ruína. Suas mãos se arrastaram, até suas nádegas, e ele se retirou quase que inteiramente, empurrando quase

ferozmente, enterrando-se completamente em seu calor. Seu corpo com espasmos, precisando de suas palavras, com medo com o que ela poderia lhe dar.

"Quem?" ele exigiu saber, perdendo o que restava do seu controle.
"Diga, Jessie! Diga!"

"Christian," ela sussurrou, e seu coração pulou com o crescente som do trovão. Divertindo-se com sua vitória, ele seguiu adiante com tal ferocidade, tal fervor, tal alegria, que ele chorou quase como se estivesse em dor. E naquele instante ele derramou mais do que sua semente nela, ele se atreveu a dar-lhe tudo — Deus, tudo — incluindo a sua alma.



CAPÍTULO VINTE E SEIS

Quando a tempestade finalmente diminuiu Christian se deitou, acariciando seu rosto com as costas dos dedos. Ele tirou o cabelo do rosto dela. Pela porta da varanda, ele podia ver o céu se iluminar à distância, mas o som do que ela tinha falado não saía dos seus ouvidos. Ele pensou que talvez fosse porque sua mente ainda estava repleta com a confissão dela. Agora ele podia ouvir apenas sua respiração suave. Ela respirou e soprou delicadamente cada pêlo do seu braço, enviando um delicioso frio por toda a sua carne, agitando-o. Ele ignorou a fome insaciável de seu corpo pelos anseios do seu coração.

Ele tinha imaginado a confissão dela?

Ah, Cristo — ele engoliu, lutando contra a emoção que ameaçava esmagar seu peito.

Ele não queria nada mais do que acordá-la agora e perguntar, mas ele sabia que ela estava exausta e ele queria que ela descansasse. E

então, novamente, ele desejou que ela nunca acordasse e que eles pudessem ficar assim para sempre. Porque uma vez que a manhã chegasse, ele teria que contar tudo para ela.

Tudo.

Ele não queria mais nada errado entre eles — não queria mentiras, não queria meias-verdades. Mas, pela primeira vez em sua vida, ele temia a verdade. Seu coração se apertou quando ele pensou que teria de contar seu segredo mais condenável, pois isso poderia muito bem destruir o amor entre eles para sempre...

Mesmo antes de começar.

Ele fechou os olhos e adormeceu algum tempo depois, segurando Jessie bem perto dele... como se isso fosse garantir que ela não o deixaria enquanto ele dormia. Que Deus o ajudasse, ele não podia suportar ficar sem ela.

A luz da manhã apareceu através das portas da sacada, alguém da enorme cama.

Jessie se mexeu, se alongando ociosamente, sorrindo, e então, como se ela se lembrasse, calor manchou suas bochechas. Ela abriu os olhos e viu Christian olhando para seu rosto.

"Não precisa se sentir envergonhada," Ele assegurou-lhe, observando a cor que floresceu em suas bochechas. Ele desconsiderou um escuro fio de cabelo do seu rosto, suavemente, com ternura, querendo nada mais do que perguntar para ela agora, mas ele estava com medo da resposta. Talvez suas palavras de amor tivessem sido ditas durante o calor da paixão?

E depois havia a mentira entre eles.

Ele não podia falar a verdade incriminatória.

"Você me perguntou uma vez," ele disse, "por que eu escolhi Shadow Moss para ser minha casa ao invés de Rose Park. Eu gostaria de mostrar-lhe hoje porque, se você quiser?"

Por um momento ela não disse nada, e depois, "Eu gostaria muito obrigada." Seus olhos brilharam com desconfiança.

"Primeiro", ele sussurrou, dando-lhe o seu sorriso mais cativante, "há outra coisa que eu quero mostrar." Se ela fosse desprezá-lo... ele queria uma última vez... ele queria uma última lembrança.

Ele colocou um braço na cintura dela e a trouxe para perto dele, beijando a ponta do seu nariz, sua face, pálpebras e testa com uma paixão que não podia ser negada. Ela era tão bonita, e a sensação de sua carne nua, quente perto dele fazia seu coração bater mais forte. Ele se recusou a deixá-la se sentir arrependida —recusou-se a sentir qualquer arrependimento ele próprio.

Deus sabia a verdade, que esta manhã ele não tinha resistência para preliminares e quando ele viu que ela estava molhada e pronta para ele, ele quase voou para cima dela. Ele só precisava penetrar em sua suavidade e ela se abriu para ele por vontade própria, envolvendo as pernas dela sobre seus quadris e fechando os olhos. Deslizando para cima dela, ele a penetrou, e ela começou a se mexer por sua própria vontade, instintivamente, gemendo embaixo dele. Ele se segurou, deixando-a ser a guia, mas quando as mãos dela se mudaram para suas nádegas para incitá-lo a ir mais profundo em seu calor doce, ele perdeu sua determinação.

Ele queria ficar dentro dela, ele queria amá-la como se não houvesse amanhã, como se fosse a última vez. As unhas dela escavavam dolorosamente sua carne e ele agarrou as mãos dela, incapaz de suportar sua doçura, trazendo suas mãos acima da cabeça e segurando-as contra a cabeceira da cama. Com suor cobrindo sua frente, ele segurou seu próprio orgasmo até que ele sentiu ela tremer e gemer sob o seu corpo. O doce som de seu orgasmo

arrancou os últimos vestígios de sua moderação e ele teve seu próprio clímax, clamando selvagememente.

O caminho que os levou para o estábulo era amplo, com carvalhos de ambos os lados, seus galhos

fazendo um arco acima deles, formando um túnel. Era outono, mas o tempo estava tão leve que as flores ainda floresciam.

"É encantador," Jessie disse com um suspiro. "Verdadeiramente encantador!"

"Sim", ele concordou com orgulho em seu tom. "Rose Park não pode se comparar, embora eu jure que houve um tempo que eu fui cego para esse esplendor. Não sou mais. Eu vejo agora, claramente, que eu não quero uma casa na Inglaterra. Venha, tem mais que eu quero te mostrar." Ele levou-a com firmeza pela mão, soltando-a somente quando eles entraram no estábulo.

Um jovem saiu das sombras, com uma vassoura de palha na mão. "*My Lord*, deseja montar?" ele perguntou, com seus olhos castanhos piscando com óbvia admiração.

"Sim, Peter, sim," respondeu Christian. "E prepare a melhor égua para a senhora."

"Muito bem, *My Lord*." Quando ele ia se afastar, Christian o impediu com uma mão suave no ombro.

"Pensando melhor, ela vai cavalgar comigo.... Deixe a égua e simplesmente vá buscar o meu cavalo."

Voltando-se para Jessie, ele disse, "a área é ainda um tanto desconhecida para mim e eu não quero te colocar em risco."

Jessie assentiu com a cabeça, embora o pensamento de se sentar tão perto dele fazia o coração dela se agitar e a respiração acelerar.

Até em plena luz do dia, ele a afetava.

Peter trouxe um grande cavalo negro com uma faixa branca em baixo de sua testa. Era um belo espécime com olhos largamente separados e um focinho requintadamente formado. O rapaz preparava o cavalo enquanto eles esperavam. Seu casaco azul escuro brilhava na luz do dia. Jessie seguiu-os para fora, e Christian colocou-a sobre o animal sem uma palavra, montando por trás dela, trazendo-a para perto dele.

Em vez de eles irem pelo túnel de árvores por onde tinham vindo ele escolheu outro caminho que levava através de uma densa mata de pinheiros. Eles montavam em silêncio e depois de algum tempo, chegaram a uma clareira, um prado verde exuberante. No centro do bosque estava o resto de um edifício de tijolo.

Ela se virou para ele e perguntou. "O que é isso?"

Ele beijou seu rosto, sorrindo, mas não disse nada até que eles circularam as ruínas, e pararam abruptamente no que parecia ser os degraus da frente. "Restos de uma casa," ele respondeu finalmente.

"De quem, eu não sei, mas esta terra foi o primeiro site de Charlestown. É uma propriedade privada agora, mas não tenha medo, eu conheço o dono." Ele piscou para ela.

"É seu?"

Ele riu suavemente. "Não... pelo menos não ainda, embora faça divisa com a minha terra e o proprietário atualmente está pensando na minha oferta para comprá-la. Se ele vender para mim, vou ter acesso a Old Town Creek, bem como a Ashley."

"Ele mora aqui ainda?" Perguntou curiosa.

"Sim". Ele apontou uma direção. "Sua plantação está além desse pequeno

bosque de árvores."

Jessie assentiu com a cabeça, mas não podia ver nada.

Apontando para além do rio que brilhava como diamante no horizonte, ele continuou "era conhecida como a Baía de St. George foi chamada assim pelos espanhóis uma vez que os índios não dão nome as águas. Eles chamavam esta terra de Kayawah — tudo isso." Ele a abraçou enquanto falava. Ele beijou seu pescoço carinhosamente, e em seguida, a fez olhar para o horizonte. A grama alta roçava suas botas, e tocava a barriga do cavalo. A brisa dançava através deles, jogando o cabelo dela no rosto dele. Diante deles, os restos da casa ficavam apenas parcialmente visíveis através do mato. Alvenaria em ruína. Ervas daninhas e musgo trabalhavam no resto da estrutura. Em pouco tempo, se algo não fosse feito, o deserto iria reduzi-la a pouco mais do que uma pilha de pedra e argamassa.

"É um lindo, país selvagem, ainda em seu nascimento," ele meditou em voz alta, "e eu quero ser parte disso, Jessie".

Jessie virou-se para ele, ouvindo orgulho na voz dele e viu que seus olhos brilhavam estranhamente com suas palavras.

Christian olhou para seu rosto e sorriu calorosamente, suas feições duras amoleceram num sorriso irônico. Com seu cabelo escuro e longo, Jessie achou que ele parecia primitivo como os nativos de quem ele tinha falado.

"É uma sensação incrível," admitiu, "ser envolvido na elaboração desta imensidão — uma experiência que eu nunca poderia ter conhecido se eu não tivesse desistido de Rose Park e da Inglaterra.

E esta, *mon amour*, é a verdade. Temo que aprendi a amar este lugar selvagem, pois me sinto muito melhor aqui do que em qualquer outro lugar que conheci."

"Posso acreditar nisso." Ela sorriu.

Incapaz de se manter longe dela, Christian abaixou a cabeça e tocou seu rosto, saboreando a sensação dela dentro de seus braços. Ele fechou os olhos, abraçando-a, lembrando o fogo dela e se sentindo novamente agitação no seu sangue. Se ele vivesse uma eternidade, ele duvidava que um dia ele fosse querer ficar longe dela. Ela era tão linda e incontrolável como a paisagem selvagem diante deles. Ele saboreou este momento com ela. Era algo tão maravilhoso poder segurá-la tão perto. Era melhor assim...

pois o que ele precisava dizer, não podia ser adiado mais tempo.

Fechando os olhos, Jessie inclinou-se contra ele. Em seus braços ela se sentia viva, apreciada, amada. Ela se lembrou o que tinha dito a ele durante a noite de amor, e uma pequena pontada bateu no coração dela, porque ele não respondeu a altura. Verdade, ele estava mais gentil agora, mais atento, mas ela se mantinha no fato de que ela amava sozinha. Um amor não correspondido. E desde que ele lhe dera esta incrível ternura, ela disse para si mesma que não se preocupava se ele alguma vez retribuísse.

Desde que ele a segurasse sempre assim.

A mão de Christian escorregou para baixo, de repente, pressionando a barriga dela firmemente, como se ele quisesse trazê-la para dentro dele e nunca deixá-la ir. Era um momento de total ternura.

Respirando profundamente, ele colocou a mão logo abaixo do peito dela. E então, como se ele não pudesse evitar, a outra mão veio ao redor dela e deslizou até o ápice de suas coxas, acariciando-lhe lá embaixo suavemente, corajosamente, acendendo seu fogo interior, mais uma vez.

Jessie arqueou para trás contra ele, gemendo do inesperado ataque em cima de seus sentidos, mas parou de repente, estremecendo de desejo. Eles juntaram suas mãos, trazendo-as sobre sua cintura, embora seu corpo estivesse tenso.

"Jessie, amor... Eu tenho algo a te dizer... embora depois você possa desprezar-me por isso."

Sacudida pela declaração Jessie se virou para olhar para ele. Embora seus lábios estivessem sorrindo, os olhos dele não mostravam nenhuma alegria.

Ela sorriu docemente, provocando-o. "Tem tanta certeza de que eu já não te desprezo?"

Era só uma brincadeira, mas seu sorriso desapareceu totalmente. "Você me despreza, Jessamine?"

Ela balançou a cabeça lentamente. "Como você pode pensar isso, afinal?"

Ele riu, em seguida abanou a cabeça. "Como posso pensar assim? Por Deus, você já disse isso cem vezes," ele lembrou a ela.

"Sim... mas foi sem querer," ela confessou. "Eu de verdade não queria dizer isso."

"Jessamine," ele começou novamente. "Ouve-me, amor e não fale até que eu termine... "É uma coisa difícil, devo-lhe dizer."

Ela queria dizer-lhe que nada poderia ser tão terrível como o que eles já tinham sofrido. "Christian

—"

"Cala-te, meu amor, e escute... sei que não quero te perder, *belle de ma vie*. Mas tem uma parte de mim que quer que você saiba tudo, pois eu desejo que não haja mais enganar entre nós — nunca mais!"

Christian tinha urgência para dizer-lhe que ele a amava e para implorar para ela não detestá-lo pelo o que ele estava prestes a

revelar, mas ele não podia encontrar uma maneira de esquecer seu maldito orgulho. Se ela o desprezava, então ele queria pelo menos essa pequena parte dele intacta.

Ele suspirou em seguida. "Tem a ver com seu pai." Não havia nenhuma maneira suave para dizer. A verdade era condenatória e não havia nenhuma maneira para suavizá-la. "Pode ter sido minha culpa o seu pai ter se suicidado." Ela se enrijeceu de repente, e ele sabia que seus medos não eram infundados.

"Sim, eu sei o que ele fez; não é nenhum segredo, amor."

Ele forçou Jessie a olhar para ele, então, guiando seu rosto suavemente para o dele. Os olhos dela estavam mais abertos com o choque... e então repulsa, ele pensou, mas ela permaneceu em silêncio, assim como ele havia pedido, e então ele não sabia ao certo o que ela estava pensando.

"Ele estava revoltado Jessamine, contrariado, tudo em nome da vingança. Eu o levei até a sua morte,"

Ele admitiu sem rodeios, lamentando sua retaliação total por causa de Jessie. Fez-se silêncio entre eles e o rosto dela perdeu a cor.

"Entendo," ela disse finalmente, seu tom desprovido de emoção, seus olhos verdes vagos.

"Jessie..."

"Acho que não quero ouvir mais nada." Ela virou de repente para longe dele, como se ela não pudesse suportar olhar para ele.

"Eu... eu... sinto muito," ele disse. O pedido de desculpas dele parecendo insuficiente.

Sem poder prolongar a tortura, ele fez o cavalo voltar para casa.

Nem mais uma palavra foi dita.

Horas mais tarde, Jessie se viu pisando no tapete que enfeitava a entrada principal da casa.

Nem mesmo a distante confusão de vozes a distraíram. E ela só parou de pensar quando foi interrompida por Quincy que veio lhe entregar o baú que tinha deixado na ala inacabada.

Depois de um tempo, ela saiu para a varanda e assistiu um pequeno barco remando para longe do cais. Brevemente ela se perguntou quem poderia ser. Mas na verdade, ela pensou na confissão de Christian que pesava fortemente sobre o coração dela. Finalmente ela chegou à conclusão de que Christian poderia de fato ter sido parcialmente responsável pela morte do seu pai. Apesar da culpa ser do pai dela, e somente do seu pai. Ou melhor, ninguém tinha culpa pela decisão do pai para acabar com sua vida miserável.

A verdade era que o pai dela tinha sido um homem fraco, frio e cruel no exterior para esconder sua debilidade interior — ela podia ver isso agora. Tendo pensado sobre isso, ela lavou-se, espirrando água fria no rosto. Abriu o baú dela, e pegou o vestido de seda verde que Christian parecia ser tão afeiçoado, o vestiu com cuidado, escovou os cabelos, e em sua pressa, nem mesmo se incomodou em ver se eles estavam propriamente arrumados. Ela deixou-o para baixo, o comprimento do mesmo alcançando as ancas. E então ela procurou Christian.

Ele estava longe de ser encontrado. A casa estava tranquila, como se esquecida de vida. Finalmente, no caminho de volta para a sala, ela viu Quincy do outro lado do corredor.

"Cadê todo mundo?" Jessie perguntou sem preâmbulo. "Preciso falar com Christian".

"Eles se foram".

"Se foram?"

"Sim, senhora, eles se foram."

Jessie perguntou. "Para onde? Eu vi um barco deixando a doca, mas pensei que pudesse ser um dos homens retornando para o Mistral." Preocupada ela franziu a testa, "Para onde eles foram? Voltaram para o Mistral?"

"Bem," Quincy falou. Ele olhou para o céu, um olho fechando ligeiramente, como se para considerar uma resposta e Jessie pudesse duvidar de suas palavras. Ele surpreendeu falando o que parecia ser a verdade. "Foram para Charlestown," confessou. "Meu senhor disse que eu deveria ficar aqui para servi-la — não queria preocupar a senhora."

Confusa, Jessie disse, "Eu não entendo. Acho que ele teria querido que Ben ficasse também. Afinal, ele e eu estávamos navegando para Inglaterra juntos. Ele não deveria se arriscar a ser visto, não é?"

"Sim, senhora," Quincy falou, mas seu primo não quis ouvi-lo. Ele foi e não havia ninguém que pudesse impedi-lo. Deus sabe que esta é a verdade!"

Jessie suspirou. "Eu entendo, mas o que poderia ser tão urgente para levá-lo a tal loucura perigosa?"

Ela realmente não esperava uma resposta devido a carranca que apareceu no rosto do velho, mas para sua surpresa, ela recebeu uma, apesar da expressão torturada de Quincy. Era óbvio que ele não queria dizer.

"Bem, senhora... foi... o Mistral," ele revelou. "Enquanto a senhora esteve fora esta manhã... chegaram notícias de que o barco foi apreendido ontem à noite. Meu senhor foi convocado a comparecer perante Daniel Moore imediatamente."

Jessie sentiu-se mal de repente. "Meu Deus! Por quê? O que na Terra poderia ele querer com Christian?"

Os olhos de Quincy se fixaram nela. "Bem, veja, senhora... o Mistral foi acusado de pegar mercadorias não autorizadas no porto de Charlestown. Eles disseram —"

"Absurdo!" Jessie exclamou. "Isto é ridículo — por quê?"

"Porque senhora... a gente levantou âncora no meio da noite, e não nos reportamos a alfândega imediatamente, é por isso."

Jessie se lembrou que eles haviam partido no final da noite. Então, tinham navegado para as Antilhas Holandesas, refúgio declarado de contrabandistas e piratas. E, de fato, retornaram na hora mais profunda da noite. Que Deus lhe ajudasse, mas de repente ficou claro para ela. Como ela poderia não ter suspeitado antes? Senhor, ela não tinha sonhado que ele faria negócios enquanto ela estivesse a bordo.

Mesmo sabendo que ele era — o que ele era. Colocando a mão na sua testa, Jessie inclinou-se contra o batente, se sentindo fraca de repente. O Mistral... Querido Deus, ela havia navegado a bordo da nave do contrabandista— um transporte com uma carga ilegal! Ela se sentiu mal com o choque de tudo.

De repente, Quincy avançou para cima dela. "Sim, senhora," ele disse, como se ele pudesse ler pensamentos.

Jessie se afastou dele, como se para escapar de seu olhar. Será que todo mundo sabia, menos ela?

Ben, também? Sim, mesmo quando ela se perguntou essa pergunta, ela sabia que era assim.

"Senhora," Quincy protestou, "não é o que parece! Meu senhor navegou para St Christopher para entregar sua carga para as

autoridades, e ele tem os documentos para provar isso!" Ele acenou com fervor. "Sim, ele está carregando-os com ele para ver Daniel Moore — e me disse para lhe dizer que ele vai estar de volta antes do entardecer. Ele não deseja preocupar-vos, é tudo."

Jessie sentiu um enorme alívio. Os joelhos tremiam e os olhos dela brilhavam com lágrimas. "Graças a Deus!", ela sussurrou ferozmente. "Mas e Ben? Por que ele precisou ir? Por que ele se arriscou se Christian tem provas?"

Quincy encolheu os ombros. "Não havia ninguém para pará-lo. Seu primo é fiel ao meu senhor."

"Eu entendo. Assim como você?"

"Sim, senhora."

Ela respirou fundo e perguntou: "há quanto tempo eles foram embora?"

"Há pouco mais de uma hora," ele falou.

"Muito bem, então. Obrigada, Quincy". Ainda um pouco atordoada, Jessie deixou ele vigiando e veio pelo corredor, até o hall de entrada. Ela pretendia esperar por Christian nas docas, porque ela estava ansiosa para vê-lo.

Jessie ficou momentaneamente atordoada pela aparição inesperada de St. John. "Como você conseguiu me encontrar?"



CAPÍTULO VINTE E SETE

M

"

McCarney, claro. O homem é uma verdadeira fonte de informação... bastante útil."

Jessie se arrepiou do seu tom presunçoso. "Bem, senhor! Agora que você descobriu o que queria, você pode ir embora," ela informou. "Lord Christian deve voltar a qualquer momento," ela blefou. "Eu acredito que ele não vai ficar feliz com a sua presença em sua casa sem ter sido convidado. Na verdade, eu detestaria

vê-lo —"

"Por favor, Jessamine," ele interposto, "Poupe-me de mentiras. Sei perfeitamente onde Christian foi, como também sei que você está sozinha nesse"— ele disse, acenando com uma mão em desprezo —

"lugar". Ele deu mais um passo, removendo o chapéu e o apertando no peito.

Jessie estava a ponto de informar-lhe que ela na verdade, não estava sozinha, mas algo em sua expressão sugeriu que ela deveria segurar sua língua. Quincy não era páreo para ele, e ela certamente não queria que o servo fiel se machucasse.

"Como você sabe?" ela perguntou em vez disso, sabendo a resposta antes dela ser dada. Seu instinto lhe disse que ele estava aprontando alguma, mas fora isso ela não sabia o que esperar. Ajudaria se ela soubesse o que ela estava enfrentando.

"McCarney," ele revelou sorrindo "Na verdade, ele me informou tudo. Ah e claro, eu também devo agradecer a meu amigo Moore, pois foi para ele que McCarney contou tudo."

Jessie abanou a cabeça em descrença. "Mas por que, meu senhor? Por que você faria uma coisa dessas?"

Ele respondeu sua pergunta com outra. "A questão é para onde você vai quando se souber que você não foi para a Inglaterra como Robert alegou? Sim, eu mantive o seu segredinho sujo uma vez, por princípios, mas não vou fazer isso de novo. Custou-me meu orgulho — um preço terrivelmente alto. "Ele balançou a cabeça, batendo no chapéu enquanto falava. "Tornar-se objeto de piedade, motivo de chacota..." Ele moveu sua cabeça para ela, seus olhos brilhando estranhamente. "Você percebe que todos estão contando histórias de como você me desprezou?"

Jessie abanou a cabeça em negação, achando-o louco de repente. "Não acho que você ligue para isso, *My Lord*. Se assim for, é somente em sua própria mente, uma vez que eu não ouvi nada nesse sentido."

"Se ao menos fosse assim," ele disse. "De qualquer forma, eu não vou, em qualquer circunstância ser feito de tolo novamente — pelo menos não sozinho! Muitas outras vezes, seu amante — sim, Jessamine me poupe de suas palavras de negação — seu amante foi bem sucedido em fazer eu me sentir assim. Eu não vou permitir que você o faça também — nunca mais!" ele jurou, num tom de raiva. Seus olhos escuros se estreitaram, e por um instante Jessie pensou que ela poderia ver a dor que ele estava sentindo, e ela sentiu a dor por ele.

"Por Deus!", ele gritou de repente, deixando-a tão surpresa que ela deu um pulo para trás. "Eu pensava melhor sobre você, Jessamine! Obrigado por tudo o que eu fiz para você! "

Ele balançou a cabeça, e Jessie permaneceu em silêncio, observando-o com cautela, quando ele se aproximou dela.

Ela hesitou em falar, mas sua curiosidade foi maior. "Então por que você manteve silêncio? Se é a verdade o que você fala *My Lord*, você precisava apenas ter revelado os fatos, e seria a mim que eles

teriam desprezado, em vez disso. Por que você simplesmente não disse a verdade para eles?"

"Não, minha querida," ele disse, sorrindo friamente. "Também, eu seria objeto de piedade, pois iriam dizer que você desejou outro homem a mim... mesmo à custa de sua própria ruína. Eu poderia ter sofrido se fosse qualquer outro homem, mas não Lord Christian Haukinge. Você teve que escolher um homem como esse!"

"Eu não escolhi! Meu pai escolheu.

Seu grito reverberou através do corredor. "Você o escolheu!"

Ela foi surpreendida por sua fúria. "Como pode dizer uma coisa dessas? Meu

pai o escolheu, e não eu."

"Seu pai repudiou o contrato! Dane-se tudo! E depois o desgraçado foi e conseguiu o que queria!

Todo o dinheiro que perdi, mas eu estava disposto a pagar de novo, e então você o escolheu, mesmo contra a vontade do seu irmão!"

A expressão de Jessie estava incrédula. "Você pagou a meu pai para repudiar o contrato?"

Ele lhe deu um sorriso satisfeito e colocou o chapéu na cabeça.

"Por que, me diga?" Ele não respondeu e ela deu um passo para confrontá-lo. "Isto não é sobre nós, não é isso meu senhor? Isto é sobre seu ódio por Lord Christian. Por quê? Por que você o despreza tanto?"

Ele ignorou a pergunta. "Claro, você pode voltar comigo agora," ele propôs, "deixe Shadow Moss... e volte para Charlestown comigo. Se

“você fizer isso, eu posso te ajudar.” Ele olhou o salão vazio. “Eu ousou dizer que sua vida vai ser melhor se você o fizer. Posso lhe garantir.”

“Por que você me desejaria, meu senhor? Que bem pode vir disso agora?”

Ele gargalhou, um som amargo e duro. “Além do fato de que eu possa voltar a ter uma vida decente?”

Por absolutamente nada, é claro. Exceto que talvez eu não precise perder totalmente a dignidade.”

Na verdade St John não era um homem atraente, mas neste momento olhar para ele fez Jessie ficar doente. Como ela podia ter pensado em sentir pena dele? “*My Lord*, pode ir e diga às pessoas qualquer coisa que desejar. Não há nada que você possa me dar que valha a pena eu me tornar sua esposa.”

Ele rebentou em gargalhadas. “Esposa!” ele disse horrorizado. “Porque, quem disse que eu quero você como minha esposa, Jessamine?”

Jessie se irritou com suas palavras. “Você esteve, de fato, me cortejando senhor, há pouco tempo. É

sua memória que está falhando? Certamente você pode perguntar a qualquer um em Charlestown e eles ficarão muito contentes em refrescar sua memória.”

Seu dardo tinha sido habilmente arremessado, e seu rosto de repente tornou-se corado, seus olhos se estreitaram com raiva. Quando ele riu outra vez, mandou arrepios pela coluna de Jessie.

“Talvez seja você quem precisa de esclarecimento, minha querida menina. Você não percebe? Uma esposa, você simplesmente compra; uma amante você corteja.” Ele então riu e Jessie encolheu com o som odioso.

"Eu prefiro me afogar no rio Ashley a me tornar sua amante, meu senhor!"

Ele balançou a cabeça, ainda sorrindo, embora os lábios mostrassem desprezo. "Muito bem... que seja do seu jeito." Ele agora parecia entediado. Ele começou a sair e depois parou abruptamente, virando-se na direção dela. "Embora talvez ainda possa persuadi-la... Por acaso você não se perguntou por que Daniel Moore prendeu o Mistral? Ou por que ele suspeita de Christian? Você se perguntou se ele sabia sobre o Falcão? Sim," ele respondeu à sua própria pergunta e seus olhos se arregalaram. Ele esfregou o queixo, pensativo. "Vejo que talvez você já tenha pensado nestas coisas." Ele sorriu. "Bem, então, você pode estar interessada em saber que eu também sei sobre Ben. Diga-me, como está o seu manco agora? Ele está bem?"

A cara da Jessie empalideceu.

"Melhor, eu espero". Ele levantou uma sobrancelha. "Eu gostaria de vê-lo andando com orgulho para a forca." Ele virou-se para ela mais uma vez, deixando Jessie confusa e sem palavras. "Oh", ele disse, "E

você vai dar minhas felicitações para o Falcão, não vai? Se alguma vez acontecer de você vê-lo novamente." Com uma risadinha suja, ele se virou e caminhou com confiança para a porta.

"Espere!" Jessie implorou. Ela simplesmente não podia esperar para ver Christian enforcado — e Ben! Ela estremeceu em pensar que punição seria dada aos dois. "Eu vou com você."

"Eu pensei que você viria," ele disse e riu.

Apesar da maneira que as coisas tinham acontecido entre eles, Christian encontrava-se ansioso para voltar para Shadow Moss — para ver a Jessie. Embora o silêncio dela não tenha sido promissor, ele percebeu também que não tinha sido sem esperança, e com isso em mente, ele andou rapidamente até a escadaria.

"Meu senhor!" Quincy, exclamou seu rosto se contorcendo miseravelmente. Christian parou sentindo que algo estava errado.

"É a Miss Jessie!"

Christian olhou ansiosamente para Quincy enquanto subia as escadas. O cabelo da sua nuca arrepiado.

"St John esteve aqui, meu senhor."

A mandíbula de Christian ficou tensa e seus olhos começaram a queimar com fúria.

"Ele a levou com ele, meu senhor."

Christian interrompeu seus passos. "O que diabos quer dizer com ele a levou com ele?"

"Ela não foi por vontade própria," ele disse e então rapidamente como ele era capaz, ele contou tudo o que ouviu.

"Quando?"

"Não há muito tempo, meu senhor — um pouco antes de você chegar."

Antes mesmo de Quincy ter terminado, Christian tinha virado e começado a correr para as docas.

"Espero que você não esteja excessivamente ligada a ele," St John disse, levantando uma sobrancelha enquanto remava. "Eu simplesmente não posso permitir que ele fique em liberdade."

Um suor frio abraçou o corpo de Jessie.

Ela sabia exatamente a quem ele estava se referindo, no entanto perguntou "Ele"?

Seu sorriso era tolerante. "O Falcão, é claro."

"Mas você jurou que iria deixá-lo livre se eu fosse com você, *My Lord* — você me deu sua palavra!

Você quebraria sua palavra?"

"Eu sei o que eu disse, Jessamine... mas isso está fora das minhas mãos. O Falcão é um traidor da coroa, e ele vai ser enforcado por seus crimes. Simples assim — Moore nunca iria libertá-lo. Certamente não agora que ele tem provas contra ele." Ele encolheu os ombros. "Ben, por outro lado, é outro assunto..."

Jessie resistiu à uma vontade incontrolável de voar nele e empurrá-lo ao mar — que mentiroso ele era! Ela queria dizer-lhe que Christian tinha provas da sua inocência — pelo menos desta vez ele tinha

— mas se St John já o tinha chamado de Falcão? Ela tinha que saber. "Você já o acusou?"

"Ainda não," ele admitiu. "Não havia ninguém para testemunhar até agora... não com o Falcão livre para se vingar. Agora, claro, com ele na cadeia, não deve demorar muito para convencer o McCarney.

Ele quer vingança, porque o Falcão matou seu irmão. Ainda"— ele sorriu friamente — "você deve levar em conta o fato de que seu querido primo está livre... por enquanto", ele acrescentou. "Embora talvez não deva ser por muito tempo se você não provar que merece os meus favores. Você deve se lembrar disso esta noite."

Jessie estremeceu com repulsa. Ela entrou em pânico, naquele instante ela soube que Ben nunca estaria a salvo. St John tinha mentido para ela. E Christian — ela não suportaria vê-lo enforcado. Ela sabia o que tinha que fazer! Ela tinha que avisá-los. Mas como?

Ela olhou ao redor descontroladamente, e para sua surpresa, ela viu um barco se aproximando rapidamente. O coração dela saltou, ela sabia que era Christian. O olhar dela se voltou para St John, e ela perguntou se ele tinha visto também, mas quando ele continuou a falar, ela viu que ele estava cheio de admiração por sua própria voz. Se apenas ela pudesse pegá-lo desprevenido... pulando no rio... mas a roupa dela, tornava isso impossível...

Ela estava preocupada, mas saltar parecia ser sua única opção. Ela se forçou a inspirar lentamente e a acalmar seus nervos.

Um, dois, três, quatro, ela contou silenciosamente, tentando desesperadamente acalmar seus medos.

Cinco, seis, Sete.

Ela podia fazer isso? Que Deus a ajudasse, parecia que não estava funcionando. Ela não estava calma. Na verdade, ela se sentia fraca com medo. Será que Christian chegaria a tempo? Será que St John viria atrás dela?

Oito, Nove, Dez.

Talvez não houvesse necessidade de saltar, afinal de contas, ela reconsiderou, pois ela tinha fé em Christian. Arriscando outro olhar para trás, ela respirou profundamente, pois parecia que ele não ia conseguir chegar perto deles. Então, seu olhar voltou para St John, ela viu a prata reluzente da sua pistola sob o casaco e ela congelou ao vê-la. Que Deus a ajudasse, ela sabia que ele mataria Christian se tivesse oportunidade, seu ódio era tão profundo. Estava em seus olhos. Christian poderia alcançá-los, ela estava certa, mas de alguma forma... antes disso... ela tinha que pegar a arma de St. John...

Recordando aquela noite tanto tempo atrás, quando Christian tinha ficado preocupado que ela pudesse derrubar o barco, ela teve uma

idéia. Ela não sabia se estava pensando corretamente, mas ela se levantou abruptamente e gritou como uma megera, arremessando-se em St. John, lutando com ele, fingindo estar histérica. "Oh, meu senhor! Tem algo... há algo no barco!"

Arrebatando a sua perna freneticamente, ela tentou ficar de pé.

O pequeno barco balançou precariamente, e St John rugiu de medo, seu rosto pálido. "Não!"

Jessamine, não se mexa — fique parada! Você vai virar o barco!" Jessie ignorou-o e se atirou nele mais uma vez, como se estivesse dominada pelo pânico. "Sim, mas eu não sei nadar!" Pegando-o desprevenido, ela de repente arrebatou sua pistola e St. John, entendendo tarde demais seu jogo, atirou-se na direção dela para recuperá-la. Que Deus a ajudasse, mas Jessie se recusava a dar-lhe oportunidade de matar Christian a sangue frio! Ela jogou a arma dentro da água, mas parecia que ele não tinha notado, pois ele continuou a lutar. O barco balançava, traiçoeiramente, enquanto ela lutava com ele com todas as suas forças.

O coração de Christian se apertou quando ele reconheceu os gritos de Jessie. Remando furiosamente, ele viu quando ela se atirou na direção de St John. Por um instante seu sangue correu frio por dentro dele, quando ele viu a luta entre eles, e então de repente o barco deles arremessou violentamente e virou, derrubando os dois no rio.

Não havia tempo.

"Não!" ele explodiu remando mais rápido, perdendo preciosos segundos, quando ele se virou novamente para ver o barco se afastar deles. "Jessie! Não!" Tudo o que ele podia imaginar é que por alguma sórdida ironia do destino, ele iria perde-la — e que Deus o ajudasse, ele não poderia suportar isso!

Chutando descontroladamente, Jessie tentou se libertar das garras de St. John. Ele não a soltava. Ela não conseguia se libertar.

Querido Deus, ela ia morrer aqui!

Ela não ia conseguir!

Suas saias molhadas a puxavam para baixo... com uma inspiração repentina, ela tomou uma respiração profunda, permitindo-se afundar. O truque funcionou. St John a soltou imediatamente, catapultando desesperadamente em direção à superfície. Ela sentiu alívio — por um período curto, porque ela tentou voltar para a superfície e não conseguiu. Ela entrou em pânico. E as saias dela a levavam para baixo... para baixo...

Não! Ela ia morrer, e não havia nada que ela podia fazer!

Mas agora — ela não queria!

Que Deus a ajudasse, mas ela se recusava a morrer! Seu peito doía terrivelmente com a respiração reprimida, mas ela permanecia composta o suficiente para saber que ela precisava tirar suas saias.

Descontroladamente rasgando suas roupas, ela lutou para ficar livre delas. Pareceu levar uma vida inteira, mas com isso feito, ela nadou em direção a superfície, desesperada por um pequeno sopro de ar.

Mas a luz estava longe demais agora! O ar, muito longe! E parecia que seus pulmões iam estourar.

Chegando a superfície ela respirou com desespero, mas imediatamente o ar sumiu quando St John mais uma vez subiu em cima de seus ombros, empurrando-a para baixo, lutando para permanecer no alto, à sua custa.

E tudo o que ele falou foi: *Jessamine... Eu não sei nadar.*

Ah, Deus! Que destino cruel! Ela e St John morrendo aqui, juntos! Ela ia respirar pela última vez sem nunca ter dito a Christian que ela o amava acima de tudo, que nada mais importava, enquanto eles estivessem juntos, que ela não o culpava pelo o que ele alegou ter feito com o pai dela.

Ah Deus, Christian, eu te amo... Eu te amo tanto, mas ela não podia falar as palavras, porque seus pulmões estavam queimando pedindo ar... e ela estava imersa em água gelada...

"Filho da puta!" Christian rugiu. "Sai de cima dela, maldito filho da puta!"

Cristo! Ele estava tão perto, tão perto — mas não tão perto o suficiente! E então ele viu o jacaré, deslizando rapidamente pela água, indo direto para cima de sua presa, e ele perdeu alguns segundos com o choque do que ele estava vendo.

O sangue dele batia em suas têmporas, e ele começou a remar mais furiosamente ainda, gritando avisos. Jessie e St John estavam envolvidos no esforço para permanecer à tona e ele duvidava que um deles tivesse ouvido uma palavra ou visto o perigo. Ele percebeu que não havia como ele pudesse chegar a tempo; mas seu coração não ia se render. Um som estrangulado e lamuriante escapou-lhe enquanto ele remava com esperança, vendo quando o jacaré acelerou em direção da Jessie.

Que Deus o ajudasse, ele teve a súbita vontade de levantar e arremessar o remo na besta, mas isso seria a pior coisa que podia fazer, ele sabia que se por acaso o jacaré escolhesse St John em vez disso, ele precisaria de dois remos para alcançar Jessie.

"Ah, Deus," ele orou em voz alta, lançando a cabeça enquanto ele remava, "ela não merece morrer!"

Se você nunca me ouviu antes... por favor... por favor... por favor, me escute agora."

Enquanto ele falava, a enorme besta emergiu e Christian assistiu com medo, como nunca antes. Um instante depois, as cabeças de Jessie e de St John se sacudiram abaixo da superfície, e em seguida uma explosão de bolhas rasgou a água.

Havia pouco sangue, porque o jacaré mata de uma maneira limpa. Apertando suas mandíbulas sobre

sua vítima, ele joga a vítima de novo e de novo, por baixo da água, até o último vestígio de ar sair dos seus pulmões. Christian não podia suportar que este fosse o destino de Jessie.

Nem a cabeça de St John ou de Jessie ressurgiu e Christian remou em direção a eles com toda sua força, murmurando maldições zangadas para Deus, para St John, e para Jessie por ter ido com o bastardo!

Seu alívio foi tangível quando ele viu os dois olhos cintilantes de Jessie, subindo na água prateada. O

rosto virado para cima, ela engasgando com o ar, e ele quase gritou de alegria. Só então, outro barulho chamou sua atenção quando outro crocodilo escorregou para o rio. Christian jurou que mataria o filho da puta se ele se atrevesse a chegar perto de um fio de cabelo dela. Ele se aproximou dela quando a besta estava a meio caminho do rio. Jogando os remos dentro do barco, ele carregou Jessie rapidamente para bordo e a colocou em seus braços.

As mãos dela o apertaram descontroladamente enquanto ela chorava, não muito consciente do que estava acontecendo. Era como se ela estivesse no meio de um pesadelo, incapaz de despertar. Ela estava se afogando ainda, agarrando-se a vida.

"Jessie!" ele gritou, raiva se mesclando com alívio. Ele segurava-a tão forte que ele imaginava que ela ia parar de respirar. "Por que você foi com ele? Por que você foi?" Ele a apertou ligeiramente e

seus olhos magoados com lágrimas que ele não conseguia derramar. "Jess..." Sua voz magoada. "Jessie..."

amor... Ouça-me, você está segura. "Você está comigo agora, ele sussurrou, agarrando-a desesperadamente.

Ela parou abruptamente e jogou os braços sobre o pescoço dele e voltou a chorar. As mãos dela escorregaram para seus ombros e seu rosto se jogou contra seu peito. Ela estava viva, e ele a amava — e que Deus a ajudasse ele não a perdoaria se ela alguma vez voltasse a fazer algo tão idiota!

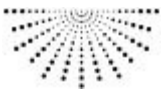
"Acabou, amor," ele estava aliviado, sua voz engasgada com emoção.

"Acabou agora..."

"St John!"

"Ele se foi, amor," Christian lhe disse. Não havia sinal de St John em nenhum lugar. Ele odiava o homem, mas não podia deixar de sentir por ele; ele não desejava tal fim para seu pior inimigo — e St John, embora longe de ser um santo, nunca tinha sido seu pior inimigo. Ele sabia que uma procura pelo corpo dele seria inútil.

"D-d-deixe-me ir! Eu não consigo respirar!", ela gemia, e então as palavras dela ficaram confusas e incoerentes quando ela enterrou seus lábios contra o pescoço dele. Ele ficou sentado acariciando seus cabelos encharcados, pressionando seus lábios em sua testa. Abraçando seu corpo frio e úmido firmemente contra ele, e ele agradeceu a Deus e jurou nunca mais deixá-la fora de sua vista.



CAPÍTULO VINTE E OITO

A brisa fresca fez Jessie acordar tremendo.

Os pesadelos tinham sido horríveis e muito reais, mas quando ela abriu os

olhos, foi para encontrar a luz da manhã brilhando em seu rosto. Shadow Moss. Christian. Ela estava sozinha, mas ainda podia sentir a presença dele... como um calor reconfortante no frio da sala. Seu odor masculino ainda estava lá, e ela sabia que ele não tinha saído a muito tempo.

Na manhã pacífica, com os pássaros cantando alegremente, ela quase podia acreditar que tudo não tinha sido mais do que um sonho horrível, mas o vestido dela arruinado, o vestido que Christian tanto gostava, secava em cima de uma cadeira de madeira à luz do sol, fornecendo uma prova irrefutável. Ela estremeceu com a lembrança. E então ela notou que a porta da varanda tinha sido deixada entreaberta, e ela se levantou. Envolvendo-se com o roupão que Christian tinha deixado para ela, ela caminhou em direção a porta aberta. Ela o encontrou na sacada, olhando silenciosamente para os empregados que estavam ocupados trabalhando na ala inacabada. Sentindo sua presença, ele se virou para ela, um charuto aceso na mão.

"Jessie"?

Os olhos dela se focaram no charuto, pois ela nunca tinha o visto fumando antes, e quando ela sentiu o odor, ela reconheceu o rico aroma de uma só vez. Era parte dele, parte de sua mística e parte de sua pessoa.

"Você deveria estar de pé?"

"Eu estou bem", ela respondeu. "Verdade." A maneira como ele a olhou fez seu coração doer, porque ele parecia tão triste, tão perdido, de alguma forma. "Quanto tempo eu dormi?" Ela se embrulhou no manto mais firmemente.

Nesta manhã seu rosto estava mais barbado do que o habitual, dando a sua tez morena uma sombra

ainda mais sombria. Manchas de cor de fumaça margeavam seus profundos olhos azuis. Ele estava vestido descuidadamente numa confortável calça preta e uma camisa branca devidamente abotoada, e pareceu a Jessie que ele não dormia há muito tempo. Na verdade, ele parecia vencido e um pouco mais endurecido.

"Desde a véspera," ele revelou, sorrindo um pouco. Ele encolheu os ombros. "Se você pode chamar dormir. Você virou na cama mais que uma pedra rolando para baixo de uma montanha."

"Eu estava sonhando".

"Sim", reconheceu Christian, desviando o olhar dele. Ele tinha tentado acalmá-la, mas ela começou a falar... sobre ele... sobre o pai dela... Ben. Ele tinha entendido alguns pedaços: tinha que te enforcar...

Ben... assassino do pai... Christian. No entanto, esses fragmentos tinham sido mais do que suficiente.

"Você ficou comigo?"

"Não podia deixar você," ele disse. E ele não teria deixado. Ele não queria mesmo agora, mas ele o faria se fosse seu desejo. Ele não suportava machucá-la mais do que já tinha machucado.

"O que aconteceu na sua reunião com Daniel Moore? Quincy disse que você tinha os papéis..."

"Eu tenho. As acusações de St John não foram aceitas com a prova que eu entreguei para ele. Ele não tinha razão para me segurar, ou a Ben também; não importava o que ele podia suspeitar da gente. Seu primo voltou para a cidade, e eu estava voltando para dizer que você estava livre para ir, também."

O momento de silêncio foi longo.

"Christian," ela começou, e ele estremeceu com o tom solene da voz dela.

"Há uma coisa que eu gostaria de dizer para você — uma coisa que eu quis dizer antes de você ir para Charlestown..." Virou-se para enfrentá-la, arremessando o charuto no chão da varanda. "Eu estava procurando por você quando St John — ah, Deus, isso é tão difícil!" Ela balançou a cabeça, desviando o olhar. "Não tenho idéia como dizer isso, então eu simplesmente vou dizer e acabar com isso."

O peito de Christian se apertou dolorosamente.

O olhar dela voltou-se para ele. "Eu me recuso a permitir que você se culpe pela morte do meu pai!

Se de fato ele..." Ela engoliu e segurando seu olhar com aqueles olhos verdes lúcidos. "Se ele terminou com a própria vida... então foi uma decisão dele próprio, dele sozinho. Esse é um pecado dele, e não seu ou meu ou de Amos — embora duvide muito que meu irmão vai se sentir livre de culpa!"

Christian engoliu, abanou a cabeça. Ele queria impedi-la antes que ela dissesse alguma coisa que ela pudesse se arrepender. "Jessie..." Ele respirou tremendo, tocado por sua generosidade. "Você não precisa me absolver... Eu sou o que sou. Eu fiz o que fiz." Ele balançou a cabeça. "Por mais que eu queira isso, eu não posso, na verdade, ser julgado inocente."

"Por favor", ela disse, segurando a mão em protesto. "Ouvi você quando você me confessou. Agora..."

por favor, me ouça. Sim, é verdade você tem alguma responsabilidade, mesmo assim, o fardo da sua morte recai exclusivamente sobre meu pai. Meu pai tinha recursos — não

precisava me vender — tinha como fazer eu me casar com qualquer um. Amos certamente não teve escrúpulos sobre a usar-me,"

acrescentou um pouco amargamente. Ela suspirou pesadamente antes de continuar.

"Parece-me que quando meu irmão Thomas morreu uma parte do meu pai também morreu. Você vê, para ele Thomas era perfeito; Thomas era sua esperança; Thomas era o sábio; ele era corajoso e diligente. E ainda assim... Amos era o que mais se parecia com ele. Nunca entendi por que meu pai parecia tão descontente com ele, nem por que ele pensou que ele era inadequado para o ducado."

A mandíbula de Christian estava cerrada. "E então você quer que eu acredite que ele acabou com sua vida porque ele perdeu seu melhor filho e, teve que dar o ducado para o mais indigno? Acho isso difícil de acreditar, Jessamine."

"Eu também," ela concordou. "Mas você não o conhecia como eu, e digo que é verdade que quando meu irmão mais velho morreu, então, também morreu a vontade de viver do meu pai. Eu vi a mudança nele no mesmo instante que ele foi informado da morte de Thomas — nem mesmo a morte de minha mãe o afetou assim."

"Ainda assim..."

"Não! Você fez apenas o que você sentiu que devia, e a verdade é que eu podia ter feito o mesmo dado as circunstâncias. Nada mais importa."

"O diabo que não."

Jessie ficou parada diante dele, suas mãos apertando a lateral do roupão, com lágrimas de raiva brilhando em seus olhos. "O que quer que eu diga? Você gostaria de ouvir que eu desprezo você? Deseja realmente saber sobre meu ódio quando você pode saber sobre meu

amor? Sim, mas eu não posso mais mentir para mim mesma — nem para você! Eu não posso!" ela gritou com sentimento. "É impossível!

Meu doce Lord — não me peça para negar o que sinto, porque eu não posso! Eu te amo, Christian."

Ele olhou para ela por um longo momento e então disse, como se não tivesse ouvido nem uma palavra do que ela tinha dito "A ala inacabada..." Virou-se para ela, inclinando-se contra o corrimão enquanto observava os homens trabalhando. "Esta ala foi destruída pelo fogo. Você sabia disso, Jess?"

Jessie piscou quando ouviu suas palavras, como se ele fosse louco. O coração dela se sentia dolorido. Como ele podia mudar o assunto tão completamente, ignorando sua declaração de amor?

"Fogo?" Ela repetiu. Bom Deus, o que ela se importava com isso agora? "Eu... "Eu não sabia, ela disse."-

Não tem nenhum sinal... As paredes não estão — por Deus, Christian!" ela chorou, sacudindo a cabeça da conversa absurda. "O que tem isso a ver —"

"Originalmente", ele disse sem se preocupar, "o meu quarto estava na ala que pegou fogo." Ele continuou assistindo os trabalhadores, e Jessie teve vontade de voar nele e golpeá-lo, gritando como uma louca. Ela engoliu em seco. Ele não a amava, não podia... "Sério?", ela respondeu e engoliu um soluço.

"Ontem eu soube que foi queimado de propósito. McCarney admitiu isso." Houve um momento de silêncio enquanto Jessie pesava suas palavras antes dele continuar. "Ele foi encorajado pela minha prisão, presumo. Ele confessou ter começado o incêndio enquanto eu dormia em vingança por algo que eu tinha feito a seu irmão. Foi um acidente Jessamine. Eu não o matei, embora talvez eu tenha. Não o impedi, também. Ele não era mais que um menino. Eu devia ter impedido. Você vê, ele estava com medo dos canhões, e eu pensei

que estava lhe fazendo um favor, permitindo que a tripulação o forçasse a disparar uma salva de tiros. Ele tinha que aprender — ele queria. Deus sabe que ele precisava aprender. Mas os homens estavam mais bêbados do que eu imaginava." Ele ficou em silêncio um longo instante. "Eu não sabia que McCarney ainda me responsabilizava, mas eu deveria saber, porque levei muito tempo para me absolver."

Ele balançou a cabeça. "Tem mais de três meses desde que pegou fogo e eu tive os tijolos esfregados.

Eu tinha em mente deixá-los sua cor natural, mas eles tiveram que ser caiados de branco. Não parece tão ruim quanto eu pensei que fosse ficar." Ele se virou para enfrentá-la, seus olhos brilhando estranhamente.

"O que você acha?"

Ela pensou que ele devia estar maluco! Suas sobrancelhas colidiram. "Está lindo, Christian — você não me ouviu?"

"Diga-me, Jess," ele falou, sorrindo.

"Você não me ouviu?"

"Você pode se ver como a senhora daqui?"

O astral de Jessie melhorou assim que ela o ouviu. "Eu posso —" e então ela pensou na sua pergunta, e a boca dela caiu. Ela não estava inteiramente certa que tinha ouvido corretamente. Ceticismo escrito no seu rosto e no seu sorriso torto, e ela não conseguia respirar. Ela estava apavorada com o que tinha ouvido, mas se forçou a perguntar. "Você... você me pediu para me casar com você?"

Ele assentiu com a cabeça e o coração dela disparou. "E não é a primeira vez. Só espero que você responda de uma forma mais

positiva do que seu irmão." Ele sorriu para ela.

Jessie ficou momentaneamente atordoada. Levantou suas sobrancelhas e seu coração disparou. "Você pediu Amos para se —"

"Eu pedi."

"Ele... ele me disse que você não tinha pedido! Ele disse que você tinha vindo apenas porque ele tinha te pagado!"

"É verdade, a princípio" ele confessou, o tom de voz suave e carregado de culpa. "Mas não depois de ter conhecido você, Jessie," Ele balançou a cabeça. "Na verdade, eu nunca quis seguir com isso... Foi mera curiosidade, que me levou a aceitar quando não queria nada mais do que perturbar a vida do seu irmão. Mas você vê, eu nunca pensei que eu fosse me apaixonar por você," ele admitiu. Ele chegou mais perto dela. O coração de Jessie cambaleou quando ele estendeu a mão para tirar uma mecha de cabelo do rosto dela. "Você se lembra que eu não voltei por algum tempo... e você pensou que eu tinha ido embora?" Seus olhos brilhavam. "A verdade é que eu não pretendia nunca mais vê-la novamente, mas eu fui atraído para voltar... mesmo contra a minha vontade — Deus, você é tão linda... tão bonita..." Ele inclinou a cabeça para juntar seus lábios com os dela.

Jessie fechou os olhos. "Christian," ela murmurou, e ele beijou-a novamente, suavemente, sua língua persuadindo os lábios dela e mergulhando dentro de sua boca enquanto ele a levantou em seus braços.

Ele carregou-a para dentro do quarto. Jessie agarrou-se a ele, o coração batendo ferozmente.

Parada em frente à cama, segurando-a possessivamente, ele sussurrou, "Jessamine Stone, você me dá a honra de se tornar minha noiva?"

Incapaz de falar, Jessie assentiu com a cabeça, enterrando o rosto em sua camisa, encharcando-a com suas lágrimas de alegria.

"Eu te amo", ele jurou. "E sempre, sempre vou te amar..."

Deus sabia — há quanto tempo ela esperava para ouvir essas palavras? Por quanto sofrimento ela tinha passado? Os olhos dela estavam líquidos com lágrimas. Finalmente, ela estava sem medo de encarar a verdade, sem medo de dar o seu amor, e seu coração inchou com alegria, diferente de tudo o que ela já tinha conhecido. "E eu", ela sussurrou, "sempre, sempre te amarei, também!"

Ele levantou uma sobrancelha. "Sempre"?

Ela envolveu seus braços sobre o pescoço dele, e olhou para o seu rosto para. "Eu te amo, Christian..."

e sim," ela murmurou, "sempre".

"E?" Ele beijou-lhe sua boca com a promessa.

Por um momento Jessie não pode falar, não conseguia entender o que ele estava pedindo, e então ela suspirou satisfeita. "Sim, *My Lord*, eu posso me ver como a senhora daqui."

"Com crocodilos e tudo?"

Jessie estremeceu. "Não," ela disse com um sorriso e bom humor, "os crocodilos você deve mandar embora!"

Ele sorriu. "E se eu não puder?"

Ela suspirou. "Bem, então... Suponho que terei de aprender a viver com eles, apesar de tudo!"

"Ah", ele disse num tom brincalhão, "Então você me ama!" Ele riu com um prazer desenfreado enquanto ele a colocava na cama.

EPÍLOGO

J

"

essamine!"

Jessie riu enquanto andava pelo quarto. Seu corpo esbelto coberto apenas com os lençóis da

cama, ela ignorando a leve repreensão do marido. Ela suspeitava que seu marido estivesse permitindo-a escapar. Ele de repente mergulhou nas suas pernas, e Jessie caiu na cama, rindo.

Ela ficou de pé, deslocando o peso de um pé para o outro como se fosse saltar, mas Christian simplesmente sentou-se no chão, assistindo-a, seus olhos brilhando e seus lábios sensuais curvando-se com indisfarçável prazer. "Jessie, amor, vem para mim. Não há nada que você possa esconder de mim que eu já não tenha visto antes. Venha," ele falou com sua voz rouca. "Poupe meus ossos da perseguição."

"Não," ela disse com um sorriso endiabrado, "você está tentando me confundir, mas eu não tenho nenhum desejo de me esconder."

Para provar seu ponto, ela de repente deixou cair o lençol. Ele lentamente deslizou seu olhar ao longo do corpo dela, e ela suspirou com a maneira que seu marido a olhava tão avidamente.

"Simplesmente quero que você me escute... agora... antes que a gente não consiga pensar claramente, de novo."

Ele riu de sua ousadia. "E então você vai me torturar para que eu a ouça?" Jessie assentiu com a cabeça, e ele riu sem rodeios. "Você é muito cruel, minha Raposinha Matreira. Muito bem, estou completamente à sua mercê. De qualquer forma... Eu acho que eu deveria fazer um pequeno acordo." Ele levantou-se, aproximou-se da

cama com cautela e se sentou. Quando ela olhou para ele parecendo interessada, ele estendeu a mão para acariciar suas pernas nuas com os dedos.

Os batimentos cardíacos de Jessie se aceleraram quando ele começou a fazer carinho nela; os dedos dele subiram lentamente por sua coxa. Tendo muito prazer com o seu toque e tentando não se esquecer do que ela queria lhe falar, sem fôlego ela disse: A barganha, marido?

Ele piscou-lhe um sorriso malandro e levantou uma sobrancelha diabólica. "Sente-se aqui no meu colo, para que eu possa te dar prazer enquanto você fala." Ela parecia cética, ele a arrebatou em seus braços, embalando-a no colo dele. Seus dedos passeavam na barriga dela quando ele sussurrou em seu ouvido, "agora, fale comigo, se você puder..."

"Você não está sendo justo! Não consigo pensar quando você me toca assim!"

Ele piscou-lhe um sorriso satisfeito. "Se eu te torturar, minha adorável esposa, então eu vou estar me torturando mais ainda, pois eu não quero nada neste instante mais do que colocar você de volta em cima desta cama e te amar loucamente. Tem certeza que deseja falar?" ele perguntou.

Jessie sorriu timidamente. "Infelizmente", respondeu ela, suspirando dramaticamente, "nós precisamos." Ela hesitou um momento e anunciou, "Eu quero que você fale com Jean Paul hoje."

"Maldição! Não isso de novo!" Ele fez um gesto como se fosse deixá-la.

"Mas ele é seu pai!" ela protestou ao mesmo tempo. "Nunca vou entender vocês dois — ambos estão conscientes que o outro sabe, mas nenhum dos dois está disposto a admitir a verdade sobre o assunto!"

Realmente! Eu simplesmente não consigo entender tal teimosia!"

"Você não pode?" ele perguntou e suspirou em seguida. "Sim, falarei com ele, no devido tempo. E é você que é cabeça dura, por falar sobre isso mais uma vez." Ele piscou para ela para suavizar sua repreensão e murmurou, "mesmo assim, *mon amour, je t'aime.*"

Jessie acenou sua mão quase acertando a ponta do seu nariz. "E eu te amo! Mas não há mais tempo!"

Quero que meus filhos saibam sobre seu avô, por quem ele é e não apenas como seu capitão. Você deve falar com ele!" Ela olhou para ele, estreitando os olhos dela. "Você entendeu o que eu disse?"

Ele congelou. "Você"? Ela assentiu com a cabeça. "Verdade?"

Ela sorriu. "Não posso acreditar que você não percebeu!"

"E eu não acredito que você iria se divertir comigo tão descuidadamente quando você está carregando meu filho! Você está se sentindo bem?"

Ela levantou uma sobrancelha, na mesma maneira que ele gostava de fazer e perguntou, "Eu pareço doente para você?" Ele balançou a cabeça. "Simplesmente há... digamos... algo redondo em mim que é bastante difícil de ignorar." Ela apontou para a barriga.

Ele se deitou na cama para inspecioná-la melhor. "Como fui descuidado," ele murmurou. "Suponho que terei que resolver isso de uma vez!" Quando sua boca de repente começou a beijar sua barriga, Jessie gritou e tentou esquivar-se dos seus beijos.

"Você pode sentir com os lábios?", ela perguntou rindo baixinho.

"Sim, meu amor, pois na verdade vejo muito bem com eles..." Ele tentou mais uma vez, e desta vez ela arqueou para trás, os olhos fechando com um prazer descarado.

Ela suspirou. "Sim", ela murmurou de acordo, "você certamente vê... Olhe novamente, por favor..."

Mais tarde, na sala de estar, ela continuou com o argumento. "Vai falar com ele agora, não vai?"

"Por Deus, Jessamine! Eu disse que vou!"

Ela franziu a testa. "Você nunca me chama de Jessamine!"

Ele colocou as mãos atrás das costas e olhou para ela. "Agora eu chamo".

"Por quê?"

"Por quê? Porque você é uma rapariga insolente!"

"Bem, não vou mudar! Devo lembrar-lhe que você prometeu falar com ele uma dúzia de vezes e não falou com ele ainda!"

Ele resmungou, andou em direção a janela. "Vou falar esta noite," ele prometeu, se virou e pela janela viu que Ben e Jean Paul estavam chegando.

"Cristo", ele murmurou. "Aí vem eles — sente-se, Jessamine! E não fale nada!"

Destemida, Jessie sentou-se na no canapé damasco azulado para aguardar a entrada de Jean Paul e do primo, ansiosa para a cena que viria. Seu olhar vagava enquanto ela esperava. A casa estava finalmente acabada, os quartos decorados, alguns ricamente outros nem tanto. Esta sala era particularmente grande, com um teto alto e um enorme candelabro no centro. Duas escadas em espiral levavam para o andar de cima. O chão era de carvalho com um imenso tapete em todo seu comprimento. Tinha duas cadeiras de uma cor damasco dourado juntamente com o canapé que Jessie ocupava e que ficava perto da lareira. Ela freqüentemente imaginava, ela e

Christian, sentados aqui com seus filhos, desfrutando de um fogo ardente no inverno. Em breve seria assim.

Ela suspirou pensando em tudo o que tinha acontecido naquele dia no rio Ashley. O corpo de Lord St John nunca foi encontrado, embora o rio tenha sido dragado. Ela tentou não pensar muito no assunto, porque na verdade, havia muito que agradecer com a morte de St John. Foi um fim terrível para qualquer homem, que claro ela não tinha desejado, mas se Lord St John tivesse vivo, Christian poderia ser enforcado pelos pecados do Falcão.

Com a mudança da maré, Daniel Moore tinha fugido para a Inglaterra com

medo de morrer... e havia rumores de guerra no ar. Ela tentou não pensar nisso também. Muitos tinham escolhido voltar para a Inglaterra — McCarney inclusive — antes que a maré virasse completamente. Jessie suspirou olhando para o marido na janela. Por enquanto o Falcão não existia, havia apenas Christian, seu marido, e pai de seu filho que ia nascer.

A porta começou a se abrir e Jean Paul e Bem entraram, limpando suas botas no tapete da entrada.

Jessie franziu a testa e pensou em repreendê-los pela confusão que eles tinham criado entre eles, mas ela sentou-se pacientemente em vez disso, olhando diretamente para Christian.

"Não é verdade!" Jean Paul exclamou enquanto entrava. "Mentiras, mentiras, eu digo!"

Jessamine deu uma olhada para seu marido e riu suavemente. Algumas coisas mudavam; algumas coisas continuavam as mesmas. Muito frequentemente, Ben e Jean Paul estavam sempre discutindo.

"Se você o diz, meu velho," Ben falou, "embora eu fique feliz que este é o seu esconderijo e não o meu!"

Ela sorriu e disse, "Por favor! Entrem! Rapidamente!"

"Jessamine," Christian advertiu severamente olhando para ela.

Jessie o ignorou, sorrindo. "Meu marido tem uma coisa que ele quer te dizer Jean Paul antes de vocês começarem a massacrar um ao outro."

"Jessamine!" Christian disse. "Permita-me, por favor!"

Ela sentou-se, mas o sorriso dela permaneceu em seu rosto e era contagiante. Ben se viu sorrindo também quando veio se sentar ao lado dela. Pegou sua mão e a acariciou carinhosamente.

Jean Paul ficou parado, olhando com expectativa. Christian, por outro lado, parecia estar suplicando-lhe, ou talvez ele estivesse olhando para ela e Ben. Ela não podia dizer. Quando ela voltou a olhar para ele com um sorriso atrevido, ele fez uma careta e virou-se para enfrentar seu pai.

"Minha esposa," ele começou e seu rosto logo ficou vermelho. Ele se mexeu desconfortavelmente.

"Eu... ela —" a voz dele falhava. "Que tudo se dane tudo! Eu gostaria de dizer..." Ele engoliu, voltando-se para ver o olhar de Jessie brevemente antes de continuar. "Eu quero que você saiba... você... você em breve vai se tornar avô," ele terminou alto o suficiente para Jean Paul ouvir.

Não importava; qualquer um podia ouvir um rato entrar em uma sala tão silenciosa como esta tinha se tornado. Ele respirou fundo e ergueu o queixo, mais parecendo um menino perdido. "O que acha disso, meu velho?"

O coração de Jessie inchou com orgulho dele, mas ela segurou a respiração, esperando pela resposta de Jean Paul.

Jean Paul virou-se para Jessie, parecendo entender que ela era a pessoa responsável por esta confirmação esperada. Seus olhos brilhavam. E então, ele se virou para Christian e disse com a voz engasgada, "isso me dá muito orgulho, filho!" Mas as palavras falharam e ele deu um passo para abraçar Christian.

Christian com relutância o abraçou de volta, sem ter muita certeza do que fazer ou dizer. Seu rosto exprimia uma riqueza de emoções, Jessie sabia. O abraço de Jean Paul não era fácil de recusar, e finalmente ele estava abraçando seu pai com tanta força como era o abraço dele.

O ombro de Christian parecia envergonhado por sua demonstração de afeto.

Incapaz de suportar não fazer parte do abraço, Jessie riu e abraçou Ben ao lado dela. Ben reagiu um pouco assustado no início, olhando rapidamente para Christian e depois novamente para Jessie. Depois de um instante, ele a abraçou com cautela e sussurrou em seu ouvido. "Felicitações, doce prima! Eu vou dar a notícia para a mãe e o pai. Eles vão ficar fel —"

De repente apareceu uma mão entre eles. Assustados, Ben e Jessie olharam para Christian com o rosto amarrado.

"Deus, homem," Ben exclamou, "você é um marido muito ciumento! Ela é minha prima!" ele protestou.

Jean Paul riu os olhos ainda brilhando.

"Sim," Christian admitiu calmamente. "Eu sou, e você não deve se esquecer disso!"

"Significa que não posso felicitar minha nova filha?" Jean Paul se atreveu a perguntar.

"Se você quer abraçá-la, não," Christian disse-lhe sem hesitação "pai ou não, você é homem, e eu não quero vê-la abraçada por qualquer homem a não ser eu. Pelo menos não hoje à noite," ele adicionou, e tendo falado isso ele pegou Jessie em seus braços. Ela gritou, parte rindo, parte protestando.

"Se você me der licença," ele disse piscando para sua esposa. "Há uma questão de uma compensação que temos que resolver." O sorriso dele se aprofundou quando Jessie corou, e ele a levou rapidamente para o andar de cima.

"Mas temos hóspedes!" Jessie protestou.

"Sim, bem, que o diabo enforque a ambos proclamou o marido, e mesmo quando subia as escadas, ele conseguiu beijá-la profundamente, silenciando qualquer protesto.

A visão deles trouxe uma risada saudável de Ben e Jean Paul.

"Já viu isso!" Ben, exclamou, balançando a cabeça em admiração enquanto eles se afastavam.

" *Mais oui,*" Jean Paul disse suavemente. "Mas é claro." Podia se ouvir vozes no corredor, risos, e então uma porta se fechando à distância.

Houve um silêncio profundo e um ar de profunda satisfação encheu a casa.

Lágrimas deslizavam pelo rosto de Jean Paul. Ele limpou e virou-se para ver se Ben estava olhando.

"*Pardonnez-moi,*" ele disse, sua voz com um som estranho, "mas sou um homem velho, e às vezes as emoções me deixam mais fraco."

Com seus olhos escuros brilhando, Ben assegurou, "Não vi nada, meu amigo."

Jean Paul assentiu com a cabeça. "É você não viu," ele concordou. Ele colocou uma mão no ombro do Ben. "Você não viu nada."

SOBRE A AUTORA

Os romances de Tanya Anne Crosby fizeram parte de inúmeras listas de best-sellers, incluindo a dos jornais The New York Times e USA Today. Mais conhecida por escrever histórias carregadas com emoção e humor e preenchidas por personagens imperfeitos, seus romances têm conquistado elogios de leitores e de críticos. Ela mora com o marido, dois cães e dois gatos temperamentais na parte norte de Michigan.

Para mais informações

www.tanyaannecrosby.com

tanya@tanyaannecrosby.com

Document Outline

- [Title Page](#)
- [Direitos Autorais](#)
- [Dedicação](#)
- [Menções a Tanya Anne Crosby](#)
- [Parte 1](#)
 - [Capítulo 1](#)
 - [Capítulo 2](#)
 - [Capítulo 3](#)
 - [Capítulo 4](#)
 - [Capítulo 5](#)
 - [Capítulo 6](#)
 - [Capítulo 7](#)
 - [Capítulo 8](#)
 - [Capítulo 9](#)
 - [Capítulo 10](#)
 - [Capítulo 11](#)
- [Parte 2](#)
 - [Capítulo 12](#)
 - [Capítulo 13](#)
 - [Capítulo 14](#)
 - [Capítulo 15](#)
 - [Capítulo 16](#)
 - [Capítulo 17](#)
 - [Capítulo 18](#)
 - [Capítulo 19](#)
 - [Capítulo 20](#)
 - [Capítulo 21](#)
 - [Capítulo 22](#)
 - [Capítulo 23](#)
 - [Capítulo 24](#)
 - [Capítulo 25](#)

- [Capítulo 26](#)
- [Capítulo 27](#)
- [Capítulo 28](#)
- [Epílogo](#)
- [Sobre a Autora](#)